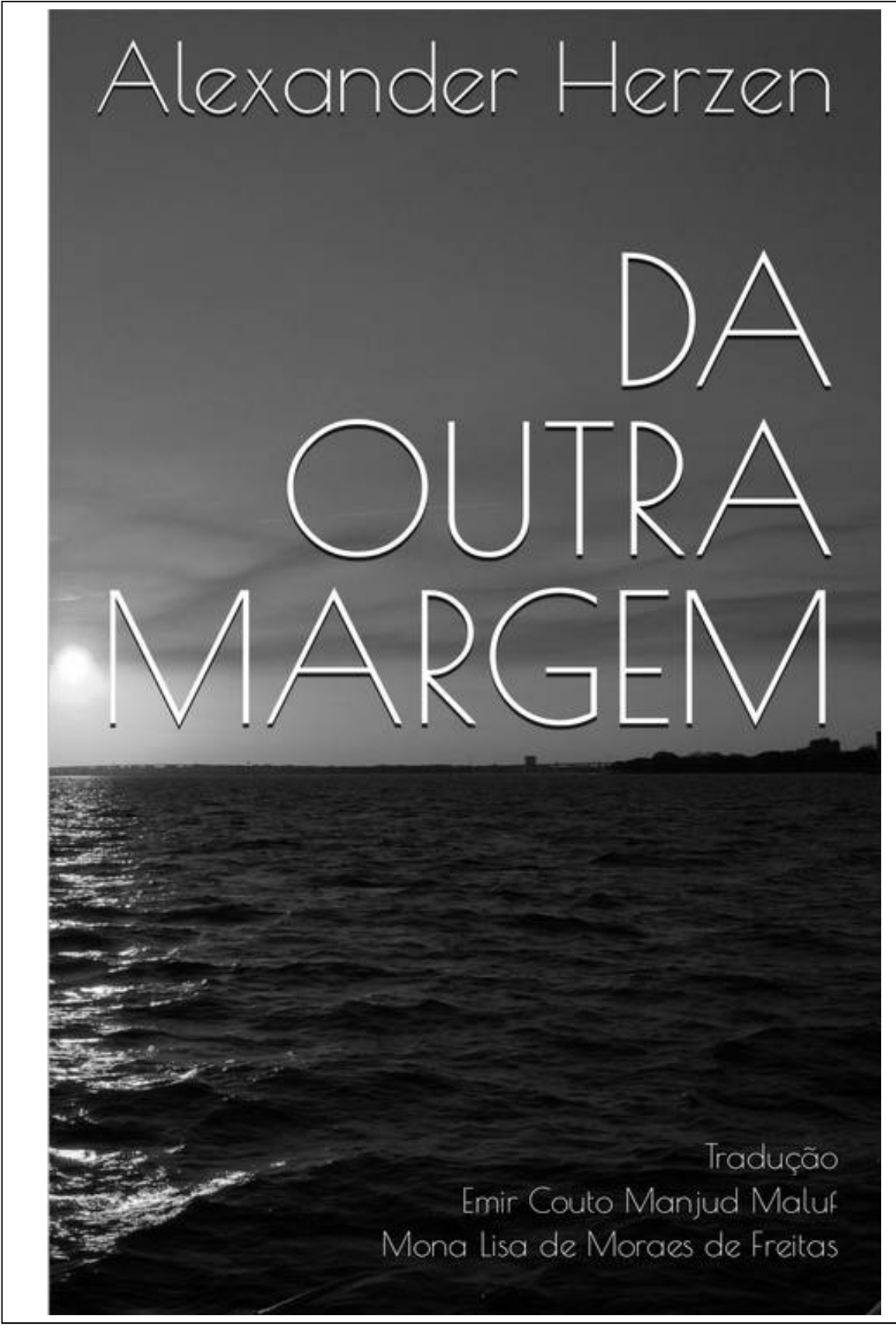




Alexander Herzen

DA
OUTRA
MARGEM

Tradução

Emir Couto Manjud Maluf

Mona Lisa de Moraes de Freitas

DA OUTRA MARGEM

Reflexões de um Comunista Desiludido

ALEXANDER IVANOVITCH HERZEN

Tradução:
Emir Couto Manjud Maluf
Mona Lisa de Moraes de Freitas

Belo Horizonte, Brasil
Emir C. M. Maluf, 2020

Copyright © 2020
Todos os direitos reservados.
ISBN: 9781976760174

DEDICATÓRIA

A nossos filhos.
Em memória de nossas mães.

SUMÁRIO

Sobre o Autor.

Sobre a Obra *С ТОГО БЕРЕГА*.

Nota dos tradutores.

Introdução

I Antes da Tempestade: Uma conversa ao convés (Parte 1)

II Depois da Tempestade: Uma conversa ao convés (Parte 2)

III Ano LVII da República, Una e Indivisível.

IV Vixerunt!

V Consolatio.

VI Omnia Mea Mecum Porto.

VII Epilogue 1849.

VIII Donoso-Cortés, Marquês de Valdegamas e Juliano, Imperador Romano.

Apêndice: Referências bibliográficas da tradução.

Sobre os tradutores.



Alexander Herzen
(Sergei Lvovich Levitsky, 1860.)

SOBRE O AUTOR ¹

Alexander Ivanovich Herzen (1812-1870) foi um pensador e escritor russo, cuja obra influenciou decisivamente acontecimentos na Rússia Czarista do Século XIX, assim como lançou bases teóricas da Revolução Comunista de 1917. A expressão “pai do socialismo russo” define assustadoramente a grandeza do papel de Alexander Herzen nessa Revolução, que nasceu das cidades e foi levada ao interior por força de fervorosos agentes do Partido Bolchevique. A teoria por trás do poder que foi implantado no território da extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas foi gerada naqueles anos, meio século antes da Revolução propriamente dita, na época em que se proclamou a extinção da servidão na Rússia, em que o poder czarista oscilou entre um proclamado liberalismo “iluminado” por ideais europeus e uma autocracia tirana, opressiva e violenta.

Embora tenha assumido o papel de defensor da população submetida à servidão, Herzen não possuía raízes servis. Ele era filho de um rico proprietário de terras russo com uma alemã de

¹ As fontes de informação se encontram nos artigos Alexander Ivanovich Herzen (*in* RUSSIAN LIFE, documento eletrônico, disponível em <<http://www.russianlife.com/blog/alexander-herzen/>>, acesso em 22 out 2015); e Prominent Russians: Aleksandr Herzen (*in* RT RUSSIAPEDIA, documento eletrônico, disponível em <<http://russiapedia.rt.com/prominent-russians/politics-and-society/aleksandr-herzen/>>, acesso em 22 out 2015).

classe média, que se conheceram no exterior e voltaram juntos para a Rússia. Seus genitores não eram casados, o que posicionou Herzen de uma maneira pouco confortável na aristocracia tradicional, ao ser criado ao lado de seu pai como *protégé*. Apesar dessa condição, foi educado na Universidade de Moscou e se envolveu ativamente com a produção literária e crítica de seus dias.

Herzen foi um dos muitos jovens russos que abraçaram os ideais do socialismo utópico europeu que inspirou as revoluções ocorridas desde a Revolução Francesa de 1789. Seu nome se tornou referência para muitos de seus dias. O crítico literário Vissarion Belinsky foi fortemente influenciado por ele. Outros, como Fiodor Mikhailovich Dostoiévski², Ivan Turgenev, Ivan Goncharov, Nikolay Nekrasov, Mikhail Bakunin e León Tolstoy também o admiravam, ainda que nem sempre concordassem com seus pensamentos. Destacou-se como crítico da política Russa, especialmente da manutenção das relações agrárias de servidão, do controle ideológico exercido tiranicamente sobre a imprensa e a literatura, da incompetência dos Czares Nicolau I e seu filho Alexander II, e da imensa burocracia.

Diferentemente dos Decembristas³ e de outros descontentes, Herzen foi um crítico do czarismo que se colocou à distância do seu poder punitivo: por circunstâncias pessoais, emigrou para a França em 1847 e nunca mais retornou à Rússia. Quase toda a militância de Herzen contra a servidão e o czarismo teve lugar em solo estrangeiro, através da publicação de periódicos críticos como *Polyarnaya Zvezda* (Estrela Polar), *Kolokol* (o Sino) e *Golosa iz Rossii* (o Vozes da Rússia).⁴

Herzen suscitou posicionamentos antagônicos de seus contemporâneos: enquanto revolucionários o consideravam muito moderado, liberais defensores da antiviolença o consideravam muito radical. Sua moderação era decorrente de suas próprias

² FRANK, Joseph. **Dostoiévsk**: As Sementes da Revolta, 1821-1849. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.

³ A Revolta Decembrista ocorreu em 1825, quando oficiais do exército imperial russo, membros de um movimento de caráter liberal e abolicionista, lideraram um protesto contra o entronamento de Nicolau I depois que Constantino abdicou à sucessão do Império. O movimento foi violentamente suprimido por Nicolau I, e se tornou uma referência inspiradora de resistência contra a autocracia e a servidão. Ver FRANK, op. cit.

⁴ MALIA, Martin E. Aleksandr Ivanovich Herzen, in **Britannica**. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/biography/Aleksandr-Ivanovich-Herzen>>, acesso em 11 fev 2020.

experiências na Revolução Francesa de 1848, que se transformou em uma das mais violentas reações até então ocorridas. Em termos simples, Herzen presenciou, em Paris, como o mesmo governo popular que depôs o Rei francês veio a ordenar a prisão e o assassinato de seu próprio povo, daqueles que lhe deram suporte e lhe possibilitaram tomar o poder. Essa traição o desiludiu profundamente, e lhe conferiu uma descrença profunda nas demagógicas alegações de que a Revolução haveria de promover justiça social.

Os efeitos práticos da militância de Herzen se fizeram sentir em 1861, quando o Czar Alexandre II, que acompanhava seus escritos desde o exterior, decretou o fim da servidão agrária na Rússia. Sua crítica impressa, contudo, continuou a alimentar movimentos de insurgência contra a autocracia do Império, sempre gerando controvérsias, até sua morte, em 1870.

Por um tempo, Herzen foi quase esquecido. Porém, a ascensão do populismo em 1880 suscitou uma reinterpretação de sua obra, desta vez aplicada ao movimento comunista russo, que se adequava à estrutura social de coletivismo agrário que Herzen defendia. Mais tarde, depois da tomada do poder pelo Partido Bolchevique, houve o reconhecimento, por parte de Lênin, da influência de Herzen sobre o ideário comunista da Revolução de 1917, e ele se tornou uma figura quase sagrada na Rússia Soviética. Considerando ainda a influência do próprio comunismo soviético sobre outros países, como Cuba, regimes comunistas africanos e latinoamericanos, e mesmo sobre a China (ainda que esta tenha adotado outros métodos e se sofisticado, no decurso do tempo), pode-se ver como o pensamento de Herzen influenciou o Século XX.

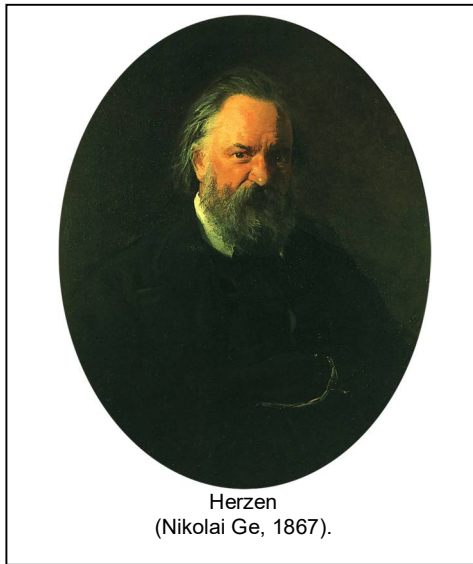
Independentemente da apropriação de suas ideias pelo Partido Comunista Soviético, a trajetória de Herzen é curiosa: tendo iniciado sua carreira fortemente influenciado por ideais hegelianos e liberais, desenvolveu uma percepção muito sagaz sobre movimentos revolucionários e suas reações, sendo capaz de diagnosticar como movimentos que proclamam a liberdade são capazes de se transformar em tiranias absolutas.

A descrença de Alexander Herzen na demagogia revolucionária liberal e socialista o levou a adotar um salutar distanciamento de todos os movimentos de seus dias, e permanecer numa posição em que podia analisar e criticar ideologias concorrentes. Suas cartas e diálogos contidos em *Da Outra Margem* (1847-1851) ecoam essa posição.

Herzen acreditava que a Revolução estava atada à sua própria realidade histórica, e não era tão livre quanto alguns pensavam, especialmente os liberais, pois acreditava que doutrinas grandiosas, por via de regra, inequivocamente resultam em escravidão, sacrifício e tirania. Ele sabia que um governo revolucionário certamente substituiria a autocracia tirana do Czar por uma outra forma de ditadura. E foi o que aconteceu (e acontece) em praticamente toda forma de Revolução política desde 1789 até hoje.

Se os maiores admiradores de Herzen tivessem dado mais atenção a essa advertência, provavelmente a União Soviética teria escrito outra história para si e para os povos que dominou, tanto russos quanto de outras nacionalidades. A tirania de Stalin; a desvirtuação da própria Revolução com o desenvolvimento de uma casta privilegiada dentro do Partido Comunista; o fim da Revolução Comunista; a queda da União Soviética – entre outros eventos ocorridos no Século XX⁵ – dão testemunho das crenças de Herzen, e demonstram, sobretudo, a atualidade de suas reflexões e de seu ceticismo diante do discurso socialista, que ainda persiste em ocupar palanques políticos com genuíno fervor fundamentalista.

⁵ A história testemunha como movimentos populares se transformam em regimes autocráticos: Cuba, China, países latinoamericanos, para citar apenas alguns. Apesar de ostentarem rótulos de movimentos “democráticos”, seus atos de poder revelam sua própria natureza, seja através da adoção de medidas de exceção, da adoção de práticas de controle demagógico ou de aparelhamento de instituições estruturais do Estado.



SOBRE A OBRA *С ТОГО БЕРЕГА*⁶

Alexander Herzen escreveu o livro *Da Outra Margem* como resultado de seus próprios dilemas nascidos nas Jornadas de Junho, na Paris de 1848 em que viu frustradas muitas de suas esperanças de uma sociedade mais justa e equitativa. Após a derrubada do Rei Louis Philipp I e o estabelecimento da República Social, as expectativas eram muitas, pois sua Assembleia Constituinte era então “o primeiro órgão legislativo francês que teve os membros eleitos por sufrágio universal”. Acreditava-se que essa Assembleia trabalharia no sentido de corrigir as injustiças sociais que cresciam com o capitalismo industrial do Século XIX, mas sua atuação frustrou as expectativas populares. Isso porque as conquistas da Revolução se restringiram apenas a aspectos políticos, enquanto as massas continuaram sujeitas à imensa pobreza, ao desemprego e à exploração capitalista. Nada de novo. Na vida real, ainda persistia a desigualdade entre burgueses e trabalhadores. Mas não somente isso. Por fim, a Assembleia Constituinte ordenaria severas medidas contra as a própria população que anteriormente a apoiou no golpe contra a monarquia.

⁶ ***С того берега***. Documento eletrônico, disponível em http://az.lib.ru/g/gercen_a_i/text_0430.shtml. Acesso em 30 abr 2014. Ver também a tradução inglesa de Moura Budberg, disponível em <http://altheim.com/lit/herzen-ftos.html>. Acesso em 30 abr 2014.

Frustradas com a persistência das péssimas condições de trabalho e vida, as massas de desempregados e excluídos se revoltaram. Apesar de a Constituinte ter-se declarado comprometida com a República, com a democracia e com a igualdade social, na esteira do lema “*liberté, égalité, fraternité*”, em junho de 1848 foi imposto um estado de sítio que reprimiu violentamente toda manifestação dos miseráveis. Foram adotadas severas medidas para conter a insurreição proletária. Em apenas quatro dias, foram mortos 1.500 dos insurrectos, a fio de espada e bala de fuzil, nas ruas de Paris. Além disso, em julgamento sumário e sem direito de defesa, 4.000 foram exilados para a Argélia e 12.000 foram presos. Assim chegou ao fim a Revolução Social de fevereiro de 1848, para a frustração dos socialistas europeus.⁷

Nesse ambiente inundado de gritantes contradições, cheio de expectativas frustradas e de utopias pequeno-burguesas, diante dos “debates vazios e infrutíferos”, Herzen tomou uma caneta e “para si mesmo, com uma espécie de amargura interior, destruiu esperanças e expectativas mortas” com a escrita de *Da Outra Margem*. Nessa obra, ele expressou todas as dúvidas remanescentes que o atormentavam, e teve oportunidade de criticar e reavaliar os dilapidados e condenados pontos de vista que ainda nutria. Assim, pôde recompor suas forças para uma nova etapa na sua militância ideológica. Em carta a Moses Hess, datada de 3 de março de 1850, falando sobre *Da Outra Margem*, ele confessou: “...eu tenho sido aliviado de meus sentimentos de tristeza quando o escrevo”.

Herzen sublinhou repetidamente que esse livro não era um tratado teórico, e não formulava qualquer tipo de opinião final. “Não é uma defesa”, disse ele na carta a Hess, acrescentando que o livro é dominado “por um elemento lírico”. Em outra carta, desta vez aos amigos de Moscou, em 19 de junho de 1851 ele escreveu: “Isso não é ciência e instrução, mas um flagelo nas absurdas teorias e nas ridículas retóricas liberais, uma enzima – e nada mais”. Na dedicatória feita a seu filho, no prefácio da obra, Herzen salientou: “Não olhe para soluções neste livro”.

A edição inicial do livro *Da Outra Margem*, em 1950, em alemão, foi marcada por um grande pessimismo, por uma grande dúvida no poder criativo do povo e pela afirmação da

⁷ **Revolutions of 1848** in BRITANNICA. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/event/Revolutions-of-1848>>. Acesso em 11 fev 2020.

"independência do indivíduo" diante das correntes ideológicas, de forma muito mais acentuada do que na última edição, de 1858, que foi base para o trabalho que se apresenta.⁸ Nessa última, verifica-se uma mistura muito contraditória da esperança do proletariado com uma visão idealizada da Revolução de fevereiro de 1848, sob o manto negro de um forte pessimismo causado pelas Jornadas de Junho.

Da Outra Margem deve ser visto como um rico e profundo lamento do próprio autor sobre o seu "romance lógico", no contexto da reformulação de sua ideologia, resultado da derrota de 1848. Mais tarde, Herzen superou o pessimismo manifesto na obra, que propriamente chamou de "monumento a uma luta na qual sacrifiquei muito de mim, mas não a coragem do conhecimento", ao dedicá-lo a seu filho. Herzen a considerou desse modo porque seu conteúdo é prova da persistência de sua "coragem de conhecimento", ou seja, de sua independência e autonomia perante a ideias cultivadas em massa.

A estrutura da obra não é simples. Os tradutores da versão japonesa a descreveram da seguinte maneira:

Brilhante no estilo e original no pensamento, o livro de Herzen *Da Outra Margem* tem sido considerado um dos seus melhores trabalhos. Ao mesmo tempo, esta obra é também a mais complicada em sua estrutura, e muito contraditória em seu conteúdo. O livro pode ser dividido em duas partes: a parte dos diálogos e a parte dos artigos. Na primeira, a conversação ocorre entre os realistas e os românticos. Embora Herzen tenha mencionado em sua autobiografia, não se pode considerar o romântico "homem jovem" nos capítulos "*Antes da Tempestade*" e "*Após da Tempestade*" como sendo I.P. Galakhov, amigo de Herzen, e o realista "homem de meia idade" como sendo o próprio Herzen. No capítulo "*Consolatio*", nem o "doutor" nem a "jovem senhorita" expressam diretamente a opinião pessoal de Herzen. Os dois tipos refletem os pensamentos e dúvidas do próprio Herzen, que optou por expressá-los no estilo de diálogo. A conversação, portanto, não é nada menos do que seu próprio diálogo interior. Para entender a estrutura completa do livro, e para conhecer os

⁸ Houve, ao todo, três edições: a de 1850, em alemão, anonimamente; a edição russa de 1855, sob o pseudônimo Iskander; e a edição de 1858, também em russo, publicada em Londres.

meandros de Herzen, deve-se analisar em detalhes o conteúdo de todos os capítulos e sua interrelação.

Herzen utiliza uma estratégia literária dialógica que coloca em choque os pontos controversos de vista apresentados. Por isso a alegação de ser contraditória. Os participantes nos diálogos da disputa expressam pensamentos profundos, ideias interessantes e originais, usando imagens poéticas. Nos diálogos *Antes da Tempestade*, *Depois da Tempestade* e *Vixerunt!*, que contrapõem a voz cética de um homem de meia idade em contraste com as ingênuas esperanças utópicas de um jovem sonhador e idealista (alegadamente I.P. Galakhov, que se apresenta com influências filosóficas alemãs), é muito difícil determinar qual dos dois interlocutores manifestam o ponto real de vista do autor. Algo diferente ocorre no capítulo *Consolatio*, em que predomina um ceticismo frio e contemplativo, embora temperado com alguns sentimentos pessoais revelados, oposto à agitada busca espiritual de Herzen. Nesse capítulo, ele manifesta um humor muito melhor e incentiva o companheiro médico a olhar sobriamente para a realidade, ainda buscando obstinadamente um caminho para um novo mundo, uma nova ordem social.

É interessante o fato de que aqui Herzen rompe a ordem cronológica de sua própria luta. A decepção de 1848 não o abate definitivamente, e ele conclui a obra expressando confiança no futuro, na vitória da revolução e do socialismo, muito embora a história tenha confirmado antes suas expectativas sobre a degeneração dos movimentos revolucionários do que as suas expectativas sobre a realização da utopia socialista.

Para uma compreensão adequada da orientação ideológica de *Da Outra Margem* e do papel dado ao trabalho no contexto de produção literária de Herzen, é essencial compreender o estado de desilusão do autor com o movimento revolucionário de seus dias, especialmente com os eventos de 1848 e sua repercussão na Europa e na Rússia. Confessando suas dúvidas e hesitações, Herzen tentou acordar o pensamento do leitor, empurrando-o para o estudo da realidade, para a busca de novas soluções e para o abandono de expectativas irreais. A obra “captura e conduz a vida com raiva, e faz você pensar,” – escreveu a um amigo em 19 de junho de 1851.

A obra é a expressão do drama espiritual do autor, de sua busca ideológica e de sua hesitação. Os temas centrais são questões relacionadas às perspectivas da revolução, à

emancipação das massas e à libertação do pensamento progressista. Herzen reconhecia que "o poder das ideias sociais é grande, especialmente porque as pessoas começaram a entender o verdadeiro inimigo, o inimigo à direita da ordem civil já existente". Considerando a futura revolução das massas ora provável, ora inevitável, Herzen achava que, se ocorresse, ela iria varrer o sistema burguês com um golpe catastrófico, trazendo definitivamente "caos e destruição", talvez resultando na suspensão do desenvolvimento cultural da humanidade por dezenas e centenas anos.

As expectativas de Herzen não se realizaram como ele pensou. Ocorreram revoluções comunistas, e a mais emblemática foi a de seu país, a Rússia, em 1917, que se expandiu e constituiu a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. E o movimento comunista deu ao mundo seus frutos, que se degeneraram em regimes totalitários e tirânicos, como Herzen previra: a URSS de Stalin, a China de Mao-Tse-Tung, a Cuba de Fidel Castro, o Camboja do Khmer Vermelho, a Coreia de Kim Jong-un. As massas não se libertaram, nem no mundo comunista nem fora dele, com exceção de alguns poucos Estados que optaram por uma forma de capitalismo distributivo.

Na maior parte do mundo contemporâneo, prevalece um tipo de capitalismo concentrador de renda que faz aumentar a riqueza dos ricos e o número dos pobres, ao invés de aumentar o número de ricos e a riqueza de pobres. Alguns regimes ainda adotam ideais comunistas, mas consistem, na verdade, em repúblicas populistas comandadas por caudilhos ou quadrilhas de políticos corruptos. Nada muito diferente de 1848. Se Herzen vivesse durante os Séculos XX e XXI, e presenciasse os desenvolvimentos da "revolução popular" no mundo, muito provavelmente elegeria *Da Outra Margem* sua obra mais perene.

NOTA DOS TRADUTORES

O tempo de Herzen e o Século XXI guardam imensas semelhanças: muitas das ilusões socialistas que inspiravam movimentos revolucionários no século XIX continuam a regimentar mentes bem intencionadas para a “sagrada” guerra entre classes sociais. Dizemos ilusões, pois são propostas teóricas que não se realizam, na prática, ou não se mantêm, por causa do mesmo fenômeno que ocorreu quando das Jornadas de Junho: os jogos políticos de poder.

Assim como a República Social de Fevereiro de 1848, muitos movimentos sociais e políticos contemporâneos afirmam, demagogicamente, lutar por interesses populares. Esses movimentos, sejam partidos políticos, sejam organizações não-governamentais, ou mesmo governos estabelecidos, ainda mantêm ideais comunistas – apesar da falência da União Soviética, da radical transformação do Estado Chinês, do evidente anacronismo e atraso do regime cubano e da vergonhosa tirania de Kim-Jong-Un. Assim como a República Social de Fevereiro de 1848, atribuem-se elementos democráticos, mas deliberadamente deixam de oferecer instrumentos para participação popular efetiva além do mero apoio formal. Seus nomes e rótulos mascaram a mesma demagogia, truculência e tirania manifestas pelos que ordenaram a matança de Junho de 1848. Não são organizações democráticas, mas meros arremedos performáticos de arregimentação de massas.

Algumas organizações literalmente misturam barro com chumbo na construção de suas políticas: estruturam-se como Estados de Direito, mas governam por decretos e ordens excepcionais, como se fossem tiranos e caudilhos, esquecendo-se que a democracia só existe quando os agentes são reais participantes das decisões políticas da organização, na sua construção e na implementação dessas decisões, e não mero suporte de legitimação e referendo de decisões partidárias.

“Democracia” de massas é só mais uma forma menos honesta de controle populista, pois alimenta a ilusão das pessoas, fazendo-as pensar que participam da vida política com seu minguado voto, quando somente lhes é dado duas alternativas: aceitar as decisões do grupo dominante, ou ser criminalizado como dissidente.

Eventos ocorridos desde a Revolução Francesa mantêm uma extraordinária regularidade sucessiva: movimentos populares surgem, com maior ou menor frequência no tempo, e demandam melhores condições de vida e trabalho. Numa espécie de movimento social pendular, a demanda social por direitos e liberdades é seguida por uma reação conservadora das instituições do Estado. À medida que direitos e liberdades não se realizam, os protestos sociais se tornam mais intensos e veementes. Em sequência, a reação do Governo se torna violenta e repressiva, podendo até chegar ao estado de sítio. Ao fim do processo, alguns direitos são declarados em leis, mas poucos são, de fato, realizados, enquanto os que expressam seu descontentamento são rotulados como foras-da-lei, bandidos e terroristas.

As coisas permanecem relativamente calmas, após a proclamação de novos direitos e da realização de alguns, até que surja um novo ciclo de consciência, em que as pessoas são forçadas a encarar sua própria realidade, seguida de um novo ciclo de protestos, sucedido por novo ciclo de violência, e depois nova proclamação de direitos, e assim por diante.

Passados tantos anos, parece que pouco mudou, pelo menos em países que não seguem os ideais do capitalismo distributivo, em que o Estado assume sua responsabilidade como grande articulador da distribuição de meios de vida: saúde, educação e trabalho.

As ideias e eventos descritos no livro *Da Outra Margem* revelam uma brutal atualidade: as mesmas expectativas de direitos, as mesmas demandas populares, os mesmos anseios por liberdade, por participação política, por boas condições de vida, saúde, alimentação e cultura ainda estão presentes, do mesmo modo como estão presentes a corrupção do poder, as falcaturas legislativas e as ações ditatoriais.

A ideia de traduzir esse livro, do russo ao português, surgiu da absoluta ausência de uma versão sequer de *Da Outra Margem* em português. Tomamos conhecimento desta obra a partir de uma biografia de Fiodor Mikhailovich Dostoiévski⁹, que muito valorizava a amizade e os escritos de Alexander Herzen. Esses escritos refletiram, pelo menos em certos momentos de sua vida, os próprios pensamentos de Dostoiévski sobre a Rússia e a

⁹ FRANK, Joseph. **Dostoiévski**. Trad. Vera Pereira (Vols. I e II) e Geraldo Gerson de Souza (Vols. III, IV e V. São Paulo: USP, 1999. Obra em 5 volumes.

condição dos povos submetidos à Revolução Industrial que transformava a face do Mundo, embora o Mestre da literatura russa não concordasse com muitos dos pontos de vista do autor de Herzen, por força das influências ocidentalistas que este nutria.

Acreditamos que *Da Outra Margem* representa um cômico depoimento de quem presenciou um fenômeno que se sucede no tempo: (1) políticos fazem promessas para atrair a si apoiadores, seja como eleitores, seja como soldados; (2) depois de alcançar o poder, políticos fazem alianças com seus anteriores opositores e (3) o povo é submetido à força de circunstâncias – militares ou econômicas – e obrigado a se resignar à sua condição de subserviência e sobrevivência, sob a alegação da necessidade do sacrifício pela Pátria, enquanto seus líderes vivem como príncipes.

Melhor é que o leitor veja por si mesmo as semelhanças entre as circunstâncias de *Da Outra Margem* e o Século XXI, e daí tire suas próprias conclusões. Esperamos que o abandono de ilusões, especialmente daquelas projetadas por ideologias que mascaram a natureza das relações de poder, possa resultar em mais liberdade e felicidade aos que entenderem a permanência secular da mensagem contida nessa obra.

Belo Horizonte, setembro de 2020.

INTRODUÇÃO¹⁰

Ao meu filho Alexander

Meu amigo Sasha:

Eu dedico este livro a você, meu filho, porque nunca escrevi, e provavelmente jamais virei a escrever, nada melhor; porque eu amo este livro como um monumento a uma luta na qual sacrifiquei muito de mim, mas não a coragem do conhecimento; e porque, finalmente, eu não tenho medo de colocar em suas mãos este adolescente, por vezes impetuoso, protesto de uma personalidade independente contra um arranjo de ideias obsoleto, escravizador e espúrio, contra ídolos absurdos, que pertencem a outra era e que se arrastam sorrateiramente e sem sentido entre nós, um *nonsense* para muitos, um terror para outros.

Eu não quero enganá-lo: você deve conhecer a verdade assim como eu a conheço. Espero que você possa familiarizar-se com *esta* verdade, não por agonizante engano ou esmagador desapontamento, mas simplesmente como um direito de herança.

Em sua vida haverá outras questões, outros conflitos... não haverá escassez de labuta e sofrimento. Você tem somente quinze anos, e já tem experimentado alguns choques terríveis.

Não procure por soluções neste livro – não há nenhuma; em geral, o homem moderno não possui soluções. O que está resolvido está acabado, e a revolução que se aproxima está somente começando.

¹⁰ **С того бегера**. Documento eletrônico, disponível em <http://az.lib.ru/g/gercen_a_i/text_0430.shtml>. Acesso em 30 abr 2014. Ver também a tradução inglesa de Moura Budberg, disponível em <<http://althem.com/lit/herzen-ftos.html>>. Acesso em 30 abr 2014.

Nós não edificamos, mas destruímos; nós não proclamamos a nova revelação, mas eliminamos a velha mentira. O homem moderno, o *Pontifex Maximus* da melancolia, tão somente constrói uma ponte – esta será para que o desconhecido homem do futuro passe sobre ela. Que você esteja lá para vê-lo. Mas se não, eu lhe imploro, permaneça nesta margem... Melhor perecer com a revolução do que buscar refúgio no albergue dos reacionários.

A religião da vindoura revolução é a única que eu lego a você. Não há paraíso a oferecer, nem recompensa, exceto sua própria percepção das coisas, exceto sua própria consciência. Quando o tempo chegar vá e pregue-a entre os nossos em *casa*; minha fala foi uma vez amada lá e talvez eles se lembrem de mim.

... Eu te abenção no seu caminho em nome da razão humana, da liberdade pessoal e do amor fraternal.

SEU PAI.

TWICKENHAM, 1º de Janeiro de 1855.

Vom Andern Ufer é meu primeiro livro publicado no Ocidente; os artigos que o compõem foram escritos em russo em 1848 e 1849. Eu mesmo os ditei, em alemão, a um jovem escritor, F. Kapp¹¹.

Há muito nele que não é mais atual. Adicionei três artigos publicados em jornais e propostos para uma segunda edição, que a censura alemã banuiu. Estes três artigos são *Epílogo*, *Omnia Mea Mecum Porto* e *Donoso-Cortês*. Coloquei-os em lugar de um artigo curto escrito sobre a Rússia, para estrangeiros. Cinco anos terríveis ensinaram algo alguma coisa aos mais teimosos, mais endurecidos pecadores de nossa margem. Na primeira parte de 1850 meu livro causou grande rebuliço na Alemanha; foi louvado e furiosamente criticado, e ao lado de comentários lisonjeiros de homens do calibre de Julius Froebel¹², Jacoby¹³, Falmereier¹⁴,

¹¹ Friederich Kapp (1824-1884), oficial de justiça da Prússia que se tornou um agitador de esquerda e jornalista em 1848. Deixou a Alemanha depois da chegada de Setembro de 1848 e viajou com Herzen. Retornou à Alemanha no outono de 1849 e tomou parte no levante de Baden. Emigrou para a América em 1855 e se tornou cidadão americano. Escreveu trabalhos históricos e sociológicos. Retornou à Alemanha e se tornou membro do Reichstag, como Nacional-Liberal de 1872-1877, e Progressista de 1881-1884. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.4.)

¹² Julius Froebel (1806-1893), sobrinho do grande educador. Político radical e membro da Assembleia de Frankfurt em 1848. Emigrou para a América após a

outros escritores talentosos e conscienciosos raivosamente o atacaram.

Eu fui acusado de pregar o desespero, de não ter conhecimento do povo, de desgosto para com a Revolução, de desprezo pela democracia, pelas massas, pela Europa...

O segundo dia de dezembro¹⁵ fala mais alto do que eu.

Em 1852 eu encontrei em Londres o mais espirituoso de meus oponentes, Solger¹⁶; ele estava fazendo as malas para partir imediatamente para a América; na Europa, parecia-me, não havia nada para ele *realizar*. “As circunstâncias parecem tê-lo convencido” – eu observei – “de que eu não estava enganado em tudo o que disse?” “Eu não precisei de tanto” – replicou Solger, rindo, bem-humorado – “para concluir que tudo o que eu estava escrevendo àquele tempo era uma grande bobagem”.

Apesar dessa encantadora admissão, o consenso geral dos julgamentos, a predominante e persistente impressão foi contra mim, se é que foi algo de concreto. Será que esta irritabilidade indica a iminência de perigo, medo do futuro, desejo de ocultar fraquezas pessoais, ou uma caprichosa e petrificada senilidade?

Destino estranho, este dos russos: enxergar além de seus vizinhos, enxergar em cores mais escuras e expressar suas opiniões mais francamente – russos, esses “burros”, como lhes chamou Michelet em certa ocasião.

Eis o que um de nossos compatriotas escreveu muito antes de mim:

Quem, mais do que nós, enalteceu as virtudes do Século XVIII, a luz da filosofia, a sofisticação das maneiras, a disseminação universal do espírito de comunidade, as relações estreitas e amistosas entre

falência da revolução; retornou em 1857; Cônsul alemão em Smyrna e Algiers. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.4.)

¹³ Johann Jacoby (1805-1877), posteriormente membro do Partido Social Democrata. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.4.)

¹⁴ Philipp Jakob Falmereier (1791-1860), viajante e historiador alemão. Membro radical da Assembleia de Frankfurt, fugiu para o exílio e pouco depois se retirou da vida pública. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.4.)

¹⁵ Alusão ao Coup d'état de Louis Bonaparte em 1851. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.4.)

¹⁶ Reinhold Solger (m. 1866). Radical e Literato prussiano. Tornou-se conhecido a Herzen na casa de Georg Herwegh no outono de 1847. Em 1848 estava na Inglaterra, e retornou à Alemanha para apoiar a causa revolucionária. Emigrou primeiramente para a Suíça, depois para a Inglaterra, e finalmente para a América. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.5.)

os povos, a brandura dos governantes?... Embora algumas nuvens negras pairassem no horizonte da humanidade, ainda assim os brilhantes raios da esperança douravam seus passos... nós considerávamos que o fim de nosso século marcaria o fim das principais mazelas da espécie humana, e pensávamos presenciar nele a fusão da teoria e da prática, do pensamento e da ação... onde está agora este tão confortador sistema? Ele mesmo se destruiu no processo de se fazer; o século XVIII está se acabando e o filantropo miserável toma dois passos para medir sua sepultura, para nela se deitar com seu coração lacerado e traído, e para fechar seus olhos para sempre.

Quem poderia ter pensado, esperado ou previsto tal fenômeno? Onde estão as pessoas que amávamos? Onde estão os frutos da ciência e da sabedoria? Era das luzes – eu não te conheço; em sangue e fogo, no meio de massacre e destruição, eu não te conheço.

Os *misósofos* triunfam. “Eis os frutos de sua educação”, eles dizem, “eis os frutos de sua ciência; que morra a filosofia!” – E o pobre miserável privado de seu próprio país, o pobre miserável sem lar, pai, filho ou amigo, repete: “Deixem-na perecer!”

Derramamento de sangue não pode continuar eternamente; estou certo de que a mão que empunha a espada há de se cansar; enxofre e salitre há de secar nas entranhas da terra, o trovão há de cessar, a paz vira mais cedo ou mais tarde – mas que ordem de silêncio será? – E se este for mortal, gélido, tenebroso...

A ruína da ciência apresenta-se a mim não somente possível, mas até mesmo inevitável e iminente... Quando ela cai, quando seu magnífico edifício se desfaz, quando a chama benéfica e sagrada morre – o que resta, então? Estou aterrorizado, meu coração treme. Suponha-se que umas poucas fagulhas sejam preservadas sob as cinzas; suponha-se que haja alguns homens que as encontrem, e com eles a luz se abrigue quieta e solitariamente – mas o que será do mundo?

Cubro a minha face com minhas próprias mãos!

Pode ser que a raça humana tenha alcançado, em nosso tempo, o maior grau possível de iluminação, e deva novamente sucumbir ao barbarismo e,

novamente, pouco a pouco, dele ressurgir, como a pedra de Sisyphus, que, tendo sido rolada acima ao monte, pelo seu próprio peso rola abaixo e novamente é rolada ao topo, pelas mãos do perpétuo trabalhador? – que triste panorama!

Parece-me agora como se as próprias crônicas antigas atestassem a probabilidade desta opinião. Mal conhecemos os nomes dos antigos reinos e povos asiáticos, mas alguns fragmentos históricos parecem demonstrar que tais povos não eram bárbaros... Reinos esfacelaram-se, povos desapareceram, e de suas cinzas nasceram novas tribos. Nasceram no crepúsculo, em meio à dança da névoa. Tiveram uma infância, aprenderam, tornaram-se famosos. Talvez *aeons* perderam-se na eternidade, e mais de uma vez a luz do dia rompeu nas mentes dos homens, e mais de uma vez a noite escureceu suas almas antes mesmo da luz do Egito ter-se iluminado.

A ilustração do Egito junta suas mãos à da Grécia, e os Romanos instruíram-se na mesma grande escola.

E o que se seguiu a tal época brilhante? Muitos séculos de barbarismo.

Vagarosamente essa densa escuridão foi dispersada, vagarosamente a luz rompeu através das mais densas trevas. E finalmente o sol resplandeceu; bons e crédulos humanitários, raciocinando de triunfo em triunfo, vislumbraram a aproximação da almejada perfeição, e em alegre êxtase exclamaram: “Eis a margem!”, mas de repente o céu foi tomado de trevas e o destino da humanidade encerrado em nuvens de tempestade. Oh, posteridade! Que destino lhe está reservado!

Por vezes, quando uma insustentável tristeza agarra meu coração, caio em meus joelhos e estendo minhas mãos ao Invisível... Nenhuma resposta – minha cabeça se inclina para o coração.

Eterno movimento do mesmo círculo, eterna retorno, eterna alternância de dia e noite, noite e dia, uma gota de alegria e um mar de lágrimas amargas. Meu amigo! Para que hei de viver? Ou você? Ou qualquer um de nós? Para que nossos antepassados viveram? Para que viverá a posteridade?

Meu espírito está pesado, fraco e cheio de tristeza!

Estas atormentadas linhas, ardentes e cheias de lágrimas foram escritas ao fim dos anos 90 por N.M.Karamzin.¹⁷

A introdução aos manuscritos russos consistiu em algumas palavras dirigidas aos amigos na Rússia. Eu não achei necessário repeti-las na edição alemã – ei-las:

ADEUS

Paris 1º de março de 1849

Nossa separação ainda há de durar por um longo tempo – talvez para sempre. No presente momento, eu não desejo voltar – se isso será possível no futuro, eu não sei. Vocês têm esperado por mim, e ainda estão esperando, então eu lhes devo uma explicação. Se há alguém a quem devo satisfações por minha ausência, por minhas ações, certamente são vocês, meus amigos.

Uma irresistível aversão e uma voz interior, intensa e detrativa, não me permitem cruzar a fronteira da Rússia, especialmente agora que a autocracia, amargurada e aterrorizada por tudo o que ocorre na Europa, estrangula com redobrada fúria qualquer movimento intelectual, e brutalmente exclui sessenta milhões de almas do restante da humanidade que está ganhando sua liberdade, defletindo o débil fecho luz que repousa sobre um pequeno número delas, com sua negra mão de ferro enegrecida pelo sangue coagulado da Polônia. Não, meus amigos, eu não posso cruzar as fronteiras deste reino de trevas, de tirania, de silenciosa morte, de desaparecimentos misteriosos, de prisioneiros amordaçados. Hei de esperar o tempo em que os governantes, cansados e enfraquecidos pelos esforços vãos e pela resistência que eles mesmos provocaram, reconheçam a dignidade e o respeito devidos ao homem russo.

Eu lhes imploro, não cometam um engano: não é nenhuma alegria, nenhuma distração, nenhum descanso, nem mesmo

¹⁷ *Mélodore to Philalèthe* (1795). Nicolai Michailovitch Karamzin (1765-1826). Pai da historiografia russa moderna. A nobreza de seu estilo de prosa e a distinção de sua personalidade lhe asseguraram uma posição única na Rússia no início do século dezenove. O que faz esta passagem notável é a diferença de seu tom com o *bien pensant* conservadorismo manifesto na celebrada História da Rússia. Em seus anos posteriores Karamzin se tornou um convicto monarquista e conselheiro admirado do Tsar Alexander I, e empregou sua influência contra as reformas sociais e políticas. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.8.)

segurança pessoal, o que encontrei aqui. Deveras, não conheço quem poderia encontrar na Europa de hoje felicidade ou descanso, descanso no centro de um terremoto, felicidade em meio a uma guerra desesperada. Vocês perceberam a tristeza expressa em cada linha de minhas cartas; a vida aqui é muito difícil, venenosa malevolência misturada com amor, bÍlis com lágrimas, uma ansiedade febril infecta o organismo inteiro. O tempo das primeiras decepções e esperanças passou. Eu não acredito em nada aqui, exceto em um punhado de pessoas, umas poucas ideias, e na inevitabilidade da mudança das coisas; vejo a inevitável morte da velha Europa e não tenho qualquer piedade por nada que por hora persiste, nem pela altivez de sua cultura nem por suas instituições... Eu não amo nada nesse mundo, exceto aquilo que o persegue; eu não respeito nada nesse mundo, exceto aquilo que o mata – mas eu permaneço... permaneço sofrendo duplamente: minha própria angústia e a desse mundo, que há de perecer estrepitosamente, na destruição para que corre a plenos vapores.

Então, por que eu permaneço?

Eu permaneço porque a guerra é aqui, porque apesar do sangue e das lágrimas, é aqui que as questões públicas estão sendo decididas, em sofrimento e dor, intensa e aguda, mas abertamente; a guerra é aberta, e ninguém foge dela. Ai dos vencidos, mas eles não são derrotados sem luta, não sem antes alçar sua própria voz. A violência é grande, mas o protesto se faz em alto volume; os homens frequentemente são enviados às galés, com mãos e pés acorrentados, mas com cabeças erguidas e liberdade de expressão. Onde uma palavra não se perdeu, o assunto ainda não morreu. Por causa desta guerra declarada, por esta voz que se alça livre, por este direito de ser ouvido – eu permaneço aqui. Por causa disso, eu pago qualquer preço; desisto de vocês, de uma porção de minha herança, e talvez entregue minha própria vida nas fileiras de uma vigorosa minoria de “perseguidos, mas não vencidos”.

Por causa desse movimento, eu rompi, ou melhor, sufoquei, por um momento, meus laços de sangue com pessoas com quem eu tanto me simpatizei, tanto meu lado iluminado quanto meu lado negro, pessoas cujo canto e expressão são meu canto e expressão, e permaneço entre o povo proletário, cuja vida tenho em profunda simpatia, mas somente até as suas amargas lágrimas e à desesperada coragem de seus amigos.

Custa-me caro, esta decisão... vocês me conhecem... e me acreditam. Eu matei minha dor interna; sofri o suficiente e fiz minha decisão, não como um jovem indignado, mas como um homem que tem pensado sobre o que está fazendo... sobre o quanto tem a perder... por meses venho calculando, ponderando e vacilando, e finalmente sacrifiquei tudo a:

Dignidade Humana e Liberdade de Expressão.

As consequências, eu não me importo, pois não estão em meu poder, mas à mercê de algum arbitrário e aleatório destino que dirige caprichosamente não somente nossas palavras, mas também nossos próprios passos. Estava em meu poder não obedecer – e eu não obedeci.

Obedecer contrariamente à sua convicção quando há possibilidade de não obedecer – isso é imoral. A obediência passiva é quase impossível. Estive presente em duas revoluções, vivi muito tempo como homem livre para ser agrilhado novamente. Experimentei a levantes civis, estou acostumado à liberdade de expressão e não posso aceitar a servidão novamente, nem mesmo para sofrer junto com vocês. Se foi necessário restringir impulsos pela causa comum, talvez tenha encontrado forças para tanto; mas onde está, neste momento, nossa causa comum? Em sua casa não há solo em que um homem livre possa se por de pé. Como, diante disso, vocês podem nos convocar?... Se fosse para lutar – sim, então poderíamos ir: mas para um obscuro martírio, para um silêncio obediente e estéril – não, em nenhuma circunstância. Demandem qualquer coisa de mim, mas não duplicidade. Não me forcem a representar a fidelidade servil, respeitem-me como homem livre.

A liberdade da pessoa é a coisa mais importante – nela e só nela pode crescer a verdadeira vontade da sociedade. Em si mesmo, deve-se respeitar sua liberdade e honrá-la não menos que a de seu próximo, muito menos que a de sua inteira nação. Se vocês estão convencidos disso, então hão de concordar que permanecer aqui agora é meu direito e meu dever; é o único protesto que uma pessoa pode fazer para afirmar sua dignidade humana. Se vocês nomearem meu distanciamento de escape e perdoarem-me apenas em seu amor, isso significará que não estão completamente livres.

Eu conheço tudo o que pode ser discutido em termos de patriotismo romântico e responsabilidade civil formal, mas não posso aceitar essas antiquadas crendices. Eu as experimentei, abandonei-as e é precisamente contra elas que tenho lutado.

Estes restos requeentados de memórias romano-cristãs são os maiores obstáculos ao estabelecimento da verdadeira noção de liberdade – conceito que é saudável, claro e maduro. Felizmente, na Europa, o costume e um longo processo de desenvolvimento contrabalançam essas ridículas teorias e leis absurdas. As pessoas que aqui vivem existem no solo fertilizado por duas civilizações; o caminho percorrido pelos seus antepassados no decorrer de dois milênios e meio não foi em vão; muitas virtudes humanas se desenvolveram independentemente da organização externa e da ordem oficial.

Mesmo nos piores tempos da história da Europa, encontramos algum respeito para com o indivíduo, um reconhecimento de sua independência, algum reconhecimento de seu talento e de sua genialidade. Apesar da grande crueldade dos governantes germânicos de seu tempo, Spinoza não foi deportado, nem Lessing foi açoitado ou conscrito. Esse respeito não meramente ao aspecto material, mas também à força moral, esse inquestionável reconhecimento da pessoa humana individual – é um dos grandes princípios da vida humana na Europa.

Na Europa, nunca se considerou criminosa uma pessoa que vive no exterior, nem traidora uma pessoa que emigrou para a América.

Nós não temos nada parecido. Conosco, a pessoa sempre foi esmagada, absorvida, nem mesmo instada a se manifestar. Livre voz entre nós sempre foi considerada ousada, insolente e subversiva; a pessoa humana se perdeu no Estado, somente para se dissolver na comunidade. A revolução de Pedro I, o Grande, substituiu a antiquada fidalguia rural da Rússia por procedimentos burocráticos europeus. Tudo o que poderia ter sido copiado da legislação sueca e alemã, tudo o que poderia ser apreendido das municipalidades livres da Holanda para o bem do nosso país semicomunal, semiabsolutista, foi adiado. Contudo, o costume não escrito, o aproveitamento do poder da moral, o reconhecimento instintivo dos direitos da pessoa humana, dos direitos de pensamento, do direito à verdade, esses não podiam e não foram importados. A escravidão incrementou-se com a educação; o Estado aumentou e se aperfeiçoou, mas a pessoa humana nada colheu disso; ao contrário, mais forte o Estado, mais fraca a pessoa. As formas europeias de administração e organização judiciária, de organização civil e militar, desenvolveram-se entre nós em um despotismo monstruoso e desalentador.

Se a Rússia não fosse tão vasta, se o sistema de poder de matriz estrangeira não fosse tão caótica e aleatoriamente estabelecido, então não seria exagero nenhum dizer que a vida, na Rússia, seria impossível para qualquer pessoa que pretendesse alguma dignidade humana.

Autoridades mimadas, jamais chamadas a prestar contas de seus atos, cometeram vezes atos de desenfreada selvageria sem par na história. Vocês podem tomar medida disso a partir das histórias sobre o poeta maior de tal arte, o Imperador Paulo. Subtraíam o lunático e fantástico Paulo, e perceberão que ele não é absolutamente original, mas que seu espírito inspirador é o mesmo em todos, não somente nos reis, mas em cada governador, cada policial, cada senhor de terras. A embriaguez fantástica do poder intoxicou a todos os graus da famosa hierarquia de quatorze escalões. Todos os atos do governo, toda manifestação de poder, toda relação de subordinação revela uma flagrante impudência, uma arrogante indiferença moral, uma ofensiva concepção de que a pessoa se submeterá a todo tipo de tratamento: triplo recrutamento, a lei sobre passaportes estrangeiros, açoitamento no Instituto de Engenharia. Assim como a Pequena Rússia¹⁸ se submeteu à servidão no Século XVIII, assim toda a Rússia passou, por fim, a acreditar que pessoas pudessem ser vendidas e revendidas, e ninguém jamais perguntou em que base legal isso era feito, nem mesmo aqueles que eram vendidos. Entre nós, a autoridade se sente mais autoconfiante, mais livre do que na Turquia ou na Pérsia; é como se nada a restringisse, como se não tivesse histórico. Ela repudia seu próprio passado, e não toma em consideração o passado europeu; não tem respeito por nacionalidade, e não toma conhecimento do que seja educação universal – e prossegue lutando contra o presente. Anteriormente, pelo menos, o governo tinha vergonha de seus vizinhos, e aprendia deles; agora ele se sente convocado a ser exemplo para todos os opressores; agora, é ele aquele que ensina.

Nós vimos o pior desenvolvimento do poder imperial. Nós crescemos sob o terror, sobre as asas negras da polícia secreta, sob suas próprias garras; fomos desfigurados sob sua opressão e desesperança, mas sobrevivemos. Mas isso não é já suficiente?

¹⁸ Pequena Rússia, *Malarrosiya* ou Pequena Rus (em russo: Малороссия, em ucraniano: Малоросія), é o nome que era dado a partes do território atualmente pertencente à Ucrânia, enquanto pertencentes ao Império Russo.

Já não é hora de se desatar as mãos e a voz para ação, para se dar um exemplo, para se acordar a consciência adormecida do povo? E como vocês esperam acordá-la falando em sussurros, em dicas obscuras, num tempo em que gritos e palavras diretas são quase inaudíveis? Faz-se necessária uma ação pública e sincera; 14 de dezembro abalou tão fortemente a jovem Rússia por ter ocorrido na Praça de São Isaac. Agora, não somente a praça pública, mas a palavra impressa, a cátedra – tudo se tornou impossível na Rússia. Tudo o que resta permanece como discreto trabalho individual ou protesto individual no estrangeiro.

Eu permaneço aqui não somente porque me repugna cruzar a fronteira para ser novamente algemado, mas para trabalhar. Viver preguiçosamente é possível em qualquer lugar, mas aqui eu não tenho outro negócio a não ser o nosso.

Aquele que carregou um pensamento, por mais de vinte anos, em seu coração, que viveu e sofreu por isso, que conheceu prisão e exílio, que entregou a esse mesmo pensamento os melhores momentos da vida e as melhores amizades, aquele não o abandonará, não os submeterá a necessidades contingentes, a graus geográficos de latitude e longitude. Muito pelo contrário: eis-me aqui útil, eis aqui o seu discurso não censurado, sua voz livre, eis o seu improvável representante.

Tudo isso parece novo e estranho somente para nós, mas, de fato, não há nada de inédito. Em todos os países, ao início de uma Revolução, enquanto a ideia ainda é fraca e o poder vigente ainda é rampante, as pessoas de energia e lealdade fazem soar de longe sua voz livre, e essa mesma distância dá a essa voz mais força e mais poder, por serem as palavras reais e sofridas das vítimas do regime opressor. O poder de seus discursos cresce com a distância, assim como a força de uma pedra aumenta quando arremessada de uma torre alta. Emigração é o primeiro sinal da Revolução que se aproxima.

Para o russo no exterior, há uma outra tarefa. Realmente, é hora de familiarizar a Europa com a Rússia. A Europa não sabe de nós. Conhece apenas nosso governo – nossa fachada – e nada mais. Por isso é que as circunstâncias para uma aproximação parecem tão singularmente promissoras. Contudo, ares de altivez e imponência não mais têm lugar, nem deve a Europa fechar seus olhos no desdenhoso manto da sua ignorância. *Das vornehme ignorieren*¹⁹ sobre a Rússia não tem

¹⁹ “Desprezo arrogante”. Em alemão, no original.

mais cabimento na Europa, agora que ela experimentou a autocracia filistina²⁰ e os cossacos argelinos, agora que se encontra em estado de sítio desde o Danúbio até o Atlântico, agora que suas prisões e galés estão abarrotadas de homens perseguidos por suas crenças... Deixe que ela conheça um povo melhor, cuja força adolescente ela vislumbrou em combate em que foi vencedora; deixe-nos contar-lhe sobre este povo poderoso, ainda insondável, que discretamente consolidou-se em um estado de sessenta milhões de almas, que cresceu tão intensa e surpreendentemente sem perder o sentido principal da comunidade social, e que foi capaz de preservá-lo nos primórdios do seu desenvolvimento como Estado. Deixe que ela aprenda sobre um povo que, de alguma forma milagrosa, foi capaz de preservar-se sob o jugo de hordas mongóis, de burocratas alemães, sob a disciplina militar de cabos, do degradante açoitado do Tártaro; que manteve as características majestosas de uma mente viva, uma virtuosa e livre natureza, ainda que sob o jugo da servidão, e que, em resposta ao decreto real do Tsar para que se educasse, respondeu cem anos mais tarde com o fenômeno de Pushkin. Deixe os europeus conhecerem seu vizinho; eles são hoje seu único medo, mas deveriam efetivamente conhecer aquilo que temem.

Até agora, temos sido negligentemente modestos e excessivamente conscientes da ilegalidade de nossa situação, e temos nos esquecido de tudo o que se desenvolveu de bom, esperançoso e promissor em nossa vida nacional. Esperamos que um alemão²¹ nos recomendasse na Europa... não temos vergonha em nossa cara?

Se tenho tempo para realizar isso... eu realmente não sei. Mas eu espero!

Assim sendo, adeus, meus amigos de muito tempo... dêem-me suas mãos, dêem-me sua ajuda, pois eu preciso de ambas. E então, quem pode saber o que significado do que temos presenciado ultimamente? Talvez não esteja tão distante quanto parece o dia em que nos encontraremos em Moscou e levantaremos nossas taças num brinde, com nosso brado: "Pela Rússia e sua santa vontade!"

²⁰ Autocracia burguesa.

²¹ A. Von Haxthausen (1793-1866), um barão da Renânia que viajou pela Rússia em 1843 e mais tarde escreveu um livro sobre o sistema agrário russo. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.16.)

Meu coração se recusa a acreditar que este dia virá, e congela com a ideia da separação para sempre. Se eu não mais vir aquelas ruas em que eu costumava caminhar, cheio de sonhos juvenis; aquelas casas, tão envoltas em memórias; nossos camponeses, de quem eu me lembrava com tanto carinho, enquanto estava no sul da Itália... Não pode ser! Bem, se assim tiver de ser, então hei de fazer meu brinde para meus filhos, hei de morrer em terra estrangeira, hei de manter minha fé no futuro do povo russo e hei de abençoá-lo na distância de meu exílio voluntário!

Paris,

1º de março de 1849.

I

ANTES DA TEMPESTADE: UMA CONVERSA AO CONVÉS (PARTE 1) ²²

Ist denn so groß das Geheimnis, was Gott und der Mensch und die
Welt sei?

Nein! Doch niemand hörts gerne: da bleibt es geheim.
(Goethe)²³

G. – ...Concordo com sua opinião, de que existe uma grande porção de coragem, de força, de verdade e ousadia, até mesmo de humor, mas não posso aceitá-la. Talvez seja mesmo uma questão de organizar meus próprios nervos. Você não terá seguidores, até que aprenda a transformar o sangue em suas veias.

²² “Diálogo escrito em 1847, aparentemente baseado em conversações com um anterior membro do círculo de Herzen em Moscou, I. Galakhov.” (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.19.) Para facilitação da leitura, o tradutor optou por inserir a identificação da fala. G. refere-se ao jovem romântico, Galakhov, e H., refere-se ao realista de meia-idade, o próprio Herzen. A distinção se presta unicamente a dar fluidez à leitura do diálogo, naturalmente difícil sem a identificação dos participantes. Na verdade, a alegação de que o diálogo reflete as ideias de Galakhov não possui comprovação histórica, e suas dúvidas e incertezas parecem traduzir as do próprio Herzen.

²³ GOETHE, Epigrama Veneziano nº 65:

“É tão grande o mistério do que vem a ser Deus, o homem e o mundo?
“Não! Mas ninguém o ouve assim, e continua a ser mistério!” (Tradução livre do T.)

H. – Talvez. No entanto, você pode estar se inclinando favoravelmente ao meu modo de pensar. Você procura por uma razão fisiológica, e a está procurando na natureza.

G. – Provavelmente, mas não a fim de aliviar ou livrar-me do sofrimento, nem para contemplar, desapassionada e desapegadamente, este mundo atribulado a partir de uma elevação olímpica, como Goethe, ou muito menos para assistir placidamente o tumulto desse caos em fermentação, em seus impotentes esforços para encontrar forma e estabilidade.

H. – Você teima em discordar de mim, mas não creio que as coisas sejam do modo como você coloca; se eu tentasse compreender o sentido da vida neste mundo, isso não teria qualquer propósito. Eu gostaria de aprender alguma coisa, queria tornar meu olhar mais arguto; tudo o que eu leio e ouço não me satisfaz, nem me provê qualquer explicação convincente. Pelo contrário, leva a contradições a absurdos. Eu não estava procurando coisa alguma, fosse alívio ou desespero, e isso porque eu era jovem. Hoje eu aprecio cada prazer efêmero, e cada momento de alegria me é muito caro, pois há cada vez menos deles. Então eu procurei somente a verdade, para tornar meu entendimento pleno; se fui suficientemente ilustrado para entender alguma coisa, isso eu não sei. Eu não vou dizer que minha opinião é particularmente reconfortante, mas eu fiquei mais calmo: deixei de estar irritado com a vida, pelo que ela podia ser mas não é – isto foi o que consegui alcançar.

G. – Eu, por minha parte, não quero deixar de teimar nem de sofrer; é um direito humano que eu, nem por sonho, penso em sacrificar; minha indignação é meu protesto. Eu não quero paz.

H. – Sim, mas com quem fazê-la? Não há. Você diz que não quer parar de sofrer, mas isso significa somente que não quer aceitar a verdade do modo como ela se revela aos seus próprios pensamentos. Talvez o que ela exija não seja seu sofrimento. É você que se antecipa e repudia toda lógica – é você que se dá o direito de aceitar ou rejeitar as consequências de sua própria escolha. Lembre-se do homem inglês que nunca, em toda sua vida, reconheceu Napoleão como Imperador; isso não o impediu de ser coroado duas vezes. Tal obstinação de permanecer em conflito com o mundo não só é inconsistente, mas é o absurdo da vaidade. As pessoas gostam de um efeito dramático na vida, como se atuassem numa tragédia; sofrer é belo, sugere desventura. Mas essa atitude não é mera vaidade: é o absurdo da covardia. Não fique com raiva do que digo. Por causa do medo de

enfrentar a verdade, muitas pessoas preferem sofrer ao invés de analisar os fatos. O sofrimento distrai e conforta... sim, sim, é reconfortante e, acima de tudo, como qualquer ocupação, impede que o homem olhe mais profundamente para si mesmo e a vida. Pascal disse que pessoas jogam cartas para que não fiquem a sós consigo mesmas. Estamos constantemente procurando esta carta ou aquela – e mesmo dispostos a perder, desde que possamos esquecer o assunto. Nossa vida é uma constante fuga de si mesma, como se fôssemos perseguidos e assombrados por dores de arrependimento. Assim que uma pessoa se põe em pé, ela começa a chorar, de modo a abafar a voz que lhe fala no interior de si; quando está triste, ela corre em busca de diversão; quando não tem nada a fazer, ela logo inventa uma ocupação. Em ódio da solidão é que se faz amigo de todo mundo, afeito a toda leitura, interessado nos assuntos dos outros e, finalmente, apressadamente disposto a se casar. Eis aqui o porto seguro: vida e querelas familiares hão de não deixar muito espaço para o pensamento crítico. Afinal, não é apropriado nem decente que um homem de família pense muito, nem deve ele ser assim ocioso. Quem não alcança o sucesso nesse tipo de vida simplesmente se embebeda de qualquer coisa: vinho, numismática, cartas, corridas, mulheres, avareza, obras de caridade, ou então mergulha no misticismo, ou ingressa na Ordem dos Jesuítas, ou se põe a fazer obras monstruosas, coisas que ainda lhe parecerão ainda mais fáceis do que encarar a verdade ominosa adormecida dentro de si. Nesse pavor da inquirição, pavor de ver exposto o absurdo da própria inquirição, nessas preocupações inventadas, nesses infortúnios irreais, que atravancam nossos passos com complexidades artificiais, passamos a vida como sonâmbulos e morremos num absurdo de intoxicação e trivialidade. É uma coisa muito estranha: em tudo aquilo que não se relaciona com as questões mais profundas da vida, as pessoas são inteligentes, bravas, sagazes. Elas acreditam, por exemplo, que estão acima da natureza e a estudam conscienciosamente; aqui, encontramos um outro método, uma outra tática. Não é lamentável sentir tamanho medo da verdade, da indagação crítica? Sendo certo que muitos sonhos desvanecerão, que as coisas não serão mais fáceis, porém mais difíceis – ainda assim será moralmente melhor, mais digno e mais corajoso não ser tão infantil. Se as pessoas se observassem como observam a natureza, ririam mais de si mesmas; desceriam de seus pedestais e poltronas senatoriais, e veriam a vida com

mais simplicidade; parariam de ficar irritadas com o fato de que a vida não obedece às suas ordens altivas, nem às suas fantasias pessoais. Por exemplo, o que você esperava da vida não é o ela lhe deu; e ao invés de apreciar o que ela lhe deu, você está bravo com ela! Esse ressentimento, talvez, poderia ser algo bom – um fermento agudo, capaz de catalisar o movimento e a atividade do homem, mas é, de fato, tão somente o impulso inicial. Você não pode somente se ressentir e gastar toda sua vida lamentando suas falhas. Diga-me francamente: como é que você tem tamanha certeza de que suas demandas são verdadeiras?

G. – Não fui eu quem as inventou! Elas nasceram involuntariamente em meu coração; quanto mais eu pensava sobre elas, mais claras elas se revelaram a mim, assim como seu caráter justo justeza e sua sabedoria – e essas são minhas testemunhas. Isso não é nem perversidade nem insanidade. Milhares de outros, toda a nossa geração, sofre quase do mesmo modo, em maior ou menor grau, segundo suas próprias circunstâncias e estágio de desenvolvimento – quanto mais desenvolvido se é, maior o sofrimento. Uma tristeza universalizada é a característica mais acentuada de nosso tempo. Um tédio mudo oprime profundamente a alma do homem contemporâneo; a consciência da sua impotência moral o atormenta, e sua falta absoluta descrença faz com que envelheça antes de seu tempo. Eu o contemplo como uma exceção; ademais, não deixo de desconfiar de sua indiferença. Ela se parece muito mais com um desespero lasso, com a indiferença de um homem que não perdeu somente a esperança, mas também a desesperança. É uma calma desnatural. A natureza, verdadeira em tudo o que faz, como você mesmo tem repetido várias vezes, deve ser genuína também nesta manifestação de sofrimento e desânimo. Sua plenitude lhe outorga esse direito. Admita: é precisamente a sua perspectiva que torna difícil argumentar contra tal sentimento.

H. – Que definitivamente não deve ser contestado! Eu não peço nada além de concordar com você. A condição de dor, que você fala, obviamente possui o direito de ser justificada historicamente, e ainda mais, de que se busque um modo de sair dela. O sofrimento, a dor – ambos são um desafio para a batalha, um grito vital de advertência, um alerta contra o perigo! O mundo em que vivemos está morrendo, ou seja, as formas como a vida se manifesta; remédio algum terá qualquer efeito em seu corpo em decomposição. Para que pudessem respirar, seus herdeiros

deveriam enterrá-lo, mas as pessoas insistem em tentar curá-lo e adiar sua morte. Verdadeiramente, você já presenciou a deprimente e exaustiva atmosfera, o suspense perturbador, que pervade uma casa em há alguém moribundo: o desespero é intensificado pela própria expectativa, os nervos de todos ficam em frangalhos, quem está são adocece, e todas as coisas ficam em estado de suspensão. A morte do paciente alivia a alma dos que permanecem vivos; lágrimas são derramadas, mas a expectativa mortal chegou ao fim. A tragédia desvela-se diante dos olhos de todos em toda sua magnitude, impassível, irrevogável, ceifando toda expectativa. E a vida, então, começa a se curar, a se reconciliar, para tomar um novo rumo. Vivemos em um período de grande e dolorosa agonia – esta é a explicação suficiente para nosso próprio desânimo. Além disso, os séculos anteriores de nossa história incrustou em nosso caráter uma disposição peculiarmente nostálgica e mórbida. Há trezentos anos atrás, tudo que era simples, saudável e vital permanecia reprimido. O pensamento mal se atrevia a levantar a voz. Considero que sua condição era similar à dos judeus na Idade Média: ser a astuta encarnação do mal, por pura necessidade; ser um escravo, perpetuamente alerta ao perigo. Nossa mentalidade foi formada sob a influência dessas condições, e amadureceu no âmbito dessa atmosfera insalubre. Partindo do misticismo católico, ela descambou para o idealismo, retendo em si o medo de tudo o que é natural, o remorso de uma consciência traída, e a reivindicação impossível de uma beatitude inalcançável; assim, permaneceu em desacordo com a vida, num estado patológico de romantismo, e acostumada ao sofrimento e a um estado de dissolução. Há quanto tempo, como crianças aterrorizadas, deixamos de sufocar em nós mesmos as intenções mais inocentes? Quanto tempo faz que deixamos de tremer ao nos confrontarmos com impulsos passionais no interior de nossa própria alma, que são desconhecidos aos rótulos do romantismo? Você disse agora que as demandas que nos assolam evoluíram naturalmente. Isso é tanto verdadeiro quanto falso. – tudo é natural, afinal! Escrofulose se origina naturalmente de comida ruim e de clima ruim, mas ainda a consideramos como um elemento estranho ao organismo. A educação que recebemos faz conosco o que Aníbal fez ao seu filho: ela extorque de nós um compromisso antes de atingirmos plena consciência, e nos enreda numa sujeição moral que consideramos necessária por uma falsa *delicatesse*, pela dificuldade de nos livrarmos de algo

que nos foi tão precocemente inoculado, e, por fim, pela pura preguiça em entendermos do quê efetivamente se trata. A educação nos engana antes de sermos capazes de efetivamente entendê-la, ela faz crianças crerem em coisas impossíveis, e lhes tolhe qualquer relacionamento livre e direto relacionamento com seu objeto de estudo. À medida que crescemos, percebemos que as coisas não se encaixam, nem o pensamento, nem a vida; que aquilo em que aprendemos a confiar está apodrecendo e é frágil, ao passo que aquilo contra que fomos advertidos, como se venenoso fosse, é o que é saudável; dominados e ingênuos, adestrados para a obediência a regras e autoridades, caminhamos para a liberdade ao passar dos anos, cada um em sua própria trajetória rumo à verdade, árdua e estropiada. Atormentados pelo desejo de saber, espreitamos buracos de fechadura, tentamos espiar por frestas; seguimos enganando, fingindo, considerando a verdade como vício e o desprezo por mentiras como insolência. Não é de se admirar, então, que não sejamos capazes de organizar qualquer tipo de vida privada ou pública, que demandemos tudo em demasia e sacrifiquemos tudo em demasia; que negligenciemos o possível enquanto ficamos indignados com o impossível; que fiquemos indignados contra as condições naturais da vida e nos submetamos a toda espécie de absurdo que nos sucede. Eis o caráter de toda nossa civilização! Ela se desenvolveu em meio a uma guerra civil moral; irrompendo a partir de escolas e mosteiros, ela não somente veio à vida, mas passeou sobre ela, como Fausto, para meramente contemplá-la e imediatamente se afastar da multidão para os *salons*, as academias e os livros. Ela fez todo o seu caminho com duas bandeiras nas mãos: “romantismo para o coração”, escrito em uma, “idealismo para a mente”, escrito em outra. Aqui é onde nasce uma grande parte da confusão de nossas vidas. Nós não gostamos do que é simples, não respeitamos o caráter sagrado da natureza; queremos subjugar-la, queremos tratá-la com encantamentos e magia, e nos surpreendemos que o paciente não melhore. A medicina nos ofende por sua independência e autosuficiência. Preferimos a alquimia e a magia, mas a vida e a natureza seguem indiferentes seus próprios rumos, submetendo-se ao homem somente na medida em que ele aprende a atuar segundo seus métodos.

G. – Você parece pensar que eu sou um poeta alemão, ainda por cima de uma época passada, de um tipo que tinha raiva de ter um corpo, de ter a necessidade de se alimentar, um tipo que

contemplou donzelas celestiais, “uma natureza diferente, um sol diferente”. Eu não quero nem magia nem mistério, mas simplesmente sair desse estado de espírito que você agora me apresentou dez vezes mais nitidamente do que eu seria capaz de descrever, sair da impotência moral de opiniões pateticamente divorciadas da prática, sair do caos em que definitivamente deixamos de perceber quem é amigo e quem é inimigo. Repugna-me somente ver torturadores ou torturados, qualquer lugar para onde olhe. Que bruxaria é necessária para convencer as pessoas de que só têm a si mesmas para responsabilizar por suas miseráveis existências; para explicar-lhe, por exemplo, que não se deve roubar os pobres; que é indigno entregar-se a fartos banquetes diante de um homem que está morrendo de fome; que cometer um homicídio é horrível, seja em emboscada, numa estrada de noite, seja à luz do dia numa praça pública ao som de tambores; que é desprezível se falar uma coisa e fazer outra... em suma, todas essas novas verdades que têm sido ditas, repetidas, copiadas e impressas a partir dos Anais dos Sete Sábios da Grécia – o que indica, digo eu, que elas já deviam ser antigas desde há muito. Moralistas e sacerdotes trovejam desde o púlpito, discursam sobre moralidade, pecados, a leitura do Evangelho, explicam Rousseau – ninguém manifesta qualquer objeção e ninguém toma qualquer ação.

H. – Honestamente, não há nada de que se arrepender. Todos esses ensinamentos e sermões são na maior parte errados, impraticáveis e mais confusos do que os simples fatos da vida cotidiana. O problema é que o pensamento sempre avança muito adiante à vida, e as pessoas não conseguem acompanhar seus professores. Tome como exemplo nosso próprio tempo: uns poucos indivíduos quase provocaram um golpe de Estado com cujos resultados nem eles, nem o povo, seriam capazes de lidar! Seu pensamento mais progressista consistia unicamente em dizer “saí de sua cama e anda”, e tudo passaria a se mover. Eles cometeram um erro: o povo não os conhecia, nem eles conheciam o povo, que assim não os acreditou. Não percebendo que não havia ninguém que os seguisse, esses indivíduos se arvoraram a líderes e passaram a marchar adiante; então, tardiamente reconhecendo o que ocorrera, passaram a gritar aos retardatários, acenando contra eles, trovejando-lhes censuras – mas tarde demais – longe demais para se fazerem ouvidos, e, ainda por cima, numa linguagem incompreensível às massas. De fato, dói admitir que vivemos num mundo que sobrevive

decrépito, louco, raquítico e débil, que evidentemente não possui força de caráter para viver à altura de seus próprios ideais. Lamentamos pelo velho mundo, acostumados que estamos a ele como se fosse a casa de nossos pais. No próprio esforço de destruí-lo, nós lhe damos apoio, tentando ajustar nossas próprias convicções aos seus disformes ideais, cujas primeiros sinais prenunciam sua sentença de morte. Nós usamos roupas que não feitas para nossas medidas, mas para as de nossos antepassados; nosso cérebro foi formado sob a influência de circunstâncias pretéritas. Muitas sequer podem ser percebidas, e outras tantas são analisadas a partir de perspectivas equivocadas. As pessoas se esforçaram tão duramente para alcançar o presente estado de coisas, que esse lhes parece, na verdade, um porto feliz quando confrontado à loucura do feudalismo e à estupefaciente opressão que o acompanhava. Tanto que têm medo de mudar. Fundiram-se às suas formas, acostumaram-se aos seus caminhos; o hábito substituiu a afeição, o horizonte se estreitou, toda generosidade de espírito entrou em decadência, a vontade se tornou débil.

G. – Que imagem maravilhosa! Você deveria acrescentar a esse quadro que, ao lado dessas criaturas, para quem o presente regime se encaixa como uma luva, há ainda, de um lado, os pobres, o subdesenvolvido povo comum, selvagem, atrasado, faminto, numa luta desesperada contra a necessidade, numa labuta incessante que nunca é suficiente para sustentá-lo; e de outro, hei-nos nós mesmos, nós, que inadvertidamente avançamos à frente, como topógrafos e demarcadores de um novo mundo cujas ascendentes fundações jamais poderemos contemplar. De todas as esperanças, de toda a vida que correu por entre nossos dedos (e como foi!), se é que resta algo, é a fé no futuro. Em algum tempo, muito depois de nossa morte, a casa para que se limpou o terreno há de ser construída, e será bem confortável e aprazível... mas para outros.

H. – No entanto, não há nenhuma razão para pensar que o novo mundo será construído de acordo com nosso plano.

O jovem fez um movimento de descontentamento com a cabeça e olhou por um momento para o mar – a calmaria continuou, e uma nuvem pesada se movia por suas cabeças, tão baixo que a fumaça do vapor do navio, ascendendo ao alto, se misturava com ela. O mar estava negro, e o ar pesado.

G. – Você faz comigo – disse ele, depois de uma pausa – o que ladrões fazem com os viajantes: não só me roubou, mas não

se dando por satisfeito, passa a me despir dos últimos trapos que me protegem do frio, até mesmo os cabelos que cobrem minha pele. Você me faz duvidar, em muitos aspectos, mas se é que ainda me resta algum futuro, você se apressa em tirá-lo de mim, roubando minhas esperanças, assassinando meus sonhos, como Macbeth.

H. – E eu pensei que fosse mais como um cirurgião que remove secções de carne podre.

G. – Talvez esta imagem seja ainda melhor: um cirurgião que extirpa uma parte doente do corpo, sem substituí-la por outra saudável.

H. – E neste processo salva uma pessoa, libertando-a da escravidão opressiva de doenças crônicas.

G. – Nós já conhecemos seu tipo de libertação. Você abre a porta da prisão e quer empurrar o condenado ao deserto da estepe, assegurando-lhe que ele é livre. Você derruba a bastilha, mas não constrói nada em seu lugar, deixando apenas um espaço vazio.

H. – Isso seria maravilhoso, se fosse realmente assim como você diz, mas o pior é que as ruínas e os escombros estão espalhados por todo o caminho.

G. – No caminho de quê? Onde, de fato, está essa nossa vocação, onde está a nossa bandeira? Em quê nós acreditamos, e em quê não acreditamos?

H. – Acreditamos em tudo; só não acreditamos em nós mesmos; se você está procurando uma bandeira, eu estou tentando perder uma; você quer um ponteiro para auxílio de leitura, mas me parece que em uma determinada idade seja vergonhoso se ler com um ponteiro. E você acabou de dizer que estamos demarcando e delineando a topografia do novo mundo...

G. – E então tudo isso é revolvido desde as próprias entranhas pelo espírito de negação e análise indiscriminada. Sua visão de mundo é muito mais tenebrosa que a minha, e suas consolações são designadas para tornar o fardo da vida ainda pior! Se o futuro não nos pertence, então toda nossa civilização é uma mentira – o sonho de uma menina de quinze anos, sobre o qual ela se ri quando tem vinte e cinco; nossos trabalhos não têm sentido, nossos esforços são ridículos, nossas esperanças são semelhantes às de um camponês do Danúbio. No entanto, talvez seja isto que você queira dizer: que deveríamos abandonar nossa civilização, desistir, e simplesmente assumir nossa posição como povo atrasado.

H. – Não, nenhum povo pode se escusar do progresso. Mas como alguém pode não saber aquilo que conhece? Nossa civilização é a fina flor da vida moderna, como pode renunciar a seu próprio desenvolvimento? Mas o que isso tem a ver com a implementação de nossos ideais? Onde estão as necessidades fundamentais que o futuro deverá considerar se é que os alcançaremos?

G. – Se assim for, isso significa que nosso pensamento nos levou a esperanças irrealizáveis e a expectativas absurdas, e que, juntamente a estas – os últimos frutos de nossa labuta – estamos prestes a afundar, num navio varrido por ondas... O futuro definitivamente não nos pertence, neste caso. Para onde escapar? Estamos atados a este navio em vida e morte. Tudo o que resta é esperar de braços cruzados até que as águas nos inundem. Os que estiverem entediados, ou aqueles que são mais corajosos do que o restante, podem saltar para as águas.

...Le monde fait naufrage,
Vieux bâtiment, usé par tous les flots,
Il s'engloutit -- sauvons-nous à la nage!²⁴

H. – Eu não tenho nada melhor a pedir, mas há uma diferença entre se salvar a nado e se afogar. O destino dos jovens que essa canção rememora é terrível. Grandes mártires, mártires sem fé, possa sua morte jazer pesada no solo da sociedade em que viviam! Que denunciem sua vergonha! Quem foi que te disse que não há outro caminho, outra forma de escape deste mundo senil e agonizante – salvo a morte? Você insulta a vida. Abandone o mundo a que você pertence, se você sentir que é um estranho para você. Ele não pode ser salvo, mas você pode se esquivar dos destroços que te ameaçam – e salvando a si mesmo, você salvará o futuro. O que você tem a ver com este mundo? Com sua civilização? Mas, verdadeiramente, ele agora pertence a você, não a si mesmo. Ele mesmo se gerou – ou melhor, para ser mais preciso – ele foi gerado dentro de uma certa civilização; e não há pecado em entendê-la. Seu modo de vida lhe parece odioso, e, de fato, não é fácil gostar de tamanha contradição. Os sofrimentos que você carrega? O mundo não tem a menor ideia

²⁴ ...O mundo está naufragando,
O velho navio, desgastado por todas as ondas,
Ele encalhou – salvemo-nos a nado!

deles; de suas alegrias, muito menos. Você é jovem, ele é velho; veja quão desgastado ele parece, em sua rota farda aristocrática. Especialmente depois de 1830, sua face adquiriu um tom aborrecido e cinzento. Nada do que ele fizesse poderia fazê-lo recuperar sua vitalidade, e por mais que se agarrasse à vida, nada, nada poderia livrá-lo da doença, nada poderia retornar-lhe o prazer de viver, e ele cambaleia e sucumbe ainda mais a um torpor delirante. Por toda parte se fala de falanstérios, da democracia, do socialismo. Esse mundo ouve, mas não entende nada, às vezes sorrindo ao ouvir tais discursos, balançando a cabeça e se lembrando de sonhos em que outrora acreditava, antes que crescesse à razão, embora não mais os acredite já por muitos anos... Por isso, ele contempla com indiferença tanto comunistas quanto jesuítas, pastores e jacobinos, os irmãos Rothschild e famintos emaciados, todos da mesma maneira, enrolando em seu punho uns poucos francos, pelos quais está mesmo pronto a morrer ou matar. Deixe o velho viver e terminar seus dias, ele sabe que já está num asilo de idosos – você não pode fazer nada por ele.

G. – Não é tão fácil assim, para não mencionar o fato de que é repulsivo. Para onde correr? Onde é esta nova Pensilvânia, pronta para...

H. – Para construir prédios antiquados com tijolos novos? William Penn levou consigo o velho mundo para um solo novo; a América do Norte é uma edição revisada do texto anterior, nada mais. E os cristãos em Roma deixaram de ser romanos. Aquele tipo de emigração interna é mais efetiva.

G. – A ideia de recuar para si mesmo, cortando o cordão umbilical que nos liga à pátria, com a modernidade, foi pregada por um bom tempo, mas não parece particularmente praticável. É o que apela às pessoas depois de qualquer fracasso, depois de cada perda de fé. Foi no que se basearam místicos e maçons, filósofos e os *Illuminati*. Todos apontam para o refúgio interior, mas nenhum deles o toma realmente. Rousseau? Sim, ele também se virou para longe do mundo. Apesar de amá-lo apaixonadamente, rompeu com ele, exatamente porque não podia ficar sem ele. Seus discípulos continuaram a viver sua vida, dentro da Convenção, lutaram, sofreram, assassinaram, deixaram suas cabeças no cadafalso, mas nunca deixaram a França, muito menos o redemoinho da fervilhante atividade política.

H. – Seu tempo absolutamente não era como o nosso. Diante deles estavam esperanças muito mais profundas. Rousseau e

seus discípulos imaginaram que suas ideias de fraternidade não foram implementadas devido a obstáculos materiais – ora a palavra foi sufocada, ora a ação foi reprimida – e eles continuaram sempre determinados, marchando contra tudo o que se postava no caminho de suas ideias. Era uma tarefa terrível e gigantesca, mas eles triunfaram. “Vitória” – eles pensaram – “eis nos aqui, afinal”. E aqui os tivemos, de fato – na guilhotina – e foi a melhor coisa que lhes podia acontecer: eles morreram na plenitude de sua fé. Foram varridos por uma onda violenta e furiosa, na inebriante alegria da batalha. Eles estavam absolutamente certos de que, quando a paz voltasse, seu ideal se realizaria – sem eles, é verdade – mas se realizaria forçosamente. Finalmente, a paz realmente retornou. Quão afortunados, todos aqueles entusiastas, por fazerem há muito em suas sepulturas! Afinal, teriam de reconhecer que sua causa não avançou nem um palmo, que seus ideais continuavam a ser meros ideais, que demolir a Bastilha, pedra por pedra, não era suficiente para libertar as pessoas de suas convicções. Você nos compara a esses homens, convenientemente esquecendo que conhecemos os eventos de cinquenta anos desde sua morte, que temos presenciado como todas as esperanças de todos os pensadores teóricos foram ridicularizadas, e como o demoníaco padrão da história faz piada com sua ciência, com sua filosofia, com suas teorias, transformando a República em um Napoleão, e a Revolução de 1830 em um praça de negócios comerciais. Tendo testemunhado tanto, não podemos ter as mesmas expectativas de nossos antecessores. Além disso, por termos explorado mais a fundo questões revolucionárias, agora exigimos mais e com maior amplitude do que eles exigiram, ao passo que suas exigências se tornaram mais e mais impraticáveis. Por um lado você tem a consistência lógica e o sucesso do seu pensamento; de outro sua completa impotência diante de um mundo surdo, mudo, incapaz de compreender a ideia de salvação na forma como eles pregavam – seja porque ela é mal expressa, seja porque tem um valor puramente teórico e livresco, tal como a filosofia romana, que nunca saiu do pequeno círculo de homens educados que a cultivavam.

G. – Mas quem está certo, na sua opinião? O pensamento teórico – cujo desenvolvimento e evolução histórica não é, de modo algum, prático, exceto como exercício de consciência – ou o fato de o mundo moderno, que rejeita o pensamento teórico e

assim mesmo, e do mesmo modo como ele, é o resultado inevitável do passado?

H. – Ambos estão absolutamente certos. Toda essa confusão deriva do fato de que a vida tem sua própria embriogênese, que não coincide com a dialética da razão pura. Eu mencionei o Mundo Antigo – aqui está um exemplo: ao invés de realizar a república de Platão e a política de Aristóteles, ele implementou a República Romana e as políticas de seus conquistadores romanos; ao invés das utopias de Cícero e Sêneca, o feudalismo dos Lombardos e adotou a lei germânica.

G. – Você está predizendo que nossa civilização vai sofrer o mesmo destino de Roma? Um pensamento reconfortante e uma linda perspectiva.

H. – Nem tão perfeito, nem tão ruim. Por que você se surpreende diante da noção – a mais vulgar de todas as banalidades – de que tudo no mundo é efêmero? No entanto, a civilização não perece enquanto a vida humana prossegue sem uma ruptura completa. Afinal, as pessoas têm uma boa memória. A civilização romana não vive ainda entre nós? E assim como a nossa, ela se estendeu para muito além das fronteiras da vida urbana; e é exatamente esse o motivo porque floresceu tão magnífica e grandemente e, por outro lado, não podia se realizar na prática. A civilização romana trouxe muito de si ao mundo moderno, mas o futuro imediato de Roma jaz mais além – em catacumbas, onde os cristãos perseguidos se escondiam, e em florestas, onde vagavam bandos selvagens de alemães

G. – Como é que na natureza, onde tudo é tão deliberado, tão proposital, uma civilização – esforço supremo e coroamento das eras – emerge do tempo como se fosse um acidente, entra em decadência, por fim, perece, deixando atrás de si somente uma memória tibia? Enquanto isso, a humanidade retrocede, abandona seu curso e recomeça um novo caminhar, num novo rumo, apenas para se tornar novamente a mesma grandiosa flor – exuberante, mas desprovida de sementes. Em sua filosofia da história há algo que perturba a alma: por que todos esses esforços? A vida das pessoas se torna um jogo ocioso, um empilhamento de grão de areia sobre grão de areia, pedra sobre pedra, até que tudo desmorone novamente à terra rasa e os homens, rastejando para fora das ruínas, recomeçam a limpar o lugar, a construir cabanas de musgo, painéis e capitéis desmoronados, apenas para alcançar, depois de séculos de árduos esforços, nova destruição. Não foi à toa que Shakespeare

afirmou que a história é uma novela de mau gosto contada por um idiota.

H. – Esta é apenas *sua* perspectiva melancólica da vida. Você é como aqueles monges que não têm nada melhor que dizer aos outros além de um *memento mori* sombrio, ou como aquelas almas excessivamente sensíveis que não conseguem se lembrar que “os homens nascem para morrer” sem derramar uma lágrima. Concentrar a atenção no fim, e não na ação em curso, é o maior dos erros. De que utilidade para a planta é a flor, exuberante e viçosa, ou seu aroma inebriante, que certamente se degenerarão? Nenhuma, afinal! Mas a natureza não é tão mesquinha, e não negligencia mesmo o que é efêmero, o que vive por apenas um instante. A cada instante ela atinge tudo o que pode alcançar, e alcança o impossível – seja uma fragrância, um deleite ou uma ideia... ela evolui até alcançar as fronteiras do desenvolvimento, até o momento em que alcança a própria morte, que arrefece seu ardor, amaina sua imaginação poética e finda sua criatividade desenfreada. Quem há de culpar a natureza por suas flores que desabrocham de manhã fenecerem à tarde, porque ela não deu à rosa ou ao lírio a resistência da pederneira? Não obstante, é essa perspectiva pobre e prosaica que desejamos trazer para o mundo da história! Quem se atreve a restringir a ideia de civilização ao aspecto puramente material? Que barreiras a restringem? É infinita, como o pensamento, como a arte! Ela traça os ideais da vida, ela sonha a apoteose de sua própria existência, mas a vida não tem a menor obrigação de realizar suas fantasias e seus ideais, especialmente porque este mundo é uma versão melhorada daquilo que foi outrora, e a vida ama novidades. A civilização de Roma foi muito maior, muito mais humana do que o mundo bárbaro; mas na própria confusão do barbarismo estavam os embriões de elementos que não eram encontrados na civilização romana, de tal modo que o barbarismo prevaleceu apesar do *Corpus Jûris Civilis* e da sabedoria dos filósofos romanos. A natureza se regozija com o que realiza, mas sempre quer mais. Ela não repudia as coisas existentes; deixa-as existir pelo tempo que tiverem potência, enquanto novas coisas crescem. É por isso que é tão difícil traçar as obras da natureza em uma linha reta. A natureza odeia compartimentação, avança por todas as direções e nunca marcha só para frente. Alemães selvagens eram, em sua bárbara espontaneidade, potencialmente maiores do que os civilizados romanos.

G. – Eu estou começando a suspeitar que você está esperando uma nova invasão dos bárbaros e a consequente migração dos povos.

H. – Eu não gosto de profetizar. Não existe futuro pronto: ele se forma de um conjunto de milhares de condições necessárias e casuais, aliadas à vontade do homem, que resultam em desfechos dramáticos inesperados e efeitos teatrais. A história é improvisada, e raramente se repete; ela gosta de cada surpresa, e bate simultaneamente em mil portões... quem sabe quais deles se abrirão?

G. – Talvez os portões bálticos – e em seguida a Rússia vai se derramar pela Europa?

H. – Talvez...

G. – E cá estamos nós, há muito tempo filosofando, presos a um vicioso círculo, de volta ao *corsi i ricorsi* do velho Vico²⁵. Mais uma vez, voltamos a Rhea, perpetua e dolorosamente parindo filhos para serem devorados por Saturno, só que agora consciente de sua situação e não mais tentando substituí-los por pedras. Afinal, não valeria o esforço, pois entre os filhos não há Júpiter ou Marte. Qual é o propósito de tudo isso? Você contorna este problema sem resolvê-lo: devem crianças nascer apenas para que seu pai as devore? Todo esse jogo vale a pena?

H. – Como não vale a pena? Especialmente se não é você que paga! Você está confuso porque nem todas as partidas são jogadas até o fim, mas se fossem, as partidas seriam insuportavelmente monótonas. Há muito, muito tempo, Goethe costumava dizer que a beleza é transitória somente porque o transitório é belo. Isso ofende as pessoas. O homem tem um afeto instintivo que zela pela preservação de tudo o que ele gosta – ele veio à vida, *ergo*, deseja viver eternamente – ele veio a amar, *ergo*, deseja amar e ser amado eternamente, como no primeiro momento do amor. Ele fica zangado com a vida, ao perceber que aos cinquenta anos seus sentimentos não possuem mais o frescor ou a acuidade que possuíam quando tinha vinte. Mas tal imobilidade estagnante seria contrária ao espírito da vida. A vida não se importa pela preservação de nada pessoal ou individual; ela sempre se derrama integralmente no presente, dando às pessoas a capacidade para derivar de si o maior prazer possível, mas não lhes assegura nem vida, nem prazer, nem

²⁵ Giambattista Vico (1668-1744), historiador italiano, jurista e filósofo, autor da *Scienza Nuova*; expôs uma teoria dos ciclos históricos recorrentes. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.34.)

aceita qualquer responsabilidade por sua continuidade. Nesse movimento constante, nessa mutabilidade universal, a natureza constantemente se renova e vive eternamente jovem. Eis porque cada momento histórico é, em si próprio, completo e hermético, como todos os anos, com sua primavera e verão, seu inverno e outono, suas tempestades e seus bons tempos. Porque cada período é novo, fresco, cheio de suas próprias esperanças, trazendo em si suas próprias alegrias e tristezas; o presente lhe pertence. Mas as pessoas nunca estão satisfeitas com isso, e desejam se apropriar do futuro unicamente para que este as sirva.

G. – É doentio, para o homem, não conseguir sequer vislumbrar o ancoradouro para onde se dirige. Com ansiosa melancolia, ele contempla a infinita estrada diante de si e percebe que, apesar de todo o esforço, está tão distante da meta quanto estava há mil, dois mil anos atrás!

H. – E qual é o propósito da canção que a cantora canta? As notas que nascem de seu peito, a melodia que morre assim que ressoa? Se você, além de apreciá-las, está à procura de algo mais, para algum outro objetivo, irá perceber que a cantora parou de cantar, e terá somente memórias e remorsos, e se arrependerá de, em vez de prestar atenção à música, ter ficado esperando por algo mais. Você se deixa desencaminhar por categorias que não o ajudam a captar o fluxo da vida. Reflita bem: você acha que é mesmo este o fim que você procura – um sistema, um ordenamento? Quem foi que o estabeleceu, quem foi que o declarou? É algo obrigatório, inexorável, ou não? Se assim for, somos meros fantoches? Somos seres moralmente livres, ou meras engrenagens de uma máquina? Para mim é mais fácil pensar a vida e, por conseguinte, a história, como um progresso alcançado do que como meio para alguma conquista.

G. – Ou seja, que o propósito da natureza e da história consiste simplesmente em nossas existências...

H. – Em parte – além de tudo o que existe atualmente. Tudo está incluído: o legado de todos os esforços passados e o germe de tudo o que ainda virá a ser... a inspiração do artista... a energia do cidadão... a rapacidade do jovem que, neste exato momento, foge para um lugar afastado, para um gazebo aconchegante, onde sua tímida e amada namorada o espera – entregando-se completamente ao presente, sem qualquer pensamento no futuro ou sobre algum propósito existencial... a alegria de um peixe que se diverte em saltar da água, sob a luz do luar... a harmonia de

todo o sistema solar... em suma, eu poderia seguramente acrescentar, após algum título feudal, três “etc... etc... etc...”

G. – Você está absolutamente correto no que diz sobre a natureza, mas me parece que você se esqueceu de que, através de todas as mudanças e confusão perpassa uma linha vermelha que as conecta: o progresso. Essa linha é o progresso – ou será que você não o reconhece?

H. – O progresso é uma característica indissociável do ininterrupto desenvolvimento consciente: ele consiste numa memória retentiva e numa vida humana fisiologicamente melhorada através da vida social.

G. – Você não vê o propósito revelado nisso tudo?

H. – Muito pelo contrário! Eu vejo aqui uma consequência. Se o progresso é o objetivo, então para quem estamos trabalhando? Quem é esse Molock que, à medida que dele se aproximam os trabalhadores, ao invés de recompensá-los, agrava ainda mais sua labuta, e, como consolação às multidões exaustas e condenadas à destruição, que clamam *morituri te salutant*, só lhes oferece como resposta uma parábola debochada, que diz que tudo vai ficar bem na terra após sua morte. Você realmente defende a condenação de seres humanos à condição miserável de cariátides²⁶ que sustentam um tablado para que outros dancem sobre suas cabeças? Ou à infeliz condição de escravos de galés, atolados na lama até os joelhos, que arrastam uma barcaça cheia de algum tesouro misterioso, com a tosca inscrição “Progresso no Futuro” nas suas laterais? Enquanto alguns caem exaustos pela estrada afora, outros, com novas forças, tomam as cordas; contudo, como você mesmo disse, tudo permanece como sempre foi, desde o início, pois, afinal, o progresso é interminável. Este fato deveria servir de alerta às pessoas: um objetivo que é infinitamente remoto não é um objetivo, mas uma arapuca. Uma finalidade deve ser mais próxima – deve ser, pelo menos, o salário do trabalhador, ou a alegria de se realizar alguma obra. Cada época, cada geração, cada vida tem a sua plenitude. Nessa trajetória, novas demandas surgem, novas experiências, novos métodos; algumas capacidades se aprimoram em detrimento de outras; finalmente, ocorre mesmo uma melhora do tecido cerebral... Por que você está sorrindo? Sim, sim, a substância do

²⁶ Uma cariátide é uma figura feminina esculpida que serve como coluna ou pilar numa construção arquitetônica greco-romana clássica. (**Caryatid** in BRITANNICA. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/technology/caryatid>>. Acesso em 11 fev 2020.

cérebro melhorou... Vocês, idealistas, se desconcertam e se surpreendem com a naturalidade das coisas, assim como cavaleiros de outrora se admiravam de como vilões podiam lutar por direitos humanos! Quando Goethe estava na Itália, ele comparou o crânio de um antigo touro com um dos nossos, mais novo, e descobriu que os ossos deste eram mais finos do que os daquele, e que a extensão da sua cavidade cerebral era mais ampla. O touro mais antigo era obviamente mais forte do que o nosso, mas o nosso, em sua mansa submissão ao ser humano, desenvolveu-se mais no que concerne ao cérebro. Por que você considera uma pessoa menos capaz de se desenvolver do que um touro? Este crescimento genético não é um objetivo em si, como você supõe, mas uma propriedade hereditária da contínua sucessão de gerações. O objetivo de cada geração é ela própria. Não somente a natureza jamais faz de uma geração o meio para alcançar um futuro para si, mas ela não se preocupa de modo algum com o futuro. Como Cleópatra, ela está pronta para dissolver pérolas em vinho, apenas para satisfazer um prazer fugaz; ela tem o coração de uma bacante, de uma *Bayadère*²⁷.

G. – E a pobre dama é incapaz de realizar sua vocação! Bacante de dieta, *bayadère* de luto! Hoje em dia, mais certo seria dizer que é como uma Madalena arrependida. Ou será que o cérebro se desenvolveu mais de um lado do que de outro?

H. – Em vez de debochar, sua afirmação é muito mais sensata do que você imagina. Qualquer desenvolvimento unilateral sempre implica a negligência de outros aspectos. Crianças que se desenvolvem mais em sentido psicológico tendem a se desenvolver menos em sentido físico, e se tornam mais frágeis. De maneira desnatural, através dos séculos, tornamo-nos idealistas – criamos uma forma artificial de vida, destruímos o equilíbrio da natureza. E sentíamos-nos mesmo grandes e fortes, até felizes, em nossa alienação, na beatitude desta nossa teórica concepção existencial, mas agora ultrapassamos esse estágio e tudo se tornou insuportável para nós. Nesse ínterim, a ruptura com a esfera prática se tornou terrível; não há que se falar em culpados, seja de um lado ou de outro. A Natureza utilizou todos os músculos à exaustão para se mover além das limitações da besta no homem – mas ele as ultrapassou tão com tal grandeza que veio a estar fora da vida natural. E fez isso por ser livre. Falamos tanto sobre nossa liberdade de arbítrio, somos tão

²⁷ Dançarina sacerdotal. (N. do T.)

orgulhosos disso e, ao mesmo tempo, tão aborrecidos de que não tenhamos ninguém que nos guie pela mão, que tropeçamos e devamos de arcar com as consequências de nossos atos... Estou pronto para repetir suas palavras, de que o cérebro se desenvolveu mais de um lado do que de outro por causa do idealismo; as pessoas estão começando a perceber isso e agora tendem para o outro lado. Elas serão curadas do idealismo assim como têm sido curadas de outras doenças históricas: a Ordem da Cavalaria, o Catolicismo, o Protestantismo...

G. – Mas você há de convir que o percurso entre a doença e sua superação é muito estranho.

H. – Sim, mas esse percurso não é predeterminado. A Natureza se limitou a insinuar vagamente seus pontos de vista e suas intenções, deixando o resto dos detalhes a serem preenchidos pela vontade do ser humano, pelas circunstâncias, pelo clima e por milhares de elementos conflitantes. A luta, a ação recíproca de forças naturais e da vontade, cujas consequências ninguém pode conhecer de antemão, oferece um interesse absorvente em cada época histórica. Se a humanidade marchasse diretamente para qualquer resultado, então não haveria história, mas somente lógica; a humanidade estaria pronta, como um *status quo* absoluto, assim como os animais. Felizmente, nada disso é possível ou necessário, e se fosse, a realidade seria pior do que a existente. O organismo do animal gradualmente desenvolve um instinto; no homem, o desenvolvimento vai além... a razão se desenvolve, e de modo lento e árduo; ela não existe nem na natureza nem fora dela; é necessário alcançá-la e chegar a termos com ela tanto quanto possível, pois não existe qualquer *libretto*²⁸. E se *libretto* houvesse, a história perderia todo interesse, tornar-se-ia desnecessária, tediosa, ridícula; a tristeza de Tácito e o encanto de Colombo se transformariam em uma brincadeira, em bufonaria; grandes homens se tornariam meros personagens teatrais que, atuando bem ou mal, participariam numa peça com desenvolvimento predefinido, rumo a um desfecho inevitável e definitivo. Na história, tudo é improvisação, tudo é voluntário, tudo é imediato, sem preparação; não há quaisquer limites ou itinerários. Há, verazmente, condições: a sagrada ansiedade, a chama da vida e o eterno desafio aos homens para confrontarem

²⁸ Texto de uma obra musical ou um resumo de seu conteúdo. (Nota constante na versão eletrônica russa do texto, disponível em http://az.lib.ru/g/gercen_a_i/text_0430.shtml). Acesso em 1º set 2014.)

forças, para irem onde quiserem, onde quer que exista uma estrada; e onde não existir uma, o gênio humano há de pavimentar um novo caminho.

G. – Mas, e se, por azar, não surgisse nenhum Colombo?

H. – Cortez faria seu trabalho. Pessoas de natureza brilhante quase sempre estão disponíveis quando são realmente necessárias; via de regra, não se precisa delas. As pessoas realizam seus ideais de um modo ou de outro – às vezes, do modo mais difícil. O Gênio é uma lascívia da história, é sua poesia, seu *coup d'État*, sua flor mais bela, o triunfo de sua obra.

G. – Isso tudo é muito bom, mas parece-me que, com tanta incerteza, com tanta licenciosidade, a história pode continuar nesse caminho para sempre ou simplesmente chegar a seu fim amanhã mesmo.

H. – Sem dúvida! Pessoas não morrerão de tédio se a raça humana permanecer por muito tempo ainda, embora provavelmente hão de encontrar algum limite oculto na própria natureza do ser humano, alguma condição fisiológica que não se pode sobrepujar e permanecer humano, mas realmente não haverá falta de atividade, de ocupação, para as pessoas. Três quartos da nossa atividade é uma mera repetição do que tem sido feito por outros. A partir disso você pode ver que a história pode persistir por milhões de anos. Por outro lado, não tenho nada contra o fim da história amanhã. Nunca se sabe o que pode acontecer! O cometa Encke²⁹ pode se chocar com o globo, um cataclismo geológico pode ocorrer na superfície e colocar tudo de cabeça para baixo, alguma fumaça vulcânica pode tornar impossível a respiração por meia hora – e você tem o tão falado fim da história!

G. – Ufa, quanto horror! Você me assusta, como se eu fosse uma criancinha, mas eu lhe asseguro que nada disso há de acontecer. De que valor seria promover um desenvolvimento durante três mil anos com o agradável prospecto de terminar sufocado por fumos sulfúricos? Como pode você não ver que isso é um absurdo?

H. – Eu me pergunto é como pode você ainda não ter se acostumado aos modos da vida! Na Natureza, como nas almas

²⁹ Johann Franz Encke (1791-1865), diretor do Observatório de Berlin, que descobriu, em 1819, o cometa periódico que recebe seu nome. Em certa época (na década de 1830) acreditava-se que ele colidiria com a Terra. (Nota constante na versão eletrônica russa do texto, disponível em <http://az.lib.ru/g/gercen_a_i/text_0430.shtml>. Acesso em 1º set 2014.)

dos homens, dormita um conjunto infinito de forças e possibilidades; reúna as condições necessárias, a fim de excitá-las, e elas se desenvolverão – e se desenvolverão furiosamente – estarão aptas a encher o mundo, ou então a tropeçar no meio do caminho, a tomar um rumo diferente e parar, a entrar em colapso. A morte de um homem não é menos absurda do que a morte de toda a raça humana. Quem garantiu a imperecibilidade ao planeta? Ele é apenas um pequeno gazebo em meio a qualquer revolução no Sistema Solar, assim como o gênio de Sócrates foi para a cicuta – mas talvez não lhe seja oferecida tal cicuta... talvez... agora estou no mesmo ponto em que comecei. Em essência, a Natureza é absolutamente indiferente a qualquer resultado. Ela nunca se diminui, ela nunca perde nada, nada pode ser dela tomado, e nela tudo permanece muito embora ela mude. E ela, uma vez tendo sepultado a raça humana, há de amorosamente começar tudo de novo, com monstruosas samambaias e répteis de meia légua de comprimento, talvez até com alguns aperfeiçoamentos, retirados do novo ambiente e das novas condições.

G.- Bem, para as pessoas em geral isso não é absolutamente indiferente. Acho que Alexandre, o Grande, poderia não ter se agradado nem um pouco ao saber que foi usado como cola, como diz Hamlet.

H. – Sobre Alexandre, o Grande, eu posso garantir, ele nunca o saberá. Eu concordo totalmente com você, pois, para um homem, não é indiferente viver ou não viver. A partir disso, a conclusão imediata é que devemos aproveitar a vida, e não é por acaso que a Natureza, em todas as formas possíveis de expressão, proclama a vida e sussurra continuamente: “*Vivere memento*”.³⁰

G. – Quanto esforço desperdiçado! Lembremo-nos de que atravessamos a vida em dor, com um desgosto que corrói nosso coração e com o peso da monotonia do tiquetaquear do tempo... É difícil aproveitar plenamente a vida, comer e beber à exaustão – enfim, viver em abundância – enquanto o mundo que nos rodeia entra em colapso e pode muito bem nos esmagar sem dó. Pior ainda é morrer em idade avançada, e perceber que as paredes centenárias desse mundo vulgar, embora cambaleantes e cheias de rachaduras, não dão o menor sinal de virem a desmoronar, pois são fortes, muito fortes... Eu não conheço período mais sufocante na

³⁰ Lembra-te de viveres.

história. Houve lutas, muito sofrimento antes de agora, mas também havia alguma esperança. Ainda que uma pessoa morresse, o fazia em fé; era impossível chegar ao desespero. Agora, não temos nada por que morrer, nem nada por que viver...

H. – E você acha que em Roma a queda foi mais fácil?

G. – Claro que sim! Foi mais fácil porque sua queda era tão óbvia quanto sua substituição.

H. – Era óbvio para quem? Você acha que os romanos consideravam seu tempo do mesmo modo como nós o concebemos? Gibbon não poderia escapar do encanto que a Roma Antiga produz em cada alma forte. Lembre-se de quantos séculos perdurou sua agonia; para nós, aquele tempo é encurtado sob a pobreza de eventos, sob a pobreza de nobres personagens históricos, sob a lânguida monotonia dos séculos medievais. São justamente tais períodos – mudos e cinzentos – que são particularmente aterrorizantes para as pessoas que neles vivem. Afinal, todos os anos possuem os mesmos trezentos e sessenta e cinco dias, assim como possuem pessoas de coração ardente e desvanecido, perdidas no crepúsculo acinzentado, sob as nuvens de poeira da destruição das paredes daquele mundo. Quantas palavras de lamento e pesar devem ter escapado ao peito dos homens! Ainda hoje é possível ler sua angústia!

G. – Eles não poderiam ter se batizado como cristãos?

H. – Os Cristãos viveram se escondendo por quatro séculos em catacumbas; seu sucesso parecia impossível, e havia mártires por toda a parte..

G. – Mas sua fé era considerada cega – e não sem justificativa.

H. – Ainda assim, imediatamente à sua vitória, a heresia se mostrou. O mundo pagão invadiu a quietude sagrada de sua irmandade, e os Cristãos deram as costas, com lágrimas nos olhos, aos tempos de perseguição e às santas memórias abençoadas através da leitura do martiriólogo.

G. – Parece que você está começando a me consolar por afirmar que tudo sempre foi tão ruim quanto agora é.

H. – Não, eu só quis lembrá-lo de que nossa época não tem o monopólio do sofrimento e demonstrar que você desvaloriza os pesares das pessoas do passado. O pensamento humano sempre foi impaciente; ele quer tudo no agora, e odeia ter de esperar – mas a vida não se contenta com ideias abstratas, nem tem pressa, mas toma cada passo lentamente, pois é difícil corrigir os passos já dados. Eis aí onde repousa o caráter trágico

da posição dos filósofos... Mas sem querer desviar o assunto novamente, deixe-me perguntar-lhe: por que motivos você acha que o nosso mundo é tão forte e saudável?

Por muito tempo grandes gotas de chuva têm caído sobre nós, o estrondo oco do trovão tem se aproximado mais e mais, e os relâmpagos têm se tornado cada vez mais brilhantes. Agora, a chuva cai em torrentes. Todos fogem para suas cabines – o navio range, e seu sacudir se torna insuportável – e essa conversa não vai continuar.

Roma, via Del Corso,
31 de dezembro de 1847.

II

DEPOIS DA TEMPESTADE: UMA CONVERSA AO CONVÉS (PARTE 2)

Pereat!³¹

Mulheres choram para aliviar a alma; quanto a nós, não sabemos como chorar. Em lugar de lágrimas, prefiro escrever, não para descrever e explicar os acontecimentos manchados de sangue, mas simplesmente para falar sobre eles, para dar vazão às palavras, lágrimas, ideias e amargura. Como se poderia, de outro modo, descrever o que aconteceu, coletar informações e extravasar? Meus ouvidos ainda tinem com os tiros que ouvi, com o estrépito do galope dos cavalos, com o som pesado e abafado de carruagens armadas atirando através das ruas mortas; as memórias ainda voltam em *flashes* – um homem ferido deitado numa maca, apertando sua mão contra si, com gotas de sangue escorrendo; carroças cheias de cadáveres, prisioneiros com as mãos algemadas, os canhões da *Place de La Bastille*, o acampamento da *Porte Saint-Denis* e o outro, nos *Champs Elisée*, o sombrio grito noturno: “*Sentinelle -- prenez garde à vous!*”³². Como pode alguém descrever tudo isso – o cérebro está inflamado, e o sangue arde nas veias!

³¹ Pereça o mundo, mas faça-se justiça! (N. do T.)

³² Sentinela – vigia a si mesmo.

DÉDICATION³³

Juntos temos vivido naqueles dias dolorosos, terríveis, e hediondos. Eu lhe ofereço o primeiro grito arrancado de minha alma por eles. Sim, lágrimas... e não me envergonho de lágrimas. Lembra-se da *Marseillaise* de Rachel³⁴? Somente agora é possível apreciá-la plenamente. Toda Paris estava cantando a *Marseillaise* – mendigos cegos e Grisi³⁵, meninos de rua e soldados. A *Marseillaise* se tornou o *Pater Noster* depois de 24 de fevereiro, como apontou um jornalista. Somente agora ela silenciou – afinal, não soa bem em um *état de siège*³⁶. A *Marseillaise*, depois de 24 de fevereiro³⁷, era um grito de alegria, vitória, poder e ameaça, um brado de poder e triunfo...

E então Rachel cantou a *Marseillaise*... Sua canção me assustou e eu chorei; a multidão inteira foi esmagada... Lembra-se? Foi como uma sentença de morte proferida durante uma alegre festa de casamento, um lamento terrível de desespero, um oráculo ominoso em meio a um canto de esperança. A *Marseillaise* de Rachel convocou os homens para um banquete de sangue e vingança... onde flores foram jogadas, ela as cobriu com o amargo zimbro. Bons franceses afirmaram: “Não é a luminosa *Marseillaise* de 1848, mas uma versão sombria, aterrorizante...” Eles estavam errados : em 1793 não havia tal canção... tal música só poderia ter nascido no coração de um artista depois da traição

³³ Nos Manuscritos da Biblioteca do Departamento de Estado da URSS, Lênin guardou uma edição de “Da Outra Margem” em que consta uma “*Dédication*” ao Capítulo *Após a Tempestade*. (Nota no documento original eletrônico, disponível em <http://az.lib.ru/g/gercen_a_i/text_0430.shtml>. Acesso em 04 dez 2014.

³⁴ Elisa Félix (1820/1858). Conhecida como Rachel. A atriz mais famosa de seu tempo. Contribuiu grandemente para o reavivado interesse na tragédia clássica. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.43.)

³⁵ Giulia Grisi (1811-1869), célebre coloratura soprano italiana. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.44.)

³⁶ O estado de sítio de Paris foi anunciado pela Assembleia Constituinte em 23 de junho. (Nota do original russo.)

³⁷ Em 24 de fevereiro de 1848, como resultado da revolta [popular], foi destronado o Rei Louis Philipp I e estabelecido o poder do Governo Provisório. Ao referir-se à “traição de 24 de fevereiro”, Herzen alude à política traiçoeira do Governo Provisório, ao, contrariamente às demandas do povo francês, formalmente proclamar uma república e não cumprir a promessa de resolver a “questão social” e implementar o “direito do trabalho”. (Nota do original russo.)

de 24 de fevereiro, somente nos dias depois do crime de junho.

Você se lembra como foi a apresentação dessa mulher magra, vestida com uma blusa branca sem adornos, absorta em suas reflexões, com sua cabeça inclinada sobre sua mão? Ela se movia lentamente, olhava sombriamente, enquanto começou a cantar em voz baixa, até que a dor agonizante desses sons atingiu o grau de desespero... Ela convocava os homens para a batalha, mas ela própria não tinha fé de que eles iriam – será que apenas um... Essa canção era uma súplica, era remorso... e de repente, explode a partir deste peito débil um grito – grito de fúria e de paixão –

Aux armes, citoyens...

Qu'un sang impur abreuve nos sillons... ³⁸

– ela acrescenta com a frieza de um carrasco. Surpresa com o êxtase a que ela própria sucumbiu, ela retoma o segundo verso ainda mais desanimada e desesperada, e mais uma vez conclama à batalha e ao sangue... Por um instante, a mulher retoma controle sobre si, e se joga sobre seus joelhos: a convocação sangrenta se transforma em oração, o amor vence, ela chora e pressiona a bandeira contra o peito: “*Amour sacré de la Patrie...*” Mas de repente ela se envergonha, se levanta e sai correndo, agitando a bandeira, gritando “*Aux armes, citoyens*”... A multidão não se atreveu a trazê-la de volta.

O presente que lhe dedico é a *minha Marseillaise*. Adeus! Leia essas linhas aos meus amigos. Não fique triste. Não me atrevo a chamá-lo por nome, nem a me nomear. Lá, para onde você vai, chorar é um crime e ouvir alguém chorar é um pecado...

Paris,

1º de agosto de 1848.

Sentado em meu quarto, com braços cruzados, incapaz de sair à porta, e ouvindo, em torno de mim, tanto próximos quanto à distância, tiros de canhão, gritos e rufar de tambores, sabendo que a poucos passos de mim sangue está sendo derramado, que

³⁸ Às armas, cidadãos ...

Que sangue impuro preencha nossos sulcos...

peessoas estão passando outras à faca, e que outras estão sendo assassinadas – isso é suficiente para matar um ser humano, para enlouquecê-lo. Mas eu não morri; antes, envelheci, e agora me recupero de uma grave doença, depois das jornadas de junho.

E com que solenidade elas começaram! No vigésimo terceiro dia, por volta de quatro horas da tarde, pouco antes do jantar, eu passeava pela margem do Sena em direção ao *Hôtel de Ville*³⁹; lojas estavam sendo fechadas, as colunas da Guarda Nacional, com feições sinistras cheias de ódio, marchando em várias direções; o céu estava coberto de nuvens, e chovia. Parei na *Pont-Neuf* e, repentinamente, um forte relâmpago irrompeu detrás de uma nuvem, e trovões estrondavam um atrás do outro, e no meio disso tudo, o som persistente e compassado do sino ecoou da torre de Saint Sulpice; O proletariado, mais uma vez traído, convocava seus irmãos às armas. A Catedral e todos os edifícios ao longo da margem [do rio Sena] eram brilhavam notavelmente ao serem iluminados por uns poucos raios de Sol que refulgiam através das nuvens. Podiam-se ouvir tambores por todos os lados; a artilharia movia-se lentamente desde a *Place du Carrousel*.

Eu escutei os trovões, o toque do sino, e contemplei avidamente esse panorama de Paris; era como se eu lhe dissesse adeus. Naquele momento eu era completamente apaixonado por Paris. Foi minha última homenagem à grande cidade. Depois das jornadas de junho, ela se tornou odiosa para mim.

Do outro lado do rio, erigiam-se barricadas em todas as ruas e becos. Eu ainda vejo, como se fosse agora, aqueles rostos sombrios dos homens que carregavam as pedras, assim como das mulheres e das crianças que os ajudavam. Numa barricada, que parecia inacabada, um jovem da Escola Politécnica subiu, encravou uma bandeira e cantou em voz baixa, triste e solene, a *Marceillaise*. Todos os que trabalhavam uniram suas vozes, e o refrão dessa grande canção, ressoando por detrás das rochas e barricadas, apertou as almas de todos... e os sinos ainda dobravam. Enquanto isso, a artilharia se movia sobre a ponte, e o General Bedeau⁴⁰, em pé sobre ela, inspecionava com seus binóculos as posições dos *inimigos*⁴¹...

³⁹ Prefeitura, em francês.

⁴⁰ Marie-Alphonse Bedeau (1804-63), general francês de considerável experiência no Norte da África. Seramente ferido nas jornadas de junho. Exilado

Àquele momento, ainda era possível evitar que tudo acontecesse – que a República fosse salva – e com ela, a liberdade de toda a Europa; ainda era possível fazer a paz. Mas o Governo reacionário, estúpido e obtuso, não poderia fazer isso, a Assembleia não queria isso. Os reacionários queriam vingança, expiação do sangue de 24 de fevereiro. Os armazéns do *National*⁴² lhes proveram os homens de ação.

Bem... o que você tem a dizer, querido Príncipe Radetzky⁴³ e ilustre Conde Paskevich-Erivan⁴⁴: Vocês não estão aptos a ser assistentes de Cavaignac⁴⁵. Metternich e todos os membros do Terceiro Departamento da Chancelaria de Sua Majestade Imperial são dóceis crianças, *de bons enfants*, comparados com uma turba de lojistas enfurecidos.

Na noite de 26 de junho, depois da vitória do *National* sobre Paris, ouvíamos o som de tiros, em curtos intervalos... Olhávamos entre nós, e todas as faces estavam verdes. “São esquadrões de extermínio”, dissemos em uníssono, e afastamo-nos um do outro. Pressionei minha testa contra o vidro da janela. Momentos como esses fazem-nos odiar a vida por uma década, buscar vingança por uma vida inteira. *Ai daqueles que perdoarem tais momentos!*⁴⁶

Após o massacre, que durou quatro dias, houve o silêncio e a paz de um estado de sítio; ruas foram isoladas, e raramente se

depois de 2 de dezembro [de 1848]. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.46.)

⁴¹ Itálicos no original russo.

⁴² Referência ao papel reacionário desempenhado pelos republicanos burgueses, cujo corpo era o jornal *Le National*, no massacre do proletariado parisiense em junho de 1848. Cavaignac foi também membro do *Parti du National*. (Nota do original russo.)

⁴³ Johann Josef Wenzel, Conde Radetsky (1766-1858), general austríaco que serviu contra os turcos e Napoleão. Posteriormente, comandante-em-chefe das tropas austríacas na Itália, responsável pela supressão da revolução de 1848. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.46.)

⁴⁴ Conde Ivan Fedorovich Paskevich (1782-1856). General russo. Distinguiu-se em Austerlitz. Lutou contra os persas e turcos; suprimiu o levante polonês de 1831 com grande brutalidade. Conduziu o exército russo que auxiliou a Áustria contra a Hungria em 1849. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.47.)

⁴⁵ Louis-Eugène Cavaignac (1802-57), general das simpatias republicanas. Convocado à França em 1848, foi eleito membro da Assembleia Nacional e constituído em Ministro da Guerra. Incumbido da supressão do levante de junho. Concorreu, sem sucesso, como candidato à Presidência contra Louis-Napoleon. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.47.)

⁴⁶ Itálicos no original russo.

via alguma carruagem. A altiva Guarda Nacional, com uma raiva feroz e com uma obstinada crueldade, cuidava de suas lojas, ameaçando os transeuntes com chutes nos fundilhos e baionetas. As multidões exultantes dos bêbados da *Garde Mobile* patrulhavam ao longo das avenidas, cantando “*mourir pour la patrie*”⁴⁷. Garotos de dezesseis, dezessete aos jactavam-se de exibir o sangue de seus irmãos, endurecido em suas mãos. Para eles, as burguesas das lojas jogavam flores, após saírem correndo detrás de seus balcões para saudar os vencedores. Cavaignac levou em sua carruagem um monstro ou dois que matou dezenas de franceses. A burguesia triunfou. Mas as casas do subúrbio de Saint-Antoine ainda estavam fumegando; suas paredes, destruídas por balas, caindo em pedaços; o interior de seus quartos, expostos como feridas de pedra... móveis quebrados apodrecendo em pilhas; cacos de seus espelhos quebrados, cintilando, espalhados pelos destroços e ruínas. Mas onde estão seus proprietários, seus inquilinos? Sobre eles, ninguém deu consideração... aqui e ali havia homens ciscando areia pelas ruas, mas o sangue continuava a jorrar... Ninguém era autorizado a se aproximar do *Panthéon*, que estava totalmente cravejado com balas; tendas eram erigidas nas avenidas; cavalos roíam as bem cultivadas árvores dos *Champs Élysées*; feno, armaduras e selas de cavalaria permaneciam espalhadas pela *Place de La Concorde*; [nos *Jardin des*] *Tuileries*, soldados coziam suas sopas próximos rente às grades. Paris não presenciava isso desde 1814.⁴⁸

Uns poucos dias se passaram – e Paris começou a retomar sua aparência costumeira, com multidões ociosas novamente descansando nos bulevares, senhoras elegantes desfilando em

⁴⁷ Essas palavras fazem alusão ao coro “Canção dos Girondinos”, da peça de Alexandre Dumas (pai) e Auguste Macke “*Chevalier de Maison-Rouge*”, escrita em romance por Dumas e encenada pela primeira vez em Paris no *Théâtre Historique*, em 1847, numa segunda edição da série “cardas da Avenida Marigny. Herzen escreveu que não sabia se esse drama era “ou repugnante, ou chato ou medíocre”. As palavras do coro foram emprestadas das obras do autor de *La Marseillaise*, Rouget de Lille – “Roland à Roncevaux”. A ele também pertence a melodia do refrão. O resto das “Canções dos Girondinos” foi composta por Varna, maestro do *Théâtre Historique*. Esta canção era muito popular entre a classe média de Paris, pouco antes da revolução de 1848 e, especialmente, durante a revolução. Ela foi apelidada de “a segunda *Marseillaise*”. (Nota na versão russa.)

⁴⁸ Isto é, nos dias após a derrota de Napoleão I, Paris foi ocupada pelas tropas do imperador russo e do rei da Prússia. (Nota na versão russa.)

carruagens e *cabriolets*, contemplando as ruínas das casas e os vestígios de uma luta desesperada. Apenas as patrulhas frequentes e os rebanhos de prisioneiros lembravam os dias terríveis. Somente então o passado pode se tornar mais nítido. Em algum trecho, Byron dá a descrição de uma batalha noturna; seus detalhes mais sangrentos são ocultos pela escuridão; mas ao amanhecer, muito tempo depois de a batalha ter cessado, podem ser vistos seus restos, uma adaga, as roupas manchadas de sangue. Eis que tal amanhecer estava doravante raiando sobre as almas, expondo a terrível devastação. Metade de nossas esperanças, metade de nossas convicções foram assassinadas, e ideias de negação e desespero vagavam nas mentes e fincaram raízes. Nós supúnhamos impossível que em nossas almas, que tantos suplícios já enfrentaram em meio ao ceticismo moderno, tivessem ainda tanto de si para ser destruído.

Depois de tais convulsões a pessoa não permanece a mesma, existindo à maneira que era. Ou sua alma se torna ainda mais religiosa, apegando-se com desesperada obstinação às suas convicções, consolando-se mesmo com a mais profunda falta de esperança, e fazendo com que o homem floresça novamente, apesar de chamuscado pelo relâmpago e de carregar a morte no seu coração; ou ele corajosa – embora relutantemente – suplicia sua última esperança, tomando-se cada vez mais sóbrio, e não tenta reter a menor das folhas verdes de seus galhos, que o vento cortante do outono leva embora.

O que é melhor? Muito difícil responder.

Uma coisa leva à felicidade da loucura.

Outra, à infelicidade do conhecimento.

Escolha por si mesmo. Uma solução é extremamente confortável, porque nulifica todas as coisas. A outra não te dá qualquer conforto, mas te oferece muito. Vou preferir o conhecimento, e deixar-me privar de minha última consolação. Vou vaguear como um mendigo moral pelo vazio, mas as esperanças infantis de adolescente não de ser desenraizadas. Que tenham seu fim no cadafalso da razão incorruptível!

Dentro de cada pessoa há um tribunal revolucionário permanente, um impiedoso Fouquier de Tinville⁴⁹, e, mais

⁴⁹ “Antoine Quentin Fouquier de Tinville (1746–1795) foi o procurador que atuou durante os períodos da Revolução Francesa e do Reinado do Terror. Sua atividade durante esses períodos lhe granjeou a reputação de uma das mais sinistras personagens da Revolução. Em seu ofício como procurador, regia-se pela necessidade de demonstrar uma aparência de embasamento legal em

importante, há uma guilhotina. Às vezes, o juiz cochila, e a guilhotina fica enferrujada, e então, sorratamente, tudo o que é falso, obsoleto, romântico e fraco se levanta, até que repentinamente um golpe selvagem acorda o sonolento tribunal e o carrasco adormecido, e uma violência brutal toma lugar. Ficam acorrentados ao passado os pequenos atos de misericórdia, as pequenas concessões, a compaixão, e seus grilhões são deixados intactos. Não há escolha: ou se vai para a carnificina e arca com as consequências, ou se perdoa e fica vacilando em meio ao caminho.

Quem não se lembra de sua própria novela com lógica, quem não se recorda de como a primeira semente de dúvida pairou sobre sua própria alma, do primeiro e corajoso inquérito realizado – e como essa dúvida cresceu mais e mais, até que atingiu as possessões mais sagradas de sua alma? Esse é o terrível tribunal da razão. Condenar e executar crenças à morte não é tão fácil quanto parece; é difícil romper com pensamentos e conceitos com que crescemos, com que fomos acostumados, pensamentos que nos confortaram e consolaram; sacrificá-los parece ingratidão. Sim, mas nesse ambiente de tribunal judicial não há gratidão, não se conhece sacrilégio, e se a revolução, como Saturno, devora seus próprios filhos, imediatamente nega sua ação ignóbil, assim como Nero, que mata sua própria mãe para romper com seu próprio passado. Os homens têm medo de sua própria lógica, e convocam a Igreja, o Estado, a família, a moralidade, o bem e o mal para confrontar o julgamento de sua lógica, para depois tentar salvar os fragmentos do que sobrou. Tendo repudiado o Cristianismo, apegam-se à imortalidade da alma, ao idealismo, à Providência... Pessoas que haviam convivido em harmonia se separam, umas para a direita, outras para a esquerda. Outras, simplesmente desistem no meio do caminho e permanecem como marcos, demonstrando o quanto se realizou; outros simplesmente alijam-se das últimas cargas do passado e corajosamente avançam mais leves. Na passagem do velho mundo para o novo, não se pode levar nada consigo...

questões essencialmente políticas, ao invés de buscar estabelecer real e concretamente a culpa [ou inocência] dos seus acusados. Era reconhecido pelo seu implacável radicalismo. Ele encontrou seu próprio destino ao ser sentenciado à guilhotina, junto com outros condenados, depois de um julgamento que durou quarenta e um dias. (**Antoine Quentin Fouquier de Tinville** in BRITANNICA. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/biography/Antoine-Quentin-Fouquier-Tinville>>. Acesso em 11 fev 2020.

A Razão é, assim como é a Convenção, impiedosa, severa, não poupa ninguém e inexorável, e traz até mesmo o Ser Supremo ao banco dos réus. A Teologia do Bom Rei certamente há de conhecer seu 21 de janeiro.⁵⁰ Este processo, como o de Louis XVI, é a pedra de toque para os Girondinos. Tudo o que é fraco e titubeante, ou corre e foge, ou mente; ou não vota, ou vota sem convicção... Enquanto isso, as pessoas que proferiram a sentença pensam que depois da execução do rei não há mais nada executar, e que a partir de 22 de janeiro a República está completa e feliz. Como se a existência do ateísmo fosse o suficiente para abolir a religião, assim como se fosse suficiente matar Louis XVI para abolir a monarquia! Há uma surpreendente semelhança entre a fenomenologia do Terror e a da lógica. O Terror se inicia após a execução do Rei, e depois dele aparecem no cadafalso os nobres jovens da Revolução, brilhantes, eloquentes, fracos. Sinto muito por eles, mas não podem ser salvos, e suas cabeças caíram e foram seguidas pela cabeça leonina de Danton, e a da “namoradina mimada” da Revolução, Camille Desmoulins.⁵¹ Mas agora, exatamente agora, já acabou tudo? Não, agora é a vez dos incorruptíveis carrascos⁵², que não de ser executados por terem acreditado na possibilidade de democracia na França, por terem, eles mesmos, executado pessoas em nome da igualdade, sim, executado como Anacharsis Cloots⁵³, que sonhava com uma irmandade de nações, poucos dias antes da era de Napoleão, poucos anos antes do Congresso de Viena.

⁵⁰ Louis XVI foi executado por ordem do Tribunal Revolucionário de 21 de Janeiro de 1793. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.50.)

⁵¹ Camille Desmoulins (1792 - 1794). Uma das mais brilhantes revolucionárias francesas, inspirada pelo ideal da república clássica. Aliou-se primeiro a Mirabeau, e depois a Danton. Protestou contra os excessos do Terror, e foi executada com Danton, em 30 de março de 1794. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.51.)

⁵² Herzen se refere aos jacobinos (Robespierre, Saint-Just *et al.*), deposto no Golpe de Termidor de 27 de julho de 1794 e guilhotinado em 28 de julho de 1794. (Nota na versão russa.)

⁵³ Jean Baptiste Cloots (1755 - 1794). Um barão alemão, que concebeu a ideia de um Estado mundial, tendo Paris por capital. Assumiu o nome de Anacharsis e viajou pela Europa pregando a sua doutrina. Apoiou a Revolução Francesa, e foi eleito deputado depois dos massacres de setembro, e votou favoravelmente à execução do rei. Denunciado por Robespierre como aristocrata e ateu, foi executado em 23 de março de 1794. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.51.)

O mundo não será livre até que tudo o que for religioso e político se transforme em algo mais humano, mais simples, objeto passível de crítica e negação. A Lógica, quando madura, odeia verdades canonizadas, ela as reduz de sua categoria angélico ao *status* humano, e converte seus mistérios sagrados em verdades óbvias. Nada há que lhe seja sacrossanto, e se a própria República se arroga aos mesmos direitos da Monarquia, ela há de desprezá-la assim como desprezou a Monarquia – não, há de desprezá-la ainda mais. A Monarquia não tem sentido, é mantida pela força, ao passo que a palavra ‘república’ faz o coração bater mais forte. A Monarquia é, ela mesma, uma religião; mas a República não tem cláusulas místicas de salvação, nem Direito Divino, e posiciona-se ao mesmo nível de todos nós. Não basta desprezar a coroa, deve-se desistir de prestar respeito ao barrete frígio⁵⁴; não basta desconsiderar *lèse majesté* como crime, deve-se considerar também o *salus populi* como passível de ser algo criminoso.

É tempo de o homem levar a República a Juízo, juntamente com a sua legislação, o sistema representativo, e todos os nossos conceitos de cidadania, das relações dos cidadãos entre si e com o Estado. Haverá ainda muitas execuções; entes próximos e queridos terão de ser sacrificados – meramente sacrificar o detestável não é problema. Esta é toda a questão: se havemos de entregar o que nos é caro se não estamos convencidos da verdade. Essa é nossa verdadeira tarefa. Não fomos chamados para ser colheitadores, mas para sermos os algozes do passado, para executá-lo, para persegui-lo, para destruí-lo, para reconhecê-lo em todos os seus aspectos e imolá-lo como oferta para o futuro. Se o passado é realmente triunfante, que nós o matemos nas ideias, nas convicções, em nome do pensamento humano. Não há ninguém a se fazer concessões – o tricolor das concessões já está manchado demais⁵⁵ – o sangue de junho não

⁵⁴ O barrete frígio é um tipo de touca usada por antigos moradores da Frígia, na Ásia Menor, onde hoje é a Turquia). Foi adotado pelos revolucionários franceses que lutaram pela tomada da Bastilha em 1789. Essa touca se tornou símbolo do regime republicano francês. **Phrygian cap**, in BRITANNICA. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/art/Phrygian-cap>>. Acesso em 11 fev 2020.

⁵⁵ O Estado Francês adotou bandeira tricolor após a Revolução de Fevereiro de 1848, apesar dos protestos do proletariado, que a considerava um símbolo do Estado burguês de 1789. No entanto, como uma concessão para as massas que exigiam a bandeira vermelha, a bandeira tricolor era instalada com a faixa vermelha rente ao mastro. (Nota na versão russa.)

há secar por muito tempo. E quem há, de fato, a ser poupado? Todos os elementos, ao se desintegrarem, revelam-se em todo seu patético absurdo, em toda a sua hedionda insanidade. O que você respeita? Um governo popular – ou o quê? Por quem você lamenta? Por Paris, talvez?

Durante três meses os homens eleitos por sufrágio universal, os deputados escolhidos da terra de França, não fizeram *nada*⁵⁶, e de repente se elevaram acima de todos para mostrar ao mundo um espetáculo sem precedentes: oito mil pessoas agindo como um só vilão, como um monstro. O sangue corria em rios, e eles não puderam encontrar nem uma palavra de amor ou de reconciliação; tudo o que havia de generoso e humano foi afogado em clamores de vingança e indignação; a voz de Affre⁵⁷, silenciada por sua morte, não podia tocar o coração desse Calígula de muitas cabeças, desse Bourbon transformado em moedinhas baratas de cobre⁵⁸. Fiam-se na Guarda Nacional, em assassinos de homens desarmados. Senart derramou-se em bênçãos sobre Cavaignac, e Cavaignac, por sua vez, derramou-se em lágrimas patéticas, tendo realizado todas as vilanias que lhe foram solicitadas pelos dedos acusadores desses representantes. Mas uma minoria sinistra jazia à espreita. A Montanha se escondeu atrás das nuvens, agradecida por não ter sido executada ou deixada para apodrecer nos porões das cadeias⁵⁹ – silenciosamente ela contemplou o desarmamento dos cidadãos, os decretos de deportação, o encarceramento de seres

⁵⁶ Falando de três meses de inatividade da Assembleia Constituinte, Herzen cometeu um erro: as eleições para a Assembleia Constituinte ocorreram em 23 de abril de 1848, dois meses antes dos dias de junho. (Nota na versão russa.)

⁵⁷ Denis-Auguste Affre (1793-1848). Arcebispo de Paris. Morto nas Jornadas de Junho enquanto tentava persuadir os soldados a parar de lutar. (Segundo nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.52. Conforme a nota na versão russa, Affre foi morto por um tiro disparado a partir das fileiras das tropas do governo.)

⁵⁸ Referência à sugestão da Assembleia Constituinte burguesa para que se fornecesse a Cavaignac poderes ditatoriais para suprimir a insurreição proletária de Junho, em Paris. Chamando a Assembleia Constituinte de “Bourbon transformado em moedinhas baratas de cobre” (“размененного на медные гроши” ou “Bourbon turned into small change”, cf. Moura Budberg), Herzen queria enfatizar que os oitocentos membros da Assembleia Constituinte eram a personificação do velho absolutismo. (Nota na versão russa.)

⁵⁹ O Partido da Montanha, durante os acontecimentos revolucionários de 1848-1850, era o representante dos pequeno-burgueses republicanos, liderados na Constituinte, e depois na Assembleia Legislativa, por Ledru-Rollin. (Nota na versão russa.)

humanos por quaisquer motivos – por não ter atirado contra seus irmãos.

O homicídio, naqueles dias, se tornou um dever; o homem que não tivesse mergulhado suas mãos no sangue proletário se tornava suspeito aos olhos da burguesia... Pelo menos, a maioria tinha a coragem para ser vilão, à exceção desses patéticos amigos do povo, os retóricos, os de coração vazio!... Apenas um único lamento destemido, um único brado de indignação foi levantado, mas não no interior da Câmara. A sombria maldição do ancião Lamennais⁶⁰ permanecerá sobre as cabeças dos desalmados canibais, e há de cauterizar com as letras da vergonha a testa dos covardes que, tendo pronunciado a palavra *república*, se assustaram com o seu verdadeiro significado.

Paris! Por quanto tempo esse nome brilha como uma estrela guia de povos? Quem não a ama, quem não se curva perante ela? Mas o seu tempo já passou. Fora com ela! Nos dias de junho ela deu início a uma querela que ela sabe não ter poder para solucionar... Paris envelheceu, e sonhos juvenis não mais correspondem a ela. A fim de apimentar seus dias, ela necessita de levantes de poder, dias de São Bartolomeu, dias de Setembro⁶¹... Mas se os horrores de Junho não lhe renovaram a vida – onde, então, o decrepito vampiro irá encontrar sangue novo, sangue de justos, sangue que em 27 de junho refletiu as luzes dos postes das ruas, acendidas por exultantes burgueses⁶²? Paris gostou de brincar com soldados: de um soldado sortudo, ela fez um Imperador; a uma sucessão de atos criminosos, ela chamou de vitória; erigiu estátuas; quinze anos mais tarde, ela

⁶⁰ Após a Rrevolução de fevereiro Lamennais fundou o jornal *Le Peuple Constituant*. “Sombria Maldição” foi o título de um editorial do último número do jornal, onde Lamennais condenou o massacre brutal dos insurgentes de junho. Este foi o motivo para o fechamento do jornal, por Cavaignac. Cf. carta de Herzen aos amigos em Moscou, de 2-8 de agosto de 1848. (Nota na versão russa.)

⁶¹ No início de setembro de 1792, em Paris, ocorreram assassinatos em massa de prisioneiros contrarrevolucionários [embora majoritariamente de prisioneiros comuns, tomados no frenesi da matança], decorrentes do temor de que os contrarrevolucionários receberiam apoio do exército prussiano para retomada da Capital. (Nota na versão russa.)

⁶² Até 27 de junho a revolta dos proletários de Paris foi suprimida. Em honra à vitória de Cavaignac, foi organizada a iluminação [das ruas] de Paris. (Nota na versão russa.)

novamente coloca a figura filistina do Pequeno Cabo num pilar⁶³; ela trasladou os restos mortais do restaurador da escravidão com espanto reverente. Ainda agora ela espera encontrar em soldados a salvação contra [as forças] da liberdade e igualdade: convocou hordas de africanos selvagens contra seus irmãos, de modo a não compartilhar nada com eles, os matou com as mãos cruéis de assassinos sem qualquer remorso. Que ela arque com as consequências de seus negócios e de seus erros... Paris executada sem julgamento... o que há de vir desse sangue? Quem sabe? Mas o que quer que suceda, é suficiente que nessa fúria de vingança, discórdia, retaliação, o mundo pereça, o mundo em que o novo homem não pode nem respirar nem viver, em que o futuro é obstacularizado. Isso é bom. Assim sendo, longa vida ao caos e à destruição! *Vive la mort!* E que o futuro triunfe!

Paris

24 de julho de 1848.

⁶³ Herzen está se referindo à coluna Vendôme, em Paris, erguida em memória da vitória de Napoleão I, em 1806. No topo da coluna estava uma estátua de Napoleão I, destruída em 1814 e posteriormente restaurada, em 1833.

III

ANO LVII DA REPÚBLICA, UNA E INDIVISÍVEL

Ce n'est pas le socialisme, c'est la république!
Ledru-Rollin (Discurso no *Châlet*, 22 de outubro de 1848).⁶⁴

Há poucos dias atrás, celebrou-se o 1º de *vendémiaire* do 57º ano. No *Châlet* dos *Champs-Élysées* reuniram-se todos os aristocratas, todos os ilustres membros da Assembleia. Ao fim do jantar, Ledru-Rollin⁶⁵ proferiu um brilhante discurso. Seu discurso, cheio de rosas vermelhas para a República e espinhos agudos para o governo, foi um grande sucesso, realmente merecido. Quando ele terminou, muitos bradaram “*Vive La République démocratique!*”. Todos se levantaram, solenemente, com cabeças descobertas, e cantaram *La Marseillaise* em uníssono. As palavras de Ledru-Rollin, os acordes das queridas canções de libertação, junto com as taças de vinho, animaram todas as faces. Todos os olhos estavam ardentes, e tanto mais porque nem tudo o que estava vagando nos pensamentos estava nos lábios. O

⁶⁴ “Isso não é socialismo, isso é a República!” Discurso pronunciado em homenagem ao 57º aniversário da proclamação da República na França, ocorrido em 22 de setembro de 1792, ou 1º de *vendémiaire*, segundo o calendário republicano. Herzen indica erroneamente a data de 22 de outubro. (Nota na versão russa.)

⁶⁵ Alexandre-Auguste Ledru-Rollin (1808-1874), advogado e político, um dos líderes da oposição republicana sob Louis-Philippe. Eleito Ministro do Interior no Governo Provisório de Fevereiro de 1848. Destituído do poder após as jornadas de Junho. Tentou o *impeachment* de Louis Napoléon em maio e junho de 1848. Escapou após a insurreição subsequente, em 15 de junho. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.55.)

rufar dos tambores desde o acampamento nos *Champs-Élysées* lembrava que o inimigo estava perto, e que o estado de sítio e a ditadura de um soldado⁶⁶ continuavam.

A maioria dos convidados eram pessoas que estavam no auge da vida, mas com experiência suficiente para saber seduzir pessoas na arena política. Eles conversavam entre si alto e ardentemente. Quanta energia, coragem e nobreza de caráter há no francês quando os bons atributos característicos a sua nacionalidade não foram sufocados, quando esses atributos foram poupados do ambiente superficial e sujo da esquálida atmosfera filistina⁶⁷ que infecta a França inteira como uma praga de algas estagnadas! Que expressão corajosa e resoluta guardam em suas faces, que espontaneidade para materializar palavras em ações, para se atirar à batalha, para enfrentar as balas do inimigo, para matar ou se oferecer à morte! Eu os venho observando já por longo tempo, mas pouco a pouco, uma tristeza insuportável, nascida do fundo de minha alma, tomou conta de mim e me pesa profundamente, tornando-me desesperadamente triste por causa desse punhado de gente – nobres, leais, inteligentes, talentosos, a fina flor, talvez, dessa nova geração... Não pense que eu fiquei triste por eles, porque talvez eles não estivessem vivos até o 1º de Brumário, ou ao 1º de Nivôse do ano de 57; ou porque talvez dali a uma semana estivessem mortos nas barricadas, perdidos nas galés, em deportação, ou na guilhotina; ou ainda, segundo a nova moda, abatidos à bala com as mãos amarradas, para depois serem lançados em algum canto da *Place Du Carrousel* ou em outras paragens distantes. Tudo isso teria sido muito triste, mas nada era a causa da minha tristeza. Essa causa era mais profunda.

Em verdade, a minha tristeza por eles surgiu devido à sua enganosa e consciente crença em irrealidades, por sua ardente e pura esperança no mesmo sonho irreal de cavalheirismo de Don Quijote. Eu lamentei por eles assim como um médico que se compadece por um doente terminal que não sabe da doença que carrega em seu peito. Quanto sofrimento moral aguardava esses homens em suas vidas! Eles haveriam de lutar como heróis,

⁶⁶ Com essas palavras, Herzen enfatizava o papel do governo Cavaignac antes da eleição presidencial de 10 de dezembro de 1848 como “o chefe do executivo da República Francesa”. (Nota na versão russa.)

⁶⁷ A expressão “filistino” se refere ao espírito burguês. Moura Budberg a traduziu como “*squalid bourgeois atmosphere*” – “esquálida atmosfera burguesa”. (*Op. cit.*, p. 56.)

haveriam de labutar por todas as suas vidas e não haveriam de alcançar absolutamente nada com isso! Haveriam de dar seu sangue, sua força, suas vidas, e quando envelhecessem iriam perceber que nada nasceu de seus labores, que eles efetivamente não realizaram o que desejavam, e muito menos aquilo que deviam. Haveriam de morrer com a desilusão amarga de um homem que não é culpado ou – ainda pior – haveriam de cair na infantilidade e, como agora, esperar dia a dia uma enorme mudança, o estabelecimento de *sua*⁶⁸ república – confundindo as agonias da morte com as dores de parto. A República – como *eles*⁶⁹ a concebem – é uma abstração irrealizável, fruto de especulações teóricas, a apoteose da ordem estatal existente, a mera transformação do *que já existe*⁷⁰; sua república é o último sonho, o delírio poético do velho mundo. Nesse delírio há algo de profecia, mas profecia relativa à vida além-túmulo, vida numa época futura. Isto é o que não consigo entender: esses homens do passado, apesar de todo o seu temperamento revolucionário, permanecem radical e umbilicalmente atados ao velho mundo. Isto é o que eles são – pessoas do passado, apesar de seu caráter revolucionário, permanecem umbilicalmente associados ao velho mundo em corpo e alma. Eles imaginam que este decrepito mundo pode, como Ulisses, recobrar sua juventude – sem perceber que a realização de sua república haveria de matá-la instantaneamente; eles não reconhecem que não há nada mais violentamente contraditório do que seu ideal e a ordem existente, que é necessário que um precisa morrer para que o outro possa viver. Eles não conseguem abandonar as velhas formas; consideram-nas como limites eternos e, portanto, o seu ideal é apenas o nome e a cor do futuro mas, em essência, pertence ao passado e definitivamente não o repudia.

Por que eles não tomam ciência disso?

Seu erro fatal foi que, extasiados por um nobre amor ao próximo, à liberdade, enlevados por impaciência e indignação, eles atiraram-se à tarefa de libertarem as pessoas ao invés de, em primeiro lugar, se libertarem a si próprios. Encontraram energias para romper os pesados grilhões de ferro, sem perceberem que as paredes da prisão permaneceram intactas. Eles querem deixar as paredes intactas, para lhes atribuir uma

⁶⁸ Itálicos na tradução inglesa, p. 56.

⁶⁹ Itálicos na tradução inglesa, p. 57.

⁷⁰ Idem, ibidem.

finalidade diversa, como se o projeto arquitetônico de uma prisão pudesse ser adaptado para uma vida livre.

O velho mundo católico-feudal passou por todas as reformas possíveis de serem implementadas, desenvolveu-se em todas as facetas de si mesmo, tanto as mais elegantes quanto as mais odiosas, manifestou-se em todas as verdades e mentiras em que consistia. Por fim, ele esgotou-se. Pode ainda permanecer por longo tempo, mas não pode mais ser atualizado. A consciência social que ora se desenvolve em seu próprio seio é tal que cada passo para implementar sua ideologia representa sua fuga deste mesmo mundo. Fuga! Eis a questão! Para onde fugir? O que resta além de suas paredes? O medo, que cobra seu preço – vazio, vastidão, insegurança... Como alguém pode caminhar sem saber por onde anda, como alguém pode desistir de algo sem efetivamente saber o que possui? Se Colombo tivesse suscitado essas arguições, jamais teria alçado suas âncoras. Era insanidade lançar-se ao oceano, sem saber seu curso – num oceano em que ninguém jamais navegara – e ir para um país cuja existência era uma incógnita. Com esse ato de loucura, ele descobriu um novo mundo. Obviamente, se as nações sempre se deslocassem de um quarto mobiliado de Hotel para outro – e sempre para um melhor – as coisas poderiam ser melhores, mas o problema é que não há ninguém para arrumar os novos quartos. O futuro é pior do que o oceano – não há nada lá. Será aquilo que os homens e as circunstâncias fizerem.

Se você estiver satisfeito com o velho mundo, que tente preservá-lo. Mas saiba que ele está muito frágil, e não pode se manter firme diante de choques como o de 24 de fevereiro. Mas se você considerar insuportável viver nesse estado perpétuo de conflito entre as crenças e a vida prática, a pensar uma coisa e fazer outra, que saia das abóbadas medievais caiadas de seu claustro e assuma as consequências. A coragem e a audácia são, por vezes, superiores a toda a sabedoria. Eu sei muito bem que isso não é fácil; não é brincadeira para um homem desistir de tudo com que está acostumado desde o dia de seu nascimento, tudo aquilo que o cercava enquanto crescia. As pessoas de quem falamos estão preparadas para sacrifícios terríveis – mas não para os que são exigidos por uma vida nova. Estão eles dispostos a sacrificar a civilização moderna, seu modo de vida, sua religião, sua convencional e cômoda moralidade? Estão eles dispostos a perder todos os frutos que a civilização produziu com tanta labuta – frutos de que nos jactamos já por três séculos e que nos são

tão caros? Estão eles dispostos a perder todos os confortos e prazeres de nossa existência, para viver numa barbárie juvenil ao invés de numa civilizada senilidade; a trabalhar sobre um solo virgem e em florestas impenetráveis ao invés de em campos esgotados e parques artificiais? Estão eles dispostos a demolir seus castelos ancestrais para terem o prazer participar no lançamento das fundações de uma casa que, sem dúvida, só ficará pronta muito depois de nossos dias? Questões insanas, muitos diriam. Mas seu Cristo as formulou em outras palavras.

Os liberais têm brincado, já por longo tempo, com a ideia de revolução, e o fim da brincadeira foi 24 de fevereiro. O furacão popular os varreu e os levou para o topo da torre de um campanário, de onde podiam eles próprios podiam ver para onde iam e para onde guiavam os outros. Ao contemplarem ao abismo que se abria diante de seus pés eles empalideceram: viram que aquilo que desmoronava não era apenas o que consideravam como preconceito, mas também tudo o que consideravam eterno e verdadeiro. Ficaram tão aterrorizados que alguns se agarraram às paredes que desmoronavam, enquanto outros pararam a meio caminho, arrependidos, e começaram a jurar diante de todos os transeuntes que não era isso o que desejavam. É por isso que as mesmas pessoas que proclamaram a república foram as que se tornaram os algozes da liberdade⁷¹; é por isso que os mesmos nomes, que ressoavam como liberais em nossos ouvidos por anos a fio, são os deputados que hoje ouvimos chamados de retrógrados, traidores e inquisidores. Eles desejam a liberdade, e mesmo o ideal republicano, mas desde que restrito a seu próprio círculo ilustrado; do lado de fora de seu círculo exclusivo, eles se tornam conservadores moderados. Do mesmo modo, os racionalistas, que gostavam de explicar os mistérios da religião, e de divulgar o sentido e a essência dos mitos, não deram consideração a que isso levaria, nem que sua investigação, partindo da ideia do temor de Deus, descambaria no ateísmo, e que suas críticas aos rituais da igreja resultariam na negação da religião.

⁷¹ A maioria dos membros do Governo Provisório, que foi proclamado em 25 de fevereiro de 1848, sob pressão da república e das massas, tornou-se membro da Assembleia Constituinte que forneceu a Cavaignac poderes de emergência para suprimir a revolta do proletariado nas Jornadas de Junho. Isso foi particularmente contrário à natureza revolucionária liberal dos republicanos burgueses. (Nota na versão russa.)

Os liberais de todos os países, desde a Restauração, exortaram o povo à derrubada da ordem monárquica-feudal em nome da igualdade, das lágrimas dos infelizes, para o bem dos oprimidos, dos famintos e dos indigentes; alegraram-se em perseguir ministros com listas intermináveis de demandas impossíveis; alegraram-se com cada derrocada de cada estandarte feudal, uma após a outra e, ao fim disso ficaram tão excitados que se despojaram de seus próprios interesses. Eles caíram em seus sentidos quando, detrás das paredes em ruínas emergiu o proletariado, o trabalhador com seu machado e suas mãos negras, em trapos, famintos e mal vestidos – não como descrito nos livros, nos discursos parlamentares ou no palavreado filantrópico. Este “desafortunado e pobre irmão”, sobre quem tanto se falou, sobre quem tanta piedade foi destilada, finalmente perguntou qual seria seu quinhão em todas essas bênçãos, onde estaria *sua* liberdade, *sua* igualdade, *sua* fraternidade.⁷² Os liberais, horrorizados com a imprudência e a ingratidão do empregado, invadiram as ruas de Paris e as cobriram de cadáveres, e se esconderam de seu *irmão*⁷³ atrás das baionetas da lei marcial em seu esforço de salvar *a civilização e a ordem*⁷⁴!

Eles estão certos, mas são inconsistentes. Pois, se fosse aquele o caso [– manter a civilização e a ordem –] por que diabos tentar enfraquecer a monarquia? Como puderam não perceber que, destruindo o princípio monárquico, a revolução não poderia se deter na mera entronização de outra dinastia? Eles estavam felizes como crianças, por Louis-Philippe não ter chegado a tempo em Saint Cloud, antes que um novo Governo fosse instalado no *Hôtel de Ville*⁷⁵, e porque tudo parecia seguir seu curso normal – embora a própria tranquilidade do golpe deveria

⁷² Itálicos na tradução inglesa.

⁷³ Itálicos no original russo.

⁷⁴ Itálicos no original russo.

⁷⁵ “Por Louis-Philippe não ter chegado a tempo em Saint Cloud, antes que um novo Governo fosse instalado no *Hôtel de Ville*”. Em Saint Cloud – uma cidade perto de Paris, que foi residência de verão de Louis-Philippe – ocorreu sua abdicação em 24 de fevereiro. Como resultado dos acontecimentos revolucionários ocorridos no mesmo dia, na prefeitura da cidade foi formado o Governo Provisório. (Nota na versão russa.) A tradução inglesa verte o trecho da seguinte maneira: “They were as happy as children because Louis-Philippe hadn’t had time to reach St Cloud before there was a new government installed in the Hôtel de Ville and everything appeared to be taking its normal course — although the very smoothness of the upheaval should have opened their eyes to its unreality.”

lhes ter aberto os olhos para sua irrelevância. Os liberais estavam satisfeitos. Mas as pessoas não estavam, e agora levantavam suas vozes e ecoavam as próprias palavras e promessas dos liberais. Mas os liberais, como Pedro⁷⁶, três vezes negaram suas palavras e promessas, e, assim que se deram conta de que a reação popular não era uma piada, começaram a matar. Do mesmo modo como Lutero e Calvino afogaram os anabatistas, como os protestantes repudiaram Hegel, como os Hegelianos repudiaram Feuerbach. Esta é a típica posição dos reformadores em geral: tudo o que eles fazem é demolir os pontões que eles mesmos construíram para que as pessoas usassem para transitar de uma margem à outra. Para eles, não há nada melhor do que o ambiente sombrio da instabilidade constitucional, de não se saber ao certo o que as coisas são. É nesse mundo de logomaquias⁷⁷, discórdias, contradições inconciliáveis, que esses homens fúteis almejam, sem transformá-lo, realizar sua *pia desideria* de liberdade, igualdade e fraternidade.

As formas europeias de cidadania, sua civilização, seus conceitos de bem e mal, são todas muito diversas em sua natureza; evoluíram a partir de outros conceitos desenvolvidos, cada qual, por diferentes necessidades. Até certo ponto, essas formas, como todas as coisas vivas, são mutáveis mas, como todos os seres vivos, são variáveis somente até certo ponto. Um organismo pode ser treinado, pode se desviar de seu propósito original, pode se adaptar às influências exteriores, mas somente até o ponto em que esse desvio não nega a sua própria individualidade, as peculiaridades pessoais que constituem a sua personalidade. Assim que isso ocorre, inicia-se uma luta, que ou o organismo pode ganhar ou perecer. O fenômeno da morte consiste precisamente no fato de que as partes constitutivas do organismo adquirem novas e diferentes finalidades; essas partes não desaparecem, mas a identidade se perde, ao passo que as partes entram em uma nova série de relações e fenômenos muito diferentes das que guardavam anteriormente entre si.

As formas de Estado da França e de outras potências europeias, em sua essência, não são compatíveis com as noções de liberdade, de igualdade, muito menos de fraternidade. Qualquer implementação dessas ideias seria uma negação da

⁷⁶ Segundo a lenda, o apóstolo Pedro prometeu a Cristo não negá-lo, e na noite em que Cristo foi traído por Judas e levado sob custódia, três vezes negou-lhe (Mateus, cap. 26, 69-75). (Nota na versão russa.)

⁷⁷ Disputas sobre palavras. (Nota do tradutor.)

vida moderna europeia, a sua morte. Nenhuma constituição, nenhum governo é capaz de dar ao Estado monárquico feudal verdadeiras liberdade e igualdade sem aniquilar tudo o que é monárquico e feudal nele. A vida europeia, cristã e aristocrata, moldou nossa civilização, nossos conceitos, nosso modo de vida; ela precisa de um ambiente cristão e aristocrata para existir. Esse ambiente poderia se desenvolver em compasso com o espírito de seu próprio tempo, com o grau de educação prevalecente, e ainda preservar sua essência, seja na Roma católica, na blasfema Paris ou na filosofante Alemanha; mas não pode ir mais além sem ultrapassar seus próprios limites. Em algumas partes da Europa as pessoas podem ser mais livres do que em outras, gozar de maior ou menor igualdade entre si, mas não podem ser realmente livres, realmente iguais, enquanto persistir *esta* forma de cidadania, enquanto *esta* civilização sobreviver.⁷⁸ Esse princípio é reconhecido por todos os conservadores inteligentes, e é exatamente por isso que eles têm apoiado a velha ordem com todas as suas forças. Você imagina que Metternich e Guizot não percebem a injustiça da ordem social que os cerca? Mas eles percebem tanto essas injustiças quanto viram como elas estão estrutural e intrinsecamente ligadas ao organismo dessa ordem social, a tal ponto que é necessário apenas um pequeno abalo para que todo o edifício entre em colapso. Percebendo isso, eles próprios se tornaram os guardiões do *status quo*. Os liberais, por sua vez, soltaram as amarras da democracia e ainda assim querem o retorno da velha ordem. Qual dos dois está certo?

De fato, obviamente, todos estão errados – os Guizots, os Metternichs e os Cavaignacs. Todos eles cometeram atrocidades por causa de um propósito imaginário: eles oprimiram, assassinaram, derramaram sangue, tudo para se atrasarem a sua própria morte. Nem Metternich com sua mente, nem Cavaignac com seus soldados, nem os republicanos com sua falta de compreensão, podem parar a sequência de eventos que se sucedem de modo tão implacável e veloz. Apesar disso, ao invés de oferecer alguma ajuda, eles espalham cacos de vidro pelo caminho que as pessoas passarão. Assim, lhes será mais penosa e difícil a caminhada: certamente não de cortar os pés, mas passarão de qualquer maneira. O poder das ideias socialistas é grande, especialmente desde que o verdadeiro inimigo passou a compreendê-las, o inimigo *de jure* da ordem civil existente – o

⁷⁸ Itálicos no original russo.

trabalhador proletário, que tem ceifado todas as amarguras dessa forma de vida, e que tem sido alheado de todos os seus bons frutos. Nós, por nossa parte, podemos lamentar sobre a velha ordem; mas quem deveria se lamentar sobre ela, senão nós mesmos? Ela só era boa para nós, que nela crescemos, onde éramos os filhos preferidos! Admitimos que ela deva morrer, mas não podemos conter nossas lágrimas. Mas as massa, esmagadas pelo peso da labuta, esgotadas pela fome, estupidificadas pela falta de escolas, o que elas terão para chorar no funeral deste velho mundo? Elas não foram convidadas para o banquete da vida, como disse Malthus⁷⁹, e sua *subjugação*⁸⁰ era uma condição necessária de nossas vidas.

Toda a nossa educação, nosso desenvolvimento literário e científico, nosso amor à beleza, todos os nossos assuntos pressupõem um ambiente constantemente limpo por *outras pessoas*, servido por *outras pessoas*. O trabalho de *outras pessoas* é essencial para garantir que nós tenhamos tempo para nos entregarmos ao lazer necessário ao nosso desenvolvimento mental, aquele típico lazer, aquele típico ócio que propicia ao filósofo a possibilidade de se concentrar, ao poeta a possibilidade de sonhar, ao epicurista a possibilidade de se deleitar consigo mesmo, que promove o exuberante, luxurioso, poético e caprichoso desenvolvimento de nossas personalidades aristocráticas.

Quem não conhece o frescor de espírito criado pelo despreocupado estado de contentamento? O tipo de pobreza que produz um Gilbert⁸¹ é uma exceção. A pobreza distorce assustadoramente a alma do homem, não menos que a riqueza. As ansiedades com as necessidades materiais têm o condão de esmagar nossas capacidades. Mas pode esse estado de contentamento estar ao alcance de todos na vida civil moderna? Nossa civilização é a civilização de uma minoria, que só possível pela existência de uma maioria proletariada. Eu não sou um

⁷⁹ “não foram convidadas para o banquete da vida, como diz Malthus” -- Esta ideia foi expressa por Malthus na primeira edição de seu livro "Ensaio sobre o Princípio da População", publicado anonimamente em 1798. (Nota na versão russa.)

⁸⁰ Itálicos no original russo.

⁸¹ Nicolas-Joseph-Laurent Gilbert (1751-1780), poeta francês, de quem se diz tradicionalmente ter morrido em grande pobreza, embora, na verdade, tenha morrido em consequência de uma queda de cavalo. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.63.)

moralista, e muito menos uma pessoa sentimental, acredito mesmo que se, no passado, a minoria realmente gozava à vontade de boa vida e a maioria permaneceu calada, então sua forma pretérita de vida se justifica. Eu não tenho nada a lamentar pelas vinte gerações de alemães que se perderam para tornar Goethe possível, e alegro-me que as rendas de Pskov criaram a oportunidade de se suscitar Pushkin. A natureza é implacável: assim como a notável árvore, ela é tanto mãe e madrastra. Ela não se importa com o fato de dois terços de suas criaturas alimentarem o outro terço, desde que este se desenvolva. Se não é possível que todos vivam bem, que pelo menos alguns poucos vivam, ou que apenas um – à custa dos outros – tenha uma vida plena e tranquila. Somente nesta perspectiva é possível entender a aristocracia. Pois aristocracia é, na realidade, uma forma mais ou menos educada de antropofagia: um canibal que come seu próprio escravo; um proprietário que obtém um aluguel vultoso por seu patrimônio; um fabricante de produtos que se enriquece a custa da miséria de seus funcionários; tudo isso representa apenas uma modificação da mesma forma de antropofagia. Não obstante, estou pronto para defender a antropofagia na sua forma mais crua: se uma pessoa vê a si mesmo como um prato e outra está disposta a comê-lo – deixe-a ser comida. Elas se merecem – uma, a comedora de gente, e a outra, a iguaria.

À medida que uma minoria educada, parasitária de todas as gerações anteriores, não questionava por que era tão fácil viver; à medida que também uma maioria, que trabalhava dia e noite, sequer indagava por que era privada dos frutos de seu labor; e, ainda, à medida que ambas, minoria e maioria, pensavam ser essa a ordem natural das coisas, o sistema antropofágico pôde sobreviver. As pessoas muitas vezes confundem preconceção ou hábito com a verdade das coisas, e nesse caso não se sentem incomodadas. Contudo, uma vez percebem que sua verdade é, realmente, mero absurdo, então tudo está acabado: dali para frente, somente por força de coação a pessoa pode ser compelida a fazer o que considera ser ridículo. Tentar instaurar dias de jejum sem fé? Fora de questão. Assim como uma pessoa pode considerar insuportável comer comida de Quaresma, um crente considerara inaceitável comer carne durante esse período.

Uma vez que o trabalhador não quer mais trabalhar para outra pessoa – eis o fim do canibalismo, o fim da aristocracia. Esse momento foi postergado simplesmente porque os trabalhadores nunca contaram suas próprias forças, e porque os camponeses

estão atrasados em sua educação. Deixe-os unir suas forças, e que a aristocracia dê adeus ao seu tempo de lazer, ao seu luxo, à sua civilização. Então a maioria não mais poderá ser gasta para produzir a vida de luz e brilhos da minoria. No campo das ideias, acabou a exploração do homem sobre o homem, pois ninguém mais considera justa essa relação.

Como pode este mundo sobreviver a uma sublevação social? Em nome de quê iria se defender? A religião está enfraquecida, o princípio monárquico perdeu sua credibilidade. Ele é mantido pelo medo e pela violência. O princípio democrático é o câncer que o devora desde seu íntimo.

Torna-se cada vez mais comum uma congênita, opressiva e exaustiva aversão à própria vida, assim como tentativas frenéticas e espasmódicas de se escapar desse sentimento. A própria vida se tornou miserável para todos – este é, em si, um grande sintoma.

Onde está a tranquila e contemplativa vida de estudos das artes e ciências que os alemães viviam? Onde está o turbilhão de diversão, bom humor, liberalismo, elegância e música em que Paris circulava? Tudo isso é passado e memória. O último esforço para recompor o velho mundo a partir de suas próprias forças falhou.

Tudo murcha e se torna insignificante nesse solo exausto – sem talento, sem poder criativo, sem força de pensamento – sem força de vontade. Este mundo já ultrapassou a era de sua glória. O tempo de Schiller e Goethe mora no passado, assim como o tempo de Raphael e Bonarroti, Voltaire e Rousseau, ou o tempo de Mirabeau e Danton. A brilhante era da indústria acabou, assim como a brilhante era da aristocracia antes dela. Todos se empobrecem, e ninguém mais se torna rico! O crédito está no fim, e as pessoas labutam de um dia a outro. A vida se torna cada vez menos elegante e graciosa. As pessoas fecham-se em si mesmas, amedrontadas, e vivem como lojistas; os hábitos da pequena burguesia se tornam universais. Ninguém se estabelece definitivamente; tudo é temporário, emprestado, instável. Este é um momento difícil, o mesmo que pesou sobre as pessoas no Século III, quando os próprios vícios da antiga Roma se perderam, quando os imperadores se tornaram preguiçosos e as legiões se aquietaram. Enérgica e incessantemente as pessoas sofreram esse tormento, até que fugiram em bandos para

qualquer lugar – ao deserto da Tebaida⁸², espalhando sacos de ouro em praças públicas e abandonando para sempre sua pátria e seus próprios deuses. Esse momento não está longe de nós; já decaímos muito.

Arrependei-vos, senhoras e senhores Deputados, arrependei-vos! O dia de julgamento chegou para o seu mundo. Não é possível salvá-lo, nem por estado de sítio, muito menos por uma república, por execuções, por caridades⁸³, ou mesmo por redistribuições de terras. Talvez seu destino não teria sido tão triste se seu status não tivesse sido defendido com tanto zelo e tenacidade, mas com tal irremediável falta de imaginação. Agora, nenhum armistício poderá ser de ajuda na França; os antagonistas não podem nem se explicar nem entender um ao outro; eles têm diferentes lógicas, têm duas mentes diferentes. Quando os problemas se tornam tais, não há nenhuma alternativa a não ser a luta – e um dos dois deve cair – seja a monarquia, seja o socialismo.

Imagine: quem tem mais chances? Eu mesmo faço uma aposta para o socialismo. “É difícil de se conceber”, você talvez diga. Bem, também era difícil de se conceber o triunfo do Cristianismo sobre Roma. Costumo imaginar as inteligentes conversas que Tácito e Plínio entabulavam com seus amigos sobre a simplória seita dos Nazarenos, aqueles *Pierre-Le Roux*⁸⁴ que vieram da Judeia com um discurso veemente e esquizofrênico, os *Proudhon* daqueles dias, que foram à própria Roma pregar o fim de Roma. O Império se manteve poderosa e orgulhosamente contra esses pobres pregadores – mas não pôde resistir, afinal.

Ou será que você não vê os novos cristãos labutando para construir, os novos bárbaros labutando para destruir? Eles estão prontos; e como lava sob a terra, se espalham no subsolo, nas entranhas dos montes. Quando a hora chegar, Herculano e Pompeia desaparecerão; o bom e o mau, o inocente e o culpado

⁸² Região desértica próxima à cidade da antiga capital egípcia de Tebas, no alto Nilo.

⁸³ Aparentemente, Herzen está se referindo à decisão da Assembleia Constituinte acerca da alocação de 3 milhões de Francos para a entrega de benefícios aos moradores carentes de Paris, aprovado em 05 de julho de 1848, e a decisão sobre a abertura de um crédito de 3 milhões de Francos para as associações de subsídios dos trabalhadores. (Nota na versão russa.)

⁸⁴ Pierre Le Roux (1797-1871), socialista utópico, publicista, profeta e seguidor de Saint-Simon. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.66.)

hã de perecer lado a lado. Isso não será um julgamento, nem retribuição, mas um cataclismo, uma revolução total. Essa lava, esses bárbaros, esse novo mundo, esses nazarenos que vêm acabar com tudo o que é decrépito e impotente, e que vão limpar o terreno para dar lugar ao que é fresco e ao que é novo - eis que estão mais próximos do que você pensa. Pois são eles – e ninguém mais – que estão morrendo de fome e frio, são deles o lamento que ouvimos acima e abaixo de nós, em sótãos e porões, enquanto nos sentamos confortavelmente *au premier*⁸⁵, “com pasteizinhos e champagne”⁸⁶, interpretando o socialismo. Eu sei que nisso não há nada de novo, e que é como sempre foi anteriormente, mas antes o povo não tinha consciência de que essa é uma situação muito estúpida.⁸⁷

“Mas a forma futura de vida não deve vir através da obscura noite da barbárie, ao invés de através do progresso? Não deve implicar em uma severa perda?” Eu realmente não sei, mas acho que se uma minoria educada há de viver para presenciar essa *débâcle* e ainda não se inoculou com as novas ideias, certamente há de considerar a vida pior. Muitos se ressentem contra isso, mas eu realmente considero reconfortante. Para mim, essas perdas são prova de que cada fase histórica tem sua completa realidade, sua própria individualidade – que cada uma é um fim em si mesmo, e não um meio para algo; e que, portanto, cada fase histórica possui sua própria virtude, seu próprio conjunto de valores, peculiares exclusivamente a si mesmo, que hã de perecer consigo quando de sua morte. Ou você acha mesmo que os patrícios romanos ganharam um modo melhor de vida, ao se converterem ao Cristianismo? Os aristocratas de antes da Revolução não viviam melhor do que vivemos agora?

“Tudo isso é verdade, mas a ideia de uma revolução tão radical e violenta é, em si, algo repulsivo para muitos. As pessoas que consideram necessária uma mudança desejam que ela ocorra gradualmente. A própria natureza, dizem elas, à medida que se tornou mais rica e desenvolvida, não mais recorre aos terríveis cataclismos, cujas marcas estão espalhadas pela crosta terrestre, cheia que está de ossos de populações inteiras que

⁸⁵ “*Au premier*”, fr. no original russo: ao primeiro andar. “While we sit n the *piano nobile*”, cf. Moura Budberg, p. 67.

⁸⁶ Citação da “Ode à Sábia Princesa Quirguiza Kaisak Felice”. (Nota na versão russa.)

⁸⁷ “I know that this is nothing new, that it was like this before, but then people did not realize that this was very silly.” Cf. Moura Budberg, p. 67.

pereceram com seus golpes; a metamorfose mais harmoniosa e pacífica é mais condizente com o atual período de desenvolvimento, em que ela alcançou consciência.”

“Mas a natureza somente alcançou consciência em umas poucas cabeças, uma pequena elite. O restante ainda está tateando no caminho e, portanto, ainda está preso nos espasmos da *naturgewalt*⁸⁸, nos instintos, em forças obscuras e nas paixões. Para que uma ideia que é clara e razoável para si venha a se tornar a ideia de outrem, não basta que seja verdadeira: é necessário que o cérebro do outro seja tão desenvolvido como o seu, que se tenha emancipado da tradição. Como convencer um proletário a suportar a fome e a pobreza, enquanto a ordem social muda somente em graus imperceptíveis? Como convencer um capitalista, um usurário, um proprietário, a abrir a mão com que se agarra a todos os seus monopólios e direitos? É difícil imaginar tal autossacrifício. O que poderia ter sido feito, está feito: o desenvolvimento da classe média, a ordem constitucional, nada mais é do que a forma intermediária de conexão entre o ordenamento da monarquia feudal com a ordem social-republicana. A burguesia representa precisamente essa quase-libertação, esse audacioso ataque ao passado feito com o desejo de herdar o seu poder. Ela trabalhou para si própria e estava certa em fazê-lo. Um homem somente realiza um trabalho sério quando o faz para si próprio. Visto que a burguesia não poderia, afinal, ver-se como repulsivo intermediário, ela tomou a si própria como finalidade; mas uma vez que seu princípio moral era mais medíocre e pobre do que o do passado – ainda que se desenvolva mais e mais velozmente – não é de se surpreender que o mundo da burguesia esteja se exaurindo tão rapidamente e não tenha, em si, capacidade de autorrenovação. Finalmente, reflita sobre que forma tomaria a mudança se ocorresse gradualmente: o fracionamento da propriedade, tal como ocorreu durante a primeira revolução? O resultado seria uma miséria generalizada. O pequeno proprietário é o pior de todos os burgueses. Todas as forças agora em potência no fustigado mas poderoso coração do proletariado se dissipariam. Em verdade, não haveria de morrer de fome, mas tudo ficaria nisto: ele ainda estaria cravado ao seu pequeno parcel de terra, ou à sua água-furtada no barracão dos trabalhadores. Essas são as perspectivas de uma revolução orgânica pacífica. Caso ocorra, a principal

⁸⁸ *Naturgewalt*, alemão: força da natureza.

corrente da história tomará um curso diferente; e não se perderá em areia e barro, como o Reno. A humanidade não seguirá por um caminho estreito e lamacento – ela exige uma estrada larga, e a fim de pavimentá-la, não se deterá diante de nada. O princípio de conservação da natureza é tão forte quanto seu elemento revolucionário. A Natureza permite a persistência do velho e do obsoleto, enquanto puder; mas não poupou mamutes e mastodontes quando rearranjava o mundo. A revolução que os dizimou não foi dirigida *contra eles*; se pudessem escapar teriam sobrevivido e, depois, se degenerado calma e pacificamente num ambiente que lhes era pouco propício. Os mamutes, cujos ossos e pele estão no gelo siberiano, provavelmente escaparam de uma revolução geológica; eles são os Comnenos, os Paleólogos do mundo feudal.⁸⁹ A Natureza não tem nada contra isso, e assim como a História. Nós atribuímos a ela uma personalidade sentimental e nossas próprias paixões, nos abstraímos de nossa própria linguagem metafórica e tomamos por real uma ideia que é mera força de expressão. Não percebendo o absurdo, estamos fazendo das regras de nossa pequena casa as regras da economia do mundo, para quem a vida de gerações, de povos, de planetas inteiros, não tem a menor relevância em termos de desenvolvimento global. Em contraste conosco, que somos subjetivos e amamos somente o que é privado, para a Natureza a morte do indivíduo é a satisfação da mesma necessidade, o mesmo jogo da vida, assim como seu nascimento; ela não lamenta, pois mutável como é, nada pode escapar de seu amplo abraço.

Champs Élysées,
1º de outubro de 1848

⁸⁹ Herzen usa os nomes “Comnenos” e “paleólogos do mundo feudal” para se referir à última dinastia de imperadores bizantinos, considerados herdeiros da educação e cultura grega entre a “barbárie” medieval, como um exemplo de cultura sobrevivente condenado à morte. (Nota na versão russa).

IV VIXERUNT

A morte foi vencida com a morte.
(Matinas do domingo de Páscoa)

Em 20 de novembro de 1848⁹⁰, em Paris, o tempo estava terrível; pela primeira vez desde o verão, a neve, a geada e o vento gélido lembravam que o inverno se aproximara. O povo aqui trata o inverno como uma calamidade pública: os pobres se preparam para tremer de frio em sótãos sem aquecimento, sem roupas quentes, sem comida suficiente. A taxa de mortalidade aumenta durante esses dois meses úmidos de nevascas e geadas, os trabalhadores ficam sem forças, esgotados pela a febre que lhes exaure.

Naquele dia a manhã não rompeu: a neve úmida caía contínua e pesada, congelando no ar enevoado. O vento arrancava os chapéus e ferozmente tremulava as centenas de bandeiras tricolores atadas aos altos mastros próximos à *Place de La Concorde*. Uma densa massa de soldados da Guarda Nacional estava espalhada: um tipo de estrutura com uma cruz cristã no topo foi colocada no portão dos Jardins das Tuileries; desde o jardim da Praça do Obelisco, tudo estava vazio, isolado pelos soldados. As linhas de regimento, a *Garde Mobile*, os lanceiros, os dragões, a artilharia enchiam as ruas, em direção à praça. Não era possível adivinhas o que se aprontava... Seria outra execução

⁹⁰ Os eventos descritos aqui ocorreram em 12 de novembro de 1848. (Cf. Moura Budberg, p. 70.)

real? Seria um anúncio de que o país estava em perigo? Não, era outro 21 de janeiro – não para o Rei, mas para o povo, para a revolução... foi o funeral de 24 de fevereiro.

Por volta das nove horas, um maltrapilho punhado de idosos abriu caminho através da ponte. Desanimadamente eles se arrastavam, com as golas de seus casacos viradas, e procurando, inseguros, pontos secos para pisar. Em sua frente seguiam dois conselheiros. Um deles estava enrolado em um manto africano, que mal ocultava as duras feições de um *condottiere* medieval; em seu rosto emaciado e marcado pela dor pouco restava de humano que aliviasse a semelhança de uma ave de rapina; de sua figura frágil somente se divisava desgraça e infelicidade⁹¹. O outro, gordo, elaboradamente vestido, com cabelos grisalhos encaracolados, não usava nada sobre seu fraque; caminhava de modo analítico, numa casualidade insolente, e em seu rosto, outrora belo, havia uma expressão de voluptuoso prazer decorrente da autoconsciência de sua própria posição.⁹²

Nenhum arauto os anunciou, à exceção do submisso latido dos fuzis e da apresentação de armas. Ao mesmo tempo, do lado oposto, desde a Madeleine⁹³, outro grupo de homens apareceu, ainda mais estranho, em vestes medievais, em mitras e sobrepelizes, cercado por incensários carregados por acólitos. Com rosários e missais, assemelhava-se a uma horda de defuntos há muito enterrados e esquecidos nas brumas das eras feudais.

O que estavam fazendo ali, esses dois grupos?

Alguns foram para proclamar, sob a proteção de cem mil fuzis, a *vontade do povo*, o Código forjado a fogo e negociado durante o estado de sítio – em nome da *liberdade, igualdade e fraternidade*. Outros foram para abençoar o fruto da filosofia e da revolução em nome *do Pai, do Filho e do Espírito Santo!*

As pessoas nem se viraram para olhar para essa paródia. Em triste perplexidade elas caminhavam ao redor da cova coletiva de seus irmãos, caídos ali sob a Coluna de Julho.⁹⁴ Foram pequenos

⁹¹ Referência a Cavaignac, cf. nota na versão russa.

⁹² “É dado um retrato do presidente da Assembleia Nacional de Marrast, como a descrição de Marrast no romance “Doutor, os moribundos e os mortos” (1869), Capítulo III “The Dead”. (Cf. nota na versão russa.)

⁹³ Igreja de La Madeleine

⁹⁴ As edições 1855 e 1858. imprimiram erroneamente “Coluna de Junho”, em vez de “Julho”. Trata-se da Coluna de Julho (*Colonne de Juillet*), em Paris, erguida nos anos 1833-40, na Place de la Bastille, em memória das vítimas da

comerciantes, vendedores ambulantes, empregados de lojas, zeladores de casas e tabernas, servos e pessoas como nós, turistas estrangeiros, quem formava as franjas de gente por detrás das tropas e dos burgueses armados. Mesmo esses espectadores assistiram com espanto a tal proclamação – que mal conseguiram ouvir; à vestimenta extravagante dos juízes, - vermelha, preta, com pele, sem pele; à neve que riscava os olhos; à ordem marcial das tropas de combate, cuja aparência era ainda mais terrível ao som dos tiros disparados desde a Esplanada dos Inválidos. Os soldados e os tiros inadvertidamente lembraram os dias de junho, e o opróbrio cresceu nos corações dos espectadores. Todas as faces estavam consternadas, como se todos tivessem consciência do erro que se cometia – alguns porque estavam cometendo algum crime, outros porque de alguma maneira consentiam. Ao menor ruído ou sussurro, milhares de cabeças se viravam, esperando ouvir um assovio de bala, um grito de rebelião, o som dimensionado de um toque de sino a rebate. E a nevasca continuava em sua fúria. As tropas, encharcadas até os ossos, começaram a murmurar. Finalmente, os tambores rugiram, e a massa hesitante, como numa procissão de lamentos, começou a entoar a canção dos pobres “*Mourir pour La Patrie*”, que então substituíra a grande “*Marsellillaise*”.

Exatamente nesse momento, um jovem com quem já nos familiarizamos⁹⁵ abriu caminho através da multidão até um homem de meia-idade e disse-lhe, com sinais de verdadeira alegria: “Eis uma felicidade inesperada! Eu não sabia que você estava aqui!”

“Oh! Como está você?” – replicou o homem, estendendo-lhe ambas as mãos. “Há quanto tempo você está aqui?”⁹⁶

G. – Cheguei há poucos dias.

H. – De onde?

G. – Da Itália.

H. – Bem, e lá é ruim?

G. – Não vamos falar disso... Péssimo.

revolução de julho de 1830. O monumento lista os nomes dos participantes enterrados sob a coluna de eventos revolucionários em 1830. (Cf. nota do original russo.)

⁹⁵ Aparente referência a I. Galakov, citado no Capítulo I, “Antes da Tempestade”, cf. nota na versão russa.

⁹⁶ Para fins de facilitação da leitura, o tradutor optou pela identificação dos interlocutores, nos mesmos moldes do Capítulo I.

H. – É isso mesmo, meu caro idealista sonhador, eu sempre soube que você não seria capaz de suportar a provação de fevereiro, que aquilo era sofrimento demais para você – sofrimento é uma boa medida das expectativas de cada um... E você ainda reclamou da estagnação na Europa! Aqui, ao que parece, nada há que mereça tal censura, certo?

G. – Não ria! Há circunstâncias sobre as quais não é bom rir, não importa quanto ceticismo exista em sua alma. Quando se exauriram as lágrimas – é esse um tempo para se zombar? Por mim, devo admitir, eu estou aterrorizado por olhar para trás, aterrorizado por me lembrar! Nem sequer um ano se passou, mas sinto como se já tivesse se passado um século! Presenciar a realização de suas melhores aspirações, ter a perspectiva da plenitude de sua implementação – para depois cair tão baixo, tão baixo! A perda de tudo – não no campo de batalha, não na luta contra o inimigo, mas pela própria impotência e incapacidade – eis o que é mais assustador. Estou envergonhado de me encontrar com algum legitimista⁹⁷: eles me riem na cara, e sinto que eles estão certos! Que bela escola – não de progresso, mas de embotamento de habilidades! Estou muito contente de tê-lo encontrado, pois tinha real necessidade de vê-lo. Em sua ausência, eu muitas vezes briguei com você, e agora me reconcilio. Cheguei mesmo a escrever-lhe uma carta, mas me alegro sinceramente de tê-la destruído. Anteriormente, eu estava cheio das esperanças mais arrogantes, e intencionava usá-las para afrontá-lo, mas tudo o que eu quero agora é que você definitivamente me convença que este mundo está morrendo, que está condenado, e que tudo nele está em vias de se tornar semente. Desta vez você não será capaz de me deixar desapontado. Na verdade, eu nunca esperei que meu encontro com você me trouxesse qualquer alívio – suas palavras sempre me fizeram sentir mais melancólico, e nunca mais alegre – e é exatamente isso o que eu quero. Convença-me, e eu irei amanhã

⁹⁷ “Partidários da dinastia ‘legítima’ dos Bourbons, derrubada em 1830, que representava os interesses dos detentores de grandes propriedades fundiárias hereditárias. Na luta contra a dinastia reinante dos Orleães (1830-1848), que se apoiava na aristocracia financeira e na grande burguesia, uma parte dos legitimistas recorria frequentemente à demagogia liberal, apresentando-se como defensores dos trabalhadores contra os exploradores burgueses.” Legitimistas Franceses in **Marxists Internet Archive – Dicionário Político**. Documento eletrônico, disponível em https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes//legitimistas_franceses.htm. Acesso em 13 ago 2015.

para *Marseille* e tomarei o primeiro barco para a América ou para o Egito, apenas para sair da Europa! Estou cansado, estou doente, aqui; sinto que meu coração e minha mente estão doentes; eu enlouquecerei se permanecer.

H. – Poucas doenças nervosas são mais recalcitrantes do que o idealismo. Eu o encontro depois de todos os acontecimentos que ocorreram recentemente, e eis que você é o mesmo de quando eu o deixei. Você prefere sofrer a entender o que acontece de fato. Idealistas são terrivelmente mimados e grandes covardes – desculpe-me a franqueza dessa expressão. Você sabe, não falo de coragem pessoal – essa, na verdade, quase sobra. Idealistas são covardes quanto à encararem a verdade: vocês a sufocam, pois têm medo de que os fatos não correspondam às suas teorias. Você acredita que, além dos caminhos que você pensa ter encontrado, não há outra salvação para o mundo. E o que espera em troca, em gratidão à sua devoção a ele, é que ele dance ao som da música que você inventou. Mas assim que nota que ele tem o seu próprio passo e ritmo, você fica com raiva e entra em desespero! Você não tem sequer a curiosidade de olhar para o mundo em sua própria dança!

G. – Chame-o do que quiser, covardia ou estupidez – mas realmente não tenho curiosidade de presenciar essa dança macabra. Eu não compartilho a paixão romana pelos espetáculos de sangue, talvez porque eu mesmo não entenda todas as sutilezas da arte de morrer.

H. – Se a curiosidade é digna ou não, nada tem a ver com a qualidade do espetáculo. O público do Coliseu era a mesma multidão ociosa que se aglomerava para assistir aos autos de fé, a mesma que hoje veio aqui procurar algo que lhes preencha o vazio de seus corações, e que amanhã irá, com o mesmíssimo zelo, assistir ao enforcamento de qualquer um dos heróis de hoje. Mas há uma espécie de curiosidade mais respeitável – suas raízes repousam em um solo mais saudável, e conduz a pessoa ao conhecimento e ao estudo. É o tipo de curiosidade que sempre se atormenta com questões sobre qualquer parte inexplorada do mundo, que é capaz de contrair uma infecção para descobrir as propriedades dessa infecção.

G. – Em resumo, o tipo que se concentra no que é útil... mas que utilidade pode haver em se contemplar a morte grassando, sabendo que nada há que se fazer para ajudar suas vítimas? É simplesmente a poesia da curiosidade.

H. – Para mim, essa curiosidade poética, como lhe chamam, é excessivamente humana. Eu admiro Plínio, que permaneceu em seu barco, desconsiderando o manifesto perigo, para assistir à majestosa erupção do Vesúvio. Afastar-se teria sido mais prudente, e certamente, mais seguro.

G. – Eu entendi a dica, mas a comparação não é adequada. Quando da destruição de Pompeia, nada havia que um homem pudesse fazer; assistir ou ir embora era um assunto puramente pessoal. Eu não quero ir para fugir do perigo, mas simplesmente porque não posso ficar mais tempo. Encarar o perigo é muito mais fácil do que parece à distância; por outro lado, contemplar a morte de braços cruzados, cômico de sua própria inutilidade perante ela; entender o que precisa ser feito, mas ser incapaz de comunicá-lo, explicá-lo ou defini-lo a quem quer que seja; ser testemunha estática de um frenesi de destruição mútua de pessoas convulsionadas por alguma loucura coletiva, enquanto toda uma civilização, um mundo inteiro entra em caos e destruição – isso, sim, está além do poder do homem. Nada havia para fazer no caso do Vesúvio, mas no mundo da história, o homem está em sua própria casa: ele não só o espectador, mas o ator. Ele tem voz e, em caso de impedimento, ele deve, pelo menos, protestar por sua ausência.

H. – O homem, é claro, está em casa, no mundo da história, mas a partir de suas palavras alguém poderia inferir que ele é mero convidado na natureza, como se entre a natureza e a história houvesse uma parede de pedra. Eu acho que ele está em casa tanto na natureza quanto na história, mas em nenhuma das duas é um mestre absoluto. A razão pela qual o homem não fica ofendido pela recalcitrância da natureza é que sua autonomia é óbvia para ele. Acreditamos em sua realidade, independente de nós mesmos; contudo, quanto à realidade da história, especialmente a história contemporânea, não acreditamos. Na história do homem, ele parece ser livre para fazer o que bem quer. Tudo isso é um traço amargo daquele dualismo que por tanto tempo nos fez enxergar tudo duplicado e nos dispôs hesitantes diante de duas ilusões de ótica; agora o dualismo é menos intenso, mas ainda persiste silenciosamente em nossas mentes. A nossa linguagem e as nossas primeiras noções, que se tornam naturais por força de hábito e reiteração, obscurecem a verdade. Se não tivéssemos aprendido à idade de cinco anos que a história e a natureza são duas coisas absolutamente distintas, seria fácil entender que o desenvolvimento da natureza se

transforma imperceptivelmente no desenvolvimento da humanidade. Seria fácil entender que esses são dois capítulos da mesma novela, duas fases do mesmo processo, muito distantes em suas extremidades, mas muito próximas rentes ao centro. Não ficaríamos surpresos, então, que boa parte de todas as coisas na história seja influenciada pela fisiologia e pelos impulsos mais obscuros. Naturalmente, as leis do desenvolvimento histórico não são opostas às leis da lógica, mas elas não coincidem com as leis do pensamento, assim como nada na natureza coincide com as regras abstratas construídas pela razão pura. Sabendo disso, poderíamos ter nos empenhado mais para o estudo, com vistas a descobrir esses efeitos fisiológicos. Mas fizemos isso? Alguém sequer parou para considerar seriamente a fisiologia da vida social, da história, como uma ciência verdadeiramente objetiva? Ninguém: nem conservadores, nem radicais, nem filósofos, nem historiadores.

G. – Não obstante, quanta agitação tem ocorrido, talvez porque para nós pareça ser natural fazer história, assim como é para as abelhas fazer mel, porque fazê-la não seja fruto de reflexão, mas de necessidade interna do espírito humano.

H. – Você está falando de instinto. E você está certo: instinto guiou, e ainda guia, as massas. Mas não estamos na mesma posição, pois perdemos a precisão primitiva do instinto, e nos tornamos tão introspectivos que sufocamos os impulsos naturais com que a história traça seu caminho em direção ao futuro. Nós somos, como um todo, residentes urbanos privados de sensibilidade física e moral – o agricultor e o marinheiro sabem prever o tempo, mas nós não. Nós ainda possuímos um instinto de inquietude, um desejo de ação – e isso é bom. Contudo, a ação consciente, ou seja, uma que nos satisfaça plenamente, essa não pode mais existir. Ainda estamos tateando o nosso caminho. Todos nós tentamos impor nossos pensamentos, nossos desejos, ao ambiente que nos rodeia, e essas tentativas, constantemente falhas, servem para nos educar. Você se irrita porque as pessoas não abraçam uma ideia que lhe é cara e límpida, pois não são capazes de se salvar nem de parar de sofrer, com as armas que você lhes oferece; mas por que você acha que as pessoas estão obrigadas a executar sua ideia, e não a delas, e neste momento, não em outro? Você tem certeza que os meios que você inventou não possuem nenhum inconveniente? Você tem certeza que não há outros meios, nem objetivos mais amplos? Você pode até ter adivinhado o

pensamento do povo – isso seria um golpe de sorte – porém é muito mais provável que você se tenha enganado. Você e as massas pertencem a duas entidades diferentes. Existem séculos entre vocês, uma distância maior do que os oceanos que hoje são tão facilmente cruzados. As massas estão cheias aspirações secretas e impulsos passionais; suas ideias não são separadas de suas fantasias, nem permanecem no campo teórico como ocorre com nossas concepções; no seu caso, ideias transformam-se imediatamente em ação. Eis porque é tão difícil incutir-lhes alguma ideia: essas coisas não são frivolidade para as massas. É por isso que às vezes superam os pensadores mais corajosos, deixando-os para trás vergonhosamente; ou às vezes abandonam a meio caminho aqueles a quem adoravam, ou ainda deixam-se ficar para trás, contra todas as possibilidades. As massas são como crianças, como mulheres: temperamentais, tormentosos e instáveis. Ao invés de aprendermos com essa fisiologia distinta da raça humana, ao invés de conformar-nos a ela, a compreender suas formas e suas leis, nós nos propomos a criticá-la, a instruí-la, a nos indignarmos e enfurecermos como se as pessoas ou a natureza fossem responsáveis, como se elas se importassem se gostamos ou não de suas vidas, irresistivelmente vazias em objetivos e irresponsáveis em ações. Até agora, esta atitude didática e sacerdotal teve sua justificação, mas doravante se tornou ridícula e nos coloca na posição estúpida de desiludidos. Você está ofendido com o que está ocorrendo na Europa, e se sente ultrajado por essa ação feroz, obtusa e triunfante, e – admito – eu também; mas você, fiel ao seu romantismo, está furioso e quer fugir, mesmo que apenas para não ver a verdade. Concordo que é hora de abandonar nossa vidinha condicional e artificial, mas não fugindo para a América! O que você espera encontrar lá? Os Estados Unidos são a última edição dos mesmos textos feudais-cristãos e, o que é pior, numa crua tradução inglesa. Um ano atrás, sua partida não teria nada de surpreendente – as coisas se arrastavam languidamente, e eram absolutamente prosaicas. Mas como você pode ir embora ao auge da tragédia, quando tudo na Europa está fervilhando e fermentando, quando os muros seculares estão caindo, quando ídolo após ídolo está caindo; quando as pessoas já estão construindo barricadas em Viena?⁹⁸

⁹⁸ A impressão de 1855 acrescenta: “Este é um século difícil. Nosso tempo me lembra sempre o terceiro e o quarto séculos AD.” (Nota na versão russa.)

G. – Em Paris, eles aprenderam a destruir barricadas. E tal como ocorre com os ídolos (que, por sinal, são levantados imediatamente no dia seguinte) caem para sempre como os melhores frutos da vida europeia, cultivada e nutrida com tanta dificuldade, durante séculos! Eu vejo o julgamento, a execução, morte, mas não vejo nem ressurreição, nem misericórdia. Essa parte do mundo terminou o que devia fazer, e sua força se esgotou. As pessoas que viviam nessa zona sobreviveram até o final de sua vocação, mas se tornaram obtusas e retrógradas. A história aparentemente encontrou outro sentido – e é para onde eu quero ir. Você próprio me disse algo assim, no ano passado – lembra-se, no barco, quando nós viajávamos de Gênova a Civitavecchia?

H. – Eu me lembro, foi *antes da tempestade*.⁹⁹ Só que então você discordava de mim, e agora concorda demais. Você chegou a este novo pensamento não por experiência, nem por pensamento. Em você, ao invés de uma natureza tranquila, predomina um caráter convulsivo: você chegou a pensar assim *par dépit*¹⁰⁰, por causa de um minuto de desespero que você, ingenuamente, projetou sobre suas expectativas anteriores. Se esse ponto de vista não era expressão caprichosa de um amante amado, mas uma posição sóbria sobre os acontecimentos, você deveria ter-se expressado de maneira distinta e tratado do assunto de modo diferente... deveria ter deixado de lado todo seu *rancune*¹⁰¹ pessoal, esquecido um pouco de si mesmo e ter-se comovido e aterrorizado com espetáculo trágico que se desenrolava diante de seus olhos! Mas idealistas são cautelosos em admitir derrota, são egoístas tão teimosos quanto monges, que sofrem todo tipo de dificuldades mas não perdem de vista seu próprio ego, sua recompensa pessoal. Por que você está com medo de ficar aqui? Por acaso você sai do teatro no início do quinto ato de cada tragédia, com medo de perturbar seus nervos...? O destino de Édipo não é melhor porque você abandonou o auditório; ele irá, de todo modo, perecer. Permanecer até a última cena é melhor. Às vezes um espectador, com o coração esmagado pelo infortúnio de Hamlet, encontra o jovem

⁹⁹ Em destaque no original russo.

¹⁰⁰ “Por despeito”, em francês.

¹⁰¹ Rancor, cólera, sentimento amargo, desejo de vingança, em francês.

Fortinbrás¹⁰², cheio de vida e esperança. O espetáculo mais solene é o da morte – ele sempre carrega alguma grande lição... A nuvem que paira sobre a Europa, a que não permite a ninguém respirar livremente, está explodindo, faiscando relâmpago sobre relâmpago, retumbando trovão sobre trovão, a terra está tremendo, e você quer fugir porque Radetzky tomou Milão¹⁰³ e Cavaignac, Paris! É isso o que ocorre quando não se reconhece a objetividade da história. Eu odeio humildade, mas, nesses casos, humildade significa disposição para compreensão; este é o momento de ser humilde perante a história, de reconhecer sua realidade. Além disso, as coisas andam melhores do que seria de se esperar. Por que ficar com raiva, então? Estávamos preparados para murchar, para desvanecer-nos em um ambiente doentio, numa atmosfera de senilidade e tédio, quando, ao invés de uma progressiva degenerescência, a Europa cai doente de tifo: ela entra rapidamente em colapso, caindo aos pedaços, derretendo-se e perdendo sua sanidade... e em tal grau que em seu corpo ambos os lados combatentes enlouquecem, e não são capazes de entender nem seu inimigo nem a si próprios. O quinto ato da tragédia começou em 24 de fevereiro; tristeza, ansiedade e inquietude são sentimentos quase universais. Nenhuma pessoa séria menospreza tais eventos, mas sua atitude está muito longe disso. Você imagina que seu desespero ocorre porque você é um revolucionário, mas está absolutamente errado: você se desespera exatamente porque é um conservador.

G. – Ah, muito obrigado! Então, de acordo com você, eu estou em pé de igualdade com Radetzky e Windischgrätz?¹⁰⁴

H. – É claro que não: você é muito pior! O conservador Radetzky? Ele destrói tudo! Ele quase explodiu com pólvora a

¹⁰² Fortinbrás são dois personagens menores do *Hamlet* de Shakespeare: destaca-se a fala final do príncipe coroado da Noruega, que proclama uma esperança para a monarquia da Dinamarca. **Speeches (Lines) for Fortinbras in "Hamlet"**. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.opensourceshakespeare.org/views/plays/characters/charlines.php?CharID=fortinbras&WorkID=hamlet&cues=1>>. Acesso em 11 fev 2020. (Ver também o artigo **Fortinbras**, disponível em Shakespeare Online, documento eletrônico <<http://www.shakespeare-online.com/plays/hamlet/fortinbras.html>>. Acesso em 11 fev 2020.

¹⁰³ Em 06 de agosto de 1848, o chefe do exército austríaco, marechal Radetzky, tomou Milão, fato que foi um marco importante na supressão da luta de libertação nacional na Lombardia e em todo o norte da Itália. (Nota na versão russa.)

¹⁰⁴ Príncipe Alfred Windischgrätz (1787-1862). Suprimiu rebeliões na Áustria e na Bohemia em 1848. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.80.)

Catedral de Milão! Você considera mesmo conservador um bando croatas selvagens que invadem cidades austríacas a não deixam pedra sobre pedra? Nem eles nem seus generais sabiam o que estavam fazendo, mas o que quer que fosse, não era *conservar*¹⁰⁵. Você julga tudo pelos rótulos que você mesmo atribui: ao Imperador – o de conservador; aos Republicanos – o de revolucionários. Hoje, o princípio monárquico e o conservadorismo estão lutando em ambos os lados. O conservadorismo mais prejudicial é o que está do lado da República, exatamente o que você prega.

G. – Realmente, não seria ruim se você me dissesse o que é que eu estou querendo conservar, onde exatamente posso encontrar esse meu conservadorismo revolucionário...

H. – Muito bem, diga-me: você não está irritado com o fato de que a Constituição agora proclamada seja tão estúpida?

G. – Sim, é claro!

H. – Você não está com raiva de que o movimento na Alemanha se esmaeceu em fumaça pela chaminé de Frankfurt¹⁰⁶, que Charles Albert ainda não salvaguardou a independência da Itália¹⁰⁷, e que Pio IX se tornou absolutamente dispensável?¹⁰⁸

G. – Sim, mas qual é a questão? Eu não nego nada disso!

H. – Mas isso é exatamente o que significa ser conservador! Se os seus desejos tivessem sido satisfeitos, isso significaria a solene absolvição do velho mundo. Tudo restaria justificado – exceto a revolução.

G. – Então agora deveríamos nos alegrar que os austríacos conquistaram a Lombardia?

¹⁰⁵ Itálicos no original russo.

¹⁰⁶ Herzen sarcasticamente faz alusão ao trabalho criado como resultado dos eventos revolucionários na Assembleia Nacional Alemã em Frankfurt am Main (o chamado Parlamento de Frankfurt). Sob pressão do movimento de massas, o Rei da Sardenha Charles Albert, em 23 de março de 1848, declarou guerra contra a Áustria para libertar a Itália do jugo austríaco. (Nota na versão russa.)

¹⁰⁷ Herzen se refere a como, por puro medo, o próprio movimento revolucionário do povo, conduzido pela política traiçoeira Carl Albert durante a guerra, em 09 de agosto de 1848, assinou uma trégua com a Áustria, ato que levou à escravidão de várias regiões italianas: Lombardia, Veneza e outros. (Nota na versão russa.)

¹⁰⁸ Herzen agora ironiza a situação do Papa Pio IX que, sob a pressão do movimento social, foi forçado a fazer algumas reformas, rapidamente mudou sua política e, em 23 de abril de 1848, pediu o fim da guerra com a Áustria. (Nota na versão russa.)

H. – Por que nos alegrar? Nem nos alegrar nem ficar surpresos! A Lombardia não podia ser liberta por demonstrações em Milão nem com a ajuda de Charles Albert¹⁰⁹...

G. – Bem, estamos aqui para falar exatamente sobre isso *sub specie aeternitatis*... No entanto, acho que posso separar o homem de sua dialética: estou certo de que você se esqueceria de todas as suas teorias diante das pilhas de cadáveres, das cidades saqueadas, das mulheres violentadas, dos soldados selvagens em seus uniformes brancos...¹¹⁰

H. – Em vez de responder às minhas questões, você apela aos sentimentos, algo que é sempre eficaz. Afinal, qualquer um, exceto os monstros morais, tem um coração. É fácil apelar à compaixão invocando o destino de Milão, assim como o destino da Duquesa de Lamballe¹¹¹, pois as pessoas se compadecem naturalmente diante do sofrimento. Com certeza, você não acredita que Lucrécio verdadeiramente considerasse não existir prazer maior do que assistir um navio afundando desde a praia – isso seria denegrir o poeta.¹¹² Vítimas do destino abatidas por forças selvagens chocam todo o nosso ser moral. Eu não vi Radetzky em Milão, mas eu presenciei um surto de praga em Alexandria – e sei como esses flagelos fatais humilham e destroem as pessoas – mas irromper em prantos é fraqueza e pobreza de espírito. Em meu coração nasce um irresignado desejo de resistir, de lutar, de pesquisar e reunir recursos para descobrir remédios e causas. Mera sensibilidade não vai resolver essas questões. Médicos conversam entre si sobre a condição de um paciente moribundo, mas de maneira muito diferente de como parentes inconsolados o fazem. Os médicos podem até chorar no chuveiro, compadecidos, mas para combater a doença precisa-se de ciência, e não de lágrimas. Acima de tudo, por mais amor que tenha por seu paciente, o médico nunca deve perder a sua

¹⁰⁹ De Savóia. (Nota na versão russa.)

¹¹⁰ Alusão ao exército austríaco. (Nota na versão russa.)

¹¹¹ Referência à Princesa Maria Teresa Luísa de Saboia, que morreu linchada em Paris durante a Revolução Francesa. A Princesa de Lamballe, Marie Thérèse Louise, era próxima da rainha Marie-Antoinette, e foi um dos atores mais ativos das políticas contra-revolucionárias de Luís XVI. Tentou buscar apoio à causa real na Inglaterra, logo ao romper da Revolução. O ódio do povo contra ela era tão grande que sua cabeça cortada era exibida nas ruas de Paris como sinal do triunfo da contra-revolução. (Notas no original russo e na tradução de Moura Budberg, p. 81.)

¹¹² Referência à obra *Sobre a Natureza das Coisas*, Livro 2, versículos 1 e seqs. (Nota na versão russa.)

cabeça, nunca deve se surpreender com a iminência da morte, cuja ocorrência ele já entendeu ser irresistível. No entanto, se você estiver lamentando *apenas* as pessoas que atualmente são esmagadas na fermentação dessa terrível derrota, então você está certo. Insensibilidade requer treinamento; pessoas que não têm nenhuma compaixão para com o próximo – líderes militares, ministros, juízes, carrascos – por toda sua vida têm-se treinado a agir de modo desumano. Caso não tivessem sucedido nisso, teriam abandonado suas carreiras. O seu sofrimento é plenamente justificado, mas eu não tenho nenhum consolo para você, à exceção de um consolo quantitativo: lembre-se de que todos os eventos, desde a revolta em Palermo¹¹³ até a ocupação de Viena¹¹⁴, não custou à Europa mais de um terço dos homens assassinados, por exemplo, em Eylau¹¹⁵. Nossos conceitos são tão confusos que nós não sabemos sequer como contar os que caíram nas fileiras, para lá enviados por força da praga civil chamada de recrutamento, e não por um desejo real de lutar ou por condenação criminal. Os que caíram nas barricadas pelos menos tinham noção da causa pela qual morreram, mas quanto aos outros, se pudessem tão somente ter ouvido como começou a famosa reunião entre os dois Imperadores, ocorrida no rio [Neman]¹¹⁶, eles haveriam de se envergonhar por sua própria bravura. “Sobre o quê estamos a lutar mesmo?” – perguntou Napoleão – “Isso tudo é um mal-entendido!” “É verdade, sobre nada mesmo!” – disse Alexander, e eles se beijaram! Dezenas de

¹¹³ A revolta de Palermo, na Sicília, iniciou-se em 12 de janeiro de 1848, e foi uma das primeiras revoluções populares ocorridas naquele ano. (**Revolutions of 1848** in BRITANNICA. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/event/Revolutions-of-1848>>. Acesso em 11 fev 2020.

¹¹⁴ “O [governo] Revolucionário de Viena caiu em 1º de novembro de 1848, após vários dias de sangrento cerco das forças contra-revolucionárias sob o comando de Windischgrätz.” (Nota na versão russa.)

¹¹⁵ Referência à Batalha de Eylau, hoje chamada de Bagrationovsk, de 8 de fevereiro de 1807. Eylau foi uma das mais sangrentas batalhas da época. Na batalha entre o exército de Napoleão I e as forças russas, em um único dia ambos os lados perderam, entre mortos e feridos, cerca de 40 mil. (Nota na versão russa.) Ver também GILBERT, Adrian. **Battle of Eylau**. In *Encyclopædia Britannica*. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/event/Battle-of-Eylau>>. Acesso em 11 fev 2020.

¹¹⁶ Na data de 25 de junho de 1807, em uma jangada no meio do Neman, perto de Tilsit, ocorreu a primeira reunião entre Napoleão e Alexander I. Nas negociações de 7 de julho de 1807 foi assinado o Tratado de Tilsit. (Nota do original russo.)

milhares de soldados mataram, com imensa bravura, outras dezenas de milhares de soldados, deixando seus ossos secando no campo de batalha, *por causa de um mal-entendido!* Seja lá o que for, se morreram muitos ou morreram poucos, nunca se saberá, mas – eu repito - merecem lamentação. Contudo, parece-me que você lamenta algo mais, e não apenas esses mortos!

G. – Por muito mais! Eu lamento a Revolução de 24 de Fevereiro, que começou tão majestosa e pereceu tão humilhada. A República era possível, eu a contemplei, eu respirei seu ar. A República não era um sonho, mas a realidade, e o que aconteceu com ela? Eu lamento por ela, assim como eu lamento pela Itália, que acordou num dia somente para ser derrotada no outro, ou como eu lamento pela Alemanha, que alçou a plenitude de sua altura apenas para cair aos pés de seus trinta fidalgos rurais! Eu lamento que a humanidade tenha novamente retrocedido uma geração inteira, que o movimento esteja novamente estrangulado e contido.

H. – No que diz respeito ao movimento em si, acho que não pode ser contido. O lema de nossa época, mais do que nunca é *semper in motu*.¹¹⁷ Você sabe quão certo eu estava ao acusá-lo de conservadorismo... Esse sentimento é tão forte em você que o leva a se contradizer. Não era você quem me reclamava, há um ano, do terrível colapso moral das classes educadas na França? E agora, você de repente acredita que eles se transformaram, da noite para o dia, em republicanos, só porque as pessoas despacharam um velho teimoso¹¹⁸ empacotado e substituíram um Quaker¹¹⁹ obstinado e sua corja de pequenos diplomatas por um neofilantropo¹²⁰ covarde e sua corja de jornalistas finos!

G. – Agora, depois dos fatos ocorridos, ficou fácil ser perspicaz...

H. – E antes não era muito difícil: o dia 26 de Fevereiro determinou todo o caráter do dia 24¹²¹. Todos os não-

¹¹⁷ “Sempre em movimento”, latim.

¹¹⁸ Louis-Philippe, rei da França, cf. notas no original russo e de Moura Budberg, p. 83.

¹¹⁹ François Guizot, primeiro ministro da França em 1848, cf. notas no original russo e de Moura Budberg, p. 83.

¹²⁰ Lamartine, Ministro das Relações Exteriores da França, que chegou ao poder do Governo Provisório como resultado da Revolução de Fevereiro, na verdade, dirigindo todas as suas políticas, cf. notas no original russo e de Moura Budberg, p. 83.

¹²¹ Ao descrever a Revolução de Fevereiro de 1848, Herzen repetidamente salientava que a natureza burguesa da Revolução foi claramente revelada já em

conservadores perceberam que a república é um jogo de palavras: Blanqui e Proudhon, Raspail e Pierre Le Roux.¹²² Não se precisa ter o dom de profecia, mas somente a habilidade de estudar cuidadosamente, o hábito de observar. É por isso que eu recomendaria o estudo das Ciências Naturais para se reforçar e aguçar a mente. O naturalista está acostumado a observar, a esperar, sem tomar alguma iniciativa até que seja o momento adequado para agir. Ele não perderá um único sintoma, a menor modificação, pois busca a verdade de forma desinteressada, sem delinear-lá com seu amor ou seu ódio. Note-se que o mais astuto panfletoiro da Primeira Revolução foi um cirurgião veterinário¹²³, e que foi um químico que publicou em 27 de Fevereiro, em seu jornal¹²⁴ – que foi incendiado por estudantes no Quartier Latin – fatos que agora todos conhecem, mas que não mais podem ser consertados. É imperdoável esperar qualquer coisa da surpresa política de 24 de fevereiro além de pura fermentação; e ela começou naquele dia, o que, em si, já é um grande evento. A fermentação, como ninguém pode negar, está engolindo a França e a Europa inteira, de levante em levante. Afinal, o que você queria? O que esperava? Não, você esperava que uma República prudente se mantivesse de pé com suas pernas escrofulosas, besuntadas com unguento de Lamartine¹²⁵, envoltas com os

26 de Fevereiro, especialmente depois da história com a bandeira: em 25 de Fevereiro foi adotada a bandeira tricolor da República. Ele escreveu na Carta Para Amigos de Moscou, entre 2 a 8 agosto de 1848: "Quando Lamartine rejeitou a bandeira vermelha e adotou a tricolor, ele vendeu a alma da jovem República à burguesia... É sob esta bandeira que a República voltou a existir em 26 de fevereiro..." (Cf. nota na versão russa)

¹²² Aqui há um jogo de palavras. Blanqui (*Бланки*) pode ser traduzido como "espaços em branco, lacunas", e Raspail (*Распаль*), como inflamado, no russo. (Nota do tradutor.)

¹²³ Referência a Jean-Paul Marat, que era médico. (Cf. notas no original russo e de Moura Budberg, p. 83.)

¹²⁴ Herzen refere-se ao jornal republicano *L'Ami Du Peuple*, hostil ao Governo Provisório, dirigido por François-Vincent Raspail. (Nota na versão russa.)

¹²⁵ Possível referência ao caráter religioso-profético das expectativas revolucionárias. Lamartine era símbolo da religiosidade cristã de sua época. Ver KERBAUY, Ana Cristina. **Ilustração Goana e Minerva Brasileira: A sedimentação do romantismo em Goa e no Brasil**. Orientador: Hélder Garmes. São Paulo: USP, 2008, p. 93, 96 (nota 160), 100, 102, 171. Dissertação de mestrado apresentada no programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa. Documento eletrônico, disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-09012009-171940/publico/ANA_CRISTINA_KERBAUY.pdf>. Acesso em 8 set 2015.

boletins de Ledru-Rollin¹²⁶. Isso teria sido uma catástrofe mundial; tal República teria sido um verdadeiro atraso de vida a todas as rodas da história. A República do Governo Provisório, baseada nos velhos princípios monárquicos, teria sido mais prejudicial do que qualquer monarquia. Ela se apresentou como um pacto [social] voluntário, e não como um ato absurdo de violência, não como um desastre histórico, mas como algo racional, justo, com sua contundente maioria de votos e suas bandeiras mentirosas. A palavra “república” tinha uma força moral que não mais podia ser encontrada em mais nenhum trono; enganando a todos com esse nome, ela forneceu as escoras para o suporte de uma ordem política decadente. A reação salvou o movimento, a reação arrancou todas as máscaras e assim, salvou a Revolução. Pessoas que permaneceriam intoxicadas por anos a fio com o láudano de Lamartine tornaram-se sóbrias depois de três meses de lei marcial; agora elas sabem o que significa subjugar uma revolução segundo os princípios *desta* República. Coisas que estavam claras apenas para algumas pessoas se tornaram nítidas a todos: todo mundo sabe que Cavaignac não tem culpa pelo que foi feito; que culpar o carrasco é pura tolice. Ele é mais desprezível do que culpado. Sem saber bem o que fazia, a reação subverteu os últimos ídolos, assim como o altar, atrás do que se escondia a velha ordem. As pessoas não acreditam mais na República, e isso é excelente, pois é hora de parar de acreditar em uma igreja única, exclusiva e salvadora. A religião da República está em vigor desde 1793; naquela época, era colossal, grandiosa, e produziu uma nobre linhagem de gigantes com quem uma longa era de revoluções políticas chegou ao fim. A república formal mostrou-se somente após as jornadas de Junho. Agora muitos começam a entender a inconsistência entre fraternidade ou igualdade, com essas armadilhas chamadas tribunais da liberdade¹²⁷ ou os abatedouros que existem sob o nome de tribunais militares. Agora ninguém mais acredita nesses júris fraudados que decidem às cegas o destino dos homens, sem direito à apelação; nem nos dispositivos da legislação civil que protege somente a propriedade; que deportam as pessoas como medida de segurança pública; que mantém ativo um exército,

¹²⁶ Referência às circulares de 8 e 11 de março, emitidas por Ledru-Rollin enquanto Ministro do Interior, que ordenavam ações decisivas contra comissários e elementos monárquicos nos Departamentos do campo e sua substituição por republicanos. (Nota na versão russa.)

¹²⁷ “...*assizes of freedom*...” , HERZEN, cf. trad. de Moura Budberg, p. 84.

nem que seja de uma centena de homens, sempre pronto a apertar o gatilho o primeiro comando, sem jamais questionar. Essas são as contribuições da reação. Dúvidas em rebulição ocupam as mentes e forçam os homens a pensar – e isso não é coisa fácil de se alcançar, especialmente com franceses, que são extremamente insensíveis a novos entendimentos, não importa quão claros sejam! Do mesmo modo foi na Alemanha: a princípio, tudo era um sucesso em Berlim e Vienna. As pessoas se deleitavam com suas Dietas, seus Estatutos, pelo que almejavam timidamente por trinta e cinco anos. Agora, depois de terem vivenciado a reação, e sabendo por experiência o que são de fato essas Dietas e Câmaras, [as pessoas] não se satisfarão com nenhum Estatuto, seja em promessa, seja pronto e acabado. Estatutos se tornaram para os alemães o que um brinquedo se torna para um homem que sonhava com ele quando ainda criança. A Europa tomou consciência, graças à reação, de que o sistema representativo é um aparato inteligente para transmutar necessidades sociais e prontidão de espírito para ação em palavras e intermináveis disputas. E ao invés de você estar se divertindo, você está com raiva! Você está com raiva porque a Assembleia Nacional, composta por reacionários, vestida de um poder ridículo e motivada por covardia, votou por um absurdo. Contudo, na minha opinião, essa é uma ostensiva prova de que todos esses Concílios Ecumênicos para a Legislação, todos esses representantes que posam como altos sacerdotes, são absolutamente desnecessários, e que atualmente é impossível votar uma Constituição inteligente. Não é ridículo fazer um Código de Leis para gerações vindouras quando o mundo decrépito mal tem tempo para fazer disposições para o futuro ou para ditar qualquer tipo de testamento? O porquê de você não aplaudir todos esses contratempos é que você é um conservador, porque conscientemente ou não você pertence a este mundo. No ano passado, irado e indignado, você não o deixou. Em retorno, ele te enganou com o 24 de Fevereiro. Você acreditou que ele podia ser salvo por remédios caseiros, agitação e reformas; você acreditou que ele podia ser rejuvenescido e ainda assim permanecer como era; e você acreditou que ele *poderia*¹²⁸ ser reformado, e ainda acredita. Umas poucas manifestações de rua, uma proclamação do Presidente Ledru-Rollin e você ascende novamente em êxtase. Enquanto se é jovem, isso é escusável, mas eu não te

¹²⁸ Em destaque no original russo.

aconselho a ficar nesse caminho por longo tempo, pois você vai se fazer de idiota. Você tem uma natureza vívida e impressionável – dê um passo sobre última a cerca, sacuda o último grão de poeira suas botas e tome consciência de que não bastam pequenas revoluções, pequenas mudanças, pequenas Repúblicas: elas são muito limitadas em sua atividade, e logo perdem todo o interesse. Ninguém deve se render a elas, pois são todas infectadas pelo conservadorismo. Eu quero fazer-lhes justiça: obviamente, elas têm seu lado bom. A vida em Roma foi muito melhor sob Pio IX do que sob o bêbado e devasso Gregório XVI. Do mesmo modo, a República de 26 de Fevereiro, de certa forma, oferece um ambiente mais propício a novas ideias do que uma monarquia, mas todos esses paliativos são tão prejudiciais quanto úteis, fornecem apenas um alívio momentâneo: fazem a pessoa se esquecer da doença por um instante. Logo, contudo, quando ela examina essas melhorias com um olhar mais acurado e nota a cara azeda com que foram declaradas, como cada pequena concessão é apresentada como uma ação virtuosa, como são garantidas a contragosto, de maneira insultuosa – aí sim a pessoa estará menos propensa a avaliá-las por um valor que realmente não possuem. Eu não consigo escolher entre formas de escravidão assim como entre formas de religião. Meu gosto se tornou embotado, e eu me tornei incapaz de distinguir entre sutilezas, de decidir qual escravidão é pior ou melhor, de decidir qual religião está mais próxima da salvação e qual está mais distante, de decidir qual é mais opressiva: uma república honesta ou uma monarquia piedosa; o conservadorismo revolucionário de Radetsky ou o revolucionarismo conservador de Cavaignac; de decidir quem é mais repelente, os Quakers ou os Jesuítas; de decidir o que é pior, o chicote ou *la crapaudine*.¹²⁹ Em ambos os lados há escravidão: aquele, astutamente disfarçada em nome de liberdade e, por conseguinte, perigosa; neste, selvagem e bestial e, por conseguinte, escancarada.

¹²⁹ Punição infligida no exército francês lotado em Argel. (Nota de Moura Budberg, p. 86.) REJALI, Darius, **Torture and Democracy** (New Jersey, EUA: Princeton University Press, 2009, p. 302 e 303): “*The crapaudine was an official field punishment. Crapaud means “the toad”, though à la crapaudine means to cut open and broil. In this restraint torture, the prisoner is laid flat on his stomach. Torturers pull the arms and feet together behind the back till they touch. The body bends out like a bow. The prisoners’ “joints locked, their muscles went into spasms”. “Hours after I had been untied, the pains continued across my shoulders and back and all the next day, lying in my grave, I was unable to move and I thought that I must be paralyzed for ever.”*”

Felizmente, nenhum dos dois lados reconhece no outro as semelhanças comuns, e ambos estão prontos para entrarem em luta a qualquer momento. Bem, que então lutem, que formem coalizões, que se mordam uns aos outros e se arrastem juntos à cova! Seja lá qual delas triunfar, falsidade ou violência, a vitória não será nossa – e, no entanto, muito menos de qualquer um deles; tudo que os conquistadores alcançarão será viver um dia ou dois em festa.

G. – E nós haveremos de permanecer como meros espectadores, eternos espectadores, membros miseráveis de um júri cujo veredicto nunca é executado, especialistas cujas opiniões ninguém quer. Estou surpreso com você, e não sei se o invejo ou não. Para alguém com uma mente tão ativa como a sua, você tem... como diria... moderação demais.

H. – O que posso fazer? Eu mesmo não me esforço: sinceridade e independência são meus ídolos, e eu não quero estar nem sob o abrigo de um lado nem sob a bandeira do outro. Ambos estão numa rota tão segura para a cova que de minha ajuda eles não precisam. Esse problema já aconteceu antes. Que participação podiam ter os cristãos nas lutas dos romanos contra os pretendentes do trono imperial? Eles eram chamados de covardes, mas simplesmente continuavam sorrindo e fazendo seu trabalho, orando e pregando.

G. – Eles pregaram porque eram fortes na fé, e tinham uma unidade de doutrina. Mas onde está o nosso evangelho, a nova proposta de vida para apresentarmos às pessoas, a boa notícia acerca da qual somos convocados a testemunhar ao mundo?

H. – Pregue as notícias de morte, mostre às pessoas cada nova ferida no peito do Velho Mundo, cada vitória da destruição. Aponte a debilidade de seus esforços, a vacuidade de suas ambições. Demonstre que ele não tem como se recuperar, que lhe falta qualquer suporte ou fé em si mesmo, que ninguém o ama realmente, que toda sua existência repousa sobre mal-entendidos. Demonstre que cada uma de suas vitórias são, ao mesmo tempo, feridas autoinfligidas. Pregue a morte como boas novas da redenção que se aproxima.

G. – Oh, não seria melhor rezar...? Quem há de lá pregar, quando as vítimas estão caindo nas fileiras de ambos os lados? Havia um Bispo em Paris¹³⁰ que não sabia que as pessoas não

¹³⁰ Referência a Denis-Auguste Affre (1793-1848). Arcebispo de Paris. Morto nas Jornadas de Junho enquanto tentava persuadir os soldados a parar de lutar. (Segundo nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.52. Conforme a nota

conseguem ouvir no meio de uma batalha. Esperemos um pouco mais. Quando a batalha tiver acabado, aí sim poderemos começar a pregar sobre a morte, e ninguém vai nos interromper, no vasto cemitério onde os corpos dos lutadores jazarão lado a lado. Afinal, quem melhor do que os mortos para ouvir apoteoses sobre a morte? Se as coisas continuarem como estão agora, o espetáculo será algo original: o futuro que desponta há de perecer juntamente com o decrepito velho mundo. A inexperiente democracia há de murchar, ferindo a fria, emaciada e moribunda monarquia.

H. – Um futuro moribundo não é futuro. Democracia é essencialmente o presente; é uma luta, a negação da hierarquia, das iniquidades sociais que se desenvolveram no passado, uma chama purificadora que queimará as formas obsoletas e, é claro, que há de perecer quando tudo tiver sido consumado. A democracia não pode criar coisas, criação não é assunto seu; e há de perder seu sentido de ser depois da morte do último de seus inimigos. “Democratas” – nas palavras de Cromwell – “só sabem o que não querem; aquilo que querem, eles não sabem”.

G. – Por trás do conhecimento daquilo que não quero me tornar, reside uma premonição daquilo que eu quero ser. Isso é baseado numa ideia que tem sido tão repetida que chega a ser vergonhoso se referir a ela: a ideia de que cada destruição é, a seu próprio modo, uma criação. O ser humano não pode se contentar com a destruição; isso é contrário à sua natureza criativa. A fim de pregar a morte, ele precisava da crença num renascimento. Para os cristãos, é fácil proclamar o fim do mundo antigo, pois para eles, todo funeral coincide com um batismo.

H. – Nós temos algo mais do que uma mera intuição do futuro, há algo mais, mas nós não ficamos tão facilmente satisfeitos, como os cristãos. Eles têm um critério apenas: a fé. Para eles, é claro que a crença inabalável de que a igreja vai prevalecer, e de que o mundo inteiro será batizado, foi um grande alívio. Não lhes ocorre que a criança batizada não seguirá inteiramente as opções espirituais de seus pais. O Cristianismo continua a ser uma piedosa esperança. Agora, à véspera da morte, assim como no primeiro século, ele se conforta com o céu, o paraíso. Ele estaria perdido sem a ideia do paraíso. A inculcação da ideia de uma nova vida é muito mais difícil em nosso tempo; nós não temos

na versão russa, Affre foi morto por um tiro disparado a partir das fileiras das tropas do governo.)

céu nenhum, nem “moradas celestes de Deus”. Todo o nosso existir é humano e deve ser realizado sobre a terra – na realidade concreta, no chão. Aqui não há qualquer referência à tentação do diabo, nem à ajuda de Deus, nem à vida além-túmulo. A democracia, no entanto, não chega a ir tão longe – ela ainda está de pé na mesma margem do cristão, na beira do abismo de seu romantismo ascético, de idealismo liberal. Ela, a democracia, possui um imenso poder de destruição, mas assim que começar a exercê-lo, há de se perder em experiências didáticas e em exercícios políticos. É claro que a destruição torna limpo o solo, e isso realmente é criação; ela remove uma série de mentiras, e isso realmente é verdade. Mas não há verdadeira criatividade na democracia, e é por isso que democracia não é o futuro. O futuro está além da política, e paira acima do caos das aspirações políticas e sociais, de onde há de colher linhas para tecer uma mortalha para o passado e as fraldas para os recém-nascidos. O socialismo corresponde aos ensinamentos do Nazareno no Império Romano.

G. – Se alguém recolher o que você acabou de dizer sobre o Cristianismo e continuar a comparação, verá que o futuro do socialismo não tem nada de invejável: ele continuará a ser uma eterna esperança...

H. – ...E no processo irá desenvolver um brilhante período na história sob sua bênção. O Evangelho não se realizou e afinal não foi necessário. O que se tornou real foi a Idade Média, o tempo das reconstruções e o tempo das revoluções; e o Cristianismo esteve no âmago de todas essas manifestações, participando em tudo, agindo como guia e condutor. A realização do socialismo é a mesma combinação inesperada de ensinamentos abstratos com fatos existentes. A vida realiza apenas o aspecto de uma ideia que cai em solo propício para germinar, e o solo, nesse caso, não permanece como meio passivo, mas dá sua seiva e contribui com seus próprios elementos. O novo elemento nascido do conflito entre as utopias e o conservadorismo entra na vida, não segundo as expectativas de um ou de outro lado; antes, ele ingressa transformado, processado, composto de memórias – e expectativas – das coisas que são e das coisas que eram, de tradições e privilégios, de crenças e ciência, de romanos que viveram demais e de alemães que nem chegaram a viver, unidos por uma só igreja, sim, mas alienados de ambos. Ideais, construções teóricas, nunca se materializam do modo como se manifestam em nossa mente.

G. – Então, como e por que eles vêm à nossa mente, afinal? É um tanto quanto irônico...

H. – E por que diabos você quer que tudo na mente humana seja tão preciso? Que tudo seja tão prosaicamente reduzido à necessidade nua e crua, ao estritamente utilitário, ao obviamente inevitável? Lembre-se do que disse o velho Lear a uma de suas filhas, quando ela lhe reduziu as terras e as armas, garantindo-lhe que o pouco que lhe restaria seria suficiente para suas necessidades:

*O, reason not the need: our basest beggars
Are in the poorest thing superfluous:
Allow not nature more than nature needs,
Man's life's as cheap as beast's [...].*¹³¹

A imaginação e as fantasias do homem são incomparavelmente mais livres do que as pessoas normalmente concebem. Mundos de poesia, lirismo e meditação, independentes (em certa medida) das circunstâncias envolventes, repousam adormecidos na alma de todo mundo. Basta uma sacudida e as pessoas acordam com suas visões, suas soluções e teorias. O pensamento, ao que se aprende dos fatos concretos, se conforma a certas regras universais ao tentar escapar de definições casuais e provisionais rumo ao domínio da lógica – mas daí ao âmbito da prática a distância é muito grande.

G. – Ouvindo suas palavras, noto agora quão imparcial é o seu senso de justiça – e já entendi o porquê: você não foi dragado pela corrente, nem está envolvido neste redemoinho. Uma pessoa de fora é sempre mais precisa na análise dos assuntos de uma família do que seus próprios membros. Mas se você, como tantos outros – como Barbès¹³², como Mazzini¹³³ – tivesse

¹³¹ “Oh, não vamos discutir necessidades! Nossos miseráveis mais miseráveis sempre têm alguma coisa que é supérflua às suas necessidades miseráveis. Se concedermos à natureza humana apenas o que lhe é essencial, a vida do homem vale tão pouco quanto a do animal.” SHAKESPEARE, William. **Rei Lear**. Trad. Millôr Fernandes. Ato II, cena 4. Documento eletrônico, disponível em <http://www2.uol.com.br/millor/teatro/04_reilear.htm>. Acesso em 25 nov 2015.

¹³² Armand Barbès (1809-1870) foi um revolucionário republicano francês e oponente feroz e firme da monarquia de Julho (1830-1848). Foi preso em 1839 numa tentativa frustrada de depor o Rei Louis-Philippe e condenado à prisão perpétua, sendo posteriormente libertado na Revolução de Fevereiro de 1848. Foi deputado na Assembleia Constituinte, mas novamente preso em maio de 1848 por ter participado numa insurgência, e de novo condenado à prisão perpétua em 1849. Foi perdoado por Napoleão III em 1854. (Barbès, Armand, in **MIA – Encyclopedia of Marxism**: Glossary of People. Documento eletrônico,

labutado toda sua vida impelido por uma voz interior que o convocava imperativamente a essa ação, uma voz que você não tinha como calar porque lhe subia das próprias entranhas, de um coração humilhado que sangrava à vista da opressão, que se desvanecia à vista da violência; se essa voz não lhe aguilhoasse apenas na mente, na sua consciência, mas no sangue e nos nervos; e se você, ao seguir seus impulsos, tivesse de entrar em confronto real com as autoridades, e passar parte de sua vida em cadeias, ou perambulando exilado pelo mundo – e de repente o dia que você esperou a vida inteira alvorecesse no horizonte – então, como Mazzini, você iria bradar, no meio da Praça de Milão, em italiano, palavras de independência e fraternidade, sob uma trovejada de aplausos, sem medo de túnicas brancas ou de bigodes amarelos. Se você – como Barbès – depois de uma década na cadeia, fosse carregado por uma multidão exultante até a praça da cidade, a mesma praça onde um assistente de carrasco leu a sua sentença de morte e outro leu sua comutação em prisão perpétua; se você, depois de tudo pelo que passou, presenciasse seu ideal político se realizando e uma multidão de duzentas mil pessoas aclamando-o como mártir, em brados de “*Vive La Republique*”; se você, depois de tudo isso, fosse obrigado a ver Radetzky em Milão, Cavaignac em Paris e, mais uma vez, fosse condenado ao exílio – imagine, a par disso tudo, que você não pudesse se consolar por atribuir isso tudo à causa de força bruta¹³⁴, mas, pelo contrário, presenciasse o povo trair a si mesmo, presenciasse a mesma multidão deliberando a quais mãos seria confiado o punhal a ser usado contra si mesma – você não iria, em seguida, discutir moderada e exaustivamente se o pensamento é necessário, ou onde residem os limites da liberdade. Não, você iria amaldiçoar o rebanho humano, seu amor iria se transformar em ódio, ou pior, em desprezo. Você poderia ter ido para um mosteiro com todo esse seu ateísmo.

disponível em <<https://www.marxists.org/glossary/people/b/a.htm#barbes-armand>>. Acesso em 11 fev 2020.)

¹³³ Giuseppe Mazzini (1805-1872) foi jornalista italiano que militou ativamente pela independência e unificação da Itália, no século XIX. (Mazzini, Giuseppe, in **MIA – Encyclopedia of Marxism**: Glossary of People. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.marxists.org/glossary/people/m/a.htm#mazzini-guisepe>>. Acesso em 11 fev 2020.)

¹³⁴ “[...] imagine, besides, that you couldn't console yourself by laying all this at the door of brute force but, on the contrary, saw the people traitors to themselves, saw the same crowd now deliberating to whose hands to entrust the dagger turned against them”. (Cf. Moura Budberg, op. cit., p. 91.)

H. – Essa seria a prova de que eu sou fraco, prova de que todos os homens são fracos. Seria uma confirmação de que o pensamento é necessário, não somente para o mundo, mas até mesmo para o próprio homem. Mas me desculpe: eu não posso permitir que você mantenha essa conversa centrada em nossa personalidade. Faço notar uma coisa: sim, eu sou um espectador, mas esse não é nem o meu papel nem a minha natureza. É somente minha condição. Eu entendi isso, e essa é minha felicidade. Não vamos falar de mim, não quero me distrair do tema. Você diz que eu gostaria de amaldiçoar o povo. Talvez, mas seria muito estúpido. O povo, as massas, são elementos da natureza, são oceânicos, seu caminho é o caminho da natureza: eles são seus sucessores imediatos, e são conduzidos por instintos obscuros, paixões inconscientes. São obstinadamente apegados àquilo que alcançaram, mesmo que isso seja algo ruim. Postos em movimento, eles varrem tudo consigo ou esmagam sob seus pés tudo o que estiver em seu caminho, mesmo que isso seja algo bom. Eles marcham como o famoso ídolo hindu¹³⁵: todos os que ficam no caminho do ídolo se atiram sob as rodas da carruagem, e frequentemente os adoradores mais fanáticos são os primeiros a ser esmagados. É absurdo culpar os povos – eles estão certos, afinal, pois se conformam às circunstâncias de sua existência anterior. Eles não têm qualquer responsabilidade para o bem ou para o mal; eles são fatos naturais, como boas ou más colheitas, como um carvalho, ou como uma folha de grama. Maior responsabilidade recai sob a minoria que representa o pensamento consciente de seu tempo – embora isso não seja em si culpável. Ademais, esse critério legal não se aplica a toda circunstância, mas somente no Tribunal, e é exatamente por isso que todos os Tribunais do mundo são inúteis. Compreender e culpar é quase tão absurdo quanto não entender e executar. Será que a minoria é a responsável por todo o desenvolvimento histórico de toda a civilização dos séculos anteriores, de modo que sua ideologia evoluiu à custa do sangue e da medula dos outros, de modo que, devido a isso, tal minoria está tão apartada das massas brutalizadas, subdesenvolvidas e esmagadas pela

¹³⁵ Referência ao Ratha-Yatra, festival hindu que envolve enormes carros-templos que conduzem as divindades Jagannath, Balabhadra, Subhadra e Sudarshana, originário de Puri, Odisha e também celebrado em Ahmedabad, Gujarat. (**Festivais Espirituais: Ratha-Yatra**, in KRISHNA.COM, documento eletrônico, disponível em <<http://pt.krishna.com/festivais-espirituais-ratha-yatra>>, acesso em 11 fev 2020.)

pesada labuta a que são submetidas? Isso não é uma questão de responsabilidade, mas é um desses aspectos trágicos e fatais da história: o homem rico não é responsável pelas riquezas que ele encontra no berço, nem o homem pobre por sua pobreza. Ambos são vítimas da injustiça, do fatalismo. E mesmo se tivermos o direito de exigir que um povo sofrido, oprimido e humilhado, alquebrado por fome e miséria, nos perdoe por nossa superioridade, por nosso superior desenvolvimento, porque não temos culpa por isso, ou porque estamos conscienciosamente nos esforçando para corrigir nossos pecados inconscientes – onde, então, encontraremos forças para amaldiçoar e desprezar as pessoas que permaneceram na condição de Kaspar Hauser¹³⁶ a fim de que você e eu pudéssemos ler Dante e ouvir Beethoven? Desprezá-los porque eles não nos entendem – a nós, que desfrutamos o monopólio do entendimento – é algo repulsivo, uma crueldade abominável. Lembre-se de como as coisas ocorreram: a minoria educada, por muito tempo desfrutando de sua posição privilegiada em seu ambiente aristocrático, literário, artístico, em seus círculos governamentais, finalmente sentiu remorso, lembrou-se de seus irmãos esquecidos, pensou sobre a injustiça da ordem social, e a ideia de igualdade espalhou-se como uma faísca elétrica sobre as melhores mentes do século passado. Numa perspectiva puramente teorética, pessoas entenderam a injustiça dos tempos e tentaram mais tarde reescrevê-los; esse arrependimento tardio da minoria foi chamado de liberalismo. Numa intenção genuína de recompensar os povos por milhares de anos de humilhação, eles proclamaram sua soberania, exigindo que cada cidadão se tornasse, de repente, um homem político, entendesse o emaranhado de leis semi-livres e semi-servis dos Códigos, largasse seu emprego, isto é, seu ganha-pão-de-cada-dia, e que esse novo Cincinato¹³⁷ se envolvesse agora com assuntos públicos. Sobre ganha-pão-de-cada-dia, o liberalismo não deu considerações mais

¹³⁶ Kaspar Hauser (c.1812-1833), jovem suposto ter sido o filho do Grão-Duque de Baden, criado na pobreza e em isolamento devido às maquinações da grã-duquesa, sua madrasta. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.93.) Herzen destaca aqui o caráter de ignorância e subdesenvolvimento cultural que as pessoas são submetidas, por serem mantidas na miséria.

¹³⁷ Referência a Lúcio Quíncio Cincinato (519 a.C. – 439 a.C.), general, cônsul e ditador romano, exemplo de virtude cívica e simplicidade cidadã. (**Lucio Quíncio Cincinato** in BIOGRAFÍAS Y VIDAS. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.biografiasyvidas.com/biografia/q/quincio.htm>>. Acesso em 11 fev 2020.)

aprofundadas. Afinal, ele é romântico demais para se ocupar com tais necessidades brutas. Era mais fácil, para o liberalismo, inventar as pessoas do que estudá-las. Ele mentiu sobre o povo por amor, não menos do que os outros o fizeram por ódio. Liberais construíram sua ideia de povo¹³⁸ *a priori*, em cima de memórias de coisas lidas, vestido numa toga romana ou numa indumentária de pastor. Ninguém pensava em pessoas reais, pessoas que viviam, trabalhavam, sofrendo por todos os lados e cantos, e se alguém realmente conhecia sua condição, eram seus inimigos: os sacerdotes e os legitimistas. Sua sorte permanecia inalterada, mas a ficção que inventaram do povo se tornou o ídolo da nova religião política – o óleo que ungia a testa dos Tzares foi transferido para a testa queimada do povo, cheia de rugas e de suor amargo. Sem libertar nem suas mãos nem sua mente, o Liberalismo entronizou o povo e, enquanto se curvava diante dele, tentou conservar o poder em suas próprias mãos. Por sua vez, o povo se comportou como um de seus representantes, Sancho Pança: ele desistiu de seu trono imaginário, ou melhor, jamais se sentou sobre ele.¹³⁹ Começamos a compreender a falsidade de ambos os lados, o que significa que nós estamos no caminho certo e podemos apontá-lo a outros. Mas por que deveríamos apontar culpados, quando olhamos para trás? Eu não culpo o povo, assim como não culpo os liberais. Eles, em sua própria maneira, amaram o povo, e sacrificaram não pouco de si por seus ideais – o que é sempre honorável – mas eles estavam no caminho errado. Eles podem ser comparados aos primitivos naturalistas que começavam e terminavam o estudo na natureza no herbário e no museu; tudo o que sabiam sobre a vida era o cadáver, uma forma morta, um fóssil da vida. Honra e glória àqueles cujo primeiro pensamento foi tomar uma mochila e ir trilhar montanhas e navegar através dos mares, tomando a natureza e a vida como realmente são. Mas por que usar sua glória e seus sucessos para obscurecer o trabalho de seus

¹³⁸ Para mais detalhes sobre o tema da soberania popular, veja-se MULLER, Friederich. **Quem é o povo?** A questão fundamental da democracia. São Paulo: Max Limonad, 2003. Ver também MALUF, Emir e MORAES, Mona Lisa de; **Povo e Democracia:** Exercícios de Soberania in JusBrasil. Documento Eletrônico, disponível em <<http://emirmaluf.jusbrasil.com.br/artigos/267112130/povo-e-democracia>>. Acesso em 22 mar 2003.

¹³⁹ Ver a divertida história da governadoria de Sancho Pança na Segunda Parte do clássico Don Quijote, de Miguel de Cervantes, Caps. XLII a LIII. (Nota na versão russa.)

predecessores? Liberais sempre foram moradores de cidades grandes e de pequenos círculos, homens de livros, jornais e clubes; de fato, eles nunca chegaram a conhecer o povo. Estudaram com imensa profundidade fontes históricas e antiguidades, mas não as vilas e o mercado local. Todos nós somos mais ou menos culpados por isso; daí os mal-entendidos, as esperanças traídas, frustração e, finalmente, o desespero. Se você estivesse minimamente familiarizado com a vida privada na França, não se surpreenderia que o povo queira votar em Bonaparte, e saberia que o povo francês não tem a menor noção do que seja liberdade, ou o que seja a República, embora seja um poço sem fundo de orgulho nacional. Eles adoram os Bonapartes e não toleram os Bourbons, mas não sabem por quê. Os Bourbons os lembram da corvéia, da Bastilha, da nobreza, enquanto os Bonapartes os lembram histórias de homens velhos, canções de Béranger, vitórias e, finalmente – mas nunca menos importante – como um de seus vizinhos – um cidadão como eles próprios – voltou como general, com uma Legião de Honra em seu peito. Assim o filho do vizinho se apressa em entregar seu voto ao sobrinho.¹⁴⁰

G. – Evidentemente, é este o caso. Mas uma coisa é estranha: se a memória das pessoas é tão boa, por que elas se esquecem do despotismo de Napoleão, suas conscrições e a tirania dos Prefeitos?

H. – É simples: para o povo, despotismo não é uma peculiaridade do Império. Para ele, até agora todos os governos foram despóticos. Por exemplo, o povo pensa que a República foi proclamada para o deleite de *La Réforme*, para uso de *Le National* – em termos dos 45 centavos de imposto¹⁴¹, das

¹⁴⁰ Louis-Napoléon, posteriormente Napoléon III.

¹⁴¹ “A imposição da taxa de 45 centavos incidentes sobre cada franco de impostos pagos pelos proprietários de terras foi introduzida por decreto do Governo Provisório, em 16 de março de 1848, e criou um profundo ressentimento entre os camponeses.” (Nota na versão russa.)
“O Governo provisório lançou um imposto adicional de 45 cêntimos por franco sobre os quatro impostos directos. A imprensa do governo fez crer ao proletariado parisiense que este imposto recaía preferencialmente sobre a grande propriedade fundiária, sobre os detentores dos mil milhões concedidos pela Restauração. Na verdade, porém, esse imposto atingia sobretudo a classe camponesa, isto é, a grande maioria do povo francês. Os camponeses tiveram de pagar as custas da revolução de Fevereiro, neles a contra-revolução ganhou o seu material mais importante. O imposto de 45 cêntimos era uma questão de vida ou de morte para o camponês francês e este fez dele uma questão de vida ou de morte para a república. A partir desse momento, para o camponês, a

deportações, dos pobres trabalhadores a quem não se concediam passes para Paris¹⁴². As pessoas, em geral, não são boas em filologia. A palavra “república” não significa nada para elas, não lhe dá qualquer consolo, nem as ajuda de modo algum. Palavras como “Império”, “Napoleão”, as eletrifica. Isso lhes basta.

G. – Se você considerar tudo nessa perspectiva, eu devo começar a pensar que ninguém deve se enfurecer ou fazer qualquer coisa, mas simplesmente abandonar até mesmo o desejo de fazer qualquer coisa.

H. – Acho que já lhe disse: compreender já é agir, já é realizar algo. Você acha que quando você tiver compreendido seu ambiente, seu desejo de agir irá passar? Isso significa que você não iria fazer o que deveria ser feito. Nesse caso você trate de procurar outra forma de ação: se não no seu exterior, então no seu interior. É estranho um homem ter algo a fazer e não fazer coisa alguma, mas não é menos estranho um homem não ter coisa alguma a fazer e, ainda assim, fazer algo. Uma ação não é uma bola de lã que você entrega a um gatinho para ele brincar. Um trabalho é determinado, não somente pelo puro desejo, mas também pela demanda por ele.

G. – Eu nunca duvidei do fato de que uma pessoa deva sempre refletir, e nunca confundi inatividade forçada com levandade de pensamento¹⁴³. Contudo, eu antevejo a reconfortante conclusão a que você chegará: permanecer em ócio meditativo, paralisando o coração com o intelecto, e a benevolência com criticismo.

H. – A fim de participar ativamente no mundo em torno de nós, repito-lhe que não basta amor pela humanidade e mero desejo. Tudo isso são conceitos vagos e bruxuleantes. O que é o amor à humanidade? O que é a própria humanidade? Tudo me soa como as mesmas velhas virtudes cristãs, aquecidas em um enfoque filosófico. O povo tem amor por seus compatriotas – isso é

república era o imposto dos 45 centimos, e no proletariado de Paris ele via o perdulário que vivia regalado à sua custa.” (MARX, Karl. **As Lutas de Classes em França de 1848 a 1850**. Documento eletrônico, disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1850/11/lutas_class/cap01.htm>. Acesso em 14 mar 2016.

¹⁴² “Em uma carta aos amigos de Moscou, por volta de 2 a-8 de agosto de 1848, Herzen escreveu: “Você sabe que Paris não vai autorizar a entrada de trabalhadores que não tenham o passe emitido pelos departamentos, os mesmos passes que não são dados a trabalhadores pobres.” (Nota na versão russa.)

¹⁴³ “...deliberate avoidance of thought...”: “deliberada falta de reflexão”.

compreensível. Mas ter um amor que abrace tudo o que tenha deixado de ser um macaco, desde os esquimós e os hotentotes, até o Dalai Lama e o Papa – isso eu não posso engolir... é algo abrangente demais. Se esse é o mesmo amor com que se ama a natureza, o planeta, o universo, eu não vejo como ele poderia ser particularmente ativo. Não é o instinto puro, ou a compreensão do ambiente em que se vive, que engendram a ação real? Seu instinto está perdido: descarte seu conhecimento abstrato e encare a realidade como um herói, entenda isso e você verá que tipo de ação é necessária e que tipo não é. Você quer uma ação política na ordem atual? Então se torne um Marrast¹⁴⁴, um Odilon Barrot¹⁴⁵, e a terá. Mas você não quer isso. Você considera que todo homem decente seja completamente ignorante em assuntos políticos e, portanto, incapaz de um pensamento sério – como se a república precisa ou não de um Presidente, ou se a Assembleia pode ou não enviar homens aos trabalhos forçados sem um julgamento, ou melhor ainda, se alguém deve votar para Cavaignac ou Louis Bonaparte? Você pode passar um mês ou um ano pensando qual deles é melhor – mas não se decidirá, pois, como dizem as crianças, “ambos são piores”. Tudo o que resta à pessoa é respeitar a si mesma: não votar em ninguém. Procure nos outros tópicos ao *L'Ordre Du Jour*: mais do mesmo. “Eles são dedicados aos deuses”, a morte se agiganta em seu rastro. O que faz o sacerdote quando convocado a atender um homem moribundo? Ele não tenta curá-lo, nem manifesta qualquer objeção aos seus delírios; antes, lê preces aos moribundos. Siga seus exemplos, leia as orações, leia a sentença de morte àqueles cuja execução lhes está caindo sobre as cabeças, certifique-se de uma vez por todas que nenhum dos condenados vai escapar da execução, nem a *autocracia* do Tsar de Petersburgo, nem a *liberdade*¹⁴⁶ da república burguesa, e não desperdice sua piedade sobre nenhuma das duas coisas. É melhor persuadir as pessoas mais frívolas e superficiais, que

¹⁴⁴ Armand Marrast (1801-1852): estadista liberal francês e publicista. Editor do *Le National*. Membro do Governo Provisório e Presidente da Assembleia Nacional. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.96.)

¹⁴⁵ Camille Hyacinthe Odilon Barrot (1791-1873): político liberal, que fazia oposição a Guizot. em 1848. Uniu-se a Thiers para tentar formar um ministério tendo Comte de Paris como regente. Presidente do Primeiro-Ministério de Louis Napoléon, em dezembro 1848. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.96.)

¹⁴⁶ Em destaque no original russo. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.97.)

aplaudiram a queda do Império Austríaco e que tremem pelo destino dessa *demi*-república, de que a queda dessa república é um grande passo para a libertação dos povos, assim como foi a queda Áustria; de que não há necessidade de exceções às reprimendas, que o tempo de indulgência ainda não chegou. Diga-lhes, com as palavras de um liberal reacionário, que “anistia é coisa para o futuro”. Peça-lhes, em vez de amor pela humanidade, ódio de tudo o que entrave o caminho e impeça o progresso. É hora de amarrar todos os inimigos da liberdade – do mesmo modo como eles amarram seus prisioneiros e os conduzem em procissões pelas ruas – de maneira que todos vejam a responsabilidade que eles compartilham, segundo o Código Francês e a Lei da Rússia, de Cavaignac e Radetzky – e isso será uma grande lição! Aquele que for trazido aos sentidos por esses terríveis acontecimentos jamais os recuperará e morrerá como um Ritter Von Toggenburg¹⁴⁷ do liberalismo, como um Lafayette. O Terror executou homens, mas a nossa tarefa é mais fácil: somos convocados para executar uma instituição, para destruir crenças, para romper preconceitos, para estilhaçar quaisquer esperanças remanescentes de retorno ao passado, sem preservar qualquer relíquia, sem fazer qualquer concessão, sem mostrar qualquer piedade. Nosso sorriso, nossos cumprimentos são apenas para o que ascende, para a aurora, e, se não podemos antecipá-la nem uma hora sequer, podemos ser arautos de seu advento àqueles que não a veem!

G. – Como faz o velho mendigo na *Place Vendome*, que todas as noites oferece aos transeuntes um telescópio a fim de que olhem para estrelas distantes?

H. – Sua comparação é muito adequada. Nossa tarefa é mostrar às pessoas como as ondas do dilúvio se aproximam cada vez mais, como elas crescem e ascendem em seu fluxo punitivo. Ao mesmo tempo, fazê-las avistar as velas brancas da Arca... longe, na linha do horizonte. Este é o nosso trabalho. Quando tudo estiver submerso, quando tudo supérfluo tiver perecido e dissolvido em água salgada, quando as águas começarem a retroceder e a Arca finalmente estiver repousando em segurança, então as pessoas hão de ser algo distinto, muito distinto. Mas não agora!

Paris, 1º de dezembro de 1848.

¹⁴⁷ Suíço defensor de direitos obsoletos. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.97.)

V CONSOLATIO

“Der Mensch ist nicht geboren frey zu seyn.”¹⁴⁸
Goethe (Tasso)

De todos os subúrbios de Paris, o que eu mais gosto é Montmorency. Não há nada de pomposo, os parques não são tão podados como em Saint-Claud, as árvores não têm *bourdois*, como no Trianon; mas ninguém quer sair dali. A natureza em Montmorency é extremamente simples: é semelhante aos rostos daquelas mulheres que não nos impressionam nem prendem nossa atenção, mas nos atraem por sua expressão doce e confiante, tanto mais por não nos apercebermos disso. Essas faces e paisagens guardam em si algo simultaneamente tranquilo e comovente, e é exatamente por essa paz, por essa “gota de água para Lázaro”¹⁴⁹, que a alma do homem moderno, perpetuamente em frangalhos, agitada e agonizante, se sente grandemente agradecida. Várias vezes eu encontrei descanso em Montmorency, e sou grato a ele. Há um grande bosque, situado num elevado, cujo silêncio não pode ser encontrado em outro lugar próximo a Paris. Eu não sei por que, mas esse bosque me lembra nossas florestas na Rússia... Você anda um pouco, e parece que num momento o cheiro da fumaça dos celeiros irá te

¹⁴⁸ “O Homem não nasce para ser livre”. (GOETHE, Torquato Tasso, Ato II, Cena 1.)

¹⁴⁹ Herzen faz alusão a uma parábola do Evangelho de Lucas, em que Lázaro derrama uma gota de água sobre um rico que penava no fogo ardente do Inferno. (Lucas Cap. XVI: 19-31.) N. do T.

envolver; noutro momento uma vila aparecerá de um lado, e que do outro lado do morro você encontrará uma quinta¹⁵⁰... O caminho é uma estrada ampla que atravessa uma clareira, e – você acredita? – eu me senti triste porque, depois de andar um pouco e sair do bosque, ao invés de Zvenigorod¹⁵¹, vi Paris, e ao invés de uma pequena janela da cabana do ancião ou do fazendeiro, eu vi a pequena janela que Jean-Jacques costumava contemplar tão longa e tristemente o mundo...

Certo dia, chegaram a essa cabana algumas pessoas, saídas do bosque, aparentemente viajantes: uma senhora de vinte e cinco anos, toda vestida de preto, e um homem de meia-idade, prematuramente grisalho. Suas expressões eram sérias, realmente solenes e serenas. Somente um persistente hábito de concentração, ou uma vida abundante de pensamentos e eventos, pode conferir tal serenidade a uma pessoa. Essa não é uma serenidade natural, mas é a calma que se sucede às tempestades, as lutas e as vitórias.

“Esta é a casa de Rousseau” – disse o homem, apontado para o pequeno edifício, que não possuía mais de três janelas.

Eles pararam. Uma janela estava ligeiramente aberta, e a cortina balançava ao vento.

J. ¹⁵² – Este movimento das cortinas me amedrontam – e não posso evitar. Parece-me que um ancião raivoso e desconfiado vai aparecer e nos perguntar o que estamos fazendo aqui. Quem poderia imaginar, olhando para essa casinha tranquila, rodeada de vegetação, que ela era a “rocha de Prometeu¹⁵³” de um grande homem, cujo único defeito era gostar demais das pessoas, ter fé demais nelas, desejar-lhes maior bem do que elas próprias desejaram para si mesmas? Seus contemporâneos não podiam lhe perdoar ter expressado as próprias dores de consciência deles. Eles o recompensaram com uma risada artificial de desprezo, e ele se sentiu insultado. Eles olharam para o poeta da

¹⁵⁰ “Усадьба” (*Usad'ba*), quinta, chácara. Casa-grande de fazenda. (N. do T.)

¹⁵¹ Pequena cidade na zona metropolitana de Moscow.

¹⁵² Para facilitação da leitura, adotar-se-á a mesma metodologia dos capítulos anteriores: *H* indica as falas do homem de meia idade, e *J* indica as da jovem.

¹⁵³ Alusão à condenação proferida por Zeus contra Prometeu, por ter roubado o fogo do Olimpo e entregado aos homens, para sua sobrevivência. Zeus determinou ser Prometeu amarrado a uma rocha por toda a eternidade enquanto uma grande águia diariamente comia seu fígado - que crescia novamente no dia seguinte. (**Prometheus** in *ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA*. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/topic/Prometheus-Greek-god>>. Acesso em 11 fev 2020.

liberdade e da fraternidade como se fosse um louco; tinham medo de reconhecer nele a razão, pois isso equivaleria a reconhecer a sua própria tolice, e ele chorou sobre eles. Ao longo de uma vida inteira de devoção, de um desejo apaixonado de ajudar, amar e ser amado, de libertar, ele se deparou com umas poucas saudações fugazes e infinita frieza, incompreensão arrogante, perseguições e calúnias! Desconfiado e gentil por natureza, ele não pôde se posicionar acima dessas trivialidades e se perdeu, abandonado por todos, em situação de pobreza e doença. Em resposta ao seu anseio por amor e simpatia, ele encontrou simplesmente Thérèse, em que se concentrou tudo o que, para ele, era quente, tudo o que lhe estava ao coração: Thérèse, que nunca aprendeu a dizer as horas, que era pouco desenvolvida, cheia de preconceitos, que reduziu a vida de Rousseau a uma supersticiosidade obtusa, em fofocas filistinas, e que, ao fim, terminou por separá-lo de seus últimos amigos. Quantos momentos amargos ele deve ter passado com os cotovelos no peitoril daquela janela, de onde ele alimentava pássaros, pensando no mal com que lhe recompensariam! O única coisa que restava ao pobre velho era justamente a natureza, que ele tanto admirava, e fechar os olhos, olhos cansados da vida, pesados com tantas lágrimas. Diz-se que ele mesmo apressou o momento de seu livramento... desta vez, Sócrates pronunciou sua própria sentença de morte pelo pecado de consciência, pelo crime de gênio. Quando alguém contempla com seriedade tudo o que acontece, fica amargurada com a vida. Tudo no mundo é nauseante, e também estúpido. As pessoas correm em círculos, trabalhando sem encontrar descanso por um momento que seja, e terminam por fazer disparates. Outros tentam arrazoar com elas, tentam refreá-las, tentam salvá-las, mas são crucificadas e perseguidas, e tudo isso é feito numa espécie de delírio, sem qualquer esforço de compreensão. As águas se levantam em ondas, correm, redemoinham sem direção ou sentido... atiram-se furiosamente contra as rochas, e ali lavam as praias... quanto a nós, ficamos no meio do redemoinho, sem lugar para fugir. Eu sei, doutor, que sua perspectiva sobre a vida é diferente: a vida não o enraivece porque você tem apenas um interesse fisiológico nela, e espera pouco dela. Você é um grande otimista. Às vezes eu concordo com você – você me confunde com sua dialética – mas, assim que meu coração se envolve, assim como uma pessoa sai do lugar-comum, em que tudo está resolvido e calmo, e entra em contato com questões da vida real, olhando de fato

para as pessoas, a minha alma se rebela. Reprimida por um instante, a indignação acorda novamente, e a pessoa se ressentir por uma só coisa: de não ter força suficiente para odiar, para desprezar os homens por sua indolente insensibilidade, por sua relutância em se tornar excelentes, mais nobres... como se fosse possível se afastar deles! Que sejam largados para fazer o que querem em suas covas, que sejam largados hoje, assim como no passado, para viverem amortecidos por seus hábitos e rituais, com suas crenças cegas sobre o que é devido e o que é indevido... e, além disso, a cada passo, traírem sua própria moralidade, seu próprio catecismo!

H. – Eu não acho que você está sendo justa. As pessoas são culpadas porque você lhes dá muita confiança, porque você as tem em tão idealizada dignidade moral?

J. – Eu não entendo o que você está querendo dizer, pois eu afirmei exatamente o contrário. Não me parece dar confiança demais falar de pessoas que de profetas não tem nada, exceto a coroa de mártir e o inútil remorso *pos-mortem*; dizendo que estão prontas para saltar como animais selvagens sobre qualquer um que, agindo como seus substitutos de consciência, chamam suas ações pelos seus nomes reais e que, assumindo o peso de seus pecados, querem despertar sua consciência.

H. – Sim, mas você se esquece da fonte de sua indignação. Você está com raiva das pessoas pelo muito que elas *não* fizeram, porque você as considera capacitadas para todas essas admiráveis qualidades para que você educou a si mesma ou foi educada – mas elas, em sua maioria, não tiveram esse tipo de desenvolvimento. Eu não estou com raiva, porque eu não espero nada das pessoas, mas somente aquilo que elas realmente fazem. Não vejo qualquer razão, qualquer direito de exigir delas algo diferente do que podem dar, e elas podem dar exatamente o que dão; exigir mais do que isso e culpá-las, isso é mera violência. As pessoas são justas apenas para os loucos ou para os totalmente idiotas; pelo menos não as acusamos de possuírem um cérebro malformado, mas lhes perdoamos suas desvantagens naturais, ao passo que com o resto fazemos terríveis exigências morais. Por que nós esperamos de todos os que casualmente encontramos virtudes exemplares e uma compreensão extraordinária – isso eu não sei. Provavelmente por hábito de idealizar as coisas, de julgar tudo desde uma posição superior – assim como a vida é julgada em termos de uma letra morta, ou como paixões são julgadas em termos do Código Civil, ou como

indivíduos são julgados em termos de sua genealogia. Eu vejo as coisas de modo diferente. Eu estou acostumado a ver as coisas de um ponto de vista médico, que é totalmente oposto ao de um juiz. O médico vive na natureza, no mundo dos fatos e fenômenos; ele não ensina, mas aprende; ele não busca vingança, mas alívio da dor. Quando ele vê o sofrimento, quando vê defeitos, ele procura a causa, a conexão causal; só então ele procura remédios no mesmo mundo dos fatos. Se ele não os encontra, ele, infelizmente, dá de ombros, irritado com sua ignorância, e não fica imaginando uma punição ou retribuição, nem condena. O olhar do juiz é mais simples. Na verdade, ele não precisa de um olhar, e é por isso que Themis está com os olhos vendados. Quanto menos ela vê a vida, mais justa ela é. Por outro lado, nós, pobres médicos, preferíamos que nossos dedos e ouvidos tivessem olhos. Eu não sou otimista nem pessimista; apenas observo, examino, sem noções preconcebidos, sem ideais inventados e, definitivamente, sem pressa de emitir um veredito. Simplesmente – e você há de me perdoar – eu sou mais modesto que você.

J. – Eu não sei se o entendi direito, mas me parece que você há de considerar muito natural que os contemporâneos de Rousseau tenham-no torturado com sua perseguição vulgar, que o tenham envenenado a vida e o caluniado. Você os perdoa por seus pecados? Isso é muita indulgência, e eu não sei se é justa ou moralmente aceitável.

H. – Para se perdoar pecados, é necessário primeiro acusar. Eu não acuso. No entanto, talvez eu possa tomar a sua declaração: sim, eu os perdoo o mal que fizeram, assim como você perdoa o clima frio pelo o resfriado que seu filhinho pegou n'outro dia. Como alguém pode ficar com raiva de eventos que são independentes de qualquer vontade, ou do conhecimento de qualquer um? Às vezes, esses eventos podem ser dolorosos, mas distribuir culpas não ajuda em nada: apenas confunde. Quando nós estávamos sentados ao lado do berço de sua criança e a febre tão alta que eu mesmo me assustava, senti uma infinita tristeza ao olhar para você e seu filhinho doente. Você sofria muito durante aquelas horas – mas em vez de amaldiçoar a condição mórbida do sangue e contemplar com ódio as leis da química orgânica, eu pensava em outra coisa: pensava em como a tendência de compreender, compaixão, sentir afeição e amar inevitavelmente traz consigo a propensão para ser infeliz, para sofrer, para dificuldades, ressentimentos morais e amargura.

Quanto mais terna é a vida interior, tanto mais difícil e destrutivo é o caprichoso jogo do azar, que não toma responsabilidade por seus impactos.

J. – Mas eu não culpo a doença. Sua analogia definitivamente não é adequada, pois a Natureza não tem consciência de nada.

H. – E eu penso que não posso ficar com raiva de uma massa semiconsciente de pessoas. É preciso alcançar e compreender seu estado mental, sua luta entre o presságio da luz e os hábitos da escuridão. Você toma como referência flores de estufa, particularmente bem cuidadas e nutridas, que tiveram cuidados infinitos em seu cultivo, e fica com raiva porque as flores selvagens não são tão bonitas. Isso não é somente injusto, mas extremamente cruel. Se a consciência da maioria das fosse mais esclarecida, você realmente acha que eles viveriam nas condições em que vivem? Eles não só podem prejudicar a si mesmos, mas também a si mesmos, e isso é a sua desculpa. Eles são escravos de seus hábitos: são capazes de morrer de sede em frente a um poço, sem perceberem que há água dentro dele, simplesmente porque seus pais nunca lhes disseram. As pessoas sempre foram assim, e é tempo de parar de se maravilhar ou se indignar com isso. Já se passou tempo demais desde que Adão se acostumou a essas coisas. Esse é o mesmo romantismo que enraiveceu poetas porque eles tinham um corpo, porque tinham fome. Você pode se ficar irritado como quiser, mas você não vai mudar o mundo para se adequar a um programa. Ele segue seu próprio caminho, e ninguém pode detrá-lo de seu curso. Aprenda o que é o seu curso, e você abandonará sua perspectiva moralista e recobrará forças. A avaliação moral de eventos e a perpétua censura da humanidade pertencem aos ,aos primitivos estágios do entendimento. Pode ser que distribuir prêmios Montyon¹⁵⁴ e pregar homilias, tomando a si mesmo como excelência, seja lisonjeiro para o ego – mas é inútil. Há pessoas que tentaram enxergar a natureza sob essa perspectiva e atribuir boas ou más reputações a diversos animais. Quando percebem, por exemplo, que a lebre foge ao perigo iminente, rotulam-na de covarde. Quando percebem que o leão, é vinte vezes maior do que a lebre, não foge do homem e até o devora de vez em quando, elas o consideram corajoso. Quando veem que um leão

¹⁵⁴ Um filantropo, Barão de Montyon (1733-1820), deixou a maior parte de sua fortuna para caridade e distribuía prêmios para virtude e distinção literária, a serem conferidos pelo Instituto em Paris. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, 1956, p.104 e no original russo.)

assentado se recusa a comer, elas consideram isso magnanimidade de espírito. Uma lebre é tão covarde quanto um leão é magnânimo ou um jumento é estúpido. Não é mais possível continuar no estado mental das fábulas de Esopo; é preciso olhar para o mundo da natureza e o mundo do homem de modo mais simples, mais calmo, mais sereno. Você fala do sofrimento de Rousseau. Ele não estava feliz, é verdade, mas é verdade também que o sofrimento sempre é acompanhado de um desenvolvimento excepcional. Às vezes, um gênio pode não sofrer se ele se retira para si mesmo, saciado consigo próprio pelas artes e pelas ciências, mas na vida prática isso não acontece assim. A questão é muito simples: quando essas naturezas entram em condições humanas normais, isso lhes viola o equilíbrio, e o ambiente que as rodeia se torna tão estreito que se torna insuportável, pois se consideram construídas de relações feitas para estaturas distintas, feitas adequadamente para outros ombros que dessas pessoas necessitam. Coisas que irritam apenas levemente os outros, que provocam mansas discussões e são postas de lado por pessoas comuns, desenvolvem-se como dor insuportável no peito de um homem forte, incendeiam-se em formidáveis hostilidades, em guerra declarada, em um franco desafio à luta. Isso faz com que o gênio entre inevitavelmente em conflito com seus contemporâneos. A multidão percebe seu escárnio com que ela considera caro, e atira lama e pedras no gênio, até cair em si e entender que o gênio estava certo. Há de se culpar o gênio por estar acima da multidão? Há de se culpar a multidão por não conseguir entendê-lo?

J. – E você considera que essa condição mental das pessoas – e o pior, da maioria – normal, natural? Em sua opinião, essa degradação moral, esse absurdo, deve persistir? Você deve estar brincando!

H. – Como poderia ser de outro modo? Afinal de contas, ninguém os obriga a fazê-lo, e o que fazem, realizam-no por sua vontade ingênua. As pessoas, na vida prática, mentem menos do que em palavras. A melhor prova de sua ingenuidade é sua sincera disposição para o arrependimento assim que reconhecem ter cometido um crime. Tendo crucificado o Cristo, assim que perceberam que fizeram algo mau, jogaram-se de joelhos diante da Cruz. Eu não posso compreender sobre que degradação moral você fala, *si toutfois*¹⁵⁵ você não fala sobre a degradação do

¹⁵⁵ “No entanto, se...”, em francês, no original russo.

pecado original. O que havia lá para cair? Quanto mais para trás você olha, mais você vê selvageria, falta de entendimento, ou um tipo de desenvolvimento totalmente diferente, que não guarda qualquer semelhança conosco: civilizações perdidas, costumes chineses. Uma vida longa em sociedade desenvolve o cérebro. E esse desenvolvimento é acompanhado de dores e dificuldades. Mas contraditoriamente a esse fato, as pessoas são atacadas por não serem como o sábio ideal inventado pelos estoicos ou como o santo ideal inventado pelos cristãos. Gerações inteiras investiram seus ossos para tornarem habitável um pequeno pedaço de terra, séculos se passaram em luta, sangue jorrou em rios, gerações morreram em agonias, e esforços vãos, em pesada labuta, mal garantindo uma vida precária e um pouco de descanso, e o resultado foi uns poucos cinco ou seis cérebros que chegaram a compreender a capitalização do processo social e moveram as massas para alcançar os seus destinos. É surpreendente que homens sob tais condições opressivas tenham alcançado seu presente estado moral, sua paciência altruísta, sua vida tranquila; é preciso admirá-los por fazerem tão pouco mal, e não repreendê-los por serem cada um como um Aristides ou um Simeão Estilita.¹⁵⁶

J. – Você quer me persuadir, Doutor, de que homens são predestinados a ser patifes?

H. – Acredite-me: homens não estão predestinados a nada.

J. – Então por que eles vivem?

H. – Simplesmente assim, eles nascem e eles vivem. Por que algo ou alguém vive? Acho que este é o limite de todas as questões existenciais: vida – eis o meio e o fim, a causa e o efeito. É a eterna inquietude da matéria tensa e ativa, lutando para alcançar um equilíbrio, somente para perdê-lo novamente, é *moto perpetuo*, *ultima ratio*, além do que não há qualquer lugar para ir. No passado, as pessoas procuravam respostas nas nuvens ou nas profundezas, para cima ou para baixo, mas não encontravam qualquer coisa – porque o mais importante, o mais significativo, está aqui na superfície. A vida não tenta atingir algum propósito específico, mas reconhece todos os que são possíveis, preserva todos os que foram alcançados, e está sempre pronta para dar mais um passo, e outro ainda, para viver melhor, para viver por mais tempo, se puder, sem nenhuma outra

¹⁵⁶ Provavelmente, Herzen se refere a Aristides de Atenas, apologista cristão. Não há indicação a qual Simeão Estilita Herzen se refere, se ao Antigo ou ao Moço. Ambos eram ascetas cristãos que viviam no topo de colunas de pedra.

finalidade específica. Muito frequentemente aceitamos por propósito aquilo que são fases sucessivas do mesmo desenvolvimento, às quais nos acostumamos. Pensamos que o propósito da criança é o crescimento na idade, porque ela se torna adulta; mas o objetivo de uma criança é antes brincar, alegrar-se e ser ela mesma. Se olharmos somente para o propósito final, então o propósito de tudo o que vive é somente isto: morte.

J. – Você se esquece de outro objetivo, doutor, que é desenvolvido pelo homem e que os preserva; é passado de geração em geração, cresce de século em século. É precisamente nessa vida do indivíduo, indissociável da humanidade, que são reveladas aquelas aspirações perenes rumo a que o homem avança, a que ele se levanta e cuja implementação um dia há de realizar.

H. – Concordo plenamente com você; tanto que acabei de afirmar que o cérebro está se desenvolvendo; a quantidade de ideias e suas extensões aumenta na vida adulta, e é passada de geração em geração. Mas quanto às suas últimas palavras, permita-me expressar alguma dúvida: nem a aspiração em si, nem sua excelência, torna garantida sua realização. Considere a aspiração mais universal, mais constante em todas as épocas e em todas as nações: o desejo de bem-estar, aspiração que se encontra profundamente enraizada em tudo o que se relaciona com o desenvolvimento do instinto de autopreservação; o inevitável distanciamento de tudo o que causa dor e o anseio por tudo o que proporciona prazer, o ingênuo desejo de que as coisas sejam melhores, e não piores. Apesar de milênios de trabalho, as pessoas ainda não alcançaram sequer um bem-estar animal. Imagino que proporcionalmente exista mais sofrimento entre os escravos na Rússia e fome entre os irlandeses do que entre as bestas e os animais do mundo. Disso você pode facilmente deduzir quão provável é que outras aspirações, menos definidas e pertencentes a uma minoria, se tornarão reais.

J. – Ah, mas certamente a aspiração à liberdade e independência não são inferiores à fome. Definitivamente, não é fraca e é muito bem definida!

H. – Não é isso que a história demonstra. De fato, alguns setores da sociedade que se desenvolveram em circunstâncias extremamente afortunadas têm certas tendências para a liberdade; mas ainda assim não são muito fortes, a julgar pelos vários milhares de anos de escravidão e pela presente ordem

social. Obviamente, não estamos falando sobre as naturezas excepcionais, para quem a escravidão é intolerável, mas a maioria que dá a esses mártires um constante *dementi*, fato que irritou Rousseau a ponto de ele proclamar seu famoso absurdo: “O homem nasceu para ser livre – mas em todos os lugares se encontra em correntes!”¹⁵⁷

J. – Você repete com ironia esse grito de indignação arrancado do peito de um homem livre?

H. – Eu vejo nele violação da história e desprezo pelos fatos, e isso me é intolerável. Tal capricho me ofende. Além disso, é uma coisa perigosa afirmar *a priori*, como fato, aquilo que é exatamente o ponto crucial do problema. O que você diria a um sujeito que, sacudindo tristemente a cabeça, afirmasse que “Peixes nascem para voar – mas em todos os lugares só nadam!”?

J. – Eu lhe perguntaria por que acha que peixes nascem para voar!

H. – Agora você começa a ser lógica. Mas o ichthyophile está pronto para responder. Primeiramente, ele há de lhe dizer que o esqueleto do peixe mostra uma tendência clara em desenvolver pernas e asas. Então, ele irá apontar ossos perfeitamente inúteis como indícios dos ossos das pernas, ou das pontas das asas. Finalmente, ele se referirá ao peixe voador, prova evidente de que os peixes não somente tendem a ser aptas ao voo, mas efetivamente voam em certas ocasiões. Depois de lhe entregar a resposta, ele se considerará no direito de lhe perguntar, por sua vez, por que você não pede a Rousseau uma justificativa por ter dito que as pessoas devem ser livres, levando em conta o fato de que estão constantemente em cadeias. Por que é que tudo existe como deveria existir enquanto com o homem ocorre exatamente o contrário?

J. – Você se mostra um sofista perigoso, doutor, e se eu não o conhecesse tão bem, diria mesmo que é um homem imoral. Eu não sei que ossos são supérfluos nos peixes; apenas sei que eles não têm ossos faltando e que as pessoas têm um profundo desejo de independência e de todo tipo de liberdade. Elas sufocam sua voz interior com as futilidades da vida, e é por isso que eu fico com raiva delas. Há mais conforto em meus ataques às pessoas do que em sua defesa em seu favor.

¹⁵⁷ Com essas palavras Rousseau inicia o primeiro capítulo de *O Contrato Social*. (Nota na versão russa, trad. livre.)

H. – Eu sabia que depois de mudar algumas palavras, nós iríamos inverter nossos papéis, ou melhor, você iria me flanquear e emergir do lado oposto. Você fica indignada e oferece seu desprezo às pessoas do povo, porque elas são incapazes de alcançar a estatura moral, a independência e todos os seus ideais, mas ao mesmo tempo olha para elas como crianças mimadas, e tem certeza de que logo elas se tornarão melhores e mais sensíveis. Eu sei que o passo das pessoas é muito lento, e não confio em qualquer de suas habilidades, nem nas aspirações que são inventadas para elas. Lido com elas assim como faço com essas árvores e esses animais: eu as estudo, e até mesmo as amo. O ponto de vista que você adota existe *a priori*, e talvez você esteja logicamente certa em dizer que se o homem deva lutar pela independência. Eu considero a questão como um patologista, e vejo que até agora a escravidão é a condição permanente do desenvolvimento social; por isso, ou ela é uma condição indispensável ou ela não inspira tanta aversão como deveria.

J. – Por que é que eu e você, considerando a história em boa fé, discordamos tão completamente?

H. – Porque estamos falando de coisas tão diferentes! Você, ao falar de história e nações, fala de peixes voadores, enquanto eu falo de peixes em geral. Você contempla o mundo das ideias divorciado dos fatos, da linha sucessiva de pensadores e agentes que representam o epítome da consciência de cada época, aqueles momentos de energia que repentinamente levantam nações inteiras e engolfam num só gole uma inteira massa de ideias, a fim de vivê-las quietamente por séculos à frente. Você considera esses cataclismos que acompanham o crescimento das nações, esses indivíduos excepcionais, como eventos rotineiros, mas eles são o clímax, o limite do desenvolvimento. A existência de uma minoria educada, que soa triunfantemente sobre as cabeças de outros e que, de século em século, dispõe seus pensamentos e aspirações com que as massas, sempre pululantes, não têm nada a ver, dá um testemunho brilhante de quanto pode se desenvolver a natureza humana, de que terríveis e descomunais forças são suscitadas por circunstâncias excepcionais. Mas tudo isso não tem nada a ver com as massas, com a humanidade em geral. A beleza de um cavalo árabe, refinado em vinte gerações, não nos dá o direito de esperar de todos os cavalos as mesmas qualidades. Idealistas querem defender seu ponto de vista a qualquer custo. A beleza física

entre as pessoas é tão excepcional quanto a feiura incomum de um indivíduo. Observem-se os burgueses aglomerados aos domingos no *Champs Elysées*, ou nas corridas Epsom, e se convencerá de que a natureza humana não é, de modo algum, bela.

J. – Eu sei, e não me surpreendo com bocas murchas, testas encebadas, narizes tão impudentemente empinados ou tão absurdamente mucosos. Eu só fico com nojo.

H. – Sim, mas pense no quanto você riria de um homem que se compungisse no coração com o fato de que jumentos de carga não são tão bonitos quanto cervos. Para Rousseau, a absurda ordem social de seu tempo era insuportável; e o pequeno grupo de homens que se puseram ao seu lado – e foi educado ao ponto de só faltarem responsabilizar o gênio original pelo mal que os oprimia – respondeu ao seu chamado. Estes apóstatas, esses não-conformistas, permaneceram fiéis e formaram “A Montanha”, em 92. Quase todos eles morreram, enquanto trabalhavam para o povo francês, cujas demandas eram muito modestas e que consentiu em suas sentenças de morte sem compaixão. Eu nem mesmo chamo isso de ingratidão. Realmente, nem tudo o que esses homens fizeram foi pelo povo. Somos *nós* quem o queremos libertar, somos *nós* que sofremos ao contemplar as massas oprimidas, que nos sentimos insultados por sua escravidão, e que queremos acabar com seu sofrimento. O que havia ali para sentir gratidão? Era a turba de meados do século dezoito capaz de querer a liberdade e o *Contrat Social*, quando agora, um século depois de Rousseau, meio século depois da Convenção, ainda é cega; ou quando, agora, nos estreitos limites da mais vulgar forma de vida civil, prossegue sobrevivendo como um peixe na água?

J. – O fermento da Europa inteira dificilmente corrobora o seu ponto de vista.

H. – O fermento obtuso que agita os povos provém da fome. Se o proletariado fosse mais rico, ele jamais teria considerado o comunismo. Os Filisteus¹⁵⁸ têm o suficiente para comer e suas propriedades estão protegidas, de maneira que perderam o interesse na liberdade e na independência. Pelo contrário, eles querem um governo forte, tanto que agora apenas sorriem quando ouvem relatos indignados de que tal-e-tal jornal foi proscrito, de que fulano e beltrano foram para a prisão por causa

¹⁵⁸ “*Bourgeois*”, na tradução inglesa de Moura Budberg (p. 111).

de suas opiniões. Tudo isso revolta e enfurece um pequeno grupo de pessoas excêntricas, enquanto o restante das pessoas cuida de seus próprios assuntos, indiferentes. Afinal, elas estão muito ocupadas; elas compram e vendem, são homens de família. Mas isso não implica em que não tenhamos direito de demandar plena independência; antes, decorre que não precisamos ficar zangados com as pessoas se elas são indiferentes às nossas misérias.

J. – É verdade, mas você me parece um tanto aritmético: aqui não é importante a contagem de cabeças, mas da qualidade que atribui força moral à *maioria*.¹⁵⁹

H. – No que se refere à superioridade qualitativa, imputo-lhe totalmente a personalidades fortes. Para mim, Aristóteles representa não apenas a força concentrada de sua época, porém muito mais. Passaram-se dois mil anos até que as pessoas pudessem compreendê-lo, até que pudessem, final e minimamente, entender o sentido de suas palavras. Você se recorda? Aristóteles chama Anaxágoras de o primeiro homem sóbrio entre os embriagados gregos?¹⁶⁰ Aristóteles foi o último. Coloque Sócrates entre os dois e você tem a lista completa de homens sóbrios até Bacon. É difícil julgar as massas por tais exceções.

J. – Poucas pessoas se preocupam realmente com o conhecimento; somente mentes excepcionais e rigorosas se aventuram nesse campo abstrato. Se por um lado você não encontra muita sobriedade entre as massas, por outro você encontra muita embriaguez inspirada, em que há uma profunda simpatia pela verdade. As massas não entenderam Sêneca e Cícero – mas com que prontidão elas reagiram ao chamado dos Doze Apóstolos!¹⁶¹

H. – Você sabe, ainda que se seja pelos apóstolos, deve-se admitir, eu penso, que eles foram um fiasco perfeito.

J. – Sim, eles batizaram somente metade do universo.

H. – No curso de quatro séculos de luta, e mais seis séculos de total barbarismo, e após todos esses esforços, que duraram mil anos, o mundo estava batizado a tal ponto que nada restava para o ensino apostólico: o emancipador espírito dos Evangelhos se tornou o tirânico Catolicismo, a religião de amor e igualdade –

¹⁵⁹ Agostinho usou o termo *prioritas dignitatis*. [Nota do autor.]

¹⁶⁰ "Metafísica" de Aristóteles, Livro I, Cap. 3. [Nota na versão russa.]

¹⁶¹ Segundo a lenda, os doze apóstolos do Evangelho, após a morte de Cristo, foram ativamente espalhar a doutrina cristã. [Nota na versão russa.]

a igreja de sangue e guerra. O mundo antigo, após esgotadas suas forças vitais, estava em queda. O Cristianismo chegou ao seu leito de morte como médico e consolador, mas ele próprio estava infectado pelo contato com o paciente e se tornou romano, bárbaro, qualquer coisa que você queira, mas não o Evangelho. Quão grande é o poder da hereditariedade, das massas e das circunstâncias! As pessoas pensam que basta provar uma verdade como se faz com um teorema para que ela seja aceita, que basta se acreditar na tal verdade para que outras pessoas também creiam. O que acontece é algo muito diverso: alguns dizem uma coisa, outros ouvem e entendem algo inteiramente diferente, e simplesmente porque se desenvolveram de modo diferente. O que pregavam os primeiros cristãos e o que a multidão entendia? A multidão entendia tudo o que era ininteligível, tudo que era absurdo e místico; tudo o que era claro e simples lhe era inacessível. A multidão aceitou tudo o que lhe colocava grilhões na consciência, e nada que libertava o homem. Mais tarde, da mesma maneira, a multidão compreendeu a revolução unicamente como um massacre sangrento, guilhotina e vingança. A amarga necessidade histórica se tornou um solene clamor de triunfo; a palavra “fraternidade” foi colada à palavra “morte”; “*Fraternité ou la mort!*” se tornou um tipo de “*la bourse ou la vie*” para os terroristas¹⁶². Nós passamos por tanta coisa em nossas vidas, vimos tantas coisas, e nossos ancestrais viveram tanto de nossas vidas por nós, que certamente nos é imperdoável perder a cabeça e imaginar que basta proclamar o Evangelho para o Mundo Romano para transformá-lo em uma república social-democrática, como os apóstolos *vermelhos* costumavam pensar; ou que basta imprimir duas colunas de uma versão ilustrada de “*Des Droits de l'Homme*”¹⁶³ para que as pessoas se tornem livres.

J. – Por favor, me explique: por que essa sua paixão por enfatizar apenas o lado mau da natureza humana?

H. – Você iniciou essa conversa com uma solene maldição contra a humanidade e agora você se posta a defendê-la. Você me acusa de otimismo, e eu devolvo a acusação. Eu não tenho qualquer sistema, nenhum interesse a não ser a verdade, e eu a expresso do modo como me parece melhor. Eu não considero

¹⁶² Em francês no original russo: ““Fraternidade ou morte!” se tornou um tipo de “a bolsa ou a vida” para os terroristas, ou seja, para os que promoviam o Terror na Revolução Francesa em 1793.

¹⁶³ Em francês no original russo: “Os Direitos do Homem”.

necessário floreá-la com virtudes e esplendores, como que por *politesse* para com a humanidade. Eu odeio as frases a que estamos acostumados, como Cristãos ao Credo; elas aparentam uma certa moralidade e excelência na superfície, mas elas prendem e subjagam o pensamento. Nós as aceitamos sem questionamentos e seguimos em frente, deixando para trás essas balizas traiçoeiras e nos perdemos no caminho. Nós nos tornamos tão acostumados a elas que perdemos toda capacidade de duvidar delas, e nos abstermos de tocar em coisas tão sagradas. Será que uma vez sequer você considerou o significado das palavras “o homem nasce livre”? Eu as traduzirei para você. Elas significam: “o homem nasce um animal” – e nada mais. Considere uma manada de cavalos selvagens: eis a mais plena liberdade, a mais plena igualdade de direitos e o mais perfeito comunismo. Mas, por outro lado, o desenvolvimento não é possível. Escravidão é o primeiro passo para a civilização. Para se desenvolver, é necessário que as coisas sejam muito melhores para uns e muito piores para outros; então aqueles que são melhores podem se desenvolver às custas de outros. Na causa do desenvolvimento, a natureza não poupa ninguém. O homem é um animal com o cérebro excepcionalmente bem desenvolvido. Aí reside seu poder. Ele nunca sentiu em si a leveza do tigre ou a força do leão, muito menos a teve a força de seus músculos ou a agudeza de seus sentidos. Pelo contrário, descobriu em si uma infinita astúcia e uma multidão de qualidades mansas que, aliadas a uma inclinação natural para viver em rebanhos, colocaram-no no primeiro patamar da vida social. Não se esqueça que o homem adora obedecer, sempre em busca de algo para se apoiar, ou algo em que se esconder, e não possui a altiva autoconfiança de um animal predador. Ele cresceu em sujeição à família e à tribo. Quanto mais apertado e complexo o nó da vida social, maior a servidão em que os homens caem. Eles foram subjugados pela religião, que os oprimia por sua covardia, por anciãos que os oprimiam em nome da tradição. Nenhum animal, com exceção das espécies “corrompidas pelo homem” – como Byron chamou os animais domesticados – teria sobrevivido a essas relações humanas. O lobo come a ovelha porque tem fome e porque a ovelha é mais fraca; mas o lobo não exige obediência da ovelha. A ovelha não se submete a ele; pelo contrário, ela protesta com gritos, com luta. O homem introduz ao mundo

animal de selvagem independência e autoafirmação um elemento de sujeição leal e humilde, o elemento de Caliban¹⁶⁴. Isso propiciou o desenvolvimento de Próspero. Eis aqui a mesma economia impiedosa da natureza, seu minucioso cálculo de meios, em que um excesso numa direção é compensado pela irrealização em outra, de modo que, tendo esticado demais o pescoço e as patas dianteiras da girafa em dimensões fantásticas, ela arruinou suas patas traseiras.

J. – Meu caro doutor, o senhor é um aristocrata terrível!

H. – Eu sou um naturalista, e sabe o que mais? Eu não sou um covarde, não tenho medo de aprender a verdade, e muito menos de expressá-la!

J. – Eu não vou discutir com você. De todo modo, em teoria, todo mundo descreve a verdade da maneira como a compreende – e isso não tem nada a ver com coragem.

H. – Você pensa assim? Que preconceito!... Note bem que de cem filósofos, você não achará um que seja honesto. Não se levariam em conta seus erros, ou os absurdos que tenha dito, se tão somente tivesse sido sincero. Alguns enganam os outros com motivações morais, outros enganam a si mesmos por causa da paz de espírito. Acha que há de encontrar muitos como Spinoza ou Hume, que destemidamente vão aonde a verdade os levar? Todos esses grandes libertadores da humanidade se comportaram como Lutero e Calvino, e talvez estivessem corretos, de um ponto de vista prático: libertaram a si e a outros até que suscitaram alguma forma de escravidão, um livro simbólico, um escrito sagrado, e encontraram moderação e freios em suas próprias almas para não irem adiante. A maior parte dos seguidores continuam a andar estritamente nos passos dos seus mestres, mas entre aqueles, vez por outra aparecem pessoas ligeiramente mais ousadas do que seus pares, que se atrevem a suspeitar que as coisas não são tão simples quanto parecem, embora que permaneçam quietamente silenciosas por piedade e mintam por respeito pelo assunto, como os advogados, que todos os dias afirmam que não duvidam da imparcialidade dos juízes, sabendo perfeitamente que são patifes trapaceiros em quem eles

¹⁶⁴ Personagem da peça *The Tempest*, de William Shakespeare. Filho sub-humano de uma bruxa malevolente (Sycorax) com um demônio, segundo a fala de Próspero, que o subjugou à escravidão. (**Caliban**, in *ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA*. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/topic/Caliban-fictional-character>>. Acesso em 11 fev 2020.)

não ousam nem começar a confiar. Essa cortesia é puramente servil, mas nós nos acostumamos com ela. Não é fácil conhecer a verdade, mas até isso é mais fácil do que expressá-la quando ela não concorda com a opinião geral. Quanta faceirice, quanta retórica, quanta circunlocução e quanta embromação foram usadas pelas melhores mentes para “dourar a pílula”, como Bacon ou Hegel, e evitar uma fala plana e franca, com medo de indignação estúpida ou de vaias vulgares! Eis porque é tão difícil entender a ciência: é preciso discernir a verdade através de seu garbo falacioso. Agora, julgue por si mesma se existem muitos que têm o desejo e tempo livre para cavoucar até o mais profundo dos pensamentos e rebuscar dentro do monte de estrume com que nossos professores cobrem seu entendimento obtuso, para dali sacar diamantes falsos e os vidrilhos de sua ciência.

J. – Novamente, isso tudo está de acordo com sua ideia aristocrática de que a verdade é apenas para alguns enquanto a falsidade é para todos, que...

H. – Desculpe-me, mas essa é a segunda vez que você me chama de aristocrata, o que me faz lembrar a expressão de Robespierre: “*L'athéisme est aristocrate*”.¹⁶⁵ Se tudo o que Robespierre queria dizer era que o ateísmo é possível apenas para poucos, do mesmo modo que o cálculo diferencial, ou a Física, ele devia estar certo; mas quando ele disse: “O ateísmo é aristocrático”, ele concluiu que o ateísmo é uma mentira. Para mim, isso é repugnante, pura demagogia, submissão da razão ao absurdo voto da maioria. A lógica inexorável da revolução vacilou e, ao proclamar uma *democrática*¹⁶⁶ mentira, Robespierre não conseguiu com isso restaurar a religião popular, mas apenas demonstrou os limites de sua potência e demonstrou a fronteira além da qual até ele mesmo não era mais um revolucionário. E destacar isso no momento de revolução e movimento é dar abrigo àquele para quem a hora do indivíduo já passou... De fato, após a *Fête do l'Être Suprême*¹⁶⁷, Robespierre se torna sombrio, pensativo, inquieto e atormentado, mergulhado em melancolia. Perdida está sua primeira fé, assim como seu passo outrora ousado com que caminhava, com que atravessou rios de sangue

¹⁶⁵ Palavras do discurso de Robespierre proferidas no Clube dos Jacobinos em 21 de novembro de 1793. [Nota na versão russa.]

¹⁶⁶ Em destaque no original russo.

¹⁶⁷ “Festa do Ser Supremo”, em francês, no original russo. Herzen alude a uma festa realizada desde 08 de junho de 1794, conforme decreto da Convenção em 7 de maio de 1794, por sugestão de Robespierre. [Nota na versão russa.]

sem se conspurcar. Naquele tempo, ele ainda não conhecia fronteiras, e o futuro não tinha limites. Agora que ele enxerga os muros, sente que tem de ser conservador; e a cabeça do ateu Cloots¹⁶⁸, sacrificado ao preconceito, está posta aos seus pés, como uma prova de culpa que ele não pode contornar. Nós somos mais velhos do que nossos irmãos anciãos. Não sejamos infantis, nem tenhamos qualquer receio da realidade ou da lógica, ou rejeitemos as consequências: elas estão além de nosso poder. Não vamos inventar um Deus. Se ele não existir, isso não irá torná-lo mais real. Eu digo que a verdade pertence à minoria; mas você não sabe isso? Por que isso lhe parece estranho? Porque eu não uso nenhuma frase retórica? Mas me deixe lhe assegurar, eu não sou responsável nem pelas boas nem pelas más consequências desse fato. Eu meramente falo de sua existência. Tanto no presente como no passado eu vejo conhecimento, verdade, força moral, anseio por independência, amor pela beleza num pequeno grupo de homens, antagonistas, pouco simpático às majorias, perdido em seu próprio ambiente. De outro lado, eu vejo um doloroso desenvolvimento de outros setores da sociedade, com conceitos obtusos baseados em tradição, necessidades perversas, esforços parcos para com o bem e vis tendências para o mal.

J. – Sim, e você deve acrescentar uma solidez extraordinária em suas aspirações.

H. – Você tem razão. As simpatias gerais das massas usualmente soam como o instinto dos animais, e você sabe por quê? Porque a lamentável independência de indivíduos apartados é obliterada na massa social. O mérito das massas reside em sua impessoalidade, enquanto o desenvolvimento da personalidade independente constitui aquela excelência que tudo aquilo que é livre, privilegiado e forte se esforça em alcançar.

¹⁶⁸ Anacharsis Cloots (1755-1794), originalmente conhecido como Jean-Baptiste du Val-de-Grâce. Baron de Cloots era um orador na França revolucionária e um Novo Ateu, muito antes de o ateísmo representar algo novo ou relevante. Ele se proclamou um inimigo pessoal de Deus e clamou pela de-cristianização do povo. Por sua vez, Robespierre afirmou a necessidade da religião, e se tornou um de seus mais implacáveis oponentes. Por insistência de Robespierre, Cloots foi expulso do Clube dos Jacobinos, e depois executado em 24 de março de 1794, juntamente com outros Herbertistas. (Nota na versão russa. Ver também **Jean-Baptiste du Val-de-Grâce** in *ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA*. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/biography/Jean-Baptiste-du-Val-de-Grace-baron-de-Cloots>>. Acesso em 11 fev 2020)

J. – Sim... contanto que exista uma coisa tal como as massas. Mas note que o passado e o presente não te oferecem qualquer razão para concluir que essas condições não mudarão no futuro. Tudo conduz para a destruição das decrépitas fundações da vida social. Você tem visto isso claramente e descrito pungentemente a dualidade, o conflito da vida; e nisso você se contenta. Como o Promotor Público em uma corte criminal, você afirma o crime e tenta prová-lo, deixando o julgamento para o Tribunal. Outros vão mais longe: querem erradicar o crime. Todas as potentes naturezas dentre a minoria de que você fala sempre tentaram preencher o abismo que os separa das massas. O pensamento de que isso era um fato inexorável e definitivo era-lhes abjeto. Em seus corações havia amor demais para permanecerem eminentemente isolados em sua solidão. Imbuídos da passional impetuosidade de um impulso realmente altruísta, eles preferiram morrer no abismo que os separava das massas, ao invés de passear ao longo da borda como você faz. E o vínculo que eles têm as massas não é um capricho, nem retórica, mas um profundo sentimento de afinidade, a consciência de que foi das massas que eles próprios emergiram; que sem esse coro eles próprios não existiriam, que eles representam as aspirações das massas; e que eles alcançaram aquilo que estava em curso de ser alcançado.

H. – Indubitavelmente, todo talento desabrochado é conjuntado como uma flor à planta por mil filamentos, e não poderia existir sem uma haste, mas ao mesmo tempo não é, ela própria, um caule, ou uma folha, mas uma flor. Sua vida, embora esteja conectada com outras partes, é algo inteiramente distinto. Uma manha mais fria – e a flor fenece, embora o caule permaneça. A flor, se você assim quiser, é o objetivo final da planta e o limite de sua vida; contudo, as pétalas da corola não são a planta inteira. Toda época, por assim dizer, expele uma onda em movimento com seus mais plenos e melhores organismos, desde que eles tenham os meios para se desenvolver. E eles não somente saíram da multidão, mas *saíram de dentro* dela. Tome Goethe: ele representa a concentrada, intensificada, destilada, quimicamente *sublimada*, essência da Alemanha. Ele saiu dela, e não teria existido sem a inteira história de seu povo, mas ele se posicionou tão distante de seus compatriotas na esfera em que ascendeu, que eles próprios não puderam compreendê-lo com clareza, e ele, do mesmo modo, ao fim, mal podia entendê-los. Em Goethe foi congregado tudo o que movia a alma do mundo

protestante e foi desdobrado de tal modo que ele pairava sobre o mundo de seus dias assim como o espírito de Deus pairava sobre a superfície das águas. Abaixo estava o caos, confusão, escolasticismo, dolorosos esforços para entender, enquanto nele havia luminosa consciência e o tranquilo pensar, muito à frente de seus contemporâneos.

J. – Goethe exemplifica o seu argumento com um particular esplendor: ele se aliena, satisfeito com sua própria grandeza; mas nesse respeito ele é uma exceção. Diferente foram Shiller e Fichte, Rousseau e Byron, e todos aqueles que lutaram dolorosamente para elevar as massas, a multidão, à sua própria estatura. Por mim, o sofrimento desses homens desesperançados e autoconsumidos, frequentemente acompanhados por suas dores ao túmulo, às vezes ao cadafalso ou ao hospício, é mais desejável do que a paz de Goethe.

H. – Eles sofreram muito, mas eu não acho que eles estivessem sem consolação. Eles abundavam em amor e ainda mais em fé. Eles acreditavam na humanidade assim como haviam imaginado; eles acreditavam no futuro, deleitando-se em seu próprio desespero, e essa fé fortaleceu sua exaltação.

J. – E por que você não tem fé?

H. – Byron respondeu a essa questão já há longo tempo, a uma senhora que tentava convertê-lo à fé cristã: “Como faço para começar a acreditar?” Em nossos dias, você pode tanto crer sem pensar quanto pensar sem crer. Você pode imaginar que dúvida, uma calma superficial, é algo fácil; mas como pode realmente saber o que um homem, num momento de cor, fraqueza ou exaustão, estará disposto a ceder por uma crença? E onde há de adquiri-la? Você diz que é melhor sofrer, e me exorta a ter fé, mas pessoas religiosas sofrem realmente? Eu vou lhe contar um incidente que me ocorreu na Alemanha. Eu fui chamado a um hotel para atender uma senhora estrangeira que havia chegado há pouco, cujas crianças estavam doentes. Eu fui, e encontrei as crianças nas agonias de uma terrível febre escarlatina. A Medicina fez tantos progressos em nossos dias que quase não há doença ou tratamento que desconheçamos; esse é um grande avanço. Eu via que as coisas estavam mesmo ruins. Para acalmar a mãe eu prescrevi coisas inúteis, dei instruções, algumas delas vagas, a fim de deixá-la ocupada, e me apurei para esperar e ver que forças o corpo encontraria para combater a doença. O menino mais velho ficou bem quieto. “Ele parece ter caído serenamente no sono”, sua mãe me disse. Eu lhe fiz um

sinal para que não o perturbasse. O garoto estava morrendo. Estava muito claro para mim que a doença teria o mesmo curso com a outra criança. Parecia-me impossível salvá-la. A mãe, uma mulher muito nervosa, estava fora de si e rezava sem cessar. A menina morreu. Durante os primeiros dias a natureza prevaleceu: a mulher caiu em febre, e estava à beira da morte, ela própria. Pouco a pouco, porém, suas forças retornaram. Ela se tornou mais quieta, e persistia em conversar comigo, sempre sobre Swedenborg. Quando ela foi embora, ela me tomou pela mão e disse com um ar de quieto triunfo: “Foi difícil... foi uma terrível provação!... Mas eu cuidei bem deles, e eles voltaram puros, sem um grão de impureza sequer, nenhum espírito corruptor jamais os tocou... eles ficarão felizes! Pelo seu próprio bem, eu devo aceitar!”

J. – Que diferença entre tal fanatismo e a fé das pessoas na humanidade, fé na possibilidade de uma ordem melhor, de liberdade! Isso é consciência, raciocínio, convicção, e não superstição.

H. – Sim. Aquilo é raciocínio, lógica, abstração e por essa razão não é a religião bruta *des Jenseits*¹⁶⁹, que dispõe crianças em hospedagens no outro mundo, mas a religião *des Diesseits*¹⁷⁰, a religião da ciência, da razão universal, hereditária e transcendental, do idealismo. Explique-me, por favor: por que a crença em Deus é ridícula e a crença na humanidade não é? Por que a crença no reino dos céus é estupidez, mas a crença em utopias terrenas é sabedoria? Tendo descartado a religião positiva, retivemos os hábitos da religião, e tendo perdido o paraíso nos céus, encontramos a crença num futuro paraíso na terra e a nos gabamos disso. Fé na vida após a morte deu muita força aos mártires dos primeiros séculos, e agora a mesma fé animou os mártires da revolução. Ambos trouxeram tão orgulhosa e alegremente suas cabeças ao cepo, porque tinham uma inquebrantável fé no sucesso de suas ideias, no triunfo do Cristianismo ou no triunfo da república. Ambos estavam enganados – os mártires não foram ressuscitados, e a república não foi estabelecida. Nós viemos depois deles, e os testemunhamos. Eu não nego nem a grandeza nem a utilidade da fé: ela é uma grande fonte de movimento, de avanço e de paixão

¹⁶⁹ *Des Jenseits*: expressão alemã, usada no original russo, que significa *do além*. (N.do T.)

¹⁷⁰ *Des Diesseits*: expressão alemã, usada no original russo, que significa *deste mundo*. (N. do T.)

na história, mas a fé na alma humana ou é um assunto particular ou é uma epidemia. Não é possível invocá-la, particularmente não com alguém que se permitiu a análise, a dúvida e o ceticismo; que experimentou a vida e, com respiração suspensa, observou, fascinado, cada dissecação anatômica; que espiou por detrás das cenas talvez mais do que fosse necessário. Uma vez consumado, é impossível retornar à crença. Como, por exemplo, posso eu ser convencido de que a alma do homem vive após a morte quando é tão fácil perceber o caráter absurdo dessa divisão entre alma e corpo? Como posso eu ser convencido que amanhã ou no ano que vem uma fraternidade social será instaurada, quando o que eu vejo é que pessoas entendem fraternidade no espírito de Caim e Abel?

J. – Para você, doutor, permanece um modesto *a parte*¹⁷¹ nessa tragédia. Criticismo estéril e ociosidade até o fim de seus dias.

H. – Pode ser, isso bem pode ser... embora eu não considere atividade íntima como ócio. Eu acredito, entretanto, que você julgue meu destino corretamente. Você se lembra dos filósofos de Roma nos primeiros anos do Cristianismo? Sua posição é muito parecida com a nossa: tanto o presente quanto o futuro lhes escaparam, e eles ficaram em maus termos com o passado. Convencidos de que guardavam uma compreensão melhor e mais clara da verdade, eles observavam tristemente o mundo que era destruído e o mundo que estava sendo criado. Consideravam-se mais corretos do que ambos e mais fracos do que os dois. Seu círculo se tornou cada vez menor: eles não tinham nada em comum com o paganismo, a não ser o hábito e o modo de vida. As invenções de Julianos, O Apóstata¹⁷² e sua restauração era tão ridícula quanto as promovidas por Louis XVIII e Charles X. Por outro lado, a teodiceia cristã insultava sua sabedoria mundana: eles não podiam aceitar sua linguagem. A terra desaparecia

¹⁷¹ *A parte*, expressão italiana, usada no original russo. (N. do T.)

¹⁷² Flávio Cláudio Julianos (em latim Flavius Claudius Iulianus; nascido em Constantinopla, 331/332, e falecido em Ctesiphon, Mesopotâmia a 23 de junho de 363 d.C.) foi o imperador romano que desde 361 d.C. até a sua morte, dois anos depois. Foi o último imperador pagão do mundo romano, e por isso ficou conhecido na história como "o Apóstata", por não professar a fé cristã num período em que o cristianismo já era aceito e até incentivado por seus antecessores desde Constantino I. (PEROWNE, Stewart Henry; KOPFF, E. Christian. Julian - Roman Emperor in Encyclopædia Britannica. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/biography/Julian-Roman-emperor>>. Acesso em 11 fev 2020).

debaixo de seus pés, a simpatia por eles evaporou, mas eles sabiam como esperar, majestosa e orgulhosamente, até que a destruição atingisse ora um, ora o outro. Eles sabiam como morrer, sem cortejar a morte e sem quaisquer clamores para salvar a si ou ao mundo; e morreram calmamente, indiferentes à sua própria sorte. Se a morte os poupasse, eles saberiam como se embrulhar em suas togas e silenciosamente observar o que acontecia a Roma, à humanidade. O benefício que remanesceu para aquelas pessoas, estranhas em sua própria terra, era uma consciência tranquila, o consolador reconhecimento de que eles não se tinham curvado ao medo da verdade; que, uma vez tendo-a contemplado, encontraram forças para suportá-la e para permanecerem fiéis a ela.

J. – E nada mais do que isso?

H. – E isso não era suficiente? Mas – não – eu esqueci ainda outro benefício: suas relações pessoais, a certeza de que existiam pessoas que também entendiam, que simpatizavam consigo, a certeza de uma profunda conexão que independia dos eventos; e se você acrescentar um pouco de sol, o mar à distância, ou montanhas, árvores farfalhantes, um clima ameno... o que mais alguém pode querer?

J. – Desafortunadamente, esse canto tranquilo com seu aconchego e sua quietude não pode ser encontrado em lugar nenhum na Europa.

H. – Eu irei para a América.

J. – É muito tedioso, lá.

H. – É verdade...

Paris, 1º de março de 1949.

VI¹⁷³

OMNIA MEA MECUM PORTO¹⁷⁴

¹⁷³ O original russo dispõe o Epílogo no capítulo VI. Adotou-se a disposição da tradução de Moura Budberg. (N. do T.)

¹⁷⁴ “Tudo o que é meu levarei comigo.” A origem da frase possui diferentes versões, mas uma delas parece mais próxima do contexto de naufrágio em que Herzen escrevia:

“Um homem sábio sempre tem valiosos recursos internos.

Simônides, autor extraordinário de poemas líricos, encontrou um excelente remédio para as suas circunstâncias difíceis, viajando ao redor das cidades mais famosas da Ásia, cantando os louvores de atletas vitoriosos em troca de pagamento. Quando ele ficou rico por força deste empreendimento, estava pronto para embarcar numa viagem por mar e voltar a sua terra natal (ele nasceu, segundo dizem, na ilha de Ceos). Ele tomou um navio, mas uma terrível tempestade (aliada à idade avançada do navio) causou seu naufrágio em alto-mar. Alguns passageiros agarraram seus cintos de dinheiro, enquanto outros ataram a si seus objetos de valor e eventuais meios de subsistência. Um passageiro que estava mais curioso do que o resto perguntou ao poeta, ‘Simônides, porque você não está pegando suas coisas?’ Ele respondeu: ‘Tudo o que é meu está aqui comigo’. Aconteceu que apenas alguns foram capazes de nadar até a praia, enquanto a maioria morreu afogada, puxada para baixo pelas coisas que carregava. Em seguida, bandidos chegaram e tomaram dos sobreviventes o que eles haviam trazido para terra, deixando-os nus. Do modo como aconteceu, a antiga cidade de Clazomenae não estava muito longe, e foi para lá que os naufragos, em seguida, viraram-se. Nesta cidade vivia um homem com inclinações literárias, que tinha lido muitas vezes as composições de Simônides, e que há muito era seu grande admirador. Ele reconheceu Simônides simplesmente pelo seu modo de falar, e ansiosamente o convidou para sua casa, entretendo-o com roupas, dinheiro e servos. Enquanto isso, o resto dos sobreviventes ficou implorando por comida, perambulando com cartazes pendurados. Quando ocorreu de Simônides encontrá-los, ele os olhou e exclamou: “Assim como eu disse: tudo o que é meu está aqui comigo, mas tudo o que vocês levaram consigo agora desapareceu.” (AESOPICA: AESOP’S FABLES IN ENGLISH, LATIN & GREEK. **Simonides and The Shipwreck.**

Ce n'est pas Catilina qui est à vos portes -- c'est la mort!¹⁷⁵
Proudhon (Voix du Peuple)

Komm her, wir setzen uns zu Tisch!
Wen sollte solche Narrheit rühren?
Die Welt geht auseinander wie ein fauler Fisch"
Wir wollen sie nicht balsamieren.¹⁷⁶
Goethe

A velha e oficial Europa que se contempla não está dormindo – ela está morrendo!

Os últimos vestígios frágeis e doentios de sua vida anterior mal são suficientes para manter coesas por um resto de tempo as partes degeneradas de seu corpo, que tenta alcançar novas combinações e assumir novas formas.

Aparentemente, muito continua normal: os assuntos se desenrolam suavemente, os juízes julgam, as igrejas estão abertas, o mercado de ações fervilha em atividade, os exércitos realizam manobras, os palácios brilham com luz; mas o espírito da vida fugiu, todos estão com os corações intranquilos, a morte espreita nas esquinas e, na realidade, nada vai bem. Na verdade, não há igreja, não há exército, nem governo, nem judiciário – tudo se tornou a Polícia. A Polícia está protegendo e salvando a Europa, sob sua guarda estão tronos e altares. Essa é a corrente galvânica artificial por meio de que a vida é mantida, a fim de ganhar o presente momento. Mas o fogo consumidor da doença não está extinto: apenas foi direcionado para o interior, e permanece escondido. Todas aquelas paredes enegrecidas e monumentos que parecem ter adquirido com sua antiguidade a qualidade de rochas eternas – elas são inseguras. Elas são como tocos de árvores que remanescem longamente após o abate da floresta; mantêm um ar de indestrutibilidade teimosa, até que

Documento eletrônico, disponível em
<<http://mythfolklore.net/aesopica/oxford/412.htm>>. Acesso em 31 ago 2016. N. do T.)'

¹⁷⁵ Herzen altera a expressão escrita por Proudhon na conclusão de seu artigo "*Philosophie du 10 mars* (2º artigo)". Esse foi publicado no nº 178 do Jornal "*La Voix du Peuple*" de 29 de março de 1850. Originalmente constava: "...*ce n'est pas Catilina, ce n'est pas la banqueroute qui est à vos portes: c'est la mort*". ("Não é Catilina, nem é a bancarrota que está à sua porta – é a morte".)

¹⁷⁶ Citação de trecho do poema V do *Zahme Xenien*, de Goethe: "Venham! Sentemo-nos à mesa;/ Quem se agitaria com tamanha tolice;/ O mundo se desfaz como um peixe podre,/ Nós não o queremos embalsamado."

alguém lhes dá um chute.

Muitos não veem morte, simplesmente porque por morte imaginam algum tipo de aniquilação. A morte não aniquila as partes constitutivas, mas as desconjunta de sua formação unitária original, e lhes dá a liberdade de existir sob novas condições. Naturalmente, uma parte inteira do mundo não pode desaparecer da face da Terra; ela permanecerá assim como Roma era na Idade Média. Ela irá se dissolver, fundir-se com a Europa que nasce, e perderá seu caráter presente, que agora se submete e influencia o novo. Uma herança deixada por um pai a seu filho prolonga, fisiológica e socialmente, a vida do pai além da sepultura; não obstante, entre os dois permanece a morte – assim como entre a Roma de Júlio César e a Roma de Gregório VII.¹⁷⁷

A morte de formas contemporâneas de ordem social deveriam alegrar e não atribular a alma. O mais aterrorizante, nesse caso, é que o mundo que perece deixa para trás, não um herdeiro, mas uma viúva grávida. Entre a morte de um e o nascimento do outro, muita água fluirá, uma longa noite de caos e desolação passará.

Nós não vivemos para ver o que Simeão viveu para testemunhar.¹⁷⁸ Não importa quão dura seja essa verdade, devemos estar em pazes com ela, aceitá-la, pois é impossível alterá-la.

Por algum tempo estivemos estudando o corpo doentio da Europa em todas as suas camadas; a todo momento temos encontrado o selo da morte, e só ocasionalmente à distância temos ouvido a profecia. Nós também, a princípio, esperávamos, críamos, tentávamos ter fé. A agonia da morte distorceu um aspecto após outro tão rapidamente que se tornou impossível para nós nos enganarmos. A vida se extinguiu como as últimas velas na janela antes do amanhecer. Nós estávamos maravilhados e amedrontados. Com braços cruzados, assistimos o terrível progresso da morte. O que temos visto desde a Revolução de fevereiro? Tudo o que podemos dizer é que há dois anos atrás éramos jovens, e agora somos idosos.

Quanto mais perto chegamos dos partidos e do povo, mais

¹⁷⁷ Por outro lado, entre a Europa de Gregório VII, de Martinho Lutero, da Convenção, de Napoleão, não há morte, mas desenvolvimento, transformação, crescimento; é por isso que todos os esforços dos antigos movimentos de reação (Rienzi, Brancalione) tenham sido impossíveis, enquanto as restaurações de monarquias na nova Europa são tão fáceis. (Nota de Herzen.)

¹⁷⁸ Referência a Simeão, o sacerdote que tomou Jesus nos braços, no templo em Jerusalém, cf. Lucas Cap. 2, vss. 25-32. (Nota na versão russa.)

vasto se torna o deserto em torno de nós, mais vasta se torna nossa solidão. Como se pode compartilhar a loucura dos primeiros, e a insensibilidade do último? De um lado, preguiça e apatia; do outro, mentiras e estreiteza de raciocínio: potência e energia, onde quer que seja. Com exceção de uns poucos mártires que morreram pelo povo sem ganhar qualquer benefício, uns poucos sofrendores, prontos a se deixarem crucificar pela multidão, se ofereceram a entregar seu sangue, suas cabeças; mas, vendo que as massas não precisavam desses sacrifícios, se decidiram por mantê-los.

Perdidos sem ocupação neste mundo em degeneração, ensurdecidos por insensatas disputas e insultos diários, subjugados por tristeza e desespero, queremos apenas uma coisa: encontrar algum lugar em que recostarmos nossas cabeças cansadas, sem nos preocuparmos se devemos ou não sonhar.

Mas a vida cobrou seu preço, e ao invés de desespero, ao invés do desejo de morte, agora eu quero viver. Eu não mais quero reconhecer-me nessa dependência do mundo, nem quero ficar o resto de minha vida ao lado desse moribundo como um eterno lamentador.

Será possível que não tenhamos nada em nós mesmos, que seja apenas por causa deste mundo e por seu código em nosso íntimo, que sejamos alguma coisa – de tal maneira que, agora que ele está morrendo, por força de outras leis, nós não tenhamos nada a fazer a não ser nos sentarmos tristemente sobre suas ruínas, sem outra função a não ser servir como sua lápide?

Basta de lamentação. Nós devolvemos ao mundo aquilo que lhe pertencia. Nós não nos poupamos, e lhe entregamos os melhores anos de nossas vidas e a plena simpatia de nossos corações; nós sofremos suas dores mais do que ele próprio. Agora, enxuguemos nossas lágrimas e olhemos corajosamente ao nosso redor. Nós podemos, nós *devemos*¹⁷⁹ encontrar forças para suportar o que vier à frente. Nós sobrevivemos ao pior, e uma infelicidade sobrevivida é uma infelicidade passada. Tivemos tempo para nos familiarizarmos com nossa situação: não temos esperança, e não esperamos nada, ou melhor, nós esperamos tudo; tudo se resume a uma só coisa. Há muito que pode nos

¹⁷⁹ Itálicos no original russo e na tradução de Moura Budberg.

humilhar, nos quebrar, nos matar – mas *nada*¹⁸⁰ pode nos surpreender... ou todos nos nossos pensamentos e palavras existiram apenas nos nossos lábios.

O navio está afundando. Terrível foi o momento de dúvida, quando havia tanto esperança quanto perigo. Agora a situação está clara, o navio não pode ser salvo. Tudo que resta é perecer ou se salvar. Abandone-se o navio! Aos botes! Agarre-se aos destroços! Que cada um tente a sua sorte, teste a sua força. O *point d'honneur* dos marinheiros não é para nós.

Abandonemos o quarto opressivo onde uma longa e tempestuosa vida chega ao fim! Vamos sair para o ar puro, longe da atmosfera pesada e infecciosa, fora dos campos da ala dos enfermos! Muitos mestres serão encontrados para embalsamar o cadáver, e ainda mais vermes para se banquetear no corpo apodrecido. Deixemos para eles o cadáver, não porque são melhores ou piores do que nós, mas porque eles o querem e nós não, porque eles se regozijam nele e nós sofremos. Coloquemo-nos de lado, livres e desapegados, sabendo que não temos qualquer herança nem precisamos de uma.

Nos velhos tempos, tal arrogante ruptura com o mundo presente teria sido chamada *fuga*.¹⁸¹ Românticos incuráveis irão rotulá-la desse modo ainda hoje, mesmo que todos os eventos tenham-se desenrolado diante de seus olhos.

Mas um homem livre não pode fugir, porque depende somente de suas convicções e nada mais. Ele tem o direito de ir ou permanecer. A questão não se relaciona com a fuga, mas com o homem ser livre ou não.

Além disso, a palavra “*fuga*” se torna inexpressivamente caricata quando aplicada àqueles que tiveram a infelicidade de ver mais além, de ir mais além do que outros poderiam, e que agora não querem voltar. Eles poderiam ter dito aos outros, como Coriolano disse: “Não somos nós que corremos, mas vós que permaneçais atrás”, mas tudo é absurdo. Nós fazemos o que podemos, e aqueles ao nosso redor, o que podem. O desenvolvimento da pessoa e das massas é tal que eles não podem assumir completa responsabilidade pelas consequências. Mas a um certo estágio de desenvolvimento, independentemente de como tenha ocorrido, suscita algumas obrigações. Abjurar ao próprio desenvolvimento é abjurar de si mesmo.

¹⁸⁰ Idem, *ibidem*.

¹⁸¹ Itálicos no original russo e na tradução de Moura Budberg.

O homem é mais livre do que costuma acreditar. Ele depende muito do meio ambiente, mas não tanto quanto ele se entrega. Uma grande parte do nosso destino está em nossas mãos; é necessário agarrá-lo e não o deixar ir embora. Mas entenda isto: as pessoas se permitem ser subjugadas e cativadas pelo mundo exterior, contra sua própria vontade; renunciam à sua independência, em todas as situações colocando-se na dependência, não de si mesmas, mas do mundo, apertando ainda mais os nós que as vinculam a ele. Elas esperam do mundo todo o bem e todo o mal na vida, e a última coisa em que elas se fiam é em si próprias. Com tal submissão infantil, o poder fatal do exterior se torna invencível; entrar em combate com ele parece loucura. Ainda sim, esse terrível poder se desvanece no momento em que na alma humana, ao invés de autossacrifício e desespero, ao invés de medo e submissão, ascende a seguinte questão: “Será que eu estou mesmo tão atado ao meu ambiente na vida e na morte, que eu não tenho qualquer possibilidade de me libertar dele, mesmo quando eu, de fato, já rompi todo contato com ele, quando eu não quero nada dele e estou absolutamente indiferente à sua recompensa?”

Eu não estou dizendo que este protesto em nome da independência e autoconfiança do indivíduo seja fácil. Ele não nasce do peito do homem sem dores, tanto longas tribulações pessoais quanto infelicidades o precedem, ou mais ainda, aqueles tempos difíceis em que quanto mais o homem entende o mundo, mais ele discorda dele; quando todos os vínculos que o ligam ao mundo exterior se transformaram em correntes; quando ele sente que está correto apesar dos eventos e das massas; quando ele se reconhece um inimigo, um estranho, e não um membro de uma larga família a que pertence.

Fora de nós tudo muda, tudo vacila. Estamos em pé na beira de um abismo e assistimos suas escarpas desmoronarem. O crepúsculo vem, e nenhuma estrela-guia aparece no céu. Não encontraremos nenhum céu senão em nós mesmos, na consciência de nossa liberdade ilimitada, de nossa autocrática independência. Salvaguardando-nos dessa maneira, tomamos nossa posição naquele campo de coragem e vastidão que é o único em que é possível o desenvolvimento de uma existência livre na sociedade – se é que isso é de todo possível para a humanidade.

Se tão somente as pessoas quisessem salvar a si mesmas ao invés de salvar o mundo, libertar a si mesmas ao invés de libertar

a humanidade, quanto mais elas fariam pela salvação do mundo e pela libertação da humanidade!

A dependência do homem de seu ambiente e sua época é indubitável. Ela é tanto mais forte quase ao dobro à medida que os laços são apertados externamente à sua consciência. Há o laço psicológico contra quem a vontade e o cérebro raramente podem lutar; há o elemento hereditário que nos tolhe, como nossas feições faciais, ao nascimento, que constitui a ligação entre a geração presente e todas aquelas que a precederam de longe; e há o elemento moral-fisiológico, que enxerta o homem na história e ao presente. Finalmente, há o elemento da consciência. O ambiente em que o homem nasce, a época em que ele vive, levam-no a participar no que quer que esteja ocorrendo ao seu redor, a continuar aquilo que foi iniciado por seus pais; e é natural que ele deva se sentir conectado ao que o circunscreve, pois ele não pode senão refletir-se *em* e *por*¹⁸² seu tempo e sua ambiência.

Mas é precisamente na forma de reflexão que sua independência se manifesta. A reação provocada no homem pelo seu ambiente é a resposta de sua personalidade à influência do *milieu*, com esta diferença: que uma está em inversa relação com a outra. Quanto maior a consciência, maior a independência; quanto menor a consciência, maiores os vínculos com o ambiente, tanto mais o ambiente absorve o indivíduo. Desse modo, instinto sem consciência não alcança verdadeira independência, e assim a autoconfiança do homem se manifesta tanto como liberdade selvagem de um animal como aquelas raras, espasmódicas e inconsistentes negações deste ou daqueles aspectos da sociedade que são chamados de crimes.

A consciência da independência não necessariamente implica em ruptura com o *milieu*. Autoconfiança não necessariamente envolve hostilidade com a sociedade. O *milieu* nem sempre se posiciona da mesma maneira perante o mundo, e, conseqüentemente, nem sempre provoca resistência por parte das pessoas.

Há tempos em que um homem é livre *por uma causa comum*.¹⁸³ Assim, a atividade pela qual toda natureza energética se empenha coincide com as aspirações da sociedade ela vive. Nessas ocasiões – que também são equivalentemente raras –

¹⁸² Grifos acrescentados pelo T.

¹⁸³ Itálicos no original russo.

todos são arremessados dentro do turbilhão dos eventos, e nele encontra vida, alegria, sofrimento e morte. Somente naturezas de gênio peculiar, como Goethe, se põem à distância, enquanto naturezas opacas e ordinárias permanecem indiferentes. Mesmo aqueles indivíduos que lutam contra a corrente são levados por ela e passam a encontrar satisfação na luta real. O emigrantes foram absorvidos pela Revolução do mesmo modo como os jacobinos. Em tais tempos não há necessidade de falar sobre autossacrifício e devoção. Eles se apresentam por si só e muito facilmente. Ninguém deserta porque todos acreditam. Verdadeiramente, não há sacrifícios. O que parecem sacrifícios aos observadores são a simples realização de vontades, uma modalidade natural de comportamento.

Há outros tempos – e eles são os mais frequentes dentre todos – que são mais pacíficos, sonolentos mesmo, quando as relações do indivíduo com seu *milieu* continuam a existir¹⁸⁴ do mesmo estado como foram deixadas pela última revolução. Elas não são tão tensas a ponto de se romperem, não tão opressivas a ponto de serem insuportáveis, e finalmente não tão extraordinárias ou exigentes a ponto de impedir a vida de lidar bem com seus próprios defeitos e de tornar suaves suas mais acidentadas escarpas. Nesses tempos o problema da conexão entre a sociedade e o indivíduo não ocupa tanto a mente. Conflitos privados, desastres trágicos ocorrem, destruindo alguns indivíduos; os lamentos titânicos do homem agrilhado pode ser ouvido, mas tudo isso é tragado sem qualquer traço remanescente na ordem estabelecida; as relações reconhecidas permanecem inabaladas, permanecendo, como sempre, no hábito, na inépcia irresponsável dos homens, na indolência, na falta do elemento demoníaco do criticismo e da ironia. As pessoas vivem absortas em preocupações privadas, na vida familiar, na atividade científica, em aprendizado e indústria, elas propõem e dispõem, imaginando que estão realizando alguma coisa. Elas trabalham duro para organizar o futuro de seus filhos; esses, por sua vez, organizam o futuro de seus filhos, de modo que os indivíduos existentes, a totalidade do presente, como que desfocam a si mesmos, considerando-se como algo transiente. Tal situação persiste ainda hoje na China, e em alguma medida, na Inglaterra.

Mas há ainda um terceiro tipo de tempo, muito raro e o mais

¹⁸⁴ Idem.

triste de todos – tempos em que as formas de vida social, tendo sobrevivido a si mesmas, vagarosa e dolorosamente perecem. A civilização da elite não somente atinge o seu ápice, mas transcende as esferas das possibilidades propiciadas pelas condições históricas, de modo que a aparentar pertencer ao futuro. Contudo, na realidade é divorciada em igual medida do passado que ela própria despreza, e do futuro que se desenvolve segundo leis diferentes. Esse é o momento em que o indivíduo entra em conflito com a sociedade. O passado figura como um tipo de resistência frenética. Violência, mentira, crueldade, corrupção, subserviência, obtusidade, perda do senso de dignidade, tudo isso se torna a regra geral da maioria. Tudo o que foi heróico no passado agora desapareceu. O mundo decrépito não tem qualquer confiança em si próprio, e se defende desesperadamente porque está apavorado. Em seu desejo de autopreservação, ele se esquece de seus deuses, pisa nos direitos sob os quais viveu, repudia cultura e honra, torna-se bestial, persegue, assassina, enquanto, no ínterim, o poder permanece em suas mãos. Ele é obedecido não somente por covardia, mas porque do lado oposto tudo permanece incerto, nada é definido, nada está pronto – acima de tudo, o homem não está pronto. Desse outro lado, o futuro incerto avulta-se num horizonte envolto em brumas, um futuro que confunde toda lógica humana. A questão do Mundo Romano foi decidida pelo Cristianismo, uma religião com que o homem livre da moribunda Roma tinha tão pouco em comum quanto ele tinha com o politeísmo. A humanidade, a fim de avançar e emergir das estreitas formas da Lei Romana, retrocedeu ao barbarismo germânico.

Aqueles dentre os romanos que, cheios de tédio com a vida, atormentados por medo e desespero, lançaram-se ao Cristianismo, foram poupados. Mas e aqueles outros que, sofrendo não menos do que os primeiros, e dotados de caracteres e intelectos mais fortes, não tinham qualquer desejo de serem salvos de um absurdo por outro – tornaram-se de algum modo repreensíveis? Poderiam eles se posicionarem a favor dos antigos deuses com Juliano, o Apóstata¹⁸⁵, ou a favor do novo ao lado de Constantino? Poderiam eles tomar parte na causa do dia, vendo para onde os levava o espírito dos tempos? Em tais tempos, é mais fácil para um homem livre se tornar um selvagem,

¹⁸⁵ Flávio Cláudio Juliano (331-363 d.C.). Ver nota 175.

afastado de seus companheiros, do que marchar na mesma estrada com eles, mais fácil dar cabo de sua vida do que entregá-la em sacrifício.

Um homem está menos certo, meramente porque ninguém concorda com ele? Será que a mente precisa de alguma outra forma de segurança além de si mesma? E como pode a sandice universal refutar a convicção pessoal?

Os mais sábios dos romanos desapareceram completamente da cena pública, e fizeram muito bem. Eles se espalharam pelas praias do Mediterrâneo, fora dos olhos dos outros, no silêncio grandioso de seu pesar – mas para si mesmos eles não desapareceram. E quinze séculos mais tarde nós somos obrigados a admitir que de fato eles foram os vencedores, somente eles, os representantes livres e poderosos da personalidade e dignidade humana independente.

E o que temos nós em comum com o mundo que nos rodeia? Uns poucos indivíduos que compartilham nossas convicções: os três homens justos de Sodoma e Gomorra¹⁸⁶, eles estão na mesma posição em que nós estamos. Eles representaram a minoria de protesto, forte em pensamento, fraca em ação. Além deles, nós não temos maiores vínculos com o mundo moderno do que temos com a China (neste momento, eu omito a relação fisiológica e os hábitos). Isso é tão verdadeiro que até mesmo naquelas raras ocasiões em que as pessoas pronunciam as mesmas palavras que nós, eles a entendem diferentemente. Você deseja a *liberdade* da Montanha, a *ordem* da Assembleia Legislativa, o trabalho escravo dos egípcios oferecido pelos Comunistas?

Todos agora jogam com as cartas na mesa, e o próprio jogo se tornou grandemente simplificado, de tal maneira que é impossível cometer erros: em todo canto da Europa há a mesma luta, as mesmas duas frentes. Você percebe muito claramente a frente contra que você está, mas será que sente seu vínculo com a outra frente tão claramente quanto seu ódio e desgosto para com o seu inimigo?

O tempo para abertura chegou. Homens livres não mais enganam a si mesmos nem a outros; cada prorrogação desemboca em algo falso e tortuoso.

¹⁸⁶ Segundo a tradição bíblica (Gênesis, capítulo 19: 1-29.), todos os moradores das cidades palestinas de Sodoma e Gomorra foram destruídas por Deus por causa de sua vida dissoluta, exceto Ló e suas duas filhas. (Nota na versão russa.)

O ano que passou, para acabar dignamente, para encher a taça de degradação moral e tormento, nos ofereceu um terrível espetáculo: a luta de *um homem livre contra os libertadores da humanidade*.¹⁸⁷ As palavras arrojadas, o ceticismo mordaz, a negação implacável, a impiedosa ironia de Proudhon irritou os oficiais revolucionários não menos do que os conservadores. Eles o atacaram amargamente, eles defenderam suas tradições com a inflexibilidade de legitimistas¹⁸⁸, eles ficaram aterrorizados com seu ateísmo e seu anarquismo, eles não podiam entender como alguém podia ser livre sem um estado, sem um governo democrático. Em espanto eles ouviram a declaração imoral de que a república é para o homem, e não o homem para a república. E quando a lógica e a eloquência lhes falhou, eles declararam Proudhon suspeito, eles o expuseram sob um anátema revolucionário, excomungando-o de sua comunidade de verdadeiros crentes. O talento de Proudhon e a bestialidade da polícia o salvaram da calúnia. Mesmo a acusação infame de traição passada de boca em boca entre a ralé democrática, quando ele atirou seus famosos artigos contra o Presidente que, atordoado pelo golpe, não pôde encontrar resposta melhor do que perseguir o condenado em cadeias por suas ideias e suas palavras.¹⁸⁹ Vendo isso, a multidão se acalmou.

E esses são os cruzados da liberdade, os privilegiados libertadores da humanidade! Eles têm medo da liberdade, eles precisam de um senhor para prevenir que eles se estraguem, eles precisam da autoridade porque eles não confiam em si mesmos.

¹⁸⁷ Herzen tem em mente o final de 1848 e o início de 1849, quando ocorreu uma acentuada e abrupta controvérsia entre Proudhon e membros republicanos da Montanha. A controvérsia entre o jornal "*Le Peuple*" (de Proudhon) e o jornal jacobino "*La Révolution Démocratique et Sociale*" foi acompanhada de insultos pessoais mútuos. (Nota na versão russa.)

¹⁸⁸ Legitimistas eram os que apoiavam o restabelecimento da Casa de Bourbon no reinado da França.

¹⁸⁹ No final de dezembro de 1848 e início de janeiro de 1849, Proudhon escreveu uma série de artigos contra Louis-Napoléon Bonaparte. Neles, requeria a deposição de Louis-Napoléon como presidente e sua prestação de contas à justiça. Por esses artigos, Proudhon foi condenado a três anos de prisão, com direito a visitas e a participar na imprensa. Em 05 de fevereiro de 1850, no jornal antibonapartista "*La Voix du Peuple*" foi publicado um artigo intitulado "Viva o Imperador!". Depois disso, Proudhon começou a ser submetido à repressão na prisão e privado da participação direta na imprensa. (Nota na versão russa. Ver também *ENCYCLOPEDIA OF 1848 REVOLUTIONS*, **Proudhon, Pierre-Joseph (1809-1865)**. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.ohio.edu/chastain/ip/proudhon.htm>>. Acesso em 28 set 2016.)

Diante disso, que surpresa há em que, mal o punhado de gente que emigrou com Cabet para a América¹⁹⁰ tenha se arranjado em cabanas improvisadas, todos os elementos objetáveis da vida política europeia tenham-se revelado no meio deles?

E com tudo isso, *eles* são mais modernos do que nós, mais prestativos, por estarem mais próximos à realidade. Eles hão de encontrar mais simpatia entre as massas, eles são mais necessários. As massas querem que esteja ao seu lado a mão que impudentemente lhes toma o pão por que trabalharam – eis o seu desejo fundamental. Elas são indiferentes à liberdade individual, à liberdade de expressão; as massas adoram autoridade. Elas ainda ficam deslumbradas pela resplandecência do poder, elas sentem-se afrontadas pela mera vista de alguém que se põe independentemente à parte. Por equidade, elas entendem equidade de opressão; por medo de monopólios e privilégios, eles olham com desconfiança para o talento e não consentem que alguém faça o que eles mesmos fazem. As massas querem um governo social que governe *por* eles e contra eles, como este que ora governa. Governar a si mesmo não entra em suas cabeças. Eis porque os *libertadores* estão muito próximos das revoluções em curso do que qualquer *homem livre* pode estar. Um homem livre pode ser totalmente inútil, mas isso não implica em que ele deva agir contra suas convicções.

Mas, como você diz, eu devo me conter. Eu duvido se algo pode advir disso. Mesmo quando uma pessoa se entrega inteiramente a uma tarefa, ela não alcança muito. O que ela vai alcançar então se ela deliberadamente se privar de metade de suas energia e órgãos? Transforme Proudhon em Ministro das Finanças, em Presidente – e ele se tornará uma espécie de Bonaparte invertido. Bonaparte está em perpétuo estado de vacilação, indecisão, porque ele é obcecado com a ideia de se tornar Imperador. Proudhon também poderia estar em constante estado de estupefação, pois a República existente é tão repugnante para ele quanto é para Bonaparte, e, ao presente, a república social é muito menos agradável do que um Império.

No entanto, quanto ao homem que ainda é capaz ou queira tomar parte em disputas partidárias, embora conheça as

¹⁹⁰ Herzen está se referindo à tentativa de Cabet de organizar, em 1849, a colônia comunista na América do Norte. A ideia de Cabet obteve a simpatia de um pequeno grupo de trabalhadores que tinha ido com ele para a América. Contudo, a colônia de "Icarian" rapidamente se desintegrou. (Nota na versão russa.)

desarmonias internas; quanto à aquele que não se sente impelido a tomar seu próprio rumo embora perceba que o caminho dos outros não esteja correto; quanto àquele que não considera ser melhor perder-se do que desistir do que considera ser verdadeiro – que se o deixe trabalhar com os outros. Ele talvez o fará algum bem porque, não importa o que se faça, esses libertadores da humanidade hão de arrastar consigo ao abismo as antigas estruturas da Europa monárquica. Eu reconheço tanto o direito dos que querem agir quanto os direitos daqueles que querem se retirar. Isso é assunto deles, e não estamos discutindo isso.

Eu estou muito satisfeito por ter abordado essa questão obscura, essa mais forte de todas as correntes que prendem o homem: mais forte porque o homem não sente a violência que ela lhe faz, e – o que é pior – ele a considera absolutamente justa.

A submissão do indivíduo à sociedade, ao povo, à humanidade, à Ideia absoluta, é meramente a continuação do sacrifício humano, da imolação do cordeiro para a pacificação de Deus, da crucificação do inocente por causa do culpado. Todas as religiões basearam a moralidade na obediência, o que equivale a dizer, na escravidão voluntária. Eis porque elas sempre têm sido muito mais perniciosas do que qualquer organização política. Pois essa última se utiliza da violência, e aquelas – da corrupção da vontade. Obediência significa a transferência de tudo o que é mais individual no homem a uma esfera impessoal, generalizada e independente dele. Cristianismo, a religião das contradições, reconheceu por um lado a infinita dignidade da pessoa, somente com o propósito de destruí-lo ainda mais solenemente antes do Resgate, perante a igreja e ao Pai no Céu!¹⁹¹ Essas noções impregnaram a totalidade da vida social, evoluíram em um completo sistema de escravidão moral, em uma dialética distorcida, embora extremamente consistente. O mundo se tornou cada vez mais secular, ou, melhor dizendo, finalmente tomou consciência de que, em essência, é tão secular como sempre foi, e introduziu seus próprios elementos na doutrina moral do Cristianismo, embora os princípios básicos tenham permanecido os mesmos. O indivíduo, que é a verdadeira e real mônada da sociedade, sempre tem sido sacrificado em nome de algum conceito geral, algum nome coletivo, uma ou outra bandeira.

¹⁹¹ "Christianity, the religion of contradictions, recognized on the one hand the infinite worth of the individual, as if only for the purpose of destroying him all the more solemnly before Redemption, the church, the Father in Heaven!" (Cf. Moura Budberg, HERZEN, p. 135.)

Àquele para quem isso se consumou, para quem o sacrifício foi feito, que se beneficiou dele, que foi libertado ao preço da liberdade do indivíduo, ninguém perguntou nada. Todos sacrificaram (ao menos em palavras) a si mesmos e o mundo inteiro.

Este não é o lugar para se examinar quanto o atraso dos povos justificam essas medidas educacionais. Provavelmente essas medidas fossem naturais e indispensáveis – afinal, encontramos-as em todos os lugares – mas podemos dizer que mesmo que elas alcançassem amplos resultados, elas certamente retardariam o curso do desenvolvimento, pelo menos ao distorcer a mente com uma falsa perspectiva. Em geral, eu tenho muito pouca fé na utilidade de mentiras, especialmente se não há ninguém que nelas acredite mais; todo esse maquiavelismo, toda essa retórica me parece mais um passatempo aristocrático para pregadores e moralistas.

O fundamento geral dessa atitude, sobre a qual a sujeição moral do homem e o “esmagamento” de sua personalidade tão firmemente repousam, é quase exclusivamente o dualismo de que todos os nossos julgamentos estão imbuídos. Dualismo é Cristianismo elevado ao poder de lógica, Cristianismo livre da tradição, do misticismo. Seu método principal consiste em “dividir em antíteses espúrias aquilo que é, de fato, indivisível – por exemplo, corpo e alma – e colocar essas abstrações uma contra as outras, e então consumir uma reconciliação artificial entre aquilo que esteve sempre atado em uma unidade inseparável. É o mito evangélico do Deus e homem reconciliado em Cristo, traduzido em linguagem filosófica.

Assim como Cristo esmaga com os pés a carne ao redimir a raça humana, assim também no dualismo, o idealismo toma o lado de uma sombra contra a outra, garantindo ao espírito o monopólio sobre a matéria, ao específico o monopólio sobre o particular, sacrificando o homem ao estado, o estado à humanidade.

Imagine-se agora o caos induzido nas mentes e consciências das pessoas que desde a infância não ouviram nada além disso. O dualismo deturpou todos os conceitos mais elementares ao ponto de que as pessoas precisam fazer esforços enormes para dominar verdades claras como o dia. Nossa linguagem é a linguagem do dualismo, nossa imaginação não tem outras imagens, nem outras metáforas. Por um milênio e meio todo ensino, toda pregação, todo escrito, toda ação esteve impregnada

com dualismo. Somente ao final do século XVIII uns poucos homens começaram a questioná-lo; não obstante, mesmo enquanto o criticavam, continuavam a usar a sua linguagem, tanto por respeito quanto por temor.

Isso tudo sem mencionar o fato de que toda nossa moralidade se origina da mesma fonte. Essa moralidade exigiu constante sacrifício, heroísmo incessante, e abnegação sem fim. Eis o porquê de suas regras raramente serem obedecidas. A vida real é muito mais complexa do que a teoria e flui de modo independente dela, silenciosamente vitoriosa. Não se pode fazer um protesto mais contundente contra a moralidade aceita do que através da recusa de colocá-la em prática, mas as pessoas prosseguem vivendo pacificamente nessa contradição, e acostumadas a ela já por séculos. O Cristianismo, ao dividir o homem em algo ideal, por um lado, e por outro, em animal, confundiu seu entendimento; e sem encontrar maneira de superar o conflito entre sua consciência e suas paixões, o homem se acostumou à hipocrisia, frequentemente escancarada, de modo que as contradições entre a palavra e a ação não o perturba. Ele apelou em favor de sua natureza fraca e má, e a Igreja se apressou em oferecer-lhe indulgências e remissões de pecados para prover-lhe uma saída fácil para acertar as contas com sua consciência amedrontada, pois ela temia que, de outra maneira, o desespero levaria o homem a outra ordem de ideias, nas quais a confissão ou a remissão não iriam aliviá-lo tão facilmente. Esses hábitos perversos se tornaram tão arraigados, que ultrapassaram até mesmo o poder da Igreja. A afetação das virtudes cívicas substituiu as da hipocrisia; o resultado – todo esse excitamento teatral ao estilo dos Romanos, ou dos mártires cristãos, ou dos cavaleiros feudais.

Aqui também, a vida prática segue seu próprio caminho, sem qualquer interesse na moralidade heróica.

Mas ninguém se atreve a atacar essa moralidade e ela persiste, apoiada de um lado por uma secreta aliança entre dó e respeito, assim como a República de San Marino¹⁹², e por outro pela nossa covardia, nossa falta de caráter, nossa falsa vergonha e nossa servidão moral. Temos medo de acusações de imoralidade e isso é o que nos mantém em cheque. Repetimos a baboseira moral que ouvimos, sem lhe atribuir qualquer sentido,

¹⁹² A República de San Marino: Microestado na península dos Apeninos. É considerada a mais antiga república. (Nota na versão russa.)

mas também sem nos posicionamos contra ela, assim como naturalistas que, ‘por decência’, inserem Deus em seus prefácios e se maravilham com Sua sabedoria. O respeito inspirado pelo terror do clamor selvagem da multidão se tornou em nós antes um hábito, tanto que contemplamos com surpresa e indignação a impudência de um homem sincero e livre que ousa duvidar da verdade de sua retórica. Essa dúvida é uma afronta contra nós, assim como um comentário ofensivo contra um rei é uma afronta aos seu súdito – é o orgulho de um lacaio, a arrogância de um escravo.

Assim foi formada a moralidade convencional, e também a linguagem convencional. Nessa linguagem transmitimos aos nossos filhos fé em falsos deuses, enganamo-los assim como nossos pais nos enganaram e nossos filhos enganarão os seus, até que uma revolução ponha fim nesse mundo de mentiras e engano.

Eu não posso mais suportar essa retórica perpétua de frases filantrópicas e patrióticas que não têm qualquer influência sobre a vida real. Você pode apontar muitas pessoas prontas a sacrificarem as suas vidas por qualquer causa? Não muitas, é claro; porém, mais do que aquelas com a coragem de reconhecer que ‘*Mourir pour La Patrie*’ não é realmente o ápice da felicidade humana, e que seria muito melhor se tanto o país quanto o indivíduo permanecessem intactos.

Que filhos nós somos, que filhos de escravos nós ainda somos! E como o inteiro centro de gravidade, o ponto de suporte de nossa vontade e nossa moralidade, existe fora de nós!

Essa falsidade não é apenas perniciosa, mas degradante; ela ofende o nosso autorrespeito, ela corrompe nosso comportamento. É preciso ter força de caráter para falar e agir coerentemente, e é por isso que as pessoas devem admitir em palavras aquilo que elas admitem diariamente em suas vidas. Talvez essa conversa sentimental, como uma polidez superficial, fosse de alguma valia em épocas bárbaras, para agora ela enfraquece, inebria e aturde. Por muito tempo se permitiu que esses exercícios retóricos fossem declamados com impunidade, que esses exercícios compostos de Cristianismo *rechauffé*¹⁹³, diluído na água lamacenta do racionalismo e no sabor açucarado da filantropia. Já é tempo para exterminar esses livros sibilinos, para exigir uma plena retratação de nossos professores.

¹⁹³ Requentado, *fr.*, na tradução inglesa.

Qual é o sentido de todas essas lucubrações contra o egoísmo e o individualismo? – O que é egoísmo? – O que é fraternidade? – O que é individualismo? – E o que é amor pela humanidade?

É claro que as pessoas são egoístas, porque são indivíduos; de fato, como se pode ter existência pessoal sem uma clara consciência da própria personalidade? Privar o homem dessa consciência implica em dissolvê-lo, transformá-lo num ser raso, murcho e sem caráter. Nós somos egoístas – e assim lutamos por independência, por bem-estar, pelo reconhecimento de nossos direitos, e é por isso que ansiamos por amor, que procuramos atividade e não podemos negar esses mesmos direitos aos outros, sem óbvia contradição.

Há um século, a pregação do individualismo despertou as pessoas do sono pesado em que elas estiveram submersas sob a influência do ópio católico. Isso levou à liberdade assim como a humildade leva à submissão. Os escritos do egoísta Voltaire fizeram mais pela liberdade do que os do amável Rousseau fizeram pela fraternidade.

Moralistas falam sobre egoísmo como um mau hábito, sem se indagarem como pode um homem permanecer humano depois de ter perdido seu sentido de personalidade, e sem explicar que espécie de substituto ‘fraternidade’ e ‘amor à humanidade’ hão de prover. Eles nem mesmo explicam porque alguém deveria ser irmão de toda e qualquer pessoa, e que dever é esse de amar a todos no mundo. Nós ainda não vemos qualquer razão para amar ou odiar algo só porque ele existe. Deixe-se o homem livre em suas emoções. Ele encontrará quem amar e a quem se fazer irmão, pois ele não precisa de mandamentos ou ordens para isso, e se não encontrar ninguém, isso é seu assunto e sua tragédia.

O Cristianismo, pelo menos, não hesitou em tais trivialidades, mas corajosamente ordenou aos homens a amar não somente a todos, mas especialmente aos inimigos. Durante dezoito séculos os homens consideraram isso profundamente tocante; agora é hora de admitir que essa regra é absolutamente vazia... Por que deveríamos amar nossos inimigos? Se eles são assim tão amáveis, por que ser seus inimigos?

O fato é que simplesmente egoísmo e senso social (fraternidade e amor) não são virtudes ou vícios. Eles são os principais elementos da vida humana, sem a qual não haveria história, nem desenvolvimento, mas a fragmentária vida de bestas selvagens ou de rebanhos de trogloditas domados. Destrua o sentido social do homem, e você terá um orangotango selvagem;

destrua o egoísmo do homem, e ele se tornará um macaco amestrado. O egoísmo é menos desenvolvido entre os escravos. A própria palavra “egoísmo” não possui um significado muito preciso. Existe um egoísmo obtuso, bestial e impuro, assim como há um amor impuro, bestial e obtuso. A questão real não é fulminar o egoísmo e exaltar a fraternidade, pois um jamais haverá de superar o outro, mas combinar livre e harmoniosamente esses dois inerradicáveis elementos da vida humana.

Como criatura cenobítica¹⁹⁴, o homem tende a amar e não precisa de ordem para fazê-lo. Odiar a si mesmo não é necessário. Moralistas consideram toda ação moral repugnante à natureza humana, tanto que atribuem grande mérito a toda boa ação. Por isso transformam a fraternidade em dever, similar à observância de jejuns ou à mortificação da carne. A última forma da religião de escravidão é baseada no divórcio entre a sociedade e o indivíduo, na fictícia hostilidade entre eles. Enquanto existir, de um lado, o Arcângelo-Irmandade, e de outro, o Lúcifer-Egoísmo, haverá o governo para reconciliá-los e mantê-los nas rédeas, haverá juízes para punir, os carrascos para executar, a igreja para orar a Deus sobre remissão, um deus para inspirar temor, e o comissário de polícia para colocar pessoas na prisão.

A harmonia entre a sociedade e o indivíduo não se estabelece em caráter definitivo. Ela *torna a devir* em cada período, em quase todos os países, e varia conforme as circunstâncias, como todas as coisas vivas. Aqui não pode haver nenhuma norma universal, nenhuma definição universal. Temos visto quão fácil tem sido, em certos períodos, para o homem sucumbir ao seu *milieu* e como, em outros períodos, ele somente pode *preservar* seus vínculos pelo exílio, por se afastar – *levando tudo o que é seu consigo*. Não está em nosso poder mudar a relação histórica de um indivíduo com a sociedade em si, embora dependa de nós estarmos em dia com a contemporaneidade, em harmonia com nosso grau de desenvolvimento, enfim, em uma palavra, moldarmos (ou não) nossa conduta em resposta às

¹⁹⁴ Uma “criatura cenobítica”, ou um cenobita (do grego, *κοινόβιο*, de *κοινός*, - koinós, ou comum, mais *βίος*, - bios, ou vida) seria aquela 'que vive em comunidade', sem tomar conhecimento de divergências de pensamento. Refere-se ao movimento cristão isolacionista iniciado no Século IV da Era Cristã. (**Cenobitic monasticism** in *ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA*. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/topic/cenobitic-monasticism>>. Acesso em 11 fev 2020.)

circunstâncias.

Na verdade, o homem verdadeiramente livre *cria* sua própria moralidade. Isso é o que os estóicos queriam dizer quando falavam que “não há leis para o sábio”. Aquilo que era um admirável comportamento ontem pode ser abominável hoje. Não há moralidade imutável, eterna, assim como não existem recompensas ou punições eternas. Aquilo que é realmente imutável na moralidade pode ser reduzido a tais generalidades que quase tudo o que é pessoal nelas se perde; por exemplo, que toda ação contrária a nossas convicções é um crime, ou, como Kant disse, que uma ação que não pode ser universalizada ou elevada à categoria de norma é imoral.

Ao início deste artigo, nós aconselhamos contra entrar em contradição consigo próprio, a todo custo, e a favor de romper todas as relações falsas apoiadas (como em *Alfred*, de Benjamin Constant) em falsas vergonhas e autossacrifícios desnecessários.¹⁹⁵

Caso a descrição das presentes circunstâncias, como eu as vejo, seja objeto de disputa, e se você provar meu equívoco, eu apertarei agradecidamente suas mãos, e você será meu benfeitor. Talvez eu tenha me empolgado demais, e, enquanto dolorosamente examinando os horrores que ocorrem ao nosso redor, tenha perdido a capacidade de enxergar a luz. Eu estou disposto a ouvir, e quero entrar em concordância. Mas se as circunstâncias são como eu descrevo, então não há o que argumentar.

“Então,” – você dirá – “a pessoa deve se entregar a uma inatividade indignada, tornar-se alheia a tudo, ao passo que resmunga raivosa e infrutiferamente, como os velhos fazem, afastar-se da cena onde a vida corre e ferve, e viver o resto de seus dias como inútil aos outros e um fardo para si própria.”

Meu conselho é não entrar em querela com o mundo, mas começar uma vida independente e autossuficiente, apta a propiciar salvação em si própria, mesmo que o mundo inteiro à sua volta pereça. Eu aconselho a continuar observando de perto se as massas estão se movendo para o caminho que pensamos que elas iriam, e se nós ou não devemos acompanhá-las, mas sabendo para onde elas vão. Eu aconselho a abandonar as opiniões livrescas que têm sido inculcadas em nós desde nossas

¹⁹⁵ Herzen se refere à relação entre Adolf e Eleanor, descrita no romance “Adolf” de B. Constant, e não “Alfred. Um desliz de Herzen. (Nota no original russo.)

infâncias, opiniões que representam o homem de maneira inteiramente diversa do que ele é. Eu quero parar aos “resmungos infrutíferos e obstinado descontentamento; eu quero reconciliar as pessoas consigo mesmas, tendo-as convencido de que elas não podem estar melhores e de que não é por falta sua que elas estão na condição em que estão.

Se isso envolverá algum tipo de ação externa ou nenhuma ação, eu realmente não sei. Sim, mas de qualquer modo, isso não importa. Se você é forte, se há algo em você, não somente seus valores, mas algo que possa inspirar os outros profundamente, nem tudo estará perdido – essa é a economia da natureza. Sua força, como uma gota de levedura, certamente há de agitar e fermentar tudo o que vier a estar sob sua influência; suas ações, pensamentos e palavras tomarão seu curso sem muito esforço. Caso você não tenha tal força, ou que sua força seja de um tipo que não tenha efeito no homem contemporâneo, isso não há de ser grande problema para você ou para os outros. Nós não vivemos para entreter os outros, mas para nós mesmos. A maioria das pessoas, sempre tão práticas, não se perturba com a falta de atividade *histórica*.

Em vez de assegurar às pessoas que elas apaixonadamente desejam aquilo que nós desejamos, seria melhor que nós nos perguntássemos se elas desejam algo diverso, ou se elas querem qualquer coisa neste momento, e então se concentrar, fazer seu mercado, e sair em paz, sem fazer violência aos outros ou se desperdiçar.

Talvez essa ação negativa seja o início de uma vida nova. De todo modo, há de ser uma ato de boa-fé.

Paris, Hôtel Mirabeu, 3 de abril de 1850.

VII¹⁹⁶ EPILOGUE 1849

Opfer fallen hier,
Weder Lamm noch Stier,
Aber Menschenopfer -- unerhört.
Goethe, "Braut von Korinth"¹⁹⁷

Maldito seja, ano de sangue e insanidade, ano de vulgaridade triunfante, de barbárie e estupidez – maldito seja!

Do seu primeiro até o seu último dia, só ocorreram desgraças; nenhum momento de brilho, nenhuma hora pacífica teve lugar em seu curso. Da restauração da guilhotina em Paris¹⁹⁸; do julgamento de Bourges¹⁹⁹; das galés que os ingleses provieram

¹⁹⁶ O original russo dispõe "*Omnia Mea Mecum Porto*" no capítulo VII. Adotou-se a disposição da tradução de Moura Budberg. (N. do T.)

¹⁹⁷ "As vítimas caem aqui, não os cordeiros, não os touros – mas sacrifícios humanos." Von GOETHE, J.W. A Noiva de Corinto.

¹⁹⁸ Referência à execução dos dois insurrectos que assassinaram o General Bréa junto às portas de Fontainebleau, em 25 de junho de 1848, durante as Jornadas de Junho. A pena de morte havia sido suspensa por força de um decreto do Governo Provisório, que foi quebrado por essa condenação. . (Ver MARX, Karl. **As Lutas de Classes em França de 1848 a 1850**, in Marxists.org. Documento eletrônico, disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1850/11/lutas_class/cap02.htm#n131>. Acesso em 17 nov 2016.

¹⁹⁹ Entre 7 de Março e 3 de Abril de 1849, Blanqui, Barbès e Raspail foram condenados à prisão por causa de sua participação na Demonstração de Paris, em 15 de Maio de 1848, em favor do reestabelecimento da Polônia. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, p. 143.)

aos filhos de Cefalônia²⁰⁰; das balas com que o irmão do Rei da Prússia executou os cidadãos de Baden²⁰¹; da Roma que caiu sobre os traidores da humanidade; à Hungria vendida ao inimigo por um general que traía seu próprio país, tudo em você foi criminoso, sanguinário, revoltante, tudo esteve marcado com o selo da apostasia. E esse foi apenas o primeiro passo, o começo, o prelúdio. Os anos à frente serão ainda mais repugnantes, mais brutais, mais degradantes...

Em que era de lágrimas e desespero nós viemos a viver! Minha cabeça está girando, o coração doendo, apavorado por não saber o que está acontecendo, apavorado por não saber direito quais novos horrores têm sido perpetrados. O veneno febril incita ao ódio e ao desprezo; a humilhação corrói os órgãos vitais e eu só quero fugir... ser desligado... desistir – ser obliterado sem qualquer rastro, sem qualquer consciência.

A última esperança que aquece e sustenta – a esperança da vingança, a selvagem, insana e desnecessária vingança, mas que iria provar que o homem moderno ainda tem um coração – está cada dia mais distante. A alma está ressequida, não resta uma única folha verde. Tudo está disperso... tudo está em silêncio... o nevoeiro e o frio estão cada dia mais intensos... Todos ouvem de tempos em tempos o machado do carrasco caindo, ou o assvio de uma bala – a bala do executor – em busca do nobre peito de algum jovem, assassinado por sua fé na humanidade.

E eles não serão vingados?...

Eles não tinham algum amigo, nenhum irmão? E não havia nenhum homem que compartilhasse sua fé? Tudo certo; apenas a vingança é que não haverá.

De suas cinzas ascendeu, não Marius²⁰², mas uma literatura

²⁰⁰ Uma das ilhas jônicas sob o domínio da Inglaterra, onde, em 1848, foram brutalmente suprimidas revoltas a favor da independência nacional. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, p. 143.)

²⁰¹ Referência a Guilherme I, irmão de Frederico Guilherme IV. Participou ativamente na repressão aos movimentos liberais que proliferaram na Alemanha em 1848 e 1849. Mais tarde, tornou-se imperador do unificado Império Alemão. (**William I** in *ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA*. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/biography/William-I-emperor-of-Germany>>. Acesso em 11 fev 2020.)

²⁰² Referência a Gaius Marius, general e estadista romano. Herzen o invoca como personificação da vingança, por causa de sua campanha impiedosa e sanguinária contra seus adversários na disputa com Silla, de quem sofrera uma derrota temporária. (Ver **Gaius Marius** in *ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA*. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/biography/Gaius-Marius>>. Acesso em 11 fev 2020.)

inteira de discursos de sobremesa – elucubrações de demagogos – incluindo os meus próprios – e versos em prosa.

Eles não sabem. Quão afortunados são de não mais existirem, e de que não há vida além da sepultura. Afinal de contas, *eles* acreditaram nos homens, acreditaram que havia algo pelo quê morrer, e que sua morte era nobre, santa, redimindo uma débil geração de eunucos. Nós dificilmente conhecemos seus nomes. O assassinado de Robert Blum²⁰³ nos chocou e surpreendeu, e desde então nos acostumamos a isso.

Eu me envergonho de nossa geração: temos somente retóricos vazios, nosso sangue é frio, e somente nossa tinta é quente; nossas mentes permanecem num estado de estéril irritação, e nossas bocas estão cheias de palavras apaixonadas sem qualquer influência na ação prática. Refletimos quando devíamos atacar, calculamos quando devíamos ser impulsivos. Somos repulsivamente racionais e altivos sobre tudo, suportamos tudo, e nos interessamos somente no que é *Universal*, na *Ideia da Humanidade*.²⁰⁴

Nossos amores e ódios são encontros casuais.

Nada prometemos por malícia ou por amor.

Nós gastamos nosso espírito nas regiões do abstrato e universal assim como monges que se deixam murchar no mundo da oração e da contemplação. Perdemos nosso gosto pela realidade, e saímos por cima dela, assim como os burgueses saíram por baixo dela.

O que vocês estão fazendo, revolucionários, assustados com a revolução? Políticos patifes, palhaços da liberdade, fizeram brincadeiras na República, no Terror, no Governo, fizeram-se de idiotas em clubes, transformaram-se no assunto da hora nas Câmaras, chocalhados em seus Parlamentos, vestidos como bufões com pistolas em sabres, derivaram castos prazeres do fato de que desbravados canalhas, surpresos por estarem vivos, exultaram-se em sua misericórdia. Vocês não são capazes de antever nada, não prevêem nada. E alguns, os melhores dentre vocês, pagaram com suas cabeças por sua loucura. Tomem

²⁰³ Robert Blum (1807-1848), jornalista radical alemão e agitador. Vice-presidente do Parlamento Provisional de Frankfurt, em 1848. Em outubro, aliou-se aos insurgentes na cidade de Viena, representando os alemães. No mês seguinte, foi morto a tiro após a queda do levante perante Windishgrätz. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, p. 144.)

²⁰⁴ Itálicos no original russo e na tradução de Moura Budberg, em HERZEN, p. 145.

alguma lição de seus inimigos, que os venceram porque são mais espertos do que vocês. Vejam se *eles* têm medo da reação, se estão com medo de irem longe demais ao chafurdarem suas mãos em sangue. Eles estão com sangue à altura de seus cotovelos, de seus pescoços! Esperem um pouco, e eles os executarão a todos, vocês não estão fora de seu alcance. Executados, de fato – eles simplesmente os chicotearão como vira-latas!

Eu estou simplesmente horrorizado pelo homem moderno. Tamanha insensibilidade, tamanha estreiteza de perspectiva, tamanha falta de apatia e de indignação, tamanha debilidade de pensamento! Quão rapidamente arrefece todo impulso, quão rapidamente se desvai sua energia, seu entusiasmo, sua fé em sua própria atividade... Mas quando e como essas pessoas desperdiçaram suas vidas? Elas se corromperam na escola e lá se embotaram suas ideias; elas perderam suas forças em botecos e selvagerias estudantis, enfraqueceram-se em libertinagens sujas e triviais. Nascidas e criados em atmosferas fétidas, de fato nunca tiveram muita energia, e murcharam antes mesmo de florescerem. Elas se exauriram, não por paixões desgastadas e sonhos apaixonados. E novamente, como sempre, esses literatos, homens de letras, idealistas e teóricos levaram à prática a devassidão em suas mentes e as paixões em livros. Realmente, às vezes se torna vergonhoso que alguma pessoa não possa ser classificada como outra espécie de animal... Obviamente, ser um jumento, um sapo ou um cão é mais agradável, mais honesto e mais nobre do que ser um homem do século dezenove.

Não há ninguém para culpar. Não é culpa deles, nem nossa. É o infortúnio de ter nascido quando o mundo inteiro está morrendo.

Uma consolação permanece: é altamente provável que as gerações futuras venham a se degenerar ainda mais, a se tornar ainda mais rasas, pobres em mente e coração. Até mesmo nossos feitos estarão além de suas capacidades, e nossas ideias serão impossíveis de serem compreendidas. Pessoas, assim como casas reais, se tornam um tanto estúpidas antes de seu colapso. Seu entendimento se obscurece, e elas se tornam senis, como aqueles Merovíngios que foram concebidos em libertinagem e incesto, e expiraram numa espécie de coma sem jamais terem tido posse de seus sentidos; como uma aristocracia degenerada em cretinos de mente fraca, obtusa em crescimento e feições deformadas, a Europa burguesa viverá seus dias de

miséria num crepúsculo de imbecilidade, em sentimentos letárgicos desprovidos de convicção, sem belas-artes, sem o poder da poesia. Fracas, débeis gerações de tolos de algum modo perseverarão até a erupção final, até alguma lava ou outra coisa as enclausurar em pedra e gravá-las ao esquecimento das crônicas.

E então...?

E então a primavera chegará, a vida haverá de brincar em sua sepulturas; a barbárie da infância, cheia de forças caóticas mas saudáveis, substituirá o barbarismo senil. Forte e selvagem Vontade há de jorrar do pubescente seio das jovens nações e um novo ciclo de eventos há de se iniciar, e com ele, um terceiro volume da história universal.

Nós já podemos ver como será o tom fundamental que ele terá. Será conectado com as ideias. Esse socialismo ira se desenvolver em todas as fases, até alcançar suas próprias consequências extremas e absurdas. Naquele tempo, novamente um clamor de negação irromperá do peito titânico da minoria revolucionária e, novamente, uma luta mortal começará, na qual o socialismo desempenhará o papel do conservacionismo contemporâneo e será derrotado na revolução subsequente, ainda desconhecida para nós... O eterno jogo da vida, implacável como a morte, inevitável como o nascimento, o *corsi* e *ricorsi* da história, o *perpetuum mobile* do pêndulo.²⁰⁵

Até o final do Século XVII o Sísifo europeu rolou sua pedra, composta das ruínas e fragmentos de três mundos heterogêneos, até o topo. A pedra deu de lado, primeiro para um, depois para o outro, e parecia que ia parar – mas longe disso. Ela se virou e, silenciosa e discretamente, passou a tomar curso morro abaixo. Talvez ela poderia ter ficado presa num pedregulho, e ter sua descida interrompida por freios e limites como os do governo representativo, ou de uma monarquia constitucional. Assim poderia ter-se mantido lá [no topo] por séculos, aceitando toda mudança como se fossem passos rumo à perfeição, todo movimento como progresso – como aquela China que na Europa é conhecida como Inglaterra, como aquele Estado antediluviano situado em meio a montanhas antediluvianas chamado Suíça. Mas para que isso fosse assim, seria necessário que nenhum vento soprasse, nenhum solavanco, nenhum choque. Contudo, o

²⁰⁵ Itálicos no original russo e na tradução de Moura Budberg, em HERZEN, p. 147. *Corsi* e *ricorsi* (italiano): marés. *Perpetuum mobile*: moto perpétuo.

vento soprou, o solavanco veio. A tempestade de Fevereiro tremeu todo o solo ancestral, e a tempestade dos dias de Junho finalmente afrouxou toda a massa depositada da Roma Feudal e ela desceu morro abaixo com velocidade crescente, esmagando tudo em seu caminho e esfacelando a si mesma em mil pedaços... E o pobre Sisyphus olhava e não podia acreditar no que viam seus olhos. Em sua face desfigurada, o suor da exaustão se misturava com o suor do horror, com as lágrimas do desespero, vergonha e impotência permaneciam diante de seus olhos. Ele tinha tal fé na perfeição, na humanidade! Ele havia acreditado no homem moderno tão filosoficamente, tão inteligentemente, tão eruditamente – e, no entanto, estava redondamente enganado.

A Revolução Francesa e a Ciência Alemã são os pilares de Hércules do mundo europeu. Para além deles, do outro lado, abre-se o oceano, e o novo mundo pode ser discernido – algo diferente, não mera versão revisada da velha Europa. [A Revolução Francesa e a Ciência Alemã] prometeram a emancipação do mundo da opressão da Igreja, da escravidão política, da autoridade moral. Contudo, embora proclamassem sinceramente a liberdade de pensamento e a liberdade de vida, os homens da revolução não perceberam quão incompatível tudo isso era com a ordem católica na Europa. Repudiarem essa Ordem, eles não conseguiram. Para seguir adiante, eles tiveram de recolher sua bandeira, traí-la, fazer concessões.

Rousseau e Hegel – são cristãos.

Robespierre e Saint-Just – são monarquistas.

A ciência alemã é uma religião especulativa: a República da Convenção é o absolutismo pentárquico²⁰⁶ e, ao mesmo tempo, uma igreja. No lugar do Credo, foram instaurados dogmas civis. A Assembléia e o Governo conduziram o ritual do mistério da libertação popular. O legislador tornou-se o sacerdote, o visionário e o passou a enunciar benevolmente, e sem ironia, juízos imutáveis e infalíveis em nome da autocracia popular.

O povo, é claro, permaneceu, como era antes: um “leigo”, um

²⁰⁶ Chamando de absolutismo "pentárquico" (ou seja, cinco cúpulas) a República Francesa do Convenção, Herzen enfatizou que, durante a ditadura jacobina, todo o poder estava concentrado nas mãos do Comitê de Salvação Pública, criada por decreto da Convenção de 6 de abril de 1793, onde o papel principal pertencia a Robespierre, Saint-Jouy-stu, Couton e Carnot. A quem Herzen se referiam como o quinto elemento é difícil dizer; talvez Billo-Varenna ou Collot d'Herbois. (Nota na versão russa.)

governado.²⁰⁷ Para ele, nada mudou, e ele assistia às liturgias políticas nada entendendo, assim como nada havia entendido das liturgias religiosas. Mas a palavra terrível, Liberdade, se implicou no mundo do costume, do ritual e da autoridade. Ela ingressou no coração das pessoas, ressoou em seus ouvidos, e não podia permanecer inativa; ela fermentou e erodiu as fundações do edifício social. Bastou plantá-la em um ponto, ou decompor uma só gota do velho sangue. Com esse veneno em suas veias, o velho corpo não podia ser salvo. Depois da era de insanidade do Império²⁰⁸, a consciência de um perigo iminente se tornou absolutamente evidente. Todos os intelectos profundos daqueles dias esperavam pelo Catolicismo, e tinham medo daquela palavra. O legitimista Chateaubriand e Lammenais, ainda um abade, advertiam contra ela. O sanguinário terrorista do Catolicismo, Maistre²⁰⁹, em seu medo dela, estendia uma mão para o Papa e outra para o carrasco. Hegel atou as velas de sua filosofia, embora navegasse tão orgulhosa e livremente nos mares da lógica, com medo de ir longe demais da praia e ser pego por uma borrasca. Niebuhr, atormentado pela mesma profecia, morreu depois de presenciar 1830 e a Revolução de Julho. Uma escola inteira²¹⁰ foi formada na Alemanha, aspirante a enclausurar o futuro por força do passado, a barrar a porta do recém-nascido com o cadáver do pai – *Vanitas Vanitatum!*²¹¹

Dois gigantes chegaram para triunfantemente dar fim a essa fase da história.

A figura venerável de Goethe, despreocupado com o burburinho ao seu redor, alienado de seu próprio ambiente, posta-se silenciosamente à entrada de nossa era, fechando as portas a duas eras passadas. Ele ofusca o brilho de seus contemporâneos e os reconcilia com o passado. O velho homem

²⁰⁷ Aspas e itálicos no original russo e na tradução de Moura Budberg, em HERZEN, p. 148.

²⁰⁸ Referência ao Império de Napoleão I. (Nota na versão russa.)

²⁰⁹ Sendo um feroz opositor da Revolução, e insatisfeito com os procedimentos adotados na França da restauração, Joseph-Marie, Conde de Maistre, recorreu ao Catolicismo em busca de salvação diante do avanço da Revolução e, em 1819, escreveu um livro, "*Du Pape*", em que proclamou a autoridade infalível da autoridade papal, exigindo o estabelecimento do poder dos papas em todo o mundo cristão. Afirmando a inevitabilidade da violência e do mal, de Maistre alcançou os louvores do executor. (Nota na versão russa.)

²¹⁰ Referência à Escola Histórica do Direito alemã. Nota de Moura Budberg, em HERZEN, p. 149.

²¹¹ Latim: "Vaidade das Vaidades!"

ainda estava vivo quando eis que surge e desaparece o único poeta do Século XIX, o poeta da dúvida e indignação, confessor, executor e vítima numa só pessoa. Ele lê apressadamente uma prece cética pelo mundo decrepito e morre à idade de trinta e sete anos numa renascente Grécia, para onde fugiu apenas para não ver as “terras costeiras de sua terra natal”.²¹²

Depois dele, tudo morreu. E ninguém atentava à esterilidade do século, à completa ausência de criatividade. A princípio, ele foi iluminado pelas luzes remanescentes do Século XVIII, ele refletia sua glória, orgulhava-se de seus filhos. À medida que essas estrelas de outro céu desapareciam, o crepúsculo e a escuridão tomavam conta de tudo. Em todo lugar, impotência, mediocridade e mesquinhez, e, no leste, um facho de luz quase imperceptível, sugerindo uma manhã distante, antes de que muitas nuvens de tempestade ainda não de irromper.

Finalmente, apareceram os profetas, proclamando um desastre iminente e uma redenção distante. Foram recebidos como loucos, seu novo idioma suscitou ira, suas palavras foram tomadas como tolices. Uma multidão não deseja ser despertada, tudo o que pede é ficar sozinha com seu miserável modo de vida, com seus hábitos vulgares. Como Frederick II, tudo o que quer é morrer sem trocar suas cuecas sujas. Nada do mundo poderia satisfazer tão bem esse desejo como uma monarquia burguesa.

Mas a desintegração prosseguia no seu tempo devido, a “touceira subterrânea”²¹³ trabalhava infatigavelmente. Todas as instituições, todas as autoridades foram devoradas por um câncer oculto. Em 24 de fevereiro de 1848, a doença, de aguda, tornou-se crônica. A República Francesa foi proclamada ao mundo pela trombeta do Fim do Mundo. A impotência, a decrepitude da velha ordem social tornou-se óbvia, tudo começou a cair em pedaços e se dissolver, tudo se tornou confuso e se mantém em existência por sua própria confusão. Revolucionários se tornaram conservadores, anarquistas se tornaram conservadores. A República destruiu as últimas instituições livres que sobreviveram à Monarquia, o país de Voltaire se abandonou à hipocrisia. Tudo e todos foram conquistados, mas não há conquistador...

²¹² Referência a George Gordon Byron.

²¹³ Herzen alude à imagem usada na tragédia *Hamlet*, de Shakespeare, no Ato I, cena 5. A mesma imagem foi usada por Hegel em *Lectures on The History of Philosophy* (Livro 3, Parte III, Capítulo IV, E). É interessante notar que essa mesma imagem foi usada por Karl Marx em seu trabalho *The 18 Brumaire of Louis Bonaparte*. (Nota no texto russo.)

Aos muitos que ainda tinham esperança, dissemos: “Não é uma cura, mas um rubor de consumação. Corajosos em nossos pensamentos, impudentes em nosso falar, não tivemos medo nem de investigar o mal, nem de expressá-lo, mas agora permanece um suor frio em nossas testas.” Eu sou o primeiro a empalidecer e tremer diante da noite escura que se aproxima. Eu me arrepio ao pensamento de que nossas profecias estão se cumprindo tão rapidamente, que sua realização é tão inexorável.

Adeus, mundo que se esvai, adeus, Europa!

Mas o que faremos de nós mesmos?

... Nós seremos os últimos elos entre dois mundos, sem pertencer nem a um nem a outro; pessoas desconectadas de suas famílias, separadas de seu ambiente e abandonadas a si mesmas. Pessoas supérfluas, porque não podemos compartilhar a senilidade de uns, assim como não podemos compartilhar a infância de outros. Não há lugar para nós em mesa alguma. Com pessoas que negam o passado, ou pessoas que têm apenas planos abstratos para o futuro, não temos qualquer herança, e isto é evidência tanto de nossa força quanto de sua inutilidade.

Se tão somente pudéssemos ir embora! Com nossas vidas, começar a libertação, o protesto, novas maneiras de se viver... Como se realmente estivéssemos livres do velho mundo! Nossas virtudes e nossos vícios, nossas paixões e – o mais importante – nossos hábitos, não pertencem todos a este mundo de que nos divorciamos apenas em nossas convicções?

O que faremos em florestas virgens – nós, que não podemos passar a manhã sem lermos cinco jornais – nós, cuja poesia inteira se resume à batalha com o velho mundo? Bem... sejamos francos: somos péssimos Robinsons Crusoés.

Os que foram para a América, não levaram eles a velha Inglaterra consigo?

Mas será que não ouviremos, à medida que andamos, gemidos distantes? Será que os ignoraremos, fechando nossos olhos e ouvidos, deliberadamente fingindo nada conhecer, mantendo-nos teimosamente silenciosos – isto é, admitirmos derrota e nos render? Impossível! Nossos inimigos devem saber que existem seres humanos independentes que jamais abrirão mão da liberdade de expressão, por nada no mundo, não até que o machado passe entre suas cabeças e seus corpos, não até que a corda esteja suficientemente apertada em seus pescoços.

Portanto, que nossas palavras sejam ouvidas!

... Mas com quem conversaremos? ...Sobre o que? ... Eu

realmente não tenho noção. Isso é mais forte que eu...

Zurique, 21 de dezembro de 1849.

VIII

DONOSO-CORTÉS, MARQUÊS DE VALDEGAMAS E JULIANO, IMPERADOR ROMANO ²¹⁴

Os conservadores têm olhos, mas não veem. Mais céticos do que o Apóstolo Tomé, eles tocam a ferida com seu dedo, mas não acreditam.²¹⁵

“Observem,” – dizem eles a si mesmos – “os terríveis progressos da gangrena social, o espírito de negação que exala corrupção, o demônio da revolução a sacudir as últimas fundações do secular edifício do Estado... Observem agora: nosso mundo está desintegrando, perecendo, arrastando consigo a educação, as instituições, tudo o que foi estabelecido! Eis que já está com um pé na cova!”

Então eles concluem: “Vamos dobrar o poder do Estado pelas forças do Exército, vamos trazer de volta às pessoas a fé que elas não têm! A salvação do mundo inteiro é o que está em risco!”

Salvar o mundo por força de memórias e de violência! O mundo é salvo por “boas novas”, e não por religião *rechauffé*²¹⁶! Ele é salvo por uma *palavra* que traz em si o germe de um novo

²¹⁴ Juan-Francisco-Maria de la Salud-Donoso-Cortés, Marquês de Valdegamas, estadista espanhol. (Nota de Moura Budberg, HERZEN, p. 152.)

²¹⁵ O Apóstolo Tomé, de acordo com a tradição evangélica, não acreditou na ressurreição de Cristo até tocar suas feridas, cf. Evangelho de João, Cap. 20, 24-29. (Nota na versão russa.)

²¹⁶ Religião requentada. (Em francês na versão de Moura Budberg, HERZEN, p. 153.)

mundo, e não pela ressurreição de um mundo morto.

O que essa atitude representa – se teimosia de sua parte, se ignorância ou puro terror diante do futuro sombrio que os amedronta a ponto de verem somente o que está perecendo – está atado somente ao passado, e se apoia apenas em ruínas e paredes prestes a desmoronar. Que caos, que falta de consistência nas ideias do homem moderno!

Pelo menos havia alguma sorte de unidade no passado, a loucura era endêmica mas não muito notada. O mundo inteiro estava em engano, havia concepções equivocadas, na maior parte absurdas, aceitas por todos. Em nossos dias não é assim: temos os preconceitos do mundo romano ao lado dos preconceitos do mundo medieval; o evangelho ao lado da economia política; Loyola ao lado de Voltaire; idealismo teórico ao lado de materialismo prático; uma retórica moral abstrata ao lado de um comportamento diametralmente oposto ao seu discurso. Todas essas ideias heterogêneas vivem juntas em nosso pensamento sem qualquer ordem. Agora que chegamos à idade adulta, nós somos muito ocupados, muito preguiçosos e talvez muito covardes para sujeitar nossas regras morais a qualquer escrutínio rigoroso e, por isso, tudo permanece em crepúsculo.

Essa confusão de ideias não vai a lugar algum além da França. Os franceses em geral não têm qualquer educação filosófica. Com grande sagacidade ele tomam conclusões, mas o fazem apenas unilateralmente: suas conclusões permanecem desconectas, sem unidade ou conexão, sem qualquer elemento que lhes propicie um fundamento comum. Daí as contradições em cada passo; daí a necessidade, ao conversar com franceses, de voltar a velhos princípios já conhecidos e repetir, como se fossem novas, verdades já enunciadas por Spinoza ou Bacon.

À medida que abraçam conclusões divorciadas de seus fundamentos, não há nada que os franceses adquiram de positivo delas, e nada se completa, nem na ciência nem na vida... completa no mesmo sentido em que as quatro regras da aritmética são, ao mesmo tempo, algo como princípios *quasi*-científicos na Alemanha e algo como os princípios da lei na Inglaterra. Isto é, em parte, o motivo daquela disposição à mudança, daquela tendência de ir a um extremo a outro, que tanto nos surpreende. Uma geração de revolucionários se transforma em absolutistas. Depois de uma série de revoluções, as mesmas questões permanecem: “Os direitos do homem devem ser reconhecidos?” “Podem-se pronunciar julgamentos

fora das formas da lei?” “Deve-se tolerar a liberdade de imprensa?” O fato de essas questões reaparecerem depois de cada levante torna óbvio que nada foi devidamente considerado ou respondido, na realidade.

Foi essa confusão intelectual que Cousin²¹⁷ apresentou como um sistema organizado sob o nome de *Ecletismo* (ou seja, de pouco em pouco se vai longe). Na vida real, ela está em casa tanto entre radicais e legitimistas, mas especialmente entre *moderados*, isto é, entre pessoas que não sabem *nem o que querem nem o que não querem*.

Todos os jornais monarquistas e católicos juntaram-se num grande coral de louvor ao discurso de Donoso-Cortés em Madrid, no encontro das Cortes.²¹⁸ Esse discurso, de fato, foi notável em muitos aspectos. Donoso-Cortés foi extremamente preciso ao diagnosticar a terrível condição desses Estados europeus: percebeu que eles estão à beira de um abismo, no limiar de um cataclismo inevitável e fatal. A imagem que ele desenhou é terrível por sua realidade. Ele descreve a Europa que perdeu seu rumo, impotente, rapidamente levada ao desastre, morrendo por falta de ordem e, tendo novamente contra si o mundo eslavo pronto a superar o mundo germano-românico.²¹⁹ Em seu discurso, ele afirmou: “Não pense que esse será o fim da catástrofe. As tribos eslavas não são para o Ocidente o que os alemães foram para os romanos... Os eslavos estão, há muito, em contato com a revolução. A Rússia, no meio de uma Europa subjugada que se revolve na poeira, absorverá com todos os seus poros o veneno que a Europa já bebeu até o fundo da taça, e isso há de matá-la. Ela se decomporá da mesma maneira. Eu não sei quais remédios Deus preparou contra essa degeneração universal.”

Enquanto aguardamos essa panacéia divina, sabem o que nosso sombrio profeta propõe – o profeta que tão precisamente delineou a imagem dessa iminente morte? Envergonhamo-nos de repeti-lo: ele propõe que, se a Inglaterra voltar ao Catolicismo, a

²¹⁷ Victor Cousin (1792-1867). Professor de filosofia em Paris e autor prolífico de trabalhos notáveis por sua vasta influência e absoluta falta de originalidade. (Nota de Moura Budberg, HERZEN, p. 154.)

²¹⁸ Em 30 de janeiro de 1850, Donoso Cortés - figura política espanhola, ardente inimigo do socialismo – proferiu um discurso na Assembleia Legislativa em Madri. Este discurso, que é uma pregação dos princípios reacionários do catolicismo como salvação do socialismo, foi aceito com entusiasmo por toda a imprensa reacionária e católica da França. (Nota no original russo.)

²¹⁹ Sic.

Europa inteira poderia ser salva pelo Papa, pelo poder da monarquia e pelas forças armadas. Ele quer recuar para um passado impossível para evitar um futuro terrível.

Há algo de suspeito sobre a patologia do Marquês de Valdegamas. Ou o perigo não é tão grande assim ou o remédio é inócuo. O princípio monárquico tem sido restaurado em todos os lugares; as tropas do Exército estão em todos os lugares; a Igreja – segundo as próprias palavras de Donoso-Cortés – está triunfante. Thiers tornou-se um católico.²²⁰ Em uma palavra, seria difícil esperar por mais opressão, mais perseguição, mais reação, mas mesmo assim a salvação não vem... Será mesmo porque a Inglaterra persiste em sua pecaminosa apostasia?

Todo dia os socialistas são acusados de serem bons apenas em seu criticismo, na denúncia do mal, na negação. Mas o que dizer sobre nossos inimigos antissociais?

Para completar o absurdo, os editores de um jornal extremamente branco²²¹ publicaram, num mesmo número, elogios exagerados ao discurso de Donoso-Cortés e trechos de uma pequena compilação histórica mediocrementemente feita sobre os primeiros séculos do cristianismo, sobre Juliano, o Apóstata²²², que triunfantemente destrói a teoria do nosso Marquês.

Donoso-Cortés adota exatamente a mesma posição que os conservadores romanos tomavam naquele período. Ele vê, assim como aqueles editores viram, a ordem social que os rodeia a se desintegrar. E ele fica aterrorizado, o que é muito natural – afinal, há algo a que se temer. Ele quer, assim como eles, salvá-la a qualquer custo, e não encontra outro meio a não ser interromper o futuro, ou desviá-lo para longe – como se ele não fosse uma consequência natural do presente.

²²⁰ Herzen está se referindo à assistência que Tiers forneceu ao projeto de lei sobre educação pública, a chamada "Lei de Fallu", apresentada à Assembleia Legislativa em 18 de junho de 1849 e aprovada em 15 de março de 1850. De acordo com esta lei, toda educação primária na França foi dada ao clero, à Igreja Católica. Thiers foi presidente da comissão para redigir o projeto de lei. (Nota no original russo.)

²²¹ Le Constitutionnel.

²²² Referência a Flávio Cláudio Juliano, o último imperador pagão de Roma. Recusou-se a professar a fé cristã apesar de o Cristianismo já ser aceito e até incentivado por seus antecessores, desde Constantino I. (PEROWNE, Stewart Henry; KOPFF, E. Christian. **Julian - Roman Emperor** in *Encyclopædia Britannica*. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/biography/Julian-Roman-emperor>>. Acesso em 11 fev 2020.)

Ele inicia, como os romanos fizeram, a partir de uma assunção de senso comum completamente errônea, a partir de uma suposição não confirmada, uma opinião arbitrária. Ele está convencido de que as presentes formas de vida social, tal como se desenvolveram sob a influência de princípios romanos, alemães e cristãos, são as únicas possíveis. Como se o mundo antigo e o Oriente contemporâneo não nos apresentassem exemplos de vida social baseados em princípios completamente diferentes, talvez mais baixos e inferiores, mas extremamente seguros!

Donoso-Cortés sugere ainda que a *educação* não pode se desenvolver de outro modo que não as formas europeias contemporâneas. É fácil dizer, com Donoso-Cortés, que o mundo antigo tinha *cultura*, mas não *civilização*: "*Le monde ancien et cultivé et non civilisé*". Tais sutilezas só têm sucesso no debate teológico. Roma e Grécia eram muito *educadas*²²³; sua educação era, como a da Europa, a cultura da minoria. Aqui a diferença aritmética não significa nada e, no entanto, em suas vidas faltava o elemento mais importante: Catolicismo!

Donoso-Cortés, sempre de costas para o futuro, vê somente degeneração e decadência; depois, a invasão pelos russos; depois, a barbárie. Aturdido por esse destino terrível, ele procura meios de salvação, pontos de apoio, algo firme e ainda saudável neste mundo agonizante, e nada encontra. Ele se volta à moral e à morte física – o padre e o soldado.

Que tipo de ordem social é essa que precisa ser salva por tais meios – se seja lá o que forem, vale a pena a tentativa a esse preço?

Concordamos com Donoso-Cortés que a Europa, na forma em que está hoje, está caindo aos pedaços. Desde sua primeira aparição, é o que os socialistas têm constantemente dito, e todos eles concordam nisso. A principal diferença entre eles e revolucionários políticos é que os últimos querem corrigir e melhorar a ordem existente, preservando as antigas fundações, enquanto o socialismo renuncia completamente a velha ordem com sua lei e governo representativo, com sua igreja e seu tribunal, com seus códigos civil e criminal, negando-a totalmente, assim como os cristãos primitivos renunciaram ao mundo romano.²²⁴

²²³ Itálicos no original russo.

²²⁴ N. do T.: essa assunção não é de todo verdadeira. Com o tempo, os primitivos cristãos absorveram o mundo romano, satisfazendo uma moral estética mediana há muito existente em Roma. "Muito do que se reivindica como

Tal renúncia não é o capricho de uma imaginação doente, nem o clamor de um homem insultado pela sociedade, mas a sentença de morte dessa sociedade, a premonição do fim, o clímax da doença que arrasta o mundo decrépito ao seu destino final e à sua regeneração em outras formas. O Estado contemporâneo ruirá ante o protesto do socialismo; sua força se exauriu; o que podia ser dado, já se esgotou. Agora, ele se mantém às custas de sua carne e sangue, e é incapaz de desenvolver algo ou mesmo de impedir algum desenvolvimento. Ele nada tem a dizer ou fazer, e reduziu toda sua atividade ao conservadorismo, para defender seu *status*.

Parar a execução final de um destino particular é, até certo ponto, possível. A história não possui essas determinações estritas e inalteráveis, tal como é ensinada pelos católicos e pregada pelos filósofos. Na fórmula de seu desenvolvimento, muitos princípios mutáveis estão envolvidos, sendo a primeira e maior deles a vontade e o poder das pessoas.

É possível desencaminhar uma geração inteira, cegá-la, enlouquecê-la, dirigi-la a um objetivo falso. Napoleão provou isso.

A Reação não comanda nem mesmo esses instrumentos. Donoso-Cortés encontra somente a Igreja Católica e as barricadas monarquistas. E uma vez que acreditar ou não acreditar não depende do arbítrio do tirano, permanecem a violência, o terror, a perseguição e o extermínio.

Muito é perdoado em nome do desenvolvimento, do progresso, contudo, quando o terror é introduzido em nome do sucesso e da liberdade, ele só produz a execração de todos. E é esse o método que a Reação quer usar para manter a ordem existente, cuja decrepitude e decadência nosso orador proclama com tamanha energia. O Terror é invocado, não em nome do progresso, mas em nome do retrocesso. Eles querem matar a criança para alimentar um velho moribundo, para reavivar suas forças instáveis por mais um instante.

Quanto sangue deve ser derramado para que se voltem aos dias felizes do Édito de Nantes²²⁵ ou da Inquisição Espanhola! Eu

deliberadamente 'cristão' na moral das primeiras Igrejas é, na verdade, a moral distintiva de uma fração da sociedade romana diferente daquelas que conhecemos através da literatura dos 'bem-nascidos'. (Cf. Ver Antiguidade Tardia in BROWN, Peter (VEYNE, Paul, Org.), **História da Vida Privada**: Do Império Romano ao ano mil. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 234. Vol. 1.

²²⁵ O Édito de Nantes, que pôs fim ao período das guerras religiosas na França, foi publicado por Henrique IV em 1598. Sobre "os dias felizes do Édito de

considero até possível o sequestro do curso da humanidade, mas isso é impossível sem a repetição da Noite de São Bartolomeu. Faz-se necessário aniquilar, espancar até a morte, exilar, jogar em cadeias tudo o que for pensante e ativo em nossa geração. As massas devem ser lançadas a uma ignorância ainda mais profunda, e tudo o que tiver mais vigor deve ser compulsoriamente alistado no Exército. É necessário cometer um infanticídio moral sobre toda uma geração. Tudo com o objetivo de salvar uma estrutura social exausta que não satisfaz *nem a vocês nem a nós*.

Onde, então, está a diferença entre o barbarismo russo e a civilização católica?

Sacrificar milhares de homens e o desenvolvimento de uma época inteira a um Moloque elevado a estrutura de Estado, como se fosse esse o inteiro propósito de nossas vidas... Já pensaram nisso, ó cristãos, que tanto amam a humanidade? Sacrificar a outros e se sacrificar em benefício deles é muito fácil para ser uma virtude... Às vezes acontece que, em meio a tempestades populares, paixões outrora reprimidas são desenfreadas, sangrentas e implacáveis, vingativas e indomáveis. Nós as compreendemos com as cabeças curvadas em horror, mas não as elevamos em lei geral nem as apontamos como método.

Mas não é esse significado real do *encomium* que Donoso-Cortés dirige ao obediente e submisso soldado em cujas armas repousam metade das suas esperanças... Ele diz que “o sacerdote e o soldado estão muito mais próximos um do outro do que pensam”. Ele compara esse assassino inocente, sentenciado a seu crime pela sociedade, a um monge, um cadáver ambulante. Que admissão terrível! Os dois extremos de um mundo morredouro dão-se as mãos, encontrando-se como os dois inimigos do poema *Escuridão*, de Byron²²⁶. Sobre as ruínas de um mundo agonizante, para alcançar sua salvação, o último representante da escravidão ideológica se une ao último representante da coerção física.

A Igreja se reconciliou com o soldado assim que ela se tornou uma igreja estatal, mas jamais ousou reconhecer essa traição: ela entendia muito bem o quanto essa aliança era falsa e hipócrita.

Nantes”, Herzen usa de ironia, pois os protestantes gozaram apenas de uma pífia liberdade por força dessa norma. (Nota no original russo.)

²²⁶ Ver BYRON, George Gordon, *Escuridão*, in Recanto das Letras. Documento eletrônico, disponível em <<http://www.recantodasletras.com.br/poesias/720407>>. Acesso em 15 set 2017.

Essa foi uma das milhares que ela fez ao desprezado mundo da antiguidade. Nós não a repreendemos por isso, afinal, ela foi compelida a aceitar muitas coisas contrárias a seu ensino. A moralidade cristã sempre foi somente um sonho nobre que nunca se realizou.

Mas o Marquês de Valdegamas bravamente colocou o soldado ao lado do sacerdote, a casa da guarda ao lado do altar, o evangelho que absolve os pecados ao lado do manual de armas que atira para matar em pequenos pecadores.

Chegou para nós o tempo de cantarmos um *Requiem*, ou melhor, um *Te Deum*.²²⁷ Este é o fim da igreja e o fim do exército!

Finalmente, as máscaras caíram. Os atores se reconheceram uns aos outros. Obviamente, o sacerdote e o soldado são irmãos, ambos são filhos desafortunados na escuridão moral, daquele dualismo insano em que a humanidade está lutando e desperdiçando todas as suas forças.. Aquele que diz: “Ama teu próximo e obedeça a autoridade” está dizendo, na verdade: “Obedeça a autoridade e atire em seu próximo”.

A mortificação cristã da carne é tão contrária à natureza quanto o ato de assassinar pessoas por obediência. Foi necessário corromper profundamente, confundir os conceitos mais simples, tudo o que se chama de consciência, a fim de persuadir pessoas de que assassinar – sem qualquer hesitação, sem qualquer motivo, ainda que em confronto com as mais caras crenças pessoais – pode ser um dever sagrado. Tudo isso se baseia na mesma fundação, no mesmo erro fundamental que custou à humanidade tantas lágrimas e tanto sangue: tudo isso se baseia no desprezo pela terra e pelo temporal; na adoração do céu e do eterno; na falta de respeito pelas pessoas e na reverência pelo Estado. O lema *Salus populi suprema Lex. Pereat mundus et fiat justitia*²²⁸ traz em si um cheiro forte de carne queimada, sangue, inquisição, tortura e, em geral, o *triunfo da ordem*.

Mas por que Donoso-Cortés esqueceu seu terceiro irmão, o terceiro anjo da guarda do governo decadente – o carrasco? Será que era porque o carrasco está cada vez mais identificado com o soldado, graças ao papel que este é obrigado a cumprir?

²²⁷ O *Requiem* é cantado em missas fúnebres, enquanto o *Te Deum* é cantado em missas de ações de graças, muitas vezes em agradecimento por vitórias militares.

²²⁸ Em latim: “O bem do povo é a lei suprema. Que o mundo pereça, mas que a justiça se torne realidade.” (Nota no original russo.)

Todas as virtudes, admiradas por Donoso-Cortés, estão modesta e radicalmente ligadas ao carrasco, ao mais elevado grau: obediência à autoridade, execução cega de ordens, dedicação sem limites. Ele não precisa da fé do sacerdote, nem do entusiasmo do soldado. Ele mata a sangue frio, calculadamente, com segurança, assim como a Lei – em nome da sociedade e da ordem. Ele entra em competição com cada criminoso e emerge sempre vitorioso, porque tem o Estado inteiro a seu respaldar... Ele não tem o orgulho do sacerdote, nem a ambição do soldado. Ele não espera recompensa nem de Deus nem do homem. Ele não tem glória nem honra na Terra, nenhuma promessa de paraíso no céu. Ele sacrifica tudo: seu nome, sua honra, sua dignidade. Ele se esconde da vista dos homens, e tudo isso para dispensar a solene justiça sobre os inimigos da sociedade.

Rendamos ao homem da justiça social o que é devido, e digamos, imitando nosso orador: “O carrasco está muito mais próximo do sacerdote do que pensávamos!”.

O carrasco cumpre um grande papel toda vez que é necessário crucificar “novo homem”, ou decapitar algum velho fantasma coroadado... Maistre não se esqueceu dele ao falar do Papa.²²⁹

E a propósito do Gólgota, eu me lembrei de um fragmento sobre a perseguição dos primeiros cristãos. Leiam-se, ou ainda melhor, tomem-se os escritos dos Primitivos Pais, Tertuliano, ou algum dos conservadores romanos. Que semelhança com a luta do presente! As mesmas paixões, o mesmo poder de um lado, a mesma resistência de outro. Até mesmo as expressões usadas são as mesmas.

Lendo as acusações contra os cristãos suscitadas por Celsus ou Juliano, de imoralidade, de utopias insanas, de assassinatos de crianças e corrupção de adultos, destruição do Estado, religião, da família, parecem ser um Premier-Paris²³⁰ do *Constitutionel* ou do *Assemblée Nationale*, porém com uma escrita mais inteligente.

Se os amigos da ordem em Roma não pregavam o massacre e o extermínio dos Nazarenos, isso foi somente porque o mundo pagão era mais humano e menos espiritual, menos intolerante que a pequena burguesia católica. A Roma Antiga não conhecia

²²⁹ Ver nota 212.

²³⁰ Manchete destacada de jornal.

os poderosos métodos inventados pela Igreja Ocidental, adotados com tanto êxito no extermínio dos Albigenses²³¹ e no Dia de São Bartolomeu, em cuja glória existem afrescos no Vaticano²³², retratando a piedosa purificação das ruas de Paris de Hugenotes, aquelas mesmas ruas que a burguesia, há um ano atrás, tão diligentemente limpou de socialistas. De todo modo, o espírito é o mesmo, e as diferenças se relacionam mais a circunstâncias e personalidades. No entanto, essas diferenças estão todas a nosso favor: comparando os relatos de Bauchart²³³ com os de Plínio, o Moço, e a magnanimidade do Imperador Trajano (que vomitou denúncias contra os Cristãos) com a inexorabilidade do Imperador Cavaignac (que não partilhou seu preconceito pessoal contra os socialistas), vemos que a ordem moribunda rebaixou-se a tal ponto de não poder dispor de nenhum advogado como Trajano, nem se secretários de comitês de inquisição como Plínio.²³⁴

As medidas gerais da polícia também foram semelhantes. Os locais de reunião dos Cristãos foram fechados por soldados assim que denúncias chegavam à atenção das autoridades.

²³¹ Herzen está se referindo a espancamentos brutais sofridos pelos albigenses – uma seita herética dos Séculos XII e XIII, no sul da França – numa Cruzada organizada por iniciativa do Papa Inocêncio III. (Nota no original russo.)

²³² Herzen alude aos afrescos na Sala Regia, descrevendo o Massacre de São Bartolomeu, de Vassari. (Nota de Moura Budberg, em HERZEN, p. 161.)

²³³ Alexandre Quentin-Bauchart (1809-1897). Advogado francês, proeminente na Campanha dos Banquetes – reuniões políticas ocorridas durante a Monarquia de Julho. Forte apoiador de Cavaignac, retirou seu suporte oficial nos levantes de Maio e Junho de 1848, pelo que foi selvagemmente atacado por Victor Hugo e Louis Blanc. Embora originariamente hostil ao golpe de Estado de Louis-Napoleon, exerceu posteriormente uma eminente carreira oficial sob o Império. (Nota de Moura Budberg em HERZEN, p. 161.)

²³⁴ Os “relatos de Bauchart” a que Herzen se refere foi a manifestação desse advogado na Comissão de Inquérito que cuidou dos eventos de maio e Junho de 1848, na Assembleia Nacional Constituinte. O relatório foi imbuído de um ódio ilimitado para com os revolucionários, socialistas e democratas. Descrevendo-o em uma das “Cartas da França e da Itália” (Carta X), Herzen o chamou de “um veredicto de culpa”. Herzen o contrasta com o relatório do escritor e historiador romano Plínio, o Moço, apresentado ao Imperador Trajano, enquanto aquele era governador na Ásia Menor – Bitínia e Ponto. Plínio perguntou qual política deveria seguir na luta contra os adeptos do cristianismo. Respondendo a Plínio, Trajano, embora reconhecesse a necessidade de punição de envolvidos no cristianismo, destacou que “denúncias anônimas não devem fazer qualquer diferença para qualquer acusação judicial.” Foi esse fato que Herzen tinha em mente ao falar da indignação de Trajano com as denúncias contra cristãos. Ele também deu a Herzen um motivo para opor à política de Trajano a crueldade de Cavaignac. (Nota no original russo.)

Cristãos eram condenados sem serem ouvidos, foram acusados por trivialidades apenas por indícios externos, e a eles foi negado o direito de proclamar sua doutrina. Tertuliano ficou indignado com isso, assim como estamos todos agora, e isso inspirou suas *Apologias* ao Senado Romano.²³⁵ Cristãos foram atirados a bestas selvagens que, para esse propósito, cumpriram o papel das tropas policiais em Roma. A propaganda se torna mais intensa, e punições degradantes não mais degradavam – ao contrário, os condenados se tornam heróis como os condenados de Bourges.

Diante do fracasso de todas as medidas, o maior defensor da ordem, religião e Estado, Diocleciano decidiu desferir um golpe esmagador sobre a doutrina sediciosa: com espada e fogo atacou os Cristãos.

E qual o resultado de tudo isso? O que os conservadores fizeram com sua civilização (ou cultura), com suas legiões, sua legislação, seus lictores, verdugos, bestas selvagens, assassinatos e outros horrores?

Eles meramente deram evidência dos extremos a que chegam a ferocidade e a brutalidade do conservadorismo, de que terrível instrumento um soldado é, cegamente obediente ao juiz que o transforma em um carrasco, e assim deram evidência ainda mais clara da total ineficácia dessas medidas contra a palavra, quando chega o seu tempo.

Notemos que, às vezes, o mundo antigo estava certo contra o Cristianismo, que solapou suas bases em nome de uma doutrina utópica e impossível. Talvez os nossos conservadores estejam corretos em seu ataque contra doutrinas socialistas específicas... mas de que lhes vale estarem com o direito? O tempo de Roma estava chegando ao fim, e o dia do Evangelho estava nascendo!

E todos esses horrores, derramamento de sangue, maldade e perseguição culminaram no famoso grito de desespero do mais inteligente de todos os revolucionários, Juliano, o Apóstata, no clamor: "Tu conquistaste, Galileu!".

Voix du Peuple", 18 de março de 1850.²³⁶

²³⁵ Aparentemente, Herzen se refere à obra do apologista cristão Tertuliano – *Liber Apologeticus* – dirigida às autoridades romanas, em que ele defendia a proteção do Cristianismo e dos cristãos perseguidos em seu tempo. (Nota no original russo.)

²³⁶ Herzen comete um erro ao citar essa edição. O artigo foi publicado em 15 de março de 1850. (Nota no original russo.) Herzen acrescenta a seguinte nota, conforme citada por Moura Budberg (HERZEN, p. 162): "O discurso de Donoso-

Cortés, enviado espanhol, primeiro em Berlim, depois em Paris, foi publicado em uma edição muito grande à custa da Sociedade da Rue Poitiers, notória por sua irrelevância e desperdício de dinheiro. Eu estava em Paris na época e em contato muito próximo com o jornal de Proudhon. Os editores sugeriram que eu deveria escrever uma resposta. Proudhon gostou, mas o *Patrie* estava furioso e, à noite, depois de repetir o que eu havia dito sobre "o terceiro defensor da sociedade", perguntou ao Procurador da República se ele processaria um artigo em que um soldado fosse comparado com um homem-caimão (*bourreau*), e o carrasco é chamado de "bourreau", e não de "executor de ordens superiores" (*exécuteur des hautes œuvres*). A denúncia do jornal policial teve seu efeito. No dia seguinte não restava uma cópia na edição de quarenta mil exemplares, circulação usual do *Voix de Peuple*. – Alexander Herzen."

APÊNDICE

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA TRADUÇÃO

(Em ordem de citação.)

Russian LIFE. **Alexander Ivanovich Herzen**. Documento eletrônico, disponível em <http://www.russianlife.com/blog/alexander-herzen/>. Acesso em 22 out 2015.

RT RUSSIAPEDIA. **Prominent Russians: Aleksandr Herzen**. Documento eletrônico, disponível em <http://russiapedia.rt.com/prominent-russians/politics-and-society/aleksandr-herzen/>, acesso em 22 out 2015.

FRANK, Joseph. **Dostoievsk**. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999. Obra em 5 volumes.

MALIA, Martin E. Aleksandr Ivanovich Herzen, in **Britannica**. Documento eletrônico, disponível em <https://www.britannica.com/biography/Aleksandr-Ivanovich-Herzen>, acesso em 11 fev 2020.

HERZEN, Alexandr Ivanovitch. **Сторо бeпepa**. Documento eletrônico, disponível em http://az.lib.ru/g/gercen_a_i/text_0430.shtml. Acesso em 30 abr 2014.

HERZEN, Alexandr Ivanovitch. **From The Other Shore**. Trad. Moura Budberg. Documento eletrônico, disponível em <<http://altheim.com/lit/herzen-ftos.html>>. Acesso em 30 abr 2014.

Revolutions of 1848 in ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/event/Revolutions-of-1848>>. Acesso em 11 fev 2020.

MALUF, Emir Couto Manjud. Física aplicada: das painéis de pressão às Declarações de Direitos. **Revista Jus Navigandi**, Teresina, ano 17, n. 3196, 1 abr. 2012. Documento eletrônico, disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/21410>>. Acesso em: 9 nov. 2015.

Caryatid in ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/technology/caryatid>>. Acesso em 11 fev 2020.

Antoine Quentin Fouquier de Tinville in ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/biography/Antoine-Quentin-Fouquier-Tinville>>. Acesso em 11 fev 2020.

Phrygian cap, in ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/art/Phrygian-cap>>. Acesso em 11 fev 2020.

MARXISTS INTERNET ARCHIVE – DICIONÁRIO POLÍTICO. **Legitimistas Franceses**. Documento eletrônico, disponível em

<https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/l/legitimistas_franceses.htm>. Acesso em 13 ago 2015.

SHAKESPEARE, William. **Speeches (Lines) for Fortinbras in "Hamlet"**. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.opensourceshakespeare.org/views/plays/characters/charlines.php?CharID=fortinbras&WorkID=hamlet&cues=1>>. Acesso em 11 fev 2020.

Fortinbras, in **Shakespeare Online**, documento eletrônico <<http://www.shakespeare-online.com/plays/hamlet/fortinbras.html>>. Acesso em 11 fev 2020.

GILBERT, Adrian. **Battle of Eylau**. In Encyclopædia Britannica. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/event/Battle-of-Eylau>>. Acesso em 11 fev 2020.

KERBAUY, Ana Cristina. **Ilustração Goana e Minerva Brasileira: A sedimentação do romantismo em Goa e no Brasil**. Orientador: Hélder Garmes. São Paulo: USP, 2008, p. 93, 96 (nota 160), 100, 102, 171. Dissertação de mestrado apresentada no programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa. Documento eletrônico, disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-09012009-171940/publico/ANA_CRISTINA_KERBAUY.pdf>. Acesso em 8 set 2015.

REJALI, Darius, **Torture and Democracy**. New Jersey, EUA: Princeton University Press, 2009.

SHAKESPEARE, William. **Rei Lear**. Trad. Millôr Fernandes. Ato II, cena 4. Documento eletrônico, disponível em <http://www2.uol.com.br/millor/teatro/04_reilear.htm>. Acesso em 25 nov 2015.

MIA – Encyclopedia of Marxism: Glossary of People. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.marxists.org/glossary/index.htm>>. Acesso em 11 fev 2020..

Festivais Espirituais: Ratha-Yatra, *in* KRISHNA.COM, documento eletrônico, disponível em <<http://pt.krishna.com/festivais-espirituais-ratha-yatra>>, acesso em 11 fev 2020

Lucio Quincio Cincinato *in* BIOGRAFÍAS Y VIDAS. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.biografiasyvidas.com/biografia/q/quincio.htm>>. Acesso em 11 fev 2020.

MULLER, Friederich. **Quem é o povo?** A questão fundamental da democracia. São Paulo: Max Limonad, 2003.

MALUF, Emir e MORAES, Mona Lisa de. **Povo e Democracia**: Exercícios de Soberania *in* JusBrasil. Documento Eletrônico, disponível em <<http://emirmaluf.jusbrasil.com.br/artigos/267112130/povo-e-democracia>>. Acesso em 22 mar 2003.

MARX, Karl. **As Lutas de Classes em França de 1848 a 1850**. Documento eletrônico, disponível em

<https://www.marxists.org/portugues/marx/1850/11/lutas_class/ca p01.htm>. Acesso em 14 mar 2016.

Prometheus *in* ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/topic/Prometheus-Greek-god>>. Acesso em 11 fev 2020.

Caliban *in* ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/topic/Caliban-fictional-character>>. Acesso em 11 fev 2020.

Jean-Baptiste du Val-de-Grâce *in* ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/biography/Jean-Baptiste-du-Val-de-Grace-baron-de-Cloots>>. Acesso em 11 fev 2020.

PEROWNE, Stewart Henry; KOPFF, E. Christian. **Julian - Roman Emperor** *in* Encyclopædia Britannica. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/biography/Julian-Roman-emperor>>. Acesso em 11 fev 2020.

AESOPICA: AESOP'S FABLES IN ENGLISH, LATIN & GREEK. **Simonides and The Shipwreck**. Documento eletrônico, disponível em <<http://mythfolklore.net/aesopica/oxford/412.htm>>. Acesso em 31 ago 2016.

ENCYCLOPEDIA OF 1848 REVOLUTIONS, **Proudhon, Pierre-Joseph (1809-1865)**. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.ohio.edu/chastain/ip/proudhon.htm>>. Acesso em 28 set 2016.

Cenobitic Monasticism *in* ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/topic/cenobitic-monasticism>>. Acesso em 11 fev 2020.

William I *in* ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/biography/William-I-emperor-of-Germany>>. Acesso em 11 fev 2020.

Gaius Marius *in* ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Documento eletrônico, disponível em <<https://www.britannica.com/biography/Gaius-Marius>>. Acesso em 11 fev 2020.

VEYNE, Paul, Org. **História da Vida Privada**: Do Império Romano ao ano mil. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 234. Vol. 1.

BYRON, George Gordon. **Escuridão**, *in* Recanto das Letras. Documento eletrônico, disponível em <<http://www.recantodasletras.com.br/poesias/720407>>. Acesso em 15 set 2017.

SOBRE OS TRADUTORES

Emir Couto Manjud Maluf é Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (2006), especialista em Direito Processual pela Universidade Católica de Minas Gerais (2011) e em Filosofia pela Universidade Gama Filho (2013). Professor voluntário de Direito no Programa Direito na Escola da Ordem dos Advogados do Brasil. Atua principalmente nos seguintes temas: Filosofia do Direito; Democracia e Ciência Política; Direito Constitucional; Direitos, Liberdades e Garantias da Pessoa Humana; Direito Civil; Educação para a cidadania e Direitos Humanos; Cultura; Antropologia; Ciência da Religião. End. eletrônico: <emir.maluf@live.com>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1827566222498804>.

Mona Lisa de Moraes de Freitas é Bacharel em Direito pela Universidade Newton Paiva (2011) e pós-graduada em Direito Civil pela Universidade Estácio de Sá (2014), atualmente é graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2017) e bolsista de Apoio Técnico pelo CNPq no grupo de pesquisa Observatório Sociológico Família-Escola – OSFE, ligado ao Departamento de Ciências Aplicadas à Educação e ao Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da UFMG (FaE). Advogada. Membro da Comissão OAB vai à Escola da OAB/MG. Professora voluntária no Programa Direito na Escola da Ordem dos Advogados do Brasil. Suas áreas de interesse e pesquisa acadêmica são: Democracia e Ciência Política; Direito Constitucional; Direitos, Liberdades e Garantias da Pessoa Humana; Direito Civil; Direitos Humanos, Sociologia da Educação, Educação para a cidadania; Educação para Direitos Humanos; Cultura; Gestão, Política e Administração Escolar. Apresentou trabalhos científicos no Brasil e no exterior. End. eletrônico: <monalisademoraes@live.com>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6508963701715897>.

Seus trabalhos críticos denunciam a demagogia contemporânea que transforma a prática política em mero conduzir de massas com fins de ganho corporativo, esvazia o conteúdo participativo da teoria democrática e transforma a palavra "Democracia" em mero instrumento de alienação do povo.

